OBRAS

DE

FRANCISCO DE MORAES.

TOMO II.

LISBOA.
ESCRIPTORIO da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA,
Rua Augusta N.º 110.

1852

— TYPOGRAPHIA D'ANDRADE E COMPANHIA —
Calçada de Santo André, N.° 52 a 54.

PALMEIRIM

DE

INGLATERRA.

PARTE II.

CAPITULO LXXVI.

COMO FLORIANO E ALBAYZAR SE DESAFIARAM PERA A CORTE DO IMPERADOR.

Diz a historia, que pera saber quem era este Dramorante, que Eutropa tia de Dramusiando teve um irmão chamado Dramorante, que em seu tempo foi um dos mais temidos gigantes do mundo. Sendo mancebo se namorou d'uma donzella filha d'uma dona viuva, da qual não podendo alcançar nada por amores nem promessas, a tirou por força de poder de sua mãi, e houve nella aquelle fi-

lho, a que tambem pôz nome Dramorante, que depois teve por sobrenome o Cruel, derivado de suas obras; e a mãi morreu de parto. O gigante vendo morta a cousa que mór bem queria, e em quem queria sua vida se sustinha, não podendo refrear esta dôr com o prazer do nascimento de seu filho, teve tamanho poder a paixão, que em poucos dias morreu. O filho se criou em poder de sua avó, mãi de sua mãi, té idade de ser cavalleiro, sendo tão destro nas armas, tão cruel em suas manhas, que por toda aquella terra o temiam como ao diabo. Seu costume era mortes, roubos, incendios, forças, sem nenhuma causa; sómente a inclinação preversa, de que fôra gerado, o movia a isso: e trazendo sempre pera execução de sua vontade cavalleiros polas florestas, que tomavam donzellas pera elle. Nesta vida viveu muitos dias fazendo obras dinas de mui gram castigo, té que Albayzar alli chegou, e fez o que neste capitulo atraz se escreve. Albayzar esteve no castello alguns dias curando-se de suas feridas, que eram muitas, acompanhado de Palmeirim e seus irmãos, e da donzella, que os allí trouxera, a quem deu o castello com tudo o que dentro estava em galardão de seu trabalho. Já que estava em disposição pera fallar em qualquer cousa, Floriano lhe pediu quizesse dizer-lhe quem era, e a maneira como houvera o escudo do vulto de Miraguarda, porque tinha em tanta conta o guardador delle, que não sabia que cuidasse. O escudo, disse Albayzar, eu o ganhei por força

d'armas, vencendo em batalha igual o cavalleiro que o guardava; e não tão sómente espero levar este ante a senhora Targiana, a quem sirvo, mas inda todolos d'outros homens, que quizerem defender que Targiana não é a mais fermosa dama do mundo: com este proposito me vou á côrte do imperador Palmeirim, onde melhor que em outra parte cuido que satisfarei meu desejo. Floriano, quando de todo conheceu que era mouro, e o viu com palavras tão soberbas, algum tanto manencorio, disse: Má empreza me parece que trazeis, que n'essa côrte ha tantas damas mais fermosas que Targiana e tantos cavalleiros, que vol-o combaterão, que hei medo que fiqueis com maior quebra do que vosso coração vos diz. Albayzar não póde soffrer taes palavras por tocarem em sua senhora; disse contra Floriano: Vós, cavalleiro, sabeis bem o tempo, em que me tomaes; porém se vos atreverdes ir a essa côrte no tempo que eu ahi estiver, que será cedo, lá vos mostrarei quão differente é o merecimento de Targiana do das outras mulheres, se sobre isso vós ousardes combater comigo. Por quão mal agradecidas são de ti boas palavras, disse Floriano, te não quero dizer outras senão que eu serei na côrte tão cedo como a ti a todo meu poder, e então as obras de cada um manifestarão a verdade de nós: e despedindo-se delle, pediu por mercê a Palmeirim que se fossem. Assim o fizeram logo, que armando-se se foram sua via, deixando Albayzar, do qual se fallará a seu tem-

po; e elles andaram suas jornadas tantos dias, que se acharam nos fins d'Hungria, contentes de se verem já tão perto de Constantinopla, pera onde tanto tempo havia que caminhavam: posto que Palmeirim na força deste contentamento começou sentir muito maiores receios que nunca, tendo presentes as palavras, que lhe sua senhora dissera quando a primeira vez saíra da côrte. E não sabendo determinar-se polo perigo em que se via, apartava-se com Selvião, que este segredo nem de seus irmãos o fiava. E achava n'elle tão singulares palavras, e tão vivas pera o tirar daquelle receio, que com ellas o obrigava ir por diante, e esquecer-se de todolos outros medos: mas o amor que n'elle era grande, que, onde quer que está, faz sempre mudanças, representava-lhe mil temores outros, que de todo o tiravam fóra de seu juizo, de maneira que por nenhuma via sabia que fizesse. Isto lhe causava tanta tristeza, que por força se lhe enxergava no rosto, por mais que dissimulava, de que seus irmãos tambem tinham muita parte, vendo-o assim sem nunca poder tirar delle quem o fazia descontente. Assim andando atravessando aquelle reino, fazendo cousas, com que sua fama grandemente se estendia, indo contra uma cidade porto de mar, onde cuidavam embarcar-se pera Grecia, foram ter a um campo descoberto, e raso, e grande, e indo lançando os olhos a uma e outra banda, contentando a vista nas boninas e flôres graciosas de que estava coalhado, viram vir contra

si umas andas cobertas de um tapete negro, acompanhadas com tres escudeiros, que faziam gram pranto por um corpo morto, que nellas ía. Chegando a elles Floriano, que mui desejoso era de novidades, quiz saber a causa de seu choro, e descobrindo as andas viu dentro um corpo armado d'armas verdes tão envoltas em sangue, que não se parecia a côr dellas, com tamanhos golpes, que bem parecia que em alguma gram batalha ou affronta os recebêra: movido a piedade de o vêr tal, deteve um dos escudeiros pera d'elle saber a razão de sua morte, e as andas foram por diante. O escudeiro, que não levava tanto vagar, que se podesse deter algum espaço, disse: Se muito o desejaes saber vindes traz mim, que d'outra maneira não vos posso fallar, e lá polo caminho o sabereis; e se o esforço vos ajudar, achareis onde aventurar essa pessoa e armas em parte, que com grande perigo se póde ganhar muita honra. Por certo, disse Floriano, bem póde acontecer o que quizer, mas já eu hei de chegar ao cabo com esses medos: e despedindo-se de Palmeirim e Pompides, que o quizeram seguir, se foi só traz o corpo, que nas andas ía, desejoso de vêr o fim das palavras, que lhe o escudeiro dissera. Palmeirim e Pompides levaram sua rota polo campo abaixo praticando naquelle acontecimento: e como naquella parte as aventuras estivessem sempre certas, não andaram muito quando polo mesmo valle viram atravessar uma donzella em cima d'um palafrem murzello, que em

chegando a elles se deteve, dizendo: Senhores; algum de vós, polo que deve á ordem, que tomastes, quererá ir comigo fazer um soccorro a uma donzella, que tres cavalleiros por força querem matar? Pompidés, vendo a pressa da donzella, virou-se pera Palmeirim, dizendo: Pois pera vós tão pequena empreza não é, peço-vos me deis licença pera me ir com esta donzella; ao menos verei se póde de mim sair alguma cousa, que pareça de vosso irmão. Palmeirim, que nenhuma conversação lhe parecia melhor que a vida solitaria, deu-lha muito levemente, e ficando só com Selvião tornou a seu caminho e pratica; porque em quanto o tempo lhe dava lugar nunca em al occupava o sentido senão nas cousas de seu cuido. Passando n'isso quasi a mór parte do dia, já que o sol de todo se recolhia, deixando a terra desacompanhada da claridade de seus raios, vendo-se tão longe de povoado, começou de caminhar contra umas arvores, que lá no fundo do campo pareciam. Chegando á ellas, se desceu dando o cavallo á Selvião, e deitando-se ao pé de uma d'aquellas arvores, esteve tanto espaço cuidando em sua senhora, té que o mesmo cuidado o adormeceu, e lá contra meia noite tornou a acordar, que nem o somno consentia algum repouso. E porque de noite qualquer cousa sôa muito, ouviu apartado donde elle estava queixar um homem com palavras tão magoadas e tristes, que éra muito pera ter dó delle. Desejando ouvil-o de mais perto, foi-se contra aquella parte onde

o outro estava. E porque a escuridão da noite não deixava vel-o, não pode divisar as armas nem as côres dellas, e pôz-se a escutal-o, contente de o ouvir, porque um triste com outras tristezas repousa. O outro, que não em al senão em paixões gastava o tempo, antre algumas palavras, que comsigo só passava, começou dizer; Pera que, Florendos, te queixas de teu mal sendo tão contente delle: minha senhora Miraguarda, que quereis que faça quem vos viu pera se perder, e vos não vê pera dizer o que sente? meus males não são taes, que alguem possa com elles se não eu, que de os ter vivo, pera que com maior dó a vida passe: bem sei que toda pena sofrida por vós se satisfaz com o gosto de vos servir; mas que fará quem vossas cousas assim trataram, que nem lhe dão vida pera lograr este contentamento, nem o acabam de matar pera não ter de quem se queixar? Acabadas estas palavras, deteve-se um pouco sem dizer outras, e com o esvaecimento dellas adormeceu. Palmeirim, que conheceu ser Florendos, quizera dar-se-lhe a conhecer; depois, receando que lhe estorvasse seu caminho, o deixou de fazer, sentindo em si sua paixão como a sua propria; que isto tem os nobres doer-lhe menos seu mal que o alheio. E antes que a alva esclarecesse, mandando enfrear seu cavallo se tornou a seu caminho, desejoso de se vêr já na côrte do imperador seu avô, e passar polos medos, que lhe o amor representava. Porque quando elles são grandes, passal-os depressa os faz parecer menos.

CAPITULO LXXVII.

DO QUE ACONTECEU A FLORIANO DO DESERTO NA AVENTURA DO CORPO MORTO, QUE NAS ANDAS IA.

O esforçado Floriano tanto que se apartou da companhia de Palmeirim seu irmão, foi-se traz as andas; e o escudeiro, que com elle ia, lhe disse: Pois, senhor, quereis saber quem é o que nas andas vai, dirvol-o-hei; porque me parece que quem tanto o deseja será pera não negar sua pessoa a alguma vingança sendo necessaria. E pois as armas pera desfazer agravos se trazem, podeis crer que neste caso melhor que em outra parte as podeis empregar. Este cavalleiro se chamava Sortibrão o forçoso, e é natural deste reino, primo co-irmão d'elrei Frisol, e por sua pessoa o mais temido desta terra. Aconteceu hontem que veio ter a um seu castello um escudeiro, mostrando com muitas lagrimas ter necessidade delle pera um soccorro; e como té então elle se nunca negou a ninguem, foi co'elle, que o levou a onde o esperavam quatro cavalleiros seus imigos; e posto que Sortibrão, meu senhor na batalha fez tudo o que um esforçado cavalleiro devia fazer, como ás vezes a sobegidão dos muitos faz perder a virtude aos poucos, a poder de muitas feridas o mataram, deixando-o estirado no campo assim como vedes. Sabida sua morte no cas-

tello fomos por elle co'estas andas, e um seu filho de pouca idade é ido á corte a buscar algum cavalleiro, que vingue tão grande mal. Por isso se vós vos atreveis a fazel-o, alem d'acrescentardes vossa fama, dareis causa a se não commetter mais traições desta qualidade. Floriano, que não buscava outra cousa, offereceu-lhe a sua pessoa, pezando-lhe da morte de Sortibrão, que já o ouvira nomear por muito bom cavalleiro. Nisto chegaram ao mar, onde os estava esperando uma fusta, e entrando nella com o corpo morto, levaram os cavallos por terra, e elles foram remando ao longo della, té que de todo foi noite, e ao passar de uma enseada, que o mar perto dalli fazia, encontraram dentro quatro galés de turcos, que nella estavam ancoradas; e porque pera volverem já não havia tempo *e pera pelejar* só Floriano o havia de fazer, sem nenhuma resistencia a fusta foi entrada por Auderramete um principal capitão mouro, que nas galés vinha, o qual vendo as ricas armas de Floriano, sabendo que era cavalleiro andante, lhe fez gasalhado e honra, aos escudeiros mandou prender, e o corpo de Sortibrão lançar ao mar. Ao outro dia mandando dar vela começou seguir sua via. Este era irmão bastardo de Albayzar e viera em busca delle, porque o outro seu irmão Soldão da Persia era morto, pera herdar o senhorio, que de direito era seu; e indo perguntando a Floriano se o conhecia, dando-lhe todolos signaes, lhe veio á memoria que aquelle era o cavalleiro, que vencera Dramorante o Cruel com todelos seus, e com

lembrança do desafio, que com elle deixava aprazado, vendo que o não podia cumprir, ficou descontente e triste. Alderramete, depois de saber a causa daquella tristeza, manencorio começou dizer: Cuidas tu que contra meu senhor Albayzar ha homem no mundo que se possa suster em campo? por certo deves muito á fortuna, que de tamanho perigo te salvou: com tudo, se disso estás descontente, cheguemos á corte do gram turco, e diante da senhora Targiana, que o faz andar, te combaterei que Albayzar é o melhor cavalleiro do mundo, e se delle tens alguma paixão em mim que seu seu irmão, a podeis vingar. Floriano, que em toda parte desejava mostrar seu preço, aceitou o desafio; e o mouro desejoso de ganhar honra e mais em serviço de Albayzar, se poz na via donde o gram turco estava. Aqui o deixaremos por tornar a Pompides, que a donzella levou comsigo, como no capitulo atraz se disse, o qual não andou muito que chegou a um valle de uns arvoredos espessos, e contra a parte onde estavam mais bastos ouviu voz de mulher tão cansada e fraca, que quasi parecia que a não podia lançar; e, pondo as pernas ao cavallo, vio que um cavalleiro por força queria dormir com ella e outros dous estavam olhando, rindo-se de como se defendia. Pompides vendo tanta vileza, com a lança a sobre mão remetteu ao que estava pegado nella, dando-lhe tão gram pancada na cabeça, que estava desarmada, que deu com elle morto saltando-lhe os miolos polo campo. Os outros dous cavalgando mui á pressa, com as lanças

baixas, cubertos de seus escudos remetteram a elle sem lhe fazer mais dâmno que rachal-as, elle falsando todas as armas um lhe fez ter companhia ao outro seu companheiro; e com a espada na mão se foi ao terceiro, que trabalhava por vingar os outros: mas Pompides, que tinha grande esforço, em pequeno espaço lhe deu tantas feridas e o tratou tão mal, que sem nenhum acordo cahiu do cavallo abaixo, e descendo-se por ver se era morto, tirando-lhe o elmo tornou em si, e com medo da morte começou pedir mercê da vida. Pompides, que com a menencoria de suas obras não ouvia, lhe cortou a cabeça, dizendo: Quem taes pensamentos traz, este é seu galardão. A donzella, quando vio o fim da batalha tanto a seu gosto, veio-se contra Pompides e lançando-se a seus pés, quiz com palavras satisfazer seu soccorro, pois com mais não podia. Pompides a levantou nos braços, e vendo-a tão gentil mulher, disse, Senhora, já podeis estar contente que não está aqui senão quem vos faça mil serviços. Senhor, disse ella tão grande medo me metteram estes homens, que inda agora estando mortos os temo; vamos-nos daqui, que em quanto os vir não me parece que estou segura. Pompides rindo-se do temor que nella via, se desviou polo campo, onde por ser já tarde determinou repousar, que dalli ao povoado era longe: e de noite esteve a donzella contando que, indo á corte d'elrei Frisol, aquelles cavalleiros encontrando com ella a quizeram forçar. Pompides depois de saber sua vida, quiz ver se com palavras podia

ria ganhar-lhe a vontade, que seu parecer o obrigava a isso; e porem como a donzella fosse casta e virtuosa poderam pouco com ella. Ao outro dia, logo como foi dia, se foi sua via: e Pompides tornou a seguir a que dantes levava, desejoso de tornar-se a encontrar com Palmeirim; porque alem de o desejar polo que lhe queria, o fazia por lograr sua conversação: que este bem tem a dos homens virtuosos, que os bons e os máos igualmente desejam tel-a sem outro interesse.

CAPITULO LXXVIII.

DO QUE ACONTECEU A PALMEIRIM DEPOIS QUE SE APARTOU DE FLORENDOS NO VALLE, ONDE O ACHOU QUEIXANDO-SE DA FORTUNA.

Palmeirim, tanto que se apartou donde Florendos estava queixando-se, se deitou ao pé de uma arvore, onde dormiu algum espaço da noite, porque a mór parte della passou em cuidados espertos, que o não deixaram adormecer, e antes que a alva esclarecesse se metteu ao caminho. Ao quarto dia de suas jornadas foi ter a uma floresta meia legua da cidade de Buda, onde então estava elrei, e no fim della em uma grande bastida d'alemos vio á sombra delles em torno de uma fonte, que no meio estava, gram companhia de donzellas e cavalleiros, que por baixo passavam a sesta por ser o dia de grande calma. E porque lhe pareceu que passando per-

to poderia ter algum embaraço, que lhe estorvasse o caminho, desviou o cavallo por outra parte; por sua tenção não ser occupar-se em cousas que o podessem detêr. Andando assim um pouco, sentiu ao traves onde caminhava ruido de golpes; virando a cabeça vio que antre a mesma gente que ficara aos alemos se fazia gram batalha. Pondo as pernas ao cavallo por vêr o que seria, chegou já a tempo que tudo estava pacifico; porque os de uma parte tendo mortos os que da outra se lhe defenderam, aos outros prenderam: e como antre os presos conhecesse a duqueza de Ponto e de Duraço, mulher de Belcar, e antre os mortos o principe Ditreo, que a trazia a folgar á corte d'elrei seu pai, que Belcar estava o mais do tempo na de Constantinopla pola muita affeição que nella tinham, por ser alli criado, foi tão triste, que não lembrando-lhe que da outra parte estava o gigante Bracandor, senhor da Rocha Desabitada com dez cavalleiros bem armados, esquecido do perigo do caso, vendo que com tanta dôr as donzellas da duqueza e ella com ellas choravam a morte de Ditreo, e de mistura com isto vel-as presas em poder de homem tão fero, quiz que em cousa de tamanho risco sua pessoa se aventurasse. E remettendo ao gigante Bracandor co'a lança baixa, deu co'elle no chão mal tratado polo tomar de supito. Os seus que viram tamanha ousadia em um só cavalleiro, juntamente o encontraram; e ainda que alguns acertassem os encontros, não prestaram pera mais que rachar as lanças, e elle ficar na sella tão inteiro como se lhe

não tocaram. E arrancando da espada se metteu antrelles, ferindo-os de tamanhos golpes e tão ameude, que os poz em algum receio. Mas a este tempo chegou Brancandor, que já tornara a cavalgar, acompanhado de sua ira e soberba, descontente de se vêr assim derribado, dizendo aos seus: Arredai-vos a fóra, ponde cobro nos presos não fujam, que deste malaventurado cutelo me dará tamanha vingança, que fique bem satisfeito do que me fez. Os seus se desviaram, que não ousaram fazer outra cousa, e Palmeirim que de tamanha furia vio seus golpes, o esperou com o animo de que seu coração sempre andava acompanhado. A batalha durou antrelles grande espaço, pelejada com tanta força e manha, quanta pera tão forte imigo cada um havia mister: e como á bondade de Palmeirim nenhum outro se igualasse, começou o gigante Brancador a enfraquecer em tal maneira, que os seus determinaram passar seu mandado, e de mistura com elle começaram feri-lo por tantas partes, que, inda que sua desenvoltura fosse grande, não estorvou as armas serem cortadas, e elle ferido, por muitos lugares. Porem se Palmeirim em tempo algum mostrou sua alta proeza, foi neste, que nenhum golpe dava, que não derribasse cavalleiro morto ou ferido, sem nenhuma arma poder resistir sua força. As donzellas pediam a Deus que o favorecesse, tendo-o polo mais sinalado homem, que nunca viram. Braçandor, que co'ajuda dos seus tornára algum tanto em si, andava tão bravo, vendo tão dura defesa em um só ca-

valleiro, que blasfemava dos Deoses, crendo que a ira delles causava tamanho destroço. Com aquella furia dava golpes tão mortaes, que se Palmeirim com sua desenvoltura se não valera, cada um fora poderoso de o matar. E como os seus não fossem em vão, Bracandor andava tal que quasi não podia comsigo, tendo dos dez cavalleiros perdidos seis, de que levava tanta pena, que ella e a fraqueza em que estava posto deu com elle no chão. Palmeirim contente de ver-se desembaraçado de tamanho imigo, remetteu aos quatro, que ficavam, que em pequeno espaço os estirou no campo. E antes que descansasse, querendo ver se Bracandor era morto, estando-lhe tirando os laços do elmo, chegou ao mesmo lugar Astripardo, sobrinho de Bracandor, com outros dez cavalleiros, que vinha pera acompanhar seu tio; e vendo os seus todos mortos, e a elle em tal estado de lhe cortarem a cabeça, sem outra consideração remetteu a Palmeirim; mas elle que sentiu o tropel dos cavallos, levantou-se em pé, e inda que naquelle tempo quizesse encommendar-se a sua senhora, a pressa de seus imigos não lhe deu esse vagar. Então, cuberto do pequeno escudo, que lhe ficara, determinou vender a vida a troco de outras vidas, se as forças o não desemparassem. E posto que, como se já disse, neste dia fizesse maravilhas em armas, estava tão fraco e cansado, e com tantas feridas e tanto sangue perdido, que aquelle fora o fim de seus dias, se alli não accertára de pas-

sar aquelle valente e mui esforçado Albaizar, que vinha na via de Constantinopla, o qual vendo tão crua e desigual batalha como era de tantos cavalleiros a um só, e conhecendo que o só fora o que lhe dera a lança no castello de Dramorante, o cruel, remetteu a Astripardo encontrando-o de tamanha força, que lhe lançou da outra banda uma braça da lança. E arrancando da espada fez tamanho estrago, que em pouco espaço, inda que Palmeirim não mostrava fraqueza, mataram a maior parte dos que ficavam. E os outros fugiram com temor de tão temerosos golpes. Palmeirim, que se viu livre de tamanho perigo, quiz render as graças a Albaizar, mas elle, mostrando que lhe não lembrava o que alli fizera, se foi polo campo abaixo sem querer escutar palavra. Palmeirim de o ter por esforçado, pareceu-lhe mui bem aquelle desprezo da valentia, que lhe vira fazer em ir-se assim, avendo tamanha inveja delle como outrem a podera ter de suas obras. Então vendo que Bracandor não era de todo morto, fez-lo prender aos escudeiros de Ditreu, e com elle a outra companha se foram pera Buda, indo a duqueza e os seus tristes polo primeiro acontecimento, e algum tanto alegres polo outro reves derradeiro: que esta é a qualidade da fortuna, sua roda nunca estar em socego; antes em um ponto faz muitas mudanças.

CAPITULO LXXIX.

EM QUE DÁ CONTA DE QUEM ERA O GIGANTE BRACANDOR, E RAZÃO PORQUE ALLI VEIO TER.

Quem era este gigante e a razão, que alli o trouxe: diz a historia, que na ilha Perigosa houve um gigante chamado Busarcante, o qual por seus costumes e cruezas foi tão malquisto, que mais por força, que por outra via senhoreava; e como a dura sugeição, em que os seus viviam, fosse tão aspera de soffrer, que a propria morte o não podia ser mais, alguns principaes da ilha tiveram maneira que com peçonha o mataram. E porque delle não ficava senão um só filho de pequena idade, que nos erros de seu pai não parecia ter culpa, houveram por bem que sua innocencia lhe salvasse a vida. Porem lançaram-no fora da ilha, receiando que vindo ser homem, seguindo a sua natureza, fosse tão duro de soffrer como seu pai o fôra. Bracandór, que assim havia nome este moço, vendo-se pobre e desterrado, tomou comsigo Astripardo seu sobrinho, filho de uma sua irmãa, com alguns cavalleiros que o quizeram acompanhar, se foi ao reino de Hungria, com tenção de povoar uma pequena montanha que, naquelle tempo havia nelle, que chamávam a Rocha Deshabitada; porque lhe pereceu

que por filho de seu pai em outra parte não podia estar seguro: e assim porque o lugar em si era fragoso e aspero, como por uma fortaleza, que nella fez assaz forte e grande, vivia alli tão contente e sem temor de ninguem, que perdeu o receio a tudo. Este Bracandor, vendo-se depois de ser cavalleiro valente e esforçado, com Astripardo seu sobrinho e os outros companheiros que trouxe, roubava a terra, fazendo obras tão perversas, que pareciam saidas de quem o gerara. E posto que naquella rocha tivesse toda a abastança do que podia desejar, de uma só cousa se achava em necessidade, que era de mulheres; e como os seus por vezes determinassem deixal-o se dellas os não provesse, buscava toda maneira pera as haver, ora fosse de força, ou por outra via. E sendo um dia informado como a duquesa mulher de Belcar vinha folgar á corte d'el-rei seu sogro com algumas donzellas fermosas, em companhia do principe Ditreu, que com alguns cavalleiros, mais em habito de gentis homens que de guerra, as vieram acompanhando, saltou com ellas com quinze companheiros a tempo que estava passando a sesta debaixo daquelles alemos; e como o principe e os seus estivessem desarmados em pouco espaço os mataram, posto que tambem da companhia de Bracandor morreram cinco; e por isso quando Palmeirim chegou, achou os dez como no capitulo atraz se disse, onde passou o mais que se já contou. Partida a duqueza com sua companhia

pera a cidade, sabendo el-rei a nova da morte de Ditreo seu filho, a recebeu com tão gram pranto como esperava de o fazer com festas e alegrias. E sendo tão esforçado, como no livro de Palmeirim se conta, quiz com seu esforço moderar aquella dôr, pera que a outra gente a sentisse menos n'elle. Palmeirim, a que suas feridas levavam maltratado, apartou-se da duqueza a tempo, que entravam pola cidade, que era já noite, e se recolheu a uma casa onde estava em costume agasalharem os cavalleiros andantes: e posto que el-rei, sabendo o que se passava, fizesse muita diligencia polo achar, pera com toda sua tristeza o mandar curar e agasalhar segundo seu merecimento, nunca pôde saber novas delle, porque inda que alguns foram onde pousava, encobria-se de feição que crêram que era outro. O povo da cidade de Buda, sem pedir consentimento al rei, tomaram Bracandor, e tiveram-no alguns dias vivo, usando tamanhos generos de cruezas, que algum tanto se houveram por satisfeitos delle, e com estas o acabaram de matar, queimando-lhe depois de morto os ossos, pera que de tão má cousa não podesse ficar reliquias. El-rei Frisol, inda que mui bem sabia dissimular a paixão da morte de Ditreo seu filho, lá de dentro, onde ella andava encubada e secreta, fazia tamanho damno, que juntamente com sua idade, que era já mui fraca, e desfallecia a natureza n'elle, o acabaram de matar. Cuja morte seus vassallos grandemente sentiram, que suas qualidades eram dignas d'isso. Sustinha-os

em justiça, e tratava-os com amor, senhoreava-os com benignidade, galardoava os serviços, punia os erros segundo mereciam, mostrava temperança na ira, moderado nos accidentes, amado dos seus, temido dos estranhos, desejoso de paz, esforçado na guerra. Finalmente era dotado de todalas perfeições, que deve ter quem a governança de reinos hade ter; e sobretudo, rei e homem, cousa que poucas vezes na fraqueza humana se acha. Fizeram por elle muito pranto, e logo foi chamado Estrelante seu neto, filho de Ditreo, pera tomar o sceptro; mas elle aceeitou o nome de rei, e entregou a governança a outrem; porque inda então começava a seguir as armas, estimando mais o trabalho dellas, que o descanço de reinar. Palmeirim esteve na cidade menos dias de que era mister pera a cura das feridas, e mal disposto se poz ao caminho, desejoso de fazer obras, que esclarecessem sua pessoa; que quando são taes, fazem immortal a fama de quem as obra.

CAPITULO LXXX.

COMO FLORIANO DO DESERTO FOI TER A' CORTE DO GRAM TURCO, E A BATALHA QUE HOUVE COM AUDERRAMETE.

Aqui deixa de fallar em Palmeirim de Inglaterra, que seguia sua via de Constantinopla, onde então havia muita tristeza pola morte d'el-rei Fri-

sol, que naquella côrte era mui amado, e torna a dar conta de Floriano, que em companhia de Auderramete caminhava pera a côrte do gram turco, que como em sua viagem tivesse bom vento, em pouco tempo as galés arribaram naquella parte. Auderramete saiu em terra com alguns prisioneiros captivos, que levava, armado d'armas louçãas, e parecia mui bem n'ellas. Floriano se armou das que antes trazia, e saiu com elle em terra; e assim juntos se foram ao paço do gram turco, que recebeu Auderramete com tanto gasalhado e honra como merecia pessoa de tanto preço. Elle lhe fez serviço de todolos presos, que trazia, de que o gram turco se mostrou contente, e lhe rendeu graças, que tambem o recebeu com muita cortezia e amor, e, depois de passar algumas palavras de cumprimentos, lhe disse: Senhora, depois que d'aqui parti, corri grande parte do mundo em busca de Albayzar, meu senhor; e inda que o não achei, achei delle taes novas, que com ellas satisfiz o trabalho do caminho: porque antre chirtãos, onde o elle não conhecem, sua fama é tão alta, que faz inveja a todos aquelles, que pola alcançar, aventuram a vida e pessoa onde a salvação está duvidosa. E lá soube como já venceu o guardador e defensor do castello d'Almourol, e por força d'armas ganhou o escudo do vulto de Miraguarda, e o traz comsigo pera vos presentar de mistura com todolos dos sinalados homens, qus na côrte do imperador Palmeirim, pera onde agora elle vai, se com elle quizerem combater em signal de serdes

a mais fermosa do mundo: de cuja lembrança tira forças pera tamanhas cousas, e lhe nasce ousadia pera perder o medo a commettel-as. Havera poucos dias que topei com este cavalleiro em uma festa, onde depois de prender os que n'ella vinham, e a elle ter em meu poder, antre algumas novas, que me deu de Albayzar, me disse que estava desafiado com elle pera se irem combater a casa do imperador Palmeirim, de que me muito ri, aconselhando-lhe que lhe não pesasse de se vêr fora de tamanho perigo. Mas elle agradeceu-me tão mal estas palavras, ou conselho; que foi forçado desafiarmo-nos ambos pera esta côrte, e vós serdes juiz da batalha. Floriano, que de o ver tão soberbo, estava não pouco manencorio e da moura namorado, não podendo já soffrer-se, se levantou em pé, dizendo: Em tempo estás, Auderramete, que o que te disse cumprirei. Eu não te nego, Albayzar, ser mui esforçado cavalleiro, que lhe vi fazer taes obras, que dão testemunho d'isso. Porém tão pouco te confesso que o escudo de Miraguarda elle o ganhasse por força, porque nem eu o sei, nem creio isso de quem o guardava, o parecer e fermosura da senhora Targiana dino é de mui grandes obras. E assás de pouco fará quem por elle se combater, e as não fizer: vamo-nos ao campo, que se mo ella segurar, a ti e a Albayzar, e a quem mo contradizer, farei conhecer que melhor n'um dia que elles em toda sua vida a posso servir. Auderramete não podendo soffrer palavras tão soltas de um homem seu captivo, deu com o elmo tal pan-

cada no chão que o abolou, dizendo: o Mafamede como consentes que diante mim um soberbo christão tenha tal ousadia? Senhora; pois de tão longe vos escolhemos por juiz, mandai-lhe segurar o campo, e vamo-nos logo a elle, que eu prometto de não me desarmar té que com minhas mãos tome a satisfação de tamanha injuria. Targiana rogou a Floriano que tirasse o elmo, que o queria vêr, Floriano o fez; e como com a ira e manencoria que recebêra das palavras d'Auderramette, estivesse abrazado, e com uma côr viva no rosto, ficou tão gentil homem, que Targiana vencida daquella mostra, dentro em si começou a sentir a fraqueza da carne. E, por não mostrar o que sentia, os despediu logo, tomando Floriano em sua guarda. E pera mais seguridade mandou armar quinhentos cavalleiros, e que estivessem no campo. Floriano lhe quiz beijar a mão. Ella lha não deu, antes levantando-se do estrado se recolheu a uma casa, que saia ao terreiro, onde se faziam as batalhas, se poz a uma janella sobre um panno de seda a esperar os cavalleiros, que não tardaram muito, armados das proprias armas, com que estiveram ante ella. E porque vira Floriano muito moço e gentil homem, e Auderramete robusto e de mais idade, receava a batalha, parecendo-lhe que Floriano a não poderia soffrer: e chegada a guarda dos quinhentos cavalleiros, e o gram turco posto com sua filha na mesma janella, que já sabia o que passava, Auderramete lançando o cavallo a uma e outra parte, brandindo a lança,

começou a dizer: Agora, senhora Targiana, quero que vejaes que vassallos, os vossos vassallos tem: e virando as redeas contra Floriano, que o estava olhando, abaixou a lança, e coberto do escudo remetteu a elle com toda a força, que o cavallo podia levar. Floriano o saíu a receber, desejoso de naquelle encontro parecer bem a Targiana. E com esta vontade o acertou tambem, que deu com o mouro por cima das ancas do cavallo, sem elle fazer mais que quebrar a sua em pedaços, de que ao gram turco pesou, e a Targiana não. Auderramette, corrido de tal desastre, se levantou em pé, e arrancando da espada, disse: Cavalleiro, já vejo que da justa estareis satisfeito, mas esta minha espada fará taes obras, que se emende tudo; por isso desceis-vos se não quereis que mate o cavallo, e faremos nossa batalha a pé. Bem vejo, disse Floriano, que pera homem tão esforçado, qualquer vantagem se havia de tomar, porém eu a não quero que sem ella cumprirei o que disse. Então, descendo-se, e coberto do escudo, começou com Auderramete uma batalha tão ferida e travada, que naquella côrte se não vira outra tal. Como ambos estivessem com desejo de mostrar pera quanto eram, juntavam-se tanto, que as mais das vezes com os punhos das espadas se feriam. N'isto andaram muito tempo, porque Auderramete naquelle dia, que foi o fim de todolos seus, quiz tambem mostrar o fim de sua valentia, pelejando com mais esforço do que nunca fizera, mostran-

do mór alento do que n'elle havia, dando golpes tão sinalados e grandes, que as armas de Floriano andavam assignadas d'elles, e as suas carnes os sentiam em si. Os que de fóra viam a batalha, temerosos da braveza della, não sabiam que dissessem. Floriano vendo a viveza de Auderramete, a crueza de seus golpes e o esforço com que se combatia, usando do que havia nelle, começou de o ferir com outra braveza de golpes tanto por cima dos seus, que em pouco espaço nem o mouro teve armas pera defender as carnes, nem escudo pera se cobrir, nem forças pera pelejar, tão desfallecido estava de tudo. O gram turco quizera por algumas vezes mandal-os affastar, pesando-lhe vêr morrer Auderramete. Targiana lhe pediu que o não fizesse, pois ella segurava o campo. Auderramete, vendo-se de todo perdido, quizera render-se; depois havendo medo á vergonha, determinou antes morrer que ver-se nella: com este proposito pelejou até que de cançado caiu, rendendo o espirito aos pés de seu vencedor. Floriano, inda que da batalha ficasse cançado, foi-se ante Targiana, onde postos de giolhos pera ante o gram turco seu pai, disse: Senhora, eu sou um cavalleiro estranho, a quem os desastres da fortuna por desastre nesta terra lançaram, peço-vos por mercê, pois nesta batalha, que foi a primeira, que ante vós fiz, quizestes usar da realidade e grandeza de vosso sangue em ser seguradora do campo, que d'aqui por diante me tenhaes por vosso, pera vos

servirdes de mim; porque já os que souberem que o sou, tratar-me-hão como vosso. E eu desta só mercê serei satisfeito, que não vos saberei pedir outra. Targiana, algum tanto mudada a côr, pôz os olhos em seu pai o gram turco, e depois virando-os contra Floriano com semblante alegre o acceitou por seu cavalleiro, de que o gram turco ficou contente, polo ter em sua casa, crendo que com alguns taes como elle sua côrte seria nobrecida e famosa. D'esta maneira Floriano ficou por algum tempo na côrte do gram turco em serviço de Targiana, a quem elle não parecia mal, nem ella a elle tão pouco: e dizem que onde as vontades são conformes &c.

CAPITULO LXXXI.

COMO PALMEIRIM SOCCORREU A DRAMUSIANDO E FLORENDOS, QUE ANDAVAM AMBOS EM BATALHA.

O GRAM Dramusiando, de que ha muito que se não fez menção, depois que se partiu do castello d'Almourol, correu gram terra em busca de quem lhe furtára o escudo, fazendo obras sinaladas em partes mui necessarias, que se aqui não escrevem, porque nas chronicas dos imperadores de Grecia estavam largamente recontadas. Depois de andar muitos dias a uma e outra parte, veio ter ao castello de Dramorante o Cruel, que era

seu primo co-irmão, onde polos signaes que lhe deram, soube que quem lhe furtára o escudo de Miraguarda o matára; por onde se lhe dobrou a vontade de o buscar com maior diligencia. E depois de atravessar todo o reino d'Hungria, caminhando polo pé de um outeiro alto viu vir contra si um cavalleiro bem posto em cima de um bom covallo armado d'armas de negro, tão descuidado e triste, que trazia as redeas perdidas, e elle lançado sobre o arção dianteiro, como quem d'outra sorte não se podia ter. Dramusiando o salvou cortezmente, e vendo que com desacordo lhe não respondia, o tirou contra si por um braço, dizendo: Senhor cavalleiro, não respondeis a quem vos falla? O outro levantou o rosto, e pondo os olhos n'elle, disse, eu vou tal que nem vos ouvi, nem sei se me fallastes, e se outra cousa vos parece estaes enganado. Bem vejo, disse Dramusiando, que dizeis verdade, que os signaes de vossa vida o manifestam: porém com toda vossa paixão, pois por esta terra andaes, saber-me-heis dizer onde acharei um cavalleiro, que traz comsigo um escudo, em que vai tirada polo natural a mais fermosa cousa, que natureza criou com letras ao pé que dizem Miraguarda? O outro com sobresalto grande de ouvir aquelle nome, tornou em si, indireitando-se na sella, disse: Por certo muito queria saber pera que desejaes achar esse homem, que eu tambem não em outra cousa gasto meu tempo. Queria-o, disse Dramusiando, pera lhe tomar o escudo e o tornar ao cas-

tello d'Almourol, onde o furtou, de mistura com sua cabeça, pera castigo de seu erro. Essa empreza, disse o outro, a mim mais que a ninguem convêm; por isso a mim deixai o trabalho della, e vós lograi a vida com socego, que a minha pera acabar nos perigos d'essa aventura se guardou. Dramusiando, que o não conhecia, vendo n'elle aquellas palavras, quiz com outras saber quem fosse; e como elle lho não quizesse dizer, vieram em tanta rotura de palavras, que affastados um do outro com as lanças baixas se encontraram nos escudos, e feitas em peças se toparam dos corpos com tanta força, que elles e os cavallos vieram ao chão, e erguendo-se com as espadas arrancadas, começaram ferir-se com tamanha braveza, como se antre elles houvera algum odio de muitos dias. Dramusiando, que viu no outro tamanha força e desenvoltura, olhou muitas vezes se era Palmeirim ou Floriano do Deserto, e affirmando-se não ser nenhum delles, teve em muito sua valentia, que tirando estes dous de nenhum outro homem esperava taes golpes. E por esta razão aproveitava-se de todo seu saber, ferindo-o tão a miudo e com tanta força, que se não fóra a presteza com que o outro se guardava, parecia impossivel se poder ninguem suster contra seus golpes, porém os de seu contrario eram taes, que suas armas davam testemunho d'isso: e porque havia muito que se combatiam sem tomar algum repouso, foi-lhe forçado tirar-se a fóra pera cobrar alento. Dramusiando, pondo os olhos em si, e ven-

do-se maltratado de um só cavalleiro, não sabia que dissesse, porque sempre teve pera si, que um, nem dous, nem tres o podiam chegar a tal estado. Então não podendo soffrer a ira que d'isso lhe cresceu, remetteu ao outro, que com a mesma ira o recebeu, e começaram ambos ferir-se com tanta força, que nem as armas defendiam os corpos, nem a desenvoltura estorvava o damno, que os golpes faziam. De maneira que em pequeno tempo se fizeram taes, que ao mais são ficava pequena confiança da vida, especialmente depois que viram suas armas sem defesa, os escudos desfeitos, e as hervas do campo tintas de seu sangue, com que as forças íam em tanta diminuição, que quasi não podiam menear os braços: de cançados se tornaram outra vez arredar. *Dramusiando*, vendo-se posto em tamanha fraqueza por um só homem, benzia-se muitas vezes e dizia antre si: pera que trago armas, se sou pera tão pouco que um cavalleiro fraco como este não posso vencer? O' senhora Miraguarda, bem sei que isto vem de vos não lembrar lá onde vós estaes; mas já que assim é, lembre-vos que o primeiro dia, que vos vi, vos desejei servir, e desconfiei de vos merecer; por isso nesta batalha feita em vosso nome me ajudai, e os outros galardões guardae-os pera quem tiver a dita mais alta, e as outras qualidades conforme ao que mereceis. Deixai-me suster a vida té que com ella torne o vosso escudo a seu lugar, depois matai-me, que em fim

essa é a fim, que meus males esperam por galardam desta vontade. O outro cavalleiro das armas negras, que tambem via sua vida em perigo e cria que aquella seria a derradeira batalha, em que se visse, folgava de a perder por se salvar d'outros perigos, em que se cada dia via. Com este gosto começou dizer. Já agora, senhora, sereis contente, pois vossos males poderão tanto, que obrarão o que vós quizestes e a mim chegarão ao extremo, que sempre desejei. D'uma só cousa me contento e esta me faz não recear a morte, saber que morro por vos servir, cousa que sempre desejei: bem sei que inda que me desejeis morto, depois que não achardes em quem executeis vossa ira, vos hei de lembrar: e então não vos ficará de mim mais que o pesar de me haver perdido. Acabadas estas razões com a espada levantada se foi contra Dramusiando, que já o vinha buscar, e ambos com pequena esperança de vida se juntaram com tanto impeto, que não podendo as armas suster os golpes, que não chegassem ás carnes, se feriram tão cruamente, que sem nenhum accordo desmaiados das muitas feridas e sangue, que perderam, cairam cada uma pera sua parte, taes, que quem então os vira, mal podera julgar que em corpos tão espedaçados podia haver remedio. Mas a fortuna, que inda pera mores cousas os guardava, ordenou que naquelle instante atravessou por aquella parte Palmeirim d'Inglaterra, a tempo que os viu acabar de cair. Chegando a elles conheceu logo Dramusiando e ven-

do-o morto ficou tão triste, que lhe caíram as lagrimas pelos olhos, não podendo com tal pesar. Tirando o elmo ao outro, conhecendo que era Florendos, não teve tanta força pera se suster em pé, que deixasse de cair antr'elles. Pois vendo que pera tamanho mal outro esforço ero mister, tornou em si e mandou Seluiam, que a gram pressa fosse a uma cidade, que estava ahi perto, a fazer vir quem o curasse, posto que a seu parecer isto era trabalho escusado. Seluiam, que com a morte daquelles receava a vida de seu senhor, foi e veio em tão pequeno espaço como se o caminho fôra mais pequeno, trazendo comsigo dous cirurgiões esperimentados em casos grandes. Palmeirim lhes rogou que naquelles homens mostrassem toda sua sciencia, promettendo que lhes seria bem satisfeito, como depois foi: e isto hão de ter os principes grandes, liberais no prometter, verdadeiros no cumprir. Os cirurgiões lhes buscaram todas suas feridas e inda que as acharam de perigo, bem viram que o maior era o desfallecimento do sangue, que lhe saíra. Com este conhecimento tiveram alguma esperança de saude, de que Palmeirim ficou algum tanto contente. Depois de curados, Seluiam tornou á cidade por andas, e nellas os levaram a casa de um cavalleiro nobre e rico, que ahi perto vivia, onde sem nenhum accordo estiveram os primeiros dias. Palmeirim os acompanhou todo o tempo que durou a cura, que passou d'um mez sem nunca os

deixar, que o amor e amizade verdadeira não nas bonanças, mas na adversidade se conhece.

CAPITULO LXXXII.

COMO Á CORTE DO IMPERADOR CHEGOU ALBAYZAR E AS CONDIÇÕES COM QUE POZ SUA AVENTURA.

Bem nobrecida e cheia de cavalleiros famosos estava a corte daquelle grande imperador Palmeirim, que já neste tempo era mui velho e fraco, quando a ella chegou o esforçado Albayzar. O qual depois de se apartar de Palmeirim no valle, onde o achou em batalha com Bracandor e os seus, andou alguns dias por aquelle reino d'Ungria, fazendo cousas, com que sua fama voava por cima de muitos homens: estas o estorvarão, que não pode chegar á corte tão cedo como quizera. Já que não achava em que mostrar sua fortaleza, chegou a ella um dia de festa, a tempo que o imperador acabava de jantar no aposento da imperatriz acompanhado de todos os grandes e cavalleiros mancebos, que então na cidade de Constantinopla estavão, que eram muitos. Albayzar se deceo a porta do paço e acompanhado de dous escudeiros entrou pela sala armado d'armas verdes e esporas d'ouro por ellas, ricas e louçãas: e porque sua presumpção e confiança era grande, ia rompendo por antre a gente com um meneo altivo e menos cortes que soberbo. E como seus ata-

vios e armas fossem lustrosos, e elle gentil homem de rosto, que o trazia desarmado, entrou tão airoso, quanto naquella corte não virão outro, que o parecesse mais. Chegando onde estava o imperador e imperatriz fez-lhes cortezia, abaixando a cabeça algum tanto, e posto em pé, deitou os olhos por toda a sala, espantando-se de ver a formosura das damas, começou dizer. Alto imperador, por duas cousas folgo de ter vindo á tua corte, uma por ver, a outra por me poder experimentar com teus cavalleiros e servir nisso quem me cá manda. Eu sou um cavalleiro estranho, a quem os amores da mais alta e fermosa princesa do mundo trazem desterrado por terras estranhas. Este amor, que lhe tenho, me fez ir ao castello d'Almourol e combater como guardador do escudo do vulto de Miraguarda, ao qual venci em batalha, ganhando por força d'armas o escudo da contenda, que comigo trago pela gloria de quem me cá mandou. Tambem digo, que se me deres licença e segurares o campo, que desafio todos os cavalleiros namorados que se em tua corte acharem e fora della quizerem vir, aos quaes farei conhecer que a senhora Targiana é a mais fermosa dama do mundo: ás condições com que irão a batalha hão-de ser estas. Cada um trará um escudo, em que venha sua dama tirada pelo natural com o nome della escrito ao pé, porque este será o premio que o vencedor hade levar. E sendo algum tam pouco favorecido, ou que ande d'amores tão encuberto, que não queira que saibão quem o mata, este não trará no escudo o nome de sua da-

ma. E o que me vencer a mim não tão somente levará o escudo com o vulto da senhora Targiana mas ainda ganhará todolos os outros, que em meu poder estiverem. O cavalleiro, que na justa das lanças claramente não for meu igual, perderá o seu escudo e não poderá fazer batalha das espadas commigo. Agora, imperador, quero ver o que mandas e o que teus cavalleiros fazem contra um só homem, que de tão longe os vem buscar. Acabadas estas palavras foi tanto o alvoroço nas damas e mancebos cortesãos, que todo o paço se não revolvia em al, desejando ver já a Albayzar no campo, ellas para verem o que tinhão em que as servia, elles para mostrar o que lhe queriam e faziam por seu serviço. O imperador antes que respondesse, mandou socegar os seus e depois, respondendo a Albaysar, disse. Por certo, cavalleiro, vós tomastes amór empresa, que nunca vi: e porque não conceder o que pedis seria desgosto vosso e doutros muitos, digo que vos seguro o campo e dou licença pera vos combaterdes com as condicções, que nomeastes, todolos dias, que quizerdes. Porém primeiro que vos vades ao posto, onde as batalhas se hão de fazer, vos peço que me tireis de uma duvida em que estou, e he se com Olorique, soldão que foi de Babilonia, tendes algum parentesco, porque pareceis muito com elle. Senhor disse Albaysar, pela licença, que me dais, vos beijo as mãos: e no mais, que quereis saber, não vos negarei a verdade. A mim chamão Albaysar segundo filho d'Olorique soldão de Babilonia quem vossas obras poserão em tamanho estado.

O imperador se levantou em pé e abraçando-o com muito gasalhado, disse. Senhor Albaysar, com outra empreza quizera ver-vos em minha casa; mas serdes namorado vos desculpa: e querendo-o mandar apousentar dentro no paço, Albayzar não quiz aceitar aquella mercê, que sua tenção era estar no campo os dias, que durassem aquellas batalhas. A imperatriz e Gridonia lhe mandaram pedir lhes quizesse mostrár os escudos do vulto de Targiana e Miraguarda pera os verem: e posto que Targiana em qualquer parte parecesse fermosa, quando as damas, que então floreciam, virão Miraguarda, perderam a esperança de seus servidóres poderem acabar alguma cousa, e as outras a que já passara o tempo não tiveram de que ter inveja senão da idade. E andando o escudo de mão em mão foi ter ás de Polinarda; e caso que té li nunca vira cousa, que lhe desse algum receo, não pode então encobrir a paixão, que lhe aquelle vulto fez. As damas sentiram n'ella aquelle abalo e murmuravam disso. Porém isto hé natural das mulheres, ser tão desconfiadas, que qualquer cousa as move; que Polinarda era tão fermosa, que não tinha de que recear. Miraguarda era tanto que cada uma podia estar contente de si sem a outra a fazer triste. E inda que Polinarda alguma vez desejou ver naquella corte seu Palmeirim, então mais que nunca o desejou, pera ganhar o preçó daquelles escudos e ás vezes se recolhia em sua camara só e com lagrimas saidas d'alma se queixava de si mesma, lembrando-lhe o que lhe dissera. Alguma ora cuidava mandalo buscar, outr-

cuidava outra cousa; que ter pouco assento é condição de mulheres. Tornando ao proposito Gridonia mandou trazer ante si a tavoa, em que estava a figura d'Altea que tinham por estremada, e cotejada com a de Miraguarda não era nada. Albayzar se foi ao campo onde achou duas tendas, que o imperador mandou fazer pera elle, e mandou pôr o escudo de Targiana sobre um padrão, que no campo havia e o de Miraguarda ao pé. Aquelle dia por ser tarde deixarão pera outro o começo das batalhas, que forão muito pera ver, que Albayzar de sua parte fazia maravilhas por ir com sua victoria avante: os da outra, querendo mostrar a suas damas pera quanto eram, faziam tambem estremos, que sempre neste tempo do amor vê esforço, e o esforço cria forças para mais dano de quem as esprimenta.

CAPITULO LXXXIII.

DAS JUSTAS, QUE HOUVE O PRIMEIRO DIA.

O DIA que Albayzar chegou não houve quem justasse com elle, por ser tarde: no outro, em saindo o sol, já a porta da palliçada, que sempre estava feita pera as batalhas, estavam alguns cavalleiros armados, desejoso cada um de ser o primeiro, que se provasse com Albayzar pera ganhar os escudos, cousa em que se tamanha honra ganhava. E sobre quem iria diante começaram haver differenças. Mas o imperador, que já a este tempo estava levantado, mandou que soubes-

sem os juizes quem fora o primeiro, que alli viera, e esse justasse e assim por ordem sahissem todos. Os juizes, depois de os apaziguarem, mandaram a Crespião de Macedonia, que justasse, e elle se fez prestes. Albayzar o não quiz receber, porque não trazia no escudo o vulto de sua dama segundo a postura e assim fez aos outros. De maneira que aquelle dia nem ao segundo, terceiro e quarto não justou com ninguem, que todos esses dias se gastaram em fazer escudos e debuxar damas tiradas pelo natural. Ao quinto, o primeiro que veio foi Esmeraldo o formoso, que na corte era havido por bom cavalleiro: e presentando aos juizes um escudo com uma mulher dos peitos acima ao parecer formosa, com letras brancas ao pé, que diziam Artesaura, se veio contra Albayzar e cubertos ambos dos escudos se encontraram nelles em cheio; porem como a valentia de Albayzar fosse mui differente da de Esmeraldo foi ao chão, ficando Albayzar tão inteiro na sella, como se não recebera nenhum encontro. Logo entrou Ascorol, cavalleiro mancebo e nomeado, que presentando aos juizes outro escudo com o vulto de Artibela, dama de casa da imperatriz Polinarda, foi derribado da maneira de Esmeraldo e os escudos ambos postos aos pés de Targiana. Logo vieram Altaris e Regeraldo, que serviam Beliana, filha do duque de Constancia, e cada um a trazia no escudo, confiando alcançar vitoria polo que lhe queria; mas Albayzar os levou pelo estilo dos outros, de

que o imperador começou ter desgosto, estimando Albayzar muito mais que antes; porque a todos estes cavalleiros derribou cada um de seu encontro, cousa que poucas vezes acontece. Aquelle primeiro dia não houve mais justas: ao segundo foram tantos cavalleiros, que o terreiro estava quasi occupado delles. A imperatriz e Gridonia se levantaram mais cedo do que costumavam pera ver as justas e as damas traziam tamanho alvoroço em ver o que fariam seus seruidores, que não dormiram a noite, despendendo-a em cousas necessarias pera outro dia. Albayzar, armado de suas armas, se pôs a cavallo esperando quem viesse. O primeiro com que justou foi Radiarte, que servia Lucenda e veio ao chão do primeiro encontro e seu escudo se pôs com os outros. Traz elle veio Ricardoso, que servia Dorotea e tambem foi por via de Radiarte. De maneira que no segundo dia andou Albayzar tambem que deitou por terra Argonalte, que servia Polifema, a Caneroy de Esclavonia servidor de Juliana, Leonardim e Bravolante cavalleiros francezes, que cada uma em sua vontade servia Arnalta e q Lisbanel servidor d'Armisia, com outra somma de cavalleiros, que por muitos se não nomeiam: de sorte que com estas vitorias crescia sua soberba e ufania mui altamente: e tanto o favoreceu a fórtuna e a dita pera mais sua honra, que todos estes homens foram derribados de um só encontro. O imperador, posto que té alli não vira nenhum dos seus cavalleiros, a que jul-

gava por famosos, não deixava de ser descontente, crendo que Albayzar bastava pera metter sua corte em afronta. Primaliam sentia isto muito e trazia posto em sua vontade, se Albayzar fosse com a victoria avante, combater-se com elle. Albaizar o espaço que se achava sem justar o gastava em palavras namoradas offerecidas ao vulto de Targiana, que aquelle dia estava cercado de outros muitos mais formosos que elle; mas o amor é cego e não lhe deixava conhecer isto: e antre os outros que alli se viam, o de Miraguarda fazia tamanha vantaje, que na corte se falava mais nisso que na valentia de Albayzar, o qual esteve no campo soffrendo o trabalho daquelle dia té se pôr o sol: e posto ainda a este tempo recresciam cavalleiros e o imperador os mandou tornar, não querendo que houvesse mais justas, por ser tarde e Albayzar estar cansado. A' noite houve serão, aonde elle esteve presente e nenhum dos cavalleiros vencidos veio, por não terem razão de ver nelle suas damas, em cujo nome fizeram tão pouco: acabado o serão, que não durou muito, o imperador e imperatriz se foram a seus aposentamentos, Primaliam e Gridonio ao seu, e Albayzar a suas tendas, onde com pouco repouso pôde dormir, tendo lembrança do muito que ao outro dia lhe ficava por fazer. E a tempo que o sol sahia se levantou e armou das mesmas armas verdes com esperas de ouro, que sempre trouvera, por que té então não tivera necessidade de outras. E chegando-se onde

estava o vulto de Targiana sua senhora, com os olhos nella começou louva-la com palavras não menos soberbas[1], que namoradas. A este tempo chegaram os juizes do campo e mandaram pôr junto do padrão uma arvore com muitos tornos, em que se poseram os outros escudos, que Albayzar ganhára; porque té alli estavam no chão. E acima de todos os vencidos foi posto o de Miraguarda, em sinal de ser ganhado por batalha e os outros não, que assim o manifestara Albayzar. Não tardou muito que à porta do cerco chegou Belisarte, filho de Belcar, armado de armas de pardo e branco, no escudo em campo branco um sagitario com um arco nas mãos: este lhe trazia seu escudeiro, elle entrou com outro, que presentou aos juizes, em que vinha o vulto de Dionisia filha de el-rei de Esperte, a quem servia, tirada por o natural e tão formosa, que fazia muita vantaje aos mais, que se alli ganharam, não fallando no de Miraguarda, que com este nenhum se comparava. Acabando de o entregar, posto os olhos naquella imagem, que o matava, endereçando-se na sella, cuberto do escudo, que o escudeiro lhe dera, remetteu a Albayzar, que sahio a receber; e posto que Belisarte fosse muito bom cavalleiro, sua valentia nem a formosura de Dionisia poderam tanto que á segunda carreira deixasse de ir ao chão com a sella entre as pernas, porque da primeira passaram um polo outro sem fazerem-se damno. Albayzar perdeu um estribo e tornou logo a cobral-

lo. Traz elle veio seu irmão dom Rosuel, armado de outras nem mais nem menos como as de Belisarte e dando aos juizes outro escudo com o vulto de Dramaciana, camareira mór da infante Polinarda, no fim de outras duas carreiras, que correu, veio ao chão, de que o imperador ficou bem descontente, pesando-lhe ter dado licença a Albayzar: polo vencimento destes dous cavalleiros começaram os outros da corte temer Albayzar mais que antes. Os escudos de dom Rosuel e Belisarte foram postos com os outros, de que elles eram tão tristes, que o não podiam encobrir, que esta calidade tem a paixão, quando é grande ser má de dissimular.

CAPITULO LXXXIV

DO QUE ACONTECEU NAS JUSTAS O SEXTO DIA.

O Sexto dia Albayzar estava no campo, passou parte delle que não justou ninguem, e acabado de jantar o imperador em casa de Gridonia sua nora, elle e a imperatriz se pozeram ás janellas pera o vêr, que estava sentado á porta da uma das tendas, armado de todas armas com o escudo de Targiana nas mãos, alegando-lhe seus serviços co'as melhores palavras, que se lhe então pera isso offereciam. Não tardou muito que ao cerco chegou um cavalleiro ao parecer de todos bem posto, armado d'armas de negro, com fogos por ellas tão vivos e

acesos que quasi pareciam naturaes. Vinha em um cavallo murzelo mui bem feito: trazia na mão um escudo que deu aos juizes, que tambem em campo negro mostrava os outros fogos da mesma sorte: acabado de lho dar tomou outro que o escudeiro lhe deu, e abaixando a lança se poz no posto onde haviam de sahir com continencia tão bem posta e airosa, que só aquella mostra primeira fazia suspeitar delle grandes cousas. Albayzar, posto que vio que co'a vinda daquelle cavalleiro alguns se alvoraçavam, não mostrou por isso maior abalo que antes. Antes vendo que o escudo, que aos juizes offerecera, não trazia vulto, nem nome de ninguem, recusou a justa segundo a postura, que tinha posta. O cavalleiro Negro, que com desejo de ver-se com Albayzar correra muitas terras, vendo que um tão pequeno inconveniente estorvava a batalha, chegou-se a elle, dizendo: Senhor cavalleiro, pera que é querer muito de quem pode pouco? O escudo, que dei, senão leva o que vós quereis e eu quizera, é conforme ao tempo e á vida de quem o traz. Já foram dias, que nelle vos podera presentar um vulto segundo vossa ordenança, de que vós vos podereis receiar e com cujo favor vos eu temera mui pouco. Agora já é outro tempo, não tenho que nelle vos mostrar senão essas cores tristes de que o vedes cuberto. Peço-vos que esta desculpa me leveis em conta, que isso é o mais que a fortuna me deixou. Por isso quem não póde o que quer, não se hade querer delle mais do que pode. Senhor cavalleiro, disse Albayzar, bem fôra que

com este vestido que dizeis, me ameaçareis, se vos não lembrara, que pera minha defesa trago outro de que todos podem ter medo e inveja. O imperador está olhando a pedaço, façamos o que havemos de fazer, que polo que sinto de vós, com essas palavras me satisfaço. Logo se arredaram e pondo as pernas aos cavallos se encontraram nos escudos: as lanças foram feitas em pedaços e elles passaram um polo outro sem se fazerem nenhum damno. Nisto tomaram outras, e posto que o cavalleiro negro fosse destro e esforçado, Albayzar lhe fazia tanta vantagem, que nesta segunda carreira o derribou por cima das ancas do cavallo; perdendo elle ambos estribos, e co'a força do encontro, que recebeu, lhe foi forçado abraçar-se ao colo do seu. Mas vendo a seu contrario no campo, saltou fóra delle com tanto acordo como sempre teve em suas affrontas. O cavalleiro negro, corrido de se vêr derribado, co'a espada na mão o recebeu com um golpe com tanta força, que um quarto do escudo fez vir ao chão. Albayzar, que naquelles tempos foi a mostrar o pera que era, lhe deu o pago com outro e outros, de que o cavalleiro se não sentiu bem. Assim que antr'elles se começou uma batalha muito pera vêr, em que cada um trabalhava mostrar o preço de sua pessoa. Os golpes eram dados como de mão de mestres, por isso as mais das vezes se empregavam com damno de quem os recebia. Feriamse muito a meudo, pelejavam com tamanha viveza e alento, que mais d'uma hora se combateram sem conhecer fraqueza em nenhum. As carnes começa-

vam sentir os golpes: e como á fortaleza d'Albayzar poucas armas se amparassem, os duros fios de sua espada traziam feito tanto damno nas do cavalleiro negro, que conhecidamente começou a enfraquecer. Mas como seu espirito fosse grande e lhe lembrasse que quem a vida aventura pola honra não perde nada, inda que fique sem ella, trabalhou tanto, pelejou com tanto esforço quanto senão podia esperar d'outro homem, que melhor disposição tivesse. Assim que o cavalleiro Negro, querendo vender a vida como quem não temia a morte, tirou forças donde as não havia, tendo na memoria que alli se hão de mostrar onde ha quem as resista. Já que de todo vio que sua porfia era pera mais seu damno, arredando-se um pouco polo campo, dizia comsigo mesmo. Por certo pera aquelles são armas, que pera os trabalhos tem esforço e pera os perigos ousadia. Bem houvera de conhecer de mim qne melhor me estivera passar a vida sem ellas, por não vêr esses desgostos, que trazel-as pera os sentir cada dia. Eu porfiei co'a fortuna, cuidei vencer alguma hora, e sempre fiquei vencido della. Já sei que aquelle está fóra dos desastres que se guarda de seus azos. Mas eu de que me queixo, que se me vem eu os busco! Dando fim a estas palavras se foi pera Albayzar e de novo começou sua batalha, dando golpes tão temerosos, que co'a força, que poz nelles, o sangue lhe começou rebentar por muitas partes de seu corpo. Porem com Albayzar o visse já mui fraco e aquellas ser as derradeiras mostras do que podia fazer, indinado e manencorio de se

vêr assim, o tratou tão mal, que em pouco espaço desfalecido do sangue, e desemparado do sentido cahiu a seus pés. Então fazendo-o desarmar, e os juizes conhecendo que era o principe Floramão o fizeram saber ao imperador, que ficou mui descontente, crendo que a valentia d'Albayzar poria ainda em afronta toda sua corte, e mandou levar Floramão a uma camara do seu apousento e o fez com muito resguardo curar. Logo se soube por todo o paço quem era o cavalleiro vencido, de que as damas mostraram sentimento, havendo dó de seus trabahos e ser affeiçoadas a suas cousas polo verem tão constante em seus amores, cousa que ellas desejam a seus servidores e que mal sabem agradecer a nenhum. Albayzar, posto que a honra da batalha fosse sua, a victoria não foi tão barata, que lhe não custasse muitas feridas, de que esteve em cama alguns dias, nos quaes não houve justas nem batalhas. Sendo neste tempo visitado muitas vezes do imperador. Que ainda que lhe pesasse de suas obras irem tão avante pola quebra de sua côrte, desejava vel-o são, que natural é dos corações piedosos ainda do mal de seus imigos haver dó.

CAPITULO LXXXV.

COMO TORNOU ALBAYZAR DEPOIS DE SÃO ÁS JUSTAS, E DOS MUITOS CAVALLEIROS QUE NELLAS VENCEU.

Esteve muitos dias Floramão em cura de suas feridas, que alem de serem perigosas, o desgosto, com que passava a vida, não dava lugar a obrar nenhuma mezinha. O imperador o visitava muitas vezes, fazendolhe muitas honras; porque alem deste principe, como se já disse, ser cavalleiro famoso, era tão aprazivel e de tão boa conversação, que fazia querer-lhe bem todo genero de homens. Porem inda que estas visitações e o amor, com que se faziam, fosse muito de estimar, abrandavam pouco na dôr de Floramão, desejando antes a morte que nenhuma consolação, crendo que aquelle tem sua fama em muito, que os interesses da vida estima pouco. Com tudo, já que ia melhorando, a rogo do imperador quiz estar na corte e tambem porque sua tenção era esperar alli Palmeirim d'Inglaterra, ou Florendos, de cuja mão podesse ser vencido Albayzar, que d'outrem já o não esperava, pera que tamanha malicia não florecesse tantos dias em damno de tantos homens. Albayzar, como foi são das feridas, que recebeu de Floramão, em que primeiro passaram alguns dias, tornou a sua con-

tenda com esperança de ganhar todolos escudos daquelles, que se com elle quizessem experimentar, não se contentando com as vitorias, que já alli alcançára, com que se bem podera ir e ser em toda a parte louvado. Mas isto é natural de corações soberbos, que alcançando o que desejam, logo lhe parece pouco, inda que dantes o tivessem em muito: e com esta soberba e confiança de suas obras se fez muito gentil homem. armando-se de novo d'ármas ricas e lustrosas, guarnecidas de fortaleza necessaria aos perigos, por que esperava passar, tendo em pouco tudo lhe já podia acontecer, polo muito em que sua fortuna o posera, mas não se deve della confiar nenhum, que nunca deu grandes bonanças, que não tornásse com maiores reveses. O primeiro dia, depois de sua saude, justou com Flamiano e Rocandor, que ao presente estavam na corte: succedeu-lhe tembem a justa, que cada um de seu encontro lançou por terra. Desta sorte o fez a Tragonel o Ligeiro, a Esmeraldo o Fermoso, a Claribalte de Ungria, a Trusiando e Tragandor. e isto em tão pouco espaço, que inda não era meio dia. O imperador se foi a jantar com a imperatriz, as justas cessaram algum pouco. Primalião teve por convidado o principe Floramão, e andava triste de ver a victoria d'Albayzar, que o não podia dissimular. Passada a hora de comer, o imperador e imperatriz tornaram a ver as justas, e Albayzar se poz no campo como antes costumava. Não tardou nada que á porta do

cerco chegou Luimão de Borgonha, cavalleiro de muita conta, que entregando aos juizes um escudo com o vulto d'Almena, a quem servia, remetteu com Albaizar, que o esperava. Os encontros foram grandes, Albayzar perdeu um estribo, mas Luimão de Borgonha foi ao chão. Logo veio Dirdem, filho de Maiortes, que servia Salatea e Polinardo, que secretamente servia Polinarda, como se já disse: mas estes nem o favor de quem serviam, nem a força de seus encontros os salvou de virem ao chão do primeiro encontro. E posto que Albayzar com os que recebia fizesse alguns reveses, nunca de nenhum foi derribado. E por não me deter nisto, que seria não acabar, baste que andou tão grande, fez tanto em armas, que por força dellas derribou Dramiante, que servia Floriana, filha de Ditreu, principe Graciano, que servia Glarisia, filha del-rei Polendos, Francião, que servia a fermosa Bernarda, Belisarte, que servia Dionisia, filha d'el-rei d'Esperte, o principe Beroldo servidor d'Onistalda, filha de Drapos, e por fim de tudo a Blandidom, aos esforçados pompides, e Platir, com tamanha gloria e fama de sua pessoa, que ningnem sabia fallar em al, nem havia em que. E posto que o vencimento de tantos esforçados e singulares cavalleiros fosse por muitos dias e com muitas e mui perigosas batalhas, Albayzar se mostrou pera tanto, que o fim dellas foi sempre como quiz. Neste tempo o tom de sua fama era tão sabido polo mundo, que tirando as obras de Palmeirim, logo as suas

pareciam dinas de maior nome, que os d'outro nenhum. A fermósura de Targiana era tão avante, que as muito mais fermosas que ella lhe não podiam negar a inveja, que disso recebiam. Seu escudo estava cercado de outros, famosos e conhecidos, e eram tantos, que o faziam de mór preço. Na corte já não havia quem se ousasse experimentar com Albayzar, ainda que alguns de mui longe pera isso viessem, receavam seus encontros. E tambem porque a fama dos esforçados põe maior medo, que as armas dos que o não são. Primalião se armou muitas vezes pera se combater com elle, e o imperador lho não consentiu pola amizade, que com Olorique tivera, desejando que esta ainda seus filhos a conservassem. Albayzar, depois de não ter quem vencer, nem com quem se experimentar, deixou-se estar na corte algum tempo, crendo que tanta honra se gánhava em não achar quem lhe saisse, como vencer quem viesse: e tambem porque os corações altivos, não de ser iguaes a ninguem, màs de ser maiores se satisfazem. E se nestes dias Florendos e Palmeirim, nem Dramusiando não eram alli vindos, foi por muitas e mui grandes aventuras, que lhe soccederam; que a virtude de necessidade os obrigava seguir: que isto é natural de corações nobres, polas affrontas alheias esquecerem as cousas de seu gosto, E tambem o faziam, lembrando-lhe que os homens por obras e não por natureza se hão de julgar. Esta detença fez o nome d'Albayzar de tamanho mere-

cimento onde quer, que soava. Aqui deixa a historia de tocar nelle, por contar uma aventura que aconteceu a Floriano do deserto neste tempo, de que tambem é razão que se faça memoria, pois as obras dos bons não são dinas de esquecimento.

CAPITULO LXXXVI.

DO QUE ACONTECEU A FLORIANO DO DESERTO ESTANDO NA CORTE DO GRAM TURCO.

Esteve muitos dias Floriano do deserto na corte do gram turco, servindo Targiana em cousas de seu gosto, mostrando o preço de sua pessoa em todas as empresas, que naquelle tempo aconteceram, sahindo tanto a sua honra e com tanta gloria e fama, que antre os mouros por cousa divina era estimado. E como os espaços que lhe vagavam do exercicio das armas gastasse em seus amores, teve tanto poder a conversação de cada dia, que o obrigou a perder-se por ella, cousa contra sua condição, que pera com ellas a sohia ter livre: e na verdade pera com mulheres não se ha de perder tamanha cousa como é a liberdade, pois está claro que nada agradecem senão o que com sua condição ou apetite conforma, e que o seu sempre nasce da peior parte que nellas ha. Porem Targiana estava tão afeiçoada a suas obras, e namorada de seu parecer que no

amor não lhe ficava devendo nenhum quilate. Assim que estas vontades conformes praticadas muitas vezes, tiveram tanto poder que vieram ao effeito dellas, onde Floriano chegou ao fim do que esperava e entrou no começo do aborrecer ou enfastiar, cousa que alguns homens tem por natural, e Targiana perdeu o que se deve muito estimar e se depois não cobra: e não é de espantar que isto assim acontecesse, que impossivel cousa parece, quem dos vicios se deixa combater ao fim não ser vencido delles. Assim que nestes dias, em que Floriano ia perdendo o cuidado da Targiana, e ella achava mais em que cuidar, vieram novas á corte do gram turco das muitas e mui grandes vitorias d'Albayzar e do muito, que na corte do imperador fizera. As quaes em tão grande veneração eram tidas, que de todo faziam escurecer e pôr em esquecimento as de Floriano, de que elle ainda que o dissimulava, recebia gram pesar. E estando uma noite praticando com Targiana em cousas, que naquelles tempos sohiam passar as horas de sua conversação, veio ella trazer á memoria quanto devia a Albayzár por os perigos, em que por seu serviço se posera e quam mal cumprira com elle no promettimento, que lhe fizera antes de sua partida; pois o que ao tempo della lhe promettera por satisfação de seus trabalhos, o acharia já roubado e perdido e entregue a quem ao fim se havia de ir, onde a fortuna o levasse, e ella ficaria com sua magoa, que lhe duraria to-

do o tempo em que a lembrança daquella perda a acompanhasse. Floriano, que já neste tempo era livre de seus cuidados, quiz com razões fingidas mostrar que então mais que nunca estava metido nelles: e porque neste caso, em que se não aventura mais que palavras, os homens não hão de ser avarentos ou escassos dellas, elle a satisfez tanto quanto cumpria, dizendo antre algumas, que lhe então o tempo e a isempção ensinava. Senhora, se ante vós as obras d'Albayzar hão de ter tanto merecimento, que vos façam esquecer as minhas, que mercês me podeis vós já fazer, que a mim façam contente! Combater-se elle com muitos, vence-los todos, não se deve ter em muito, pois o faz sobre vossa formosura, que pera mores cousas basta. Com quem me poderia eu combater, quem entraria comigo em campo, que não desbaratasse se a batalha fosse feita em vosso nome? Os vencimentos, que elle faz, vós os fazeis, suas vitorias vós as alcançais, o vosso nome peleja, elle faz tudo e a fama fica com Albayzar. Consenti que me vá ver com elle e que como vosso me combata, e então vereis a quem deveis mais, ou quem vos merece melhor servir. Estou tão determinada em fazer uma cousa, disse Targiana, que cuido que por força a hei de cumprir; e ainda que muitas vezes determinasse de o não fazer, essas palavras, que vos agora ouço, me fazem assentar no cumprir, e é, que acompanhada de duas donzellas e quatro escudeiros e vós comigo, quero ir desconhecida, como

donzella andante, á corte do imperador Palmeirim, pera ver o fim do que desejo. E pera isto haverei licença de meu pai pera ir ver a rainha de Siria minha tia, que me elle não negará, porque muitas vezes ma tem dada: e então farei viajem a essa outra parte, e pera mais brevidade tenho já mandado um correio a Albayzar, que se não vá da corte té ver outro recado meu. Floriano, que sempre desejára sahir dalli e não via caminho pera isso, vendo o desejo de Targiana, louvou-lho muito, dizendo, que logo se havia de fazer, temendo que o natural das mulheres é arrepender-se tão prestes quam prestes lhe vem os acidentes. Porem como tambem sua condição dellas seja ser constantes no danoso e mudaveis no bom, ainda a manhã não era de todo clara, quando já estava na camara de seu pai, mostrando com lagrimas fingidas que sabia por nova certa a rainha de Siria sua tia estar doente de uma doença perigosa, pedindo-lhe que em todo caso lha deixasse ir visitar. O turco, como não tivesse outro filho e a esta como a si proprio amasse, quiz satisfazer-lhe a vontade. E posto que a quizera mandar acompanhada como a sua filha, nunca pôde acabar com ella, dando por escusa, que pera menos detença de seu caminho queria ir aforrada com só duas donzellas, e quatro escudeiros e o seu cavalleiro christão, que este nome teve sempre Floriano em quanto naquella corte esteve. Despedida do gram turco, levando atavios pera sua pessoa louçãos e de muito preço,

tomaram a via, que ella mais desejava, e em poucos dias arribaram naquelle famoso imperio de Constantinopla, algum tanto desviados donde a corte estava. E caminhando pera ella um dia de gram calma, os tomou a sesta em um valle gracioso, cheio de arvoredos, á sombra dos quaes determinaram repousar; té que a calma fosse passada pera tornar a seu caminho. Não passou muito espaço depois que chegaram, que polo mesmo valle vieram quatro cavalleiros armados de armas ricas e louçãos e sobre tudo fortes ao parecer: chegando onde estava Targiana detiveram as redeas aos cavallos olhando-se uns aos outros, como que se espantavam de a ver. Isto era que estes cavalleiros vinham de Constantinopla vencidos da mão de Albayzar e viram o escudo do vulto de Targiana, por quem se elle combatia, e vendo alli a ella tiveramno por cou sa maravilhosa, porque trazia o rosto descoberto e era tão bem tirado no escudo de Albayzar, que de fraca memoria seria quem vendo a elle e a ella não conhecesse um por outro. Um delles se chegou mais d'zendo. Senhora, a quem vossas mostras muito damno fizeram, bem será que com alguma satisfação o emendeis, isto ha de ser querendo ir comnosco e parecer ante nossas damas, porque já quando souberem nosso vencimento, vejam a razão, que houve pera isso assim ser, pola differença que de vós a ella ha. E que isto seja contra regra de bons namorados, não se póde negar a um parecer como esse seu mereci-

mento. Floriano, algum tanto indinado de ver sua tenção, levantou-se em pé, dizendo. Senhores segui vosso caminho, ou repousai delle, se vindes cansados, não queiraes pagar a vossas damas o pouco que fizestes com tornar a ellas a culpa de vossa fraqueza. Com tudo, se isto vos não parece bem, trazeias vós aqui e verão o que desejaes; que pera esta senhora ir lá, nem ella terá vontade, nem eu tão pouca fórça, que não vo-la defenda. Falais tão solto, disse um dos outros, que, só por ver vossa doudice, ha de ir em nossa companhia: e se vós vos atreveis defendel-a, cavalgaí e fazer-vos-hei tornar a descer, ficando com menos soberba da que agora tendes. Floriano sem mais responder se pôs a cavallo e enlazando o elmo, disse. Agora, senhores, quero ver se vossas obras são como as palavras. Podeis vir a mim um a um; e se não vindes todos, que a villeza com qualquer virtude se desbarata. Não vos estimam aqui tanto, disse o outro, que se presuma que pera vos é necessario mais de um e eu quero ser este, que meus companheiros são pera tanto, que não sei se algum delles se contentára disso. E arredando-se o necessario, Floriano estava tão manencorio, que a ira lhe impedia a falla, cousa que muitas vezes acontece a homens colericos, e remeténdo pera elle o encontrou tam fortemente por meio do escudo, que falsando a elle e as armas o fez vir ao chão, rendido o espirito e a soberba. Os tres que ficavam, vendo que com homem, que tal en-

coutro dera, não era necessario provar-se a igoala, todos juntamente o commetteram e não fizeram mais damno de quebrar as lanças sem o mover da sella: e porque a sua quebrara no primeiro, arrancou da espada e ao passar deu um revez por um braço a um delles com tanta força, que cortando as armas com parte da carne e osso o aleijou de todo. Os outros dous voltaram sobre elle com as espadas nas mãos, determinando vingar o damno de seus companheiros. Porém Floriano, a quem ninguem igualava, andava tão vivo e aceso, que em pouco espaço os parou taes, que a um fez vir ao chão desempado da vida. O outro, vendo-se com muitas feridas e tal imigo diante, qnereudo guarecer a sua de que já estava desesperado, pôs as pernas ao cavallo, crendo que nelle mais que na força de seu braço acharia salvação. Floriano se apeou e tirando o elmo ao que ficara com o braço menos que com o grande desfalecimento do sangue, que lhe sahira e pasmo de se ver assim, fizera fim a seus dias em companhia dos outros dous, e não lhe pesou muito, que castigar aos máos, merece é que se faz aos bons. Targiana, vendo a afronta porque seu cavalleiro passara, contente de sua vitoria ganhada sem nenhuma ferida, ficou tão leda como podera ser triste se succedera ao revez. E com o prazer de seu vencimento por ser já noite, mandou mudar tres tendas, que trazia mais abaixo no fundo do valle por onde corria um pequeno ribeiro de agua clara e alegre, creu-

do que alli se poderia melhor passar, que em conversação do fedor dos mortos: e repousaram té que foi manhã, e assim cumpria pera tantos dias de caminho; porque sem descançar a noite não se póde trabalhar o dia.

CAPITULO LXXXVII.

DO QUE ACONTECEU A FLORIANO SAINDO DO VALLE, ONDE VENCEU OS QUATRO CAVALLEIROS.

Aquella noite Targiana com sua companhia dormiu naquelle valle, e rompendo a alva tornaram a seu caminho, desejando já ver-se na corte do imperador: e sendo passada muita parte do dia, entraram em uma floresta graciosa e grande: no meio della estava uma fonte á maneira de chafariz com a cercadura d'alabastro, lavrada d'obra romana, com tanta subtileza e galantarias, que seria duvida poder-se esculpir melhor em cêra. Afirmava-se que o imperador Marcelo, que foi gram edificador, a mandára fazer havia muito tempo, e parecia ser assim por duas cousas. A uma, por elle ser mui afeiçoado a logares solitarios e fontes de muita agoa, como dizem suas chronicas: a outra por umas letras, que sobre uma ameia da fonte estavam, em que dizia: Marcelus. Junto della jaziam dous cavalleiros lançados com os cavallos soltos, pascendo da erva de que a floresta era provida. Targiana, vendo a fonte tão singular e

o lugar, tão apparelhado a repouso, rogou a Floriano que tivessem alli a sesta. E descendo-se ao pé d'uns alamos, como Targiana trouxesse o rosto descuberto, e fosse tão natural com o vulto que Albayzar trazía no escudo, os cavalleiros, que ao pé da fonte èstavam, como a viram, affirmando ser aquella por quem Albayzar se combatía, determinaram toma-la por força d'armas, posto que pera o fazer pouca força lhe parecia necessaria, e presental-a ante quem serviam pera desculpa de seu vencimento; porque sem duvida lhe pareceu a mais fermosa cousa do mundo. Com esta determinação, enlazando os elmos, que tinham tirados, vieram onde Targiana estava, dizendo: Senhora, não deveis pôr culpa a quem vossa fermosura destruiu, querer-se remediar por ella. Um cavalleiro, que em vosso nome se combate e nelle tem vencido o mundo todo, venceu tambem a nós e ganhou os escudos, que levavamos com o vulto de quem serviamos, e os poz aos pés d'outros, em quem vosso parecer está. Cumpre que em satisfação desta quebra vades comnosco, que não sinto outra via, com que se ella melhor cure. Pareceme, respondeu Floriano, que quereis sobre uma magoa outra maior: contentai-vos do pouco que fizestes na contenda dos escudos, e não queiraes experimentar mais a fortuna, que por ventura será cada vez peor. Já vejo, disse um delles, que a fermosura dessa senhora vos dá atrevimento a soltardes palavras nescias, e não sei se vos dará forças pera sustentardes o que dizeis. Pera que

vejais se pera isso as tenho ou não, esperai, di
Floriano, e enlazando o elmo, sem querer pôr
a cavallo, os commetteu, assim a pé cuberto
seu escudo, a espada na mão. E posto que c
um delles fosse pera muito, usando do que r
doviam, ambos juntamente o commetteram, r
tanto pelo desejo de o vencer, como por poder
var a seu salvo a fermosa Targiana; provando
das suas forças, começaram feril-o por muitas p
tes tão sem dó, como se de muitos dias o tiv
merecido. Porém Floriano, em quem os golpes
ziam pequena mossa, coberto de seu escudo, c
va a um e a outro tantos e com tanta força, q
em pequeno espaço nem elles tinham alento pe
pelejar, nem accordo pera mais que entender e
amparar-se: e como á furia e manencoria de Fl
riano se não podessem suster, conhecendo e
nelles fraqueza, deu a um tal golpe por cima
elmo em descuberto do escudo, que passando
ortaleza delle, entrou tanto pola carne que ve
a terra desamparado da vida. O outro que i
cava, vendo seu companheiro morto, e a
desconfiado da victoria, quiz antes render-se co
tempo, que pedir misericordia quando não pre
tasse. E porque temeu que Floriano com a i
que trazia, a não quizesse usar com elle, ch
gou-se a Targiana, dizendo: Senhora, content
vos da morte de meu companheiro e das ferid
que eu tenho em paga das palavras, que v
dissemos, ou da tenção com que foram ditas,
mandai a esse vosso cavalleiro, que me dei

com a vida, se quer pera ordenar melhor fim á morte. Targiana, vendo n'elle aquelle arrependimento, e havendo dó de sua idade, que era moço, rogou a Floriano que tomasse por vingança o conhecimento, que tinha de seu erro, e o deixasse. Fal-o-hei, respondeu elle, pois vós, senhora, o quereis, posto que a vida não se deve dar a quem com ella faz o que não deve. Então, mandando-lhe que sem outra detença se fosse do valle, e mandasse levar o corpo morto de seu companheiro, o deixou. O cavalleiro maltratado como estava, depois de seu escudeiro lhe apertar as feridas, mandando atravessar o corpo do outro na sella de seu cavallo com um escudeiro nas ancas, que o sustinha, se foi muito mais triste do que alli viera. Parece-me, disse Targiana, depois que se foram, que menos segura é esta terra do que cuidava. Nunca o ella assim foi, disse Floriano, se não agora que vossas cousas a trazem alvoraçada. Vosso vulto posto no escudo d'Albayzar por uma parte, e vosso parecer por outra, ninguem os pode ver que de mui grandes trabalhos fique livre: assim é bem que seja, que a quem a natureza tão estremada fez pera algum estremo a havia de fazer. Targiana não consentindo aquellas palavras ditas em seu louvor, quiz buscar maneira de mudar a pratica, e assim armado como estava o tomou pola mão, dizendo: Deixai-vos d'isso, e em quanto esta calma passa, vamos passeando té onde estão aquelles altos freixos, que o coração me dá, que

à sombra delles se vos aparelha uma aventura de muito maior perigo que as passadas. Senhora, disse Floriano, livre me queria ver dos muitos em que me põe vosso amor, que do mais tudo perdi já o medo, de nada tenho receio, nenhuma cousa ante vós me pode acontecer, que me pareça muito, porque tudo estimo pouco. Se Albayzar, vendo vosso vulto pintado, venceu o mundo todo, que farei eu que vejo o proprio original: queria que ante vós me acontecessem alguns acontecimentos grandes pera vêrdes o que vossas mostras podem, e o esforço que vossa fermosura dá a quem se por ella combate. Já agora de nada me pesaria tanto como de não haver cousa, em que se isso mostre. Assim praticando, chegaram junto das arvores, onde, ainda que Targiana disse zombando que achariam uma aventura maior, que as dos outros dias, saíram verdadeiras suas palavras: por isso se diz que muitas vezes antes que aconteçam as cousas, o coração as revella. Ao pé d'um daquelles freixos estava lançado um cavalleiro grande de corpo, sem outra nenhuma companhia, porque seu escudeiro sempre nos lugares solitarios o apartava de si, pera maior contemplação das cousas, que naquelles dias lhe representava a memoria. Trazia as armas de pardo com manchas amarellas por ellas, o elmo da mesma sorte, e tinha-o tirado, e encostada a cabeça sobre elle, com o rosto no chão. No escudo em campo pardo um dragão coberto de conchas tambem amarellas, e as unhas

envoltas em sangue. Estava praticando só e tão alto que Targiana e Floriano o ouviram de longe: e pera melhor o poder entender se chegaram mais, cobrindo-se com o tronco de uma das arvores, porque sua vista não estorvasse a pratica. Porém o outro estava tão transportado, ou enlevado, que nem lhe lembrava que o podiam ouvir, nem se arreceava d'isso, antes com voz algum tanto rouca e pouco esforçada, dizia: Senhora, em que vos mereci tratardes-me tão mal, que me trazeis vivo pera desejar a morte, e não consentis que morra pera com maior dôr passe esta vida. Eu se alguma hora a desejei foi pera servir-vos com ella: vós não quereis que se dispenda n'isso, por não cuidardes que me ficaes devendo alguma cousa. O que me mais mata é que tudo isto passaes com esquecimentos; que nem pera me fazerdes mal vos lembro, e comtudo vós fazeis-mo. Nunca vi malles alheios, que alguma hora não tivessem algum desconto de bem, só os meus estão sempre em um ser; e se alguma mudança tem, é cada vez peior: parece que de longe estavam guardados pera mim, e eu pera elles. As tristezas dos homens soffrem-se com esperar que alguma hora terão fim, as minhas são sem elle: e não mo dá a mim tão pouco por terem em quem mostrarem sua força. Cuido ás vezes que desmerecimento foi o meu pera me tratardes assim; acho que pera comvosco ninguem póde merecer muito, e com isto me contento; mas a vós devia-vos lembrar que o bem pera todos é; o mal

ainda a quem o merece se não deve fazer; e tendo esta lembrança o não usareis comigo. Uma mercê queria de vós em galardão de quantos trabalhos padeço: consentirdes que minha vida tenha fim, que meus males já sei que são sem elle. N'isto se calou um pouco, acudindo com soluços tão cançados e tristes, que parecia que saiam d'alma. Floriano, que já naquelles dias não trazia a condição tão namorada, por não ouvir paixões alheias se tornou por onde viera com Targiana pola mão; porém ao tempo de levantar-se, o cavalleiro do Valle sentiu o rogido da seda que trazia vestida, e por não lhe verem o rosto, primeiro que levantasse os olhos, enlazou o elmo, e vendo a Floriano armado, fóra da suspeita de quem podia ser, agastado de cuidar que o espreitaram, se foi pera elle, dizendo com voz alta: D. cavalleiro, pera que outra vez useis de melhor ensino com quem nunca vistes, lançai mão dessa espada, que quero que a quem contardes minhas palavras, possaes tambem contar as obras. Estou tão de pressa, disse Floriano, que não me atrevo gastar o tempo em desculpas, e tambem hei medo que mas não recebaes; por isso fazei o que poderes. E arrancando das espadas, começaram uma perigosa batalha, tal, que a braveza della mui differente parecia a Targiana de todalas outras que já vira. Cada um, vendo a fortaleza de seu imigo, trabalhava por mostrar o fim de seu esforço: os golpes eram dados sem piedade, as armas não os soffriam, de maneira

que por força as carnes padeciam. Quem vira esta batalha bem podera dizer ser a mais brava que vira. Assim andando n'ella, aconteceu que veio alli ter um cavalleiro, armado d'armas de verde e branco, e no escudo em campo branco uma espera d'ouro, que o tomava todo, e dous escudeiros comsigo. O escudo trazia passado dos encontros que n'elle recebêra, de sorte que a espera era quasi desfeita. Chegando onde a batalha se fazia, espantado de sua crueza, quiz saber de Targiana a causa della: e levantando os olhos, e vendo-a tão fermosa, esqueceu-se do que lhe quizera perguntar. E como este fosse um dos vencidos d'Albayzar, e trouxesse na fantesia o vulto do escudo, porque se elle combatia, vendo ante si o proprio donde o outro saira, tomando-a por um braço, a pôz diante de um dos seus escudeiros, dizendo: Senhora, pois aquelles cavalleiros já não estão em disposição pera vos poder acompanhar, e a meu parecer a batalha se faz sobre quem vos levará, não sinto em cuja guarda melhor que na minha possaes estar: não vos pese d'isto ser assim, que eu não pera mais que pera vos servir vos quero; ao menos poderá ser que a honra que em outra parte por vossa causa perdi, comvosco a tornarei cobrar, que não sei em que perigo se possa ver um homem, que vendo-vos a vós não se salve delle. Targiana, vendo que aquellas palavras e força não tinham soccorro, e que aos seus gritos não acudia Floriano, tão envolto estava na sua contenda, quiz prover com seu co-

ração real o melhor que então a sua honra cumpria; e rogando ao cavalleiro que a escutasse, disse: Não sei pera que quereis por vossa quem a outrem é entregue: vós podeis-me levar comvosco, mas a vontade estará longe de vós, e se sois tão fóra da razão, que esta me não val pera me deixardes, deixai-me chegar á minha gente, que ao pé da fonte fica, e leval-a-hei comigo, o que a vós não faz damno, pois seu habito não é trazer armas pera me defender. Sou contente de vos servir n'isso e no mais, disse elle. Então fazendo-a subir em seu palafrem com sua companhia se foram polo vale por onde lhe pareceu, que na floresta haveria mór montanha. Tornando a Floriano e ao cavalleiro do Valle, que andavam em sua batalha, diz a historia, que o temor que cada um trazia do outro lhes fez occupar tanto o cuidado na salvação de sua vida, que nenhum sentiu a levada de Targiana; e que a sentiram, já estavam taes que lhe não poderam dar soccorro, segundo as feridas que tinham recebidas, e a crueza com que se combatiam, sem se conhecer fraqueza de nenhuma parte: e inda que muita necessidade tivessem de repouso, não quizeram usar delle, que o dia era de todo gastado, e o que estava por passar não queriam que se consumisse, Mas já que o sol declinava a pôrse, e as trevas da noite começavam a escurecer a terra, quiz a fortuna ordenar que aportou naquelle lugar o esforçado gigante Dramusiando, que contra Constantinopla em busca do escudo de

Miraguarda caminhava: e vendo a ferocidade daquella batalha, esteve um pouco olhando a maneira della, porque nunca viu outra, que assim o espantasse. E vendo o estado em que cada um estava, e que as forças iam nelles desfallecendo, e as espadas se lhe revolviam nas mãos, conhecendo nas armas o cavalleiro do dragão, que havia pouco que o vira, ficou muito mais espantado de ver o outro igual a elle: e pondo as pernas ao cavallo se metteu no meio, dizendo: Senhores, peço-vos por mercê que se a razão desta batalha é tal, que vos possa escusar de a não acabardes, que a deixeis, pois vossas disposições estão em tempo de necessidade de repouso, e não de trabalho: ao menos vós, senhor Palmeirim, disse contra o cavalleiro do Valle, deveis outorgar-me isto, que essoutro cavalleiro, posto que o não conheça, lá ficará tempo, em que lhe sirva o que d'aqui lhe ficar devendo. Quando Floriano ouviu nomear Palmeirim, muito mór ferida fez em seu coração do que eram as outras, que de sua mão recebêra, e caindo-lhe a espada da mão se deixou caír sobre ella, dizendo: Se em pôr as mãos a quem não devia fiz erro, contento-me que com a vida o pago, e pois este é o galardão, que meu desacatamento merece, não tenho de que me queixe. Com estas palavras se deixou esmorecer. Palmeirim, vendo tamanha fraqueza em homem, que antes julgava por tão esforçado, não soube que cuidar. E mandando a Selvião, que lhe tirasse o elmo,

e conhecendo ser Floriano do Deserto seu irmão, esteve pera fazer outro termo de muito maior perigo. Dramusiando, que já estava á pé, temendo algum desastre, com palavras saídas de seu animo, que era grande, e pera muito, o esforçou algum tanto com ellas, tendo toda a diligencia que pode em apertar as feridas d'ambos, lembrando-lhe que no tempo do perigo não se há de viver descuidado. Floriano, tanto que lhe tiraram o elmo, e lhe deu o ar, tornou em si, e vendo seu irmão tão maltratado como elle, dizia: Por certo, eu não sei que paga mereça meu erro, se não dar fim á vida com estas feridas, que meus merecimentos me deram; pois tenho o juizo tão fraco, que polos golpes não conheço o senhor delles; já que no mais minha ventura ou desaventura não quiz. Senhor irmão, disse Palmeirim, pera que é queixardes-vos dos desastres, que a fortuna tem; pois são tão geraes, que a quem se mais guarda delles vem cada dia, quanto mais a quem por si os busca. Cuidemos em que se póde servir ao senhor Dramusiando sua chegada a tal tempo; que o mais é escusado. Floriano, ainda que as palavras de seu irmão o fizeram alguma cousa contente, como achou menos Targiana, foi tão triste, que nem podia fallar com ira, e assim como estava quizera ir traz ella, perguntando por onde iam, mas Palmeirim e Dramusiando o atalharam, dizendo-lhe que olhasse a disposição em que estava, e o perigo que sua pessoa podia correr, pondo-se em

caminho, promettendo-lhe como pozesse a elles em parte que se podessem curar, tomaria aquella empreza nas mãos com tamanho cuidado, como trazia da outra do escudo de Miraguarda. Porém a ira de Floriano com nenhuma cousa se amansava, sentindo tanto aquelle acontecimento, que de nenhum outro o podera fazer tão triste. Dramusiando os fez cavalgar, e partir-se daquella floresta. Ao sair della, Floriano poz os olhos na fonte, e lembrando-lhe o que alli perdêra, com elles cheios d'agua, começou dizer: O' valle, quão bem me pareceu tua entrada, e quão caro me custa a saída; porque em pago da má guarda, que tive em quem a devêra ter melhor, offerecerei o corpo aos trabalhos, e porei a vida aos perigos té que a perca de todo, ou torne a cobrar esta perda, que me a mim nunca me ha de esquecer. D'alli foram ter a mosteiro de frades, que com muita diligencia os curaram, que na casa havia quem o sabia bem fazer. Dramusiando se despediu com proposito de cumprir o que prommetêra a Floriano. Aqui deixa a historia de fallar nelles, e torna ao cavalleiro, que levou Targiana, que a seu parecer cuidava ganhar honra com ella, de que era desejoso, não olhando que honra havida de máo titulo se torna em infamia.

CAPITULO LXXXVIII.

EM QUE DÀ CONTA DE QUEM ERA O QUE LEVOU TARGIANA E O QUE LHE ACONTECEU COM ELLA.

Diz a historia que elrei de Dinamarca antre tres filhos, que lhe a natureza dera, especiaes cavalleiros, o primogenito chamado Albanis de Frisa, e era tanto, que quasi em todo seu reino não havia outro melhor. Sendo este Albanis de Frisa de idade de vinte cinco annos, ouvindo as grandes aventuras, que se no castello d'Almourol faziam sobre o escudo do vulto de Miraguarda, namorado della por fama, saíu da côrte delrei seu pai com tenção de ir ter ao seu castello, combater-se com o guardador delle, e vencendo-o, tomar a mesma guarda em si, pola melhor poder servir. No caminho fez muitas cousas em armas, que se deixam de escrever, porque não fazem ao caso desta historia: no fim dellas chegou ao castello d'Almourol a tempo, que o escudo era já levado por Albaysar, e não achando em quem mostrar o desejo em que viera, trabalhou o que pode por ver Miraguarda, de que lhe depois pesou muito; porque, se chegou livre, de outra maneira se partiu, levando em sua vontade revolver todo o mundo, por ver se por força de armas podia tornar o escudo do seu vulto

crendo que com isso a obrigava alguma cousa. Mas ella éra de condição tão livre, que folgando com os serviços, sabia mal agradecel-os. Albanis com a deligencia, que nisso pôz, desembaraçando-se das outras aventuras que lhe succediam; chegou a Constantinopla a tempo que já Albaysar não achava com quem combater-se: e vendo a multidão dos escudos, que ganhára a veneração em que então naquella corte o tinham, desejou muito mais esperimentar-se com elle. Mas como sua bondade nas armas; posto que fosse grande; não igualasse com a d'Albayzar, depois de correr tres carreiras, e a cada uma quebrarem as lanças, na derradeira Albanis com a sella entre as pernas, vejo ao chão, Albayzar, inda que perdeu os estribos ficou a cavallo. E porque Albanis não trazia escudo, deixou em lugar de vencido de Albayzar, uma peça de suas armas, e partiu-se logo da côrte, perdida de todo a esperança de poder servir Miraguarda: e indo assim com este descontentamento, chegou ao valle da fonte, onde Palmeirim e Floriano se combatião. E vendo Targiana, alem de lhe parecer das mais bellas do mundo, crendo que aquella era a propria por quem Albayzar se combatia, desejou leval-a comsigo e tornar a Constantinopla, affirmando na vontade, que desta segunda vez se lhe não poderia amparar Albayzar. Targiana era tratada com toda a honra e cortezia, que lhe parecia necessaria. E posto que de principio quiz provar com palavras se lhe poderia ganhar a vontade, achando-a

nisso dura, cessou de seu preposito. E indo com ella pera Contantinopla ao segundo dia de suas jornadas, a horas de vespera, por uma floresta alongada de povoado, viu vir contra si um cavalleiro armado de negro, em um cavallo murzello, grande e bem feito, tão descuidado e triste, que não trazia accordo pera sustér as redeas na mão, nem força pera se poder levantar na sella: Albanis de Frisa o salvou cortezmente, como elle costumava. O outro passou sem lhe responder, que tambem de transportado este era seu costume, e como naquelles dias Albanis desejasse parecer bem a Targiana, voltou sobre elle, dizendo: Cavalleiro, já que minhas palavras foram tão mal agradecidas de vós, que me as não quizestes pagar com outras, assim como ellas ao menos com esta senhora devereis usar mais cortezía. Se eu alguma cousa errei, disse o cavalleiro do Valle, emendál-o-hei no que me mandar, e se vos queixaes de vos não fallar, não tendes razão, que eu ando tal que nem ouço o que me dizem, nem vejo quem passa: assim me trata um cuidado que de tudo me faz esquecer. Quero saber de vós, disse Albanis, que cuidado é esse que vos assim trata: pera vêr se é tal que o possaes alegar por desculpa de vosso máo ensino. Senhor cavalleiro, respondeu o do Valle, segui vosso caminho, deixai me com meu cuidado, pois ganhais pouco em sabel-o, e eu perderia muito se o dissesse. Mas Albanis, querendo saber o que lhe perguntava, vieram em tan-

ta rotura de palavras; que tomando do campo o necesario, cubertos dos escudos, as lanças baixas, se encontraram de sorte, que as fizeram pedaços. Ao passar se encontraram com tanta força, que o cavallo d'Albanis houve uma espadoa quebrada, e caiu com elle levando-lhe debaixo a perna direita de maneira, que primeiro que podesse saír delle, o cavalleiro negro saltando fóra do seu com mais espirito de vivo do que mostrava quando vinha polo valle, o fez render, e dar-se por vencido. E querendo seguir seu caminho, Targiana o tomou pola manga da loriga, dizendo: Senhor cavalleiro, peço vos que assim como pera os perigos mostraes esforço, e pera as tristezas animo, que tambem pera as tristes vos não falleça soccorro, ou ao menos vontade de as amparar. E se pera a côrte do imperador caminhaes me consintaes em vossa companhia, porque lá me convem ir esperar um cavalleiro, que me trazia. Senhora, disse o do Valle, eu cuidei que esse que comvosco vinha, vos acompanhava; mas pois assim não é, e vós quereis ir pera essa côrte, eu pera lá vou, e servir-vos-hei no que poder: e que não possa o que vós mereceis, satisfarei com a vontade o que as obras fallecerem. Assim se foram seu caminho, deixando Albanis só, tão triste, e descontente quanto nunca o cuidou ser. O cavalleiro do Valle seguiu seu caminho sem achar cousa, que lhe impedisse, té chegar a Constantinopla, indo ás vezes passando o trabalho do caminho em perguntar a Targiana quem era; e

porque razão vinha com aquelle cavalleiro. Targiana, que sentiu ser pessoa, a que se não devia encobrir, deu-lhe conta de toda sua fortuna; por onde, dalli por diante foi tratada delle com mór acatamento, posto que sabia por sua causa Albayzar furtára o escudo de Miraguarda, não lhe dando então tanta culpa, porque a fermosura de Targiana era poderosa de obrigar os homens fazer qualquer desmancho. Assim chegáram á côrte a tempo que Albayzar, enfadado de lhe não sair ninguem estava pera se ir outro dia e levar comsigo os escudos que ganhára, de que o imperador recebia muito pesar, e estimava tanto aquella quebra de sua côrte, que a sentia pola mór ofensa e injuria que nunca lhe fora feita. Já a Primalião não havia quem lhe ousasse fallar, nem queria ver ninguem; e porque o imperador lhe não deu licença pera se poder combater com Albayzar, tinha determinado il-o esperar dalli tres ou quatro legoas fóra da cidade, e combater-se com elle, levando o escudo do vulto de Gridonia, que pera isso mandára fazer secretamente e ver se poderia restaurar todos os outros, que Albayzar levava e tornal-os a seus donos; mas ao fim nem teve necessidade disso, nem a fortuna d'Albayzar quiz ir tão avante, que fosse necessario: e não é de espantar que o seu costume assim é; a ninguem subir muito, que não seja pera maior quéda.

CAPITULO LXXXIX.

COMO O CAVALLEIRO DAS ARMAS NEGRAS SE COMBATEU COM ALBAYZAR.

O Dia, que o cavalleiro das armas negras chegou a Constantinopla por ser já tarde e não ter tempo pera fazer batalha, apousentou-se fóra dos muros em casa de um cavalleiro ancião, que o agasalhou mui bem, dando a Targiana e suas donzellas apousento por si, e aos homens em outra parte. E porque o cavalleiro das armas negras naquella terra era mui conhecido, trabalhava por se encobrir á todos: ao outro dia em amanhecendo ouvia missa, armado de todas armas, em uma ermida, que estava fóra da cidade. Sahido o sol, Targiana se levantou e ataviou das mais ricas e louçãas roupas que trazia, fazendo tambem concertar suas donzellas, que, alem de fermosas, vinham tão apercebidas pera aquelle dia, como se fôra o proprio, em que sua senhora podera casar. Targiana se vestiu uma roupa inteira com mangas a guisa de Turquia de setim negro, forrada de tela d'ouro com golpes nos lugares onde pareciam mais necessarios e podiam dar mais lustro, broslada por todolos cabos é roda d'umas trepas d'ouro de martelo feitas á maneira de folhagem, semeados por ellas alguns robins e diamantes, postos a compasso. Sobre os hombros um collar, que os occupava, tambem de pe-

draria de tanta valia, que a muita sua o fazia não ter preço. A cabeça trazia sem nada, porque os cabellos mereciam não ser occupados d'outra cousa, somente vinham tomados atraz com uma fita de preto e ouro, somettidos por dentro de maneira, que lhe dava muito ar ao rosto. E la em cima d'um palafrem fermoso, remendado de preto e branco, guarnecido d'ouro de martelo com alguma pedraria em lugares convenientes; em companhia do cavalleiro Negro entrou pola cidade, atravessando contra o paço. Ao tempo que chegaram ao terreiro onde faziam as justas, Albayzar acabava de derribar um cavalleiro Inglez por nome Estrope de Beltrão, e poz o escudo c'os outros. E como já estivesse o imperador e toda sua côrte vendo as justas, e o terreiro occupado d'outra gente miúda, por ser isto um domingo, vendo entrar o cavalleiro das armas negras em companha tão nobre, esperavam delle grandes cousas, porque, alem daquellas insignias, o seu parecer e mostras davam testemunho de seus feitos. Fez sua entrada tanto abalo em toda pessoa, que em pequeno espaço foram cheias de damas e cavalleiros signalados as partes donde se podiam vêr as justas. E o que a todos mais espantava e mais vinham a vêr, era a fermosura, riqueza e atavios de Targiana, que a vinham vêr como cousa cahida do Ceu. Albayzar, vendo tanto rumor na gente, cousa não costumada, inda que natural é ao vulgo folgar com novidades, foi rompendo c'os olhos por antre a multidão e enxergando a Targiana, esteve pera cahir, não porque de todo a conhe-

cesse, mas porque os corações namorados qualquer cousa os move. Chegando ao cerco da paliçada, o cavalleiro das armas negras, se deteve em olhar os escudos, que Albayzar ganhara, e vendo abaixo delles o de Miraguarda, encheram-se-lhe os olhos d'agua, dizendo antre si: Como pode, senhora, ser que a cousa em que se a natureza mais extremou estejá por despojo de quem se póde contentar de ser vencido della. Folgo ser vindo a este tempo, que eu morrerei por defender esta verdade, ou a mentira d'Albayzar terá o fim que merece. Albayzar não menos teve em que comtemplar, que ante si Targiana em cujo nome tantas cousas fizera, afirmando a vista nella, nem sabia o que cresse, que sem duvida elle a tinha por essa: d'outra parte duvidava: o desejo incitava-o a perguntar-lho; o temor de sua pessoa defendia-lho; antre um e outro pensamento fazia mil differenças, não sabia determinar-se, em nenhuma. O cavalleiro Negro, depois de passar com o vulto de Miraguarda as palavras que o amor lhe offerecia, virando-se a Albayzar conheceu nelle os extremos em que estava, e levantando a voz, disse: Que olhas, Albayzar? Esta é a senhora Targiana, que de longe vem vêr teus feitos, porque tua fama é dina de tudo. Albayzar, antes que respondesse nem fizesse outra mudança, ouvindo o nome de sua senhora, que em tantos trabalhos o pozera e de todos o salvara, saltou do cavallo e a pé, tirando o elmo, lhe foi beijar as mãos, dizendo: Senhora, não sei como creia tamanho bem, pois meus merecimentos não se acham dino

delle. Targiana o recebeu com muito gasalhado estimando muito os serviços, que lhe fizera, que ella muito bem via na multidão dos escudos, que alli estavam, ganhados por elle; e naquella hora se varreu da memoria o amor de Floriano, com tamanho esquecimento como se nunca o vira, pondo-o todo em Albayzar. Mas que presta, que nellas assim pera o mal como pera o bem estão estas mudanças prestes: em nenhuma tem assocego: por pequenos apetites esquecem quaesquer obrigações passadas, ainda que de muito maior qualidade sejam, e depois, conhecendo-lhe todos pera o sentir, não o olhamos pera nos guardar. Isto nos procede e vem da fraqueza da carne, que sendo fraca em tudo, pera co'ellas é tanto mais fraca, que, conhecendo suas obras, nos vencem suas mostras, sentindo seus enganos, deixamonos enganar dellas; sabendo que em fim por um pequeno desgosto esquecem serviços grandes, a grandes merecimentos dão pequeno galardão e guardam seus bens pera o que menos merece e os mal sabe sentir. Tornando ao proposito, Albayzar, depois que fez o acatamento que devia, tornou a cavalgar tão solto e airoso como quem de novo criara forças, e tornando à pôr o elmo, disse ao cavalleiro Negro: Dom cavalleiro, agora quero saber de vós porque via a senhora Targiana vem em vossa companhia, e depois se comigo quereis justar apresentai escudo e entrareis no campo. A via, porque trago Targiana, disse o cavalleiro Negro, acabada nossa contienda, ella melhor que eu to poderá dizer. O

escudo, que dizes que presente pera justar comtigo, não o trago, que o que podera trazer tu o furtaste; apresentarei este corpo, se me venceres, vinga-te nelle como no maior imigo, que tens; que eu, se vencer a ti, não quero outra victoria senão tornar o escudo de Miraguarda onde antes estava. Mas seja nossa batalha, disse Albayzar, pois tanto te prezas, de ti desta sorte: que, se me venceres, alem de ganhares esse escudo com todolos outros, me leves ante Miraguarda e ella determine de minha vida o que quizer; e sendo tu vencido, que a senhora Targiana possa fazer de ti o mesmo. Tanto a meu contento cometes esse partido, disse o cavalleiro, que se a imigo fosse honesto dar agradecimentos, eu te mostraria o muito, que nessa parte te devo. Digo, que o aceito assim como queres; e espero que o fim da batalha seja como mereces. O imperador e todos ouviram aquellas palavras, e em Primalião mais que a ninguem fizeram assento, suspeitando por ellas quem podia ser o que as dizia. Os juizes metteram dentro da paliçada o cavalleiro Negro e Targiana, que Albayzar lho pediu assim. E depois de lhe partirem o sol, pondo cada um os olhos no que mais lhe dava vontade, ao som d'uma trombeta, co'as lanças no resto, cubertos dos escudos, remetteram com tamanho impeto como lho fazia levar a causa porque se combatiam. Os encontros foram taes, tão bem acertados e dados com gram força que ambos vieram ao chão: Albayzar por cima das ancas do cavallo, e ao cavalleiro Negro rebentaram as cilhas

do seu. Grande esperança pôz a mostra deste encontro no imperador, com lhe parecer que Albayzar não partiria da corte como antes receavam. Elles foram logo em pé, e arrancando das espadas, manencorios de se vêr derribados, começaram sua batalha ferida e travada de tal maneira, que sendo seu o damno, naquelles que a viam fazia gram temor. Bem conheceu Albayzar que as forças daquelle homem e as dos outros, com quem se foi a combater, eram differentes, e assim elle mostrava em seus golpes muita differença. Ambos os davam a miudo e tão sem dó, que dos elmos, alem d'andarem abolados, sahia de quando em quando chamas de fogo como de uma viva fragoa. Os escudos não duraram muito nos braços, antes estavam polo chão semeados em rachas, em tão pouco espaço os desfizeram, que o imperador se benzia, havendo aquella batalha pola mais notavel que nunca vira; dizendo: Por certo a alta bondade de Albayzar ninguem a poderá negar, mas o outro não me parece, que lhe quer ficar devendo nada. Senhor, disse Graciano, tirando a batalha de Palmeirim e Floriano vossos netos em Inglaterra, que de dous cavalleiros foi a maior que nunca vi, nem cuido que ninguem viu, logo a pós ella esta me parece dina de maior memoria de quantas em nossos tempos possam acontecer. Albayzar, que via diante si a fermosa Targiana, e havia por quebra ninguem lhe durar tanto, mostrava muito mores forças e esforço do que natureza lhe dera. O cavalleiro negro

que tambem achava ante os olhos quem o punha na mesma obrigação, fazia milagres. Desta maneira se combateram tanto tempo que os que de fora os viam cansavam, e nelles não parecia nenhum cansaço. Já neste tempo as armas começavam descobrir as carnes, os duros fios de suas espadas as enceitavam por muitas partes. Targiana estimava tanto a valentia d'Albayzar, que nenhuma outra lhe parecia igual a ella: e desejava vêr o fim daquella batalha com victoria de seu amigo; porque naquella cria que consistia tambem o fim da victoria e gloria de sua empreza: mas o cavalleiro negro não com esta confiança se combatia. Tanto trabalharam ambos, tão grande espaço pelejaram, tão mal trataram suas pessoas, que de necessidade lhes conveio apartarse por cobrar alento, de que ja estavam desfalecidos. Albayzar pôs os olhos nas suas armas, viu as rotas e grande parte de seu sangue esparzido pelo campo, e olhando para quem o fizera vir áquelle ponto, viu a triste e algum tanto desacordada, e disse contra ella: Que me prestam minhas victorias passadas, que gloria posso ter dos meus grandes acontecimentos, que me val a memoria de quantas batalhas venci, se agora nesta espero perder a honra, que em muitos dias, e com muito trabalho ganhei? O' senhora Targiana, se eu em vosso nome desbaratei o mundo todo, porque consentis quem vossa presença um só cavalleiro me destrua. Ou he que vos esqueço, ou vos lembra outrem mais que eu; porque as outras rasões ninguem as tem melhores pera levar sua vitoria avante. Quem mais fermosa

que vós, quem mais alta princesa e dina de ser servida? Por certo a batalha poder-se-ha perder, e perder-se-ha por minha fraqueza, mas não polo merecimento de vossas qualidades, ou porque alguem mereça mais que vós. Pois o cavalleiro negro neste espaço não passou o tempo em vão, antes encomendando-se a sua senhora, vendo a necessidade em que estava, dizia: Já que nas cousas, que a mim tocam, vos não lembrei nunca, nesta que é tanto vossa, não deveis esquecer-vos. Albayzar se té agora venceu tantos teve razão de os vencer todos, que Targiana he mais fermosa, que quantas aqui té seus escudos: mas contra vós que rasão pode haver para quem vos serve não vencer o mundo todo? Se o que vos quero não aproveita pera vos lembrardes de mim, nem sentir o mal que me fazeis, aproveite pera hoje levardes a victoria de quem a não deve ter de vós; e então matai-me se o desejais; seremos ambos contentes. No cabo destas palavras, que cada um passou comsigo, tornaram remetter um pera outro; e porque ja nas armas não havia defeza, trataram-se tão mal, que o imperador e os que viam a batalha, julgavam ser aquella a derradeira d'ambos: Primalião, como que lhe revelava a carne alguma cousa, estava tam triste de ver as feridas do cavalleiro negro, como se as elle recebera; posto que no semblante do rosto ninguem lho sentia: que isto hão de ter os corações grandes, sentir os danos alheios e ninguem o conhecer nelles. A imperatriz e Gridonia por não ver o fim da batalha se tiraram das janellas. Pois elles ás vezes se deixavam de ferir e travava-se a braços

esperimentando suas forças por se derribar, tudo pera mais seu dano, que faziam rebentar o sangue em tanta quantidade, que parecia que dentro delles não ficava nenhum. Outras vezes se davam com os punhos das espadas, com que faziam abolar os elmos, mas como a fraqueza d'ambos fosse grande, pelejavam mais brando e com menos força que no principio. Albaysar, que havia grande pedaço que se sostinha na presença de Targiana, afrontado das armas, cançado do espirito, desfallecido das forças, supitamente sem nenhum acordo, caiu no chão, de que o cavalleiro negro deu graças a sua senhora, como quem andava já pera fazer o mesmo. E desenlazando o elmo a Albayzar, foi por lhe cortar a cabeça. O imperador, vendo sua determinação, quiz estorvar-lho com bradar que o não fizesse; e porque fingiu que o não ouvia; Targiana se deitou do palafrem sobre Albayzar, dizendo ao cavalleiro negro: Peço-vos, senhor, que a mim mateis primeiro, depois fazei delle o que quiserdes: ao menos não veja eu sua morte, pois fui causa della. O cavalleiro negro o deixou, louvando muito a Targiana aquella humanidade pera com quem a servia, crendo de sua senhora que se naquelle tempo o vira, estimara pouco sua vida pera a pedir a ninguem. Os juizes entraram no campo e o houveram por vencido, e quizeram tirar delle o cavalleiro negro; mas elle não quiz sem Targiana, que receou, que nem sabendo quem era, fosse tratada com menos auctoridade do que devia. O escudo de Mira-

guarda foi posto em seu lugar, que era onde antes só hia estar o de Targiana; e o de Targiana tirarão delle, e posto onde o outro com menos razão estava posto. A esta hora já o imperador era no terreiro com toda sua côrte, e querendo receber o cavalleiro negro, e saber quem era, e mandar levar tambem Albayzar a seu aposento, elle tirou o elmo pera lhe beijar as mãos, dizendo: Senhor, a esta fermosa senhora primeiro que a ninguem mande V. A. agasalhar, que pera nós qualquer cousa basta. Quando o imperador conheceo que o cavalleiro negro era o principe Florendos seu neto, soube mal dissimular o aballo, que aquelle prazer fez nelle. Primalião, que algum tanto era de coração mais robusto, encobria aquelle contentamento melhor. E porque algum espaço se não gaste em palavras e recebimentos, fizeram levar Albayzar ao aposento do imperador. Targiana, sabido quem era, foi dada por hospeda a Polinarda que ella ó pedio assim ao imperador seu avô, onde com tanta ceremonia e estado foi servida como em casa do turco o podera ser. Tantos senhores e cavalleiros recreceram pera ver Florendos, que não o deixavam curar nem sobir as as escadas do paço. A imperatriz com Gridonia, depois de o apertarem comsigo, lançando muitas lagrimas, estiveram presentes á cura de suas feridas, não recebendo menos dôr dos pontos, que se nellas davam, que se foram suas proprias. Logo foi deitado em um leito; porque pera sua saude era assim necessario. O imperador fez curar Albayzar com muita presteza: e sendo certificado do mestre que

as feridas não eram de morte, ficou contente da vitoria mais do que antes estava. Os escudos estavam no campo, que o imperador o quiz assim, té Florendos ser são; e o de Miraguarda posto no lugar da vitoria, que era mais alto que todos; e assim era bem, pois uma das maiores sem razões desta vida he tirar a ninguem o seu.

CAPITULO XC.

DE UMA AVENTURA, QUE A DONZELLA DE TRACIA TROUXE À CORTE.

Alguns dias passaram depois do vencimento de Albayzar primeiro que elle nem o principe Florendos, fossem sãos de suas feridas. O imperador com a gloria daquelle vencimento andava tão ledo e contente, que nunca nenhum tempo o foi mais. A imperatriz e Gridonia passavam os dias arredor do leito de Florendos, gastando o mais delles em louvores da fermosura de Miraguarda, que pera elle era verdadeira mezinha de sua saude. O imperador e Primalião acompanhavam Albayzar, consolando-o de seu vencimento. E posto que Albayzar mostrava agradecer-lhe aquella vontade, lá lhe ficava damnada a sua pera empecer-lhe o que podesse, como depois fez. Pois a infanta Polinarda tambem por sua parte fazia todolos mimos e gasalhados, que podia a Targiana: e posto que estas boas obras Targiana sou-

besse sentir e agradecer, vivia tão descontente em ver a avantaje que a fermosura de Polinarda lhe fazia, que só este desgosto lhe não deixava lograr os outros contentamentos que lhe naquella casa faziam. Todo seu desejo era ver são Albayzar pera se partir della. Neste tempo Constantinopla estava tão cheia de cavalleiros famosos e damas fermosas e muito louçãs, que então se cria que nella encerrava a flor de tudo. Só os dous irmãos falleciam dos muros a dentro, pera se affirmar que alli não faltava nada. E posto que o imperador tão alegre e contente vivesse naquelles dias, nem por isso perdia o desejo de ver seus netos Palmeirim e Floriano, com cujas obras sabia que as dos outros homens podiam estar em quedo. Estando a côrte neste estado, acabando elle de jantar com a imperatriz e sua nora e neta e princeza Targiana na horta de Flerida, que nunca mais perdeu este nome, acompanhado de cavalleiros e damas, que pera este dia sairam custosas e louçãas, debaixo da sombra d'uns loureiros, que em torno d'uma graciosa fonte estavam, entrou pola mesma horta uma donzella tão grande de corpo, que parecia giganta; e inda que na feição do rosto parecesse feia, dava tanta graça e ar ao que vestia, que ao parecer de todos a julgavam por fermosa: trazia vestida sobre uma cota de setim branco forrada de tela de prata, que arrojava té o chão, uma marlota azul com barras d'ouro de martello, cravadas a lugares com pedras de muito preço e

em roda e pelos bocaes das mangas, que andavam dependuradas, lavrada de fio d'ouro largura de quatro dedos uma montaria de veados e caça d'outras aves, tudo tão subtil e loução e tão arteficiosamente composto, que alem de ser muito pera ver, tambem era muito pera desejar. Na cabeça sobre uma tira com que rematava os cabellos um chapeo de guedelha azul lançado a uma parte, tão airoso, que se não podia mais pintar, vinham com ella dous escudeiros, que a acompanhavam. Chegando ante o imperador, um delles tirou debaixo da capa uma caixa quadrada de marfim, lavrada de marcenaria d'obra romana, cravada nos logares onde se as taboas pregavam com chapas d'ouro, guarnecidas de pedras de tanto preço, que a faziam de não menos valia que louçãa. A donzella a tomou nas mãos, e abrindo-a com uma chave dourada, que trazia lançada ao pescoço pendurada d'um cordão preto, tirou de dentro uma copa do mesmo comprimento da caixa, d'uma invenção nova e galante: a materia de que era composta ninguem a soube determinar. Estava guarnecida de singular pedraria, e esta tão escura que não se podia saber o nome de nenhuma das pedras. A composição da copa era de tal arte, que quem o olhava de fora trascendia com a vista o que estava dentro, que era uma pouca d'agoa tão congelada e mociça, que o não parecia nem fazia nenhum movimento de si, inda que com a copa se bulisse. Depois que a donzella a tomou nas mãos, tornando a caixa ao es-

cudeiro que lh'a dera, pondo os olhos em roda, disse a vóz alta: Agora, grande e poderoso imperador, quero ver o que vossos cavalleiros farão na aventura desta copa, que eu, cansada de correr as outras côrtes de principes, onde muitos a provaram e nenhum lhe deu fim, venho á vossa, que é a mais sinalada do mundo, crendo que sempre aqui sobejára o remedio, que nas outras partes fallece. E primeiro que a provem é necessario que se saiba o mysterio della, pera que com mór affeição cada um queira mostrar pera quanto é, o que quer a quem serve. No reino de Tracia, poucos tempos ha, reinou um rei por nome Sarmadante, tão gram magico, que trespassou todos os magicos, que em seu tempo houve. Este teve uma filha, que a natureza estremadamente fez fermosa. Quiz sua ventura que antre muitos cavalleiros que a serviam como a mais fermosa dama daquelle tempo, se namoraram della dous grandes amigos, vassallos de seu pai: um se chamava Brandimar, e outro Artibel. Como estes se não descobrissem um ao outro, durou tanto tempo este segredo antre elles, té que a fortuna invejosa do bem o descobriu pera mal d'ambos. Assim aconteceu, que como por largos annos servissem Brandisia, que assim se chamava a princeza, ella se contentou tanto d'Artibel polo merecimento de sua pessoa, ou por sua affeição se inclinar mais a elle, que se lhe entregou de todo. Sendo o amor antre elles tal, que seria duvida d'antes nem depois muito tempo acharem-se duas pessoas, que assim

igual e grandemente se amassem. E posto que a princeza muito encerrada e guardada estivesse, o amor, que nestes casos sempre descobre lugares pera o fim de seu desejo, deu azo como Artibel por umas torres, donde se não podia ter suspeita, entrou com a princeza. Continuando-se a conversação, veio a conceber delle uma filha, que em fermosura e todalas outras graças não deve nada a sua mãi. Brandimar, como nestes dias o amor o não deixasse repousar, passava-os todos no paço, occupando de continuo os lugares donde podia ver Brandisia, e as noites gastava arredor de seu apousento, porque alli satisfazia o coração com ver as paredes, que seu bem encerravam: aconteceu que uma vez, lançando-se Artibel por uma corda da torre por onde entrára, o viu Brandimar, e inda que o conheceu, foi nelle a paixão tamanha, que esquecendo os preceitos d'amizade, vieram em tanta quebra de palavras, que embraçando as capas, com as espadas se começaram ferir, e foram os golpes taes que el-rei acordou a elles, que isto era ante a camara onde dormia. Acudindo acompanhado de sua guarda, achou Brandimar já quasi morto, e Artibel foi preso. El-rei, sabido de Brandimar o caso como passava, e, acabado de lho dizer, expirou: e alcançando por sua arte que sua filha era prenhe de sete mezes, quiz aguardar que parisse, e em tanto teve preso secretamente Artibel, a quem passado o tempo, porque esperava, mandou matar; e tirando-lhe o coração polas costas, e metido nesta copa, o mandou apresentar a sua fi-

lha, declarando-lhe a verdade de sua morte. A princeza depois de certificada da verdade, desejosa de mais não viver, tomou a copa nas mãos, e dizendo sobre o coração d'Artibel palavras de muita dôr e piedade, a encheu de lagrimas. Cansada de praticar sua dor, querendo mostrar por obra o amor, que lhe tivera, tirou o coração de dentro e mandou a copa com as lagrimas a seu pai, dizendo a quem a levava: Dizei a elrei que este é o derradeiro despojo da minha vida e este contentamento lhe fique em paga da crueza, que comigo usou; que a mim fica o coração de Artibel, porque a conformidade que ambos tivemos na vida, essa se veja na morte. Mandada a copa, vestindo-se de vestiduras reaes, como quem pera alguma festa se ataviava, metendo o coração de Arbitel no seio entre a camisa e a carne, se deitou da mesma torre donde elle sohia entrar. Elrei, vendo sua filha morta, depois de lhe dar a sepultura, tomou Leonarda sua neta, que assim lhe poz nome, e a metteu na mesma torre onde em conversação de algumas donas e donzellas se criou té ser de idade de quatro annos: e fazendo um encantamento meia legua da cidade em um valle aparelhado pera isso, a metteu nelle sem ninguem a poder ver mais. Algumas pessoas, olhando de longe, vêem contra aquella parte umas torres e edificios grandes, e chegando perto as perdem logo de vista: e tomando a copa em que sua filha chorou, que é esta, e fazendo-lhe perder a côr na-

tural, que antes sohía ter por sua arte; congelou as lagrimas dentro, da maneira que aqui vedes. Ao tempo de sua morte; porque o reino ficava sem herdeiro, mandou que esta copa fosse levada por todalas côrtes de principes, pera a provarem os cavalleiros: e que aquelle que fosse de tanta virtude, que tomando-a na mão a fizesse tornar em toda sua claridade e perfeição pera nunca mais a perder, cressem que naquelle tempo passava todolos outros em valentia e amor, e que este desencantaria Leonarda e cazasse com elle, e fosse rei de Tracia. E sendo caso, que o amor, que antes tivesse, o obrigasse ao não querer fazer, que então Lionarda tomasse de sua mão o marido que elle lhe desse. Disse mais, que se algum fosse tão singular namorado, que não devesse nada ao que desencantasse a copa, que este tambem tomando-a na mão a faria tão clara a ella e as lagrimas, como ante eram, porem que deixando-a, e tomando-a outro menos namorado faria logo outra mudança, segundo quem a tomava. Porque o verdadeiro desencantar não pertencia senão a quem ambas qualidades tivesse: e inda que outro algum, sendo especial cavalleiro, a tivesse na mão não sendo namorado, a copa não faria mudança. E disse que depois de desencantada, todo servidor ou dama que se nas lagrimas olhasse, veria dentro nellas a propria figura de quem amasse leda ou triste, segundo o amor lhe tivesse. Mais disse que depois de desencantada quizessem

os cavalleiros tornar a provar, o que fosse mais desfavorido de quantos então amavam, que tomando-a nas mãos achariam tanto ardor nella, que a não poderiam soffrer. Isto seria segundo os quilates dos desfavores, que cada um tivesse: e aquelle, que nisto fizesse vantagem a todos, faria fazer a copa muito mores sinaes que nenhum outro. Agora, senhor, mandai provar os vossos, e começai vós primeiro, pera que se veja o amor que inda tendes á imperatriz, se é tão firme como no tempo passado: e as damas de vossa casa saibam que tem em quem as serve. Em boa afronta me quereis ver, disse o imperador, porem fal-o-hei, por contentar os que a não acabarem, como espero fazer, que assim me aconteceu no espelho de Farnaes que D. Duardos desencantou: mas eu sei que a imperatriz não dará a culpa a mim, senão a idade que não tenho, pera que estas aventuras se fazem. Nos cavalleiros e damas começou a haver alvoroço, e não é muito pois as cousas novas de natural são aprazíveis.

CAPITULO XCI.

DOS QUE PROVARAM A AVENTURA DA COPA, E DO QUE N'ISSO FIZERAM.

Acabando de dizer a donzella a razão de sua vinda, a rogo dos que estavam presentes, quiz o imperador que logo se começasse a prova da copa, e querendo ser elle o primeiro, postos os olhos na imperatriz, disse: Por certo, senhora, se estas cousas em alguma fallam verdade, e esta aventura por amór se ha de acabar, escusado será proval-a mais ninguem, que eu só a acabarei. Então tomando a copa nas mãos, a teve um pequeno espaço sem fazer mudança, de que ficou algum tanto corrido. A donzella lha tornou a tomar, dizendo: Senhor, bem se parece que tudo passa: porque se em outro tempo esta copa vos tomára, ou isto saira assim ou não. Primalião a tomou traz elle, e aconteceu-lhe da mesma maneira que ao imperador seu pai, ficando muito mais corrido que elle; porque sentiu em Gridonia paixão de lhe ver acabar tão pouco. Vernao principe d'Allemanha, esposo de Vasilia, se levantou, e tomando-a nas mãos começou fazer uma pequena mudança de claridade, porque seu amor já naquelles dias não era merecedor de mais. Então creram todos que na copa havia o mysterio, que a donzella dissera, porque té li duvidavam, não vendo que fizera nenhuma mostra na

mão daquelles principes, que tão namorados foram. E Primalião era o que mais sustentava ser tudo abusão. El-rei Polendos a tomou da mão de Varnao algum tanto clara, e tornou-se-lhe tão escura como antes estava. Nas damas houve muito riso de ver aquelle desastre, e a donzella lhe disse: Senhor Polendos, se vós por outra via não mereceís mais a vossa dama que polo que lhe quereís, assás de pouco vos deve. Senhora, disse elle, ha tanto tempo que cuidados namorados me deixam, que não é muito que o mostrem nesta experiencia d'agora. Logo se levantou Graciano confiado no que queria a Glarisia, e tomou a copa e supitamente se tornou tão clara, que cuidaram que não havía mais que fazer. Com este contentamento a teve assim um pouco, e dando-a a Gorim seu irmão, se tornou tão negra e escura como de principio. Grande prazer e festa havia nas damas de ver as mudanças, que a copa fazia com cada pessoa, que era assás prova do que tinham em seus servidores. Beroldo principe de Hespanha, que em extremo amava Onistalda filha do duque Drapos de Normandia, se pôz em pé, e pondo primeiro os olhos n'ella, disse antre si: Senhora, que nas outras cousas espere vossa ajuda e favor, nesta a não quero, nem vós ma deis; porque só no merecimento do que vos quero a espero de acabar: e tomando a copa com ambas mãos, se tornou tão clara quanto té li não fôra em poder de ninguem. As lagrimas que antes estavam feitas em uma cousa mossiça, co-

meçaram a converter-se no que eram, mas não que de todo o fizessem. A este tempo não pòde Onistalda encobrir tanto o contentamento daquella experiencia feita por seu serviço, que as outras o não conhecessem n'ella. Após Beroldo, veio Platir, que aquelles dias servia Sidela filha de el-rei Tarnaes; e inda que verdadeiramente de grande amor a amasse, algum tanto em sua mão se tornou a copa menos clara do que Beroldo lha dera. Belisarte, que servia Dionisia, quiz tambem provar sua sorte, e em seu poder escureceu a copa algum tanto mais do que lha dera Platir. Darmiante, que servia Floriana, veio traz elle, e da mesma maneira que tomou a copa a tornou a deixar sem fazer nenhuma mudança de mais nem menos. Logo veio o principe Francião, que servia Bernalda, porém ganhou tão pouco naquelle feito, que folgára de o não ter começado; porque a copa em seu poder perdeu toda a claridade, que os outros antes lhe deram. O imperador seu avô, que o viu tão pejado e corrido, o tomou antre os braços, e rindo-se, disse: Filho Francião, folgai muito de serdes tão livre, que nem as damas terão em que vos empecer, nem vós que esperar dellas. Traz Francião veio Frisol, Onistaldo, Estrelante, Tenebror, Luyman de Borgonha, Pompides, Blandidom, Germão de Orleans, Dirdem, Polinardo Tremorão, Romorante, Albanis de Frisa, que ahi se achou neste dia; e posto que alguns destes na copa fizessem algumas mostras de namorados, nos mais delles tornou

a perder a côr que lhe dera a fineza do amor de alguns: e antre elles os que neste caso mais honra ganharam foram Polinardo, Roramonte, e Germão d'Orleans. Porém nenhum chegou ao principe Beroldo, que com muita parte fez vantagem a todos os outros. Já que não havia quem provasse a aventura da copa, e a donzella descontente de a não ver acabar, o imperador se lembrou de Floramão, e vendo que desviado daquella parte estava lançado ao pé de uma arvore, fóra de querer-se experimentar naquella aventura, lembrando-lhe que jã perdêra a causa que em taes alvoroços o mettia, o mandou chamar por um donzel, pedindo-lhe que provasse sua sorte de mistura com os outros. Floramão lhe respondeu: Quem, senhor, a teve sempre tão má em tudo, que esperança lhe pode ficar de a ter n'isto boa? Eu farei o que me vossa alteza manda, minha ventura faça o que quizer, que já me não pode fazer mais triste do que o sou ha muitos dias. E tomando a copa nas mãos, disse: Senhora, se lá onde vós estaes, minhas lembranças vos chegam, olhai o perigo em que estou, tirai-me delle, pois minha vida está posta nos outros, em que a vós deixastes. Acabadas estas palavras, a copa se tornou tão clara, d'uma côr tão viva e excellente, as lagrimas tão desfeitas em agua verdadeira, que todos deram a aventura por acaba, senão a donzella, que sabia o que lhe ainda fallecia pera o ser. O imperador se foi para elle, dizendo: Bem sabia eu, senhor Floramão, que pera vós se guardava esta aventura: e na verdade pe-

ra eu o crer não era necessario nenhuma outra experiencia, se não a fé, que em vossas cousas tenho: folgo que isto assim aconteça pera que os outros a tenham assim como eu. As damas, que muito affeiçoadas eram ás cousas de Floramão, d'alli por diante o foram tanto mais, que nenhuma sua lhe podia parecer mal. A donzella, que viu que o imperador e todos davam a aventura por acabada, disse em voz alta: Senhor, sentai-vos, socegai os vossos, que inda que este cavalleiro fizesse tanto, como vedes, muito fica por fazer. Bem sei eu, disse Floramão, que sempre o bem mostrou os começos pera me contentar, e guardou os fins pera me matar com elles. O imperador e imperatriz se tornaram a socegar; e porque ainda era cedo, esperaram por ver se viria outro algum: não tardou muito D. Rosuel, e inda que elle fosse grandemente namorado da fermosa Dramaciana, em sua mão perdeu a copa gram parte da viveza e claridade, com que a deixára Floramão. Depois de D. Rosuel vieram alguns cavalleiros, que aqui se não diz os nomes, porque fizeram tanto como nada. Estando já o imperador pera se ir a repousar, entrou pola porta da horta um cavalleiro grande de corpo á maneira de gigante, armado d'armas de verde com estremos de branco, tão loução e temeroso que parecia que só com aquella mostra espantava: e posto que muitos ou quasi todos pozessem os olhos n'elle, só Primalião conheceu que era Dramusiando, e, pedindo por mercê ao imperador que quizesse tornar a sentar-se, o foi rece-

ber um pedaço fóra do estrado, e, abraçando-o, e tomando-o pola mão, o trouxe ante o imperador, e lhe fez tirar o elmo, e se pozeram ambos de giolhos, e Primalião disse alto, que todos o ouviam: Senhor, vêdes aqui o mais nobre e esforçado cavalleiro do mundo; faça-lhe vossa alteza muita honra, porque n'elle nenhuma cousa se pode empregar mal. O imperador perguntou quem era, e sabendo que era Dramusiando, o abraçou, dizendo: Por certo, Dramusiando, inda que vossas obras tanto tempo pozessem minha vida em perigo, as qualidades de vossa pessoa são taes, que fazem esquecer tudo: eu sou vosso amigo, e no conto dos vossos amigos vos peço me tenhaes, que nenhum o pode ser mais que eu. Dramusiando lhe quiz beijar as mãos por tão grande mercê, e elle lhas não deu, antes o fez levantar; e Primalião o presentou á imperatriz e Gridonia, que posto que com semblante alegre lhe fallaram, lá lhe tinham um odio encoberto, polo pesar que delle receberam; que isto é natural das mulheres, lembrar-se dos odios pera não os perder nunca, e esquecerem-lhe os serviços pera não dar galardão delles. Depois de Dramusiando ter feito seus cumprimentos com quem Primalião lhe dizia, chegando a Polinarda ficou tal, que não soube julgar se ella, se Miraguarda era mais pera ser servida, e esta duvida o fez desmerecer não fazer na copa maiores experiencias que todos: o imperador chegando-o pera si lhe deu conta daquella aventura em que estavam occupados, e do que cada um n'ella fize-

a, rogando-lhe que tambem quizesse mostrar a
brigação, em que o amor lhe estava. A elle, dis-
e Dramusiando, sei eu que estou em muita, que
o dia que me deu a quem me mata, me deu ta-
ıanho galardão de meu trabalho, que é ser a cau-
ı tal, que com isso se pode satisfazer toda a dôr:
u provarei o que vossa alteza manda; se acabar
aventura, será porque o amor usára verdade
omigo; e se isto assim não fôr, não é esta a pri-
ıeira mentira em que o já achei. Então, tomando
copa nas mãos, que estava posta no proprio pon-
o que alli viera, se lhe tornou quasi tão clara co-
ıo a Floramão, porem inda Floramão ficou com
ıais gloria daquella prova. Vendo o imperador es-
ı experiencia de namorado em Dramusiando, te-
e-o em muito mór conta que antes, e folgava de
êr o amor e gasalhado, com que o recebiam aquel-
es principes seus prisioneiros. Acabada a prova da
opa, o imperador se recolheu a seu apousento,
omando primeiro palavra á donzella, que se não
osse sem sua licença, porque queria que Albayzar
Florendos provassem a aventura, crendo que em
lorendos estava o fim de tudo. A donzella lho pro-
ıetteu. O imperador mandou apousentar Dramu-
iando dentro no paço, onde sempre foi visitado
os principes e cavalleiros, que teve presos, que
gora eram muito seus amigos, sendo em verdadei-
o conhecimento da muita honra, que delle haviam
ecebido, não querendo ser ingratos daquelle be-
eficio, lembrando-se que a ingratidão lastima mui-
o coração discreto.

CAPITULO XCII.

DE COMO FLORENDOS E ALBAYZAR PROVARAM A AVENTURA DA COPA, E PALMEIRIM E FLORIANO VIERAM A' CORTE.

Diz a historia, que Dramusiando, depois que se afastou dos dous irmãos Palmeirim de Inglaterra e Floriano do Deserto no mosteiro, onde os deixou curando das feridas, que, se não conhecendo, se fizeram naquella crua batalha que houveram no valle da fonte, como se já atraz disse, se partiu em busca do cavalleiro que furtára a formosa Targiana. E correndo muitas terras, achou novas como fora vencido de outro, e Targiana tomada e levada caminho da côrte do imperador Palmeirim. Então, caminhando pera lá, soube de uma donzella que no caminho achou, como o cavalleiro, em cuja companhia fora, era o esforçado Florendos, e que já elle vencera Albayzar e ganhara o escudo de Miraguarda, de que lhe pesou muito, que elle não quizera, que outrem o tornara ao castello de Almourol se não elle, tendo por grande quebra de sua honra, que a outrem fosse outorgada a vingança de quem furtara o escudo, e a elle tamanha afronta fizera. Porem, vendo que nisto não havia cura, encobriu sua paixão o melhor que pode, e foi-se direito á gram cidade de Constantinopla, e chegou ao pa-

ço ao tempo e da maneira, que se disse no capitulo antes deste. Pois tornando a Palmeirim e a Floriano seu irmão, escreve-se que estiveram vinte dias no mosteiro, no fim dos quaes, sendo bem sãos, com armas feitas de novo, se despediram dos frades, agradecendo-lhe o gasalhado, que delles receberam: e indo caminho de Constantinopla, em poucas jornadas chegaram a vista da famosa cidade sobre um teso, donde toda se descobria. Quem podera dizer os grandes movimentos, em que então o coração de Palmeirim estava posto! e porque isto era ainda pela manhã cedo tiraram os freios aos cavallos e deixaram-os pascer. Floriano, como quem fóra dos cuidados de Palmeirim trazia o seu, deitou-se ao pé de uma arvore onde repousou. Palmeirim se alongou delle, e sobindo-se no mais alto outeiro, esteve vendo os populosos edificios e altas torres de Constantinopla, trazendo á memoria sua criação em casa do imperador, as mercês, que delle recebera não sendo conhecido, o descontentamento com que dalli saira pola ira de sua senhora Polinarda, e a defeza que lhe posera. Esteve movido muitas vezes a tornar se; e sempre seguira este parecer, se as palavras e conselho de Selvião não tiveram tanta força, que lho estorvaram, dando-lhe razões tão vivas e singulares, que Palmeirim lhe não achava resposta. Nisto acordou Floriano, e fazendo enfrear os caval los poseram-se ao caminho, armados de armas frescas e novas, com os elmos enlazados, por não

ser conhecidos: desta maneira entraram pela cidade, caminhando pera o paço. E posto que naquelles dias, como se já disse, estivessem alli todos os mais famosos cavalleiros do mundo, entraram tão bem postos e airosos, e com armas tão ricas, que os hiam a olhar como cousa nova, e com mais vontade o faziam depois que viram a Palmeirim a devisa do dragão no escudo, de que tanto se falava, tendo por certo ser aquelle, de quem tanta fama voava. Assim chegaram ao paço a tempo, que o imperador acabava de comer, e a imperatriz estava já com elle, acompanhada de todas as outras princezas e damas pera ver Florendos e Albaizar provar a aventura da copa; que com este alvoroço se levantaram mais cedo do que as feridas consentiam. Depois de descidos, deixando Selvião fóra, por não serem conhecidos por elle, entraram assim armados com os rostos cobertos na sala onde o imperador estava, maravilhados de ver os muitos cavalleiros que alli havia; e, inda que elles conheceram a todos, nenhum conheceu a elles. E porque ao tempo que chegaram junto do estrado, estava Albayzar pera tomar a copa nas mãos, detiveram-se sem fazer cortezia ao imperador, por não estorvar a festa. Albayzar, que viu que o olhavam, encostado sobre um páo, amarello e mal disposto, pondo os olhos em sua senhora Targiana, com uma confiança grande, tomando a copa se lhe tornou tão clara como fizera ao principe Floramão, de que Targiana ficou não pouco

satisfeita, vendo que em amor tão verdadeiro nenhum galardão se podiam empregar mal. Albayzar não ficou de todo contente de toda sua experiencia, sabendo que inda lhe ficava mais por fazer. O cavalleiro do dragão e seu companheiro, que viram entregar a copa negra e sem nenhuma côr a Albayzar, e em sua mão se tornar clara, e depois a tomaram outros, em cujo poder se tornou tão escura como antes era, olhava um pera outro não sabendo determinar o que fosse. O imperador, que muitas vezes punha os olhos nelles, parecendo-lhe estranhos e pessoas de preço, acenando que lhes dessem lugar, os fez chegar junto comsigo, e porque os viu novos no caso da aventura, deu-lhe conta della miudamente: e não é de espantar, que deste imperador se lê, que foi o mais benigno e aprazivel principe do mundo. Ambos se poseram de giolhos por lhe beijar as mãos, tendo em muito tão sinalada mercê; e posto que o imperador quizera que tiraram os elmos, deram tão justas escusas ao não fazer, que os não importunou mais. Nisto se levantou o principe Florendos, que per sua fraqueza e má disposição estava encostado sobre as fraldas da formosa Polinarda, e trazendo á memoria a estremada formosura de Miraguarda, disse antre si: Senhora, agora quero que vejais a razão, que tendes pera me tratardes segundo vossa condição vos ensina: e tomando a copa nas mãos, fez uma differença de claridade tanto acima de Albayzar e Floramão, como aquella que

então estava em toda sua perfeição e verdadeiro ser: as lagrimas ficaram tão claras, que nenhuma macula havia nellas. Muito ledo foi o imperador e Primalião de verem tal mostra de namorado como Florendos fizera por cima de todos; e perguntando á donzella se a aventura era acabada: Senhor, disse ella, a copa e lagrimas estão em toda sua perfeição e ninguem lha póde dar maior, porém mandai provar outros, e se não fizer mudança, crereis que neste cavalleiro se encerra ser o melhor e mais namorado do mundo; e tornando a copa fazer alguma na mão de outrem, podereis crer que ainda ahi ha alguem, que nas armas lhe faz vantage, que em amores não póde ser. O imperador, vendo que já não havia quem ficasse por provar-se naquella aventura, rogou ao cavalleiro do Dragão e seu companheiro que quizessem nisto provar sua sorte. Palmeirim estava tão occupado em vêr quem lhe tanto mal fazia, que nem sentiu o que o imperador disse, nem teve acordo pera lhe responder. Floriano, que trazia os espiritos mais desoccupados daquelle cuidado, chegou-se por diante, pondo os olhos em Targiana, que tambem estava com os seus nelle, e o conhecia mui bem começou dizer: Senhora, olhai por mim, favorecei-me neste perigo, desemparai-me nos outros, deixai-me este galardão em pago do que vos mereço, e os que mais estimardes guardai-os pera quem mais tiverdes na vontade. Mas como isto fossem palavras tão longe de obras de namora-

do, em tomando a copa tão clara e singular como a fizeram os amores de Florendos, tornou-se-lhe nas mãos tão negra e escura, que parecia, que nunca tanto o fôra; de que Targiana recebeu tanto pesar, que o não póde dissimular; antes, mostrando que estava doente, se foi a sua camara, onde lançada de bruços sobre uns coxins, começou sentir quão bem ou mal empregara seu amor em um homem tão sem elle. A donzella da copa, disse a Floriano, se vós, senhor, não tendes em armas mais merecimento que em amores, meu conselho é deixal-as. Senhora, disse elle, se vós outras desseis o galardão segundo o que merece quem vos serve, pesar-me-hia muito acontecer-me este desastre; mas como vossas cousas são sem ordem, sem razão e medida, do que quero me contento; que se mais quizesse, daria má vida a mim, e estaria mais incerto do que desejasse. Ainda que esta resposta pareceu bem a muitos, as damas a não approvaram por boa; que sua qualidade é quererem a vida dos homens a seu gosto dellas, e as satisfações ao revez de seu merecimento. A donzella, tendo já a copa em seu poder, disse contra o cavalleiro do dragão, que nenhum outro havia por provar: Senhor cavalleiro, em quem essas armas tanto lustram, tomai essa copa, fazei o que fez vosso companheiro, que homens tão conformes no parecer, se não póde esperar se não que o sejam nas vontades. Palmeirim, vendo-se naquelle estremo, postos os olhos na donzella e o

coração em quem o matava, disse: Se isto alguma hora disse verdade, daqui por diante escusareis outra prova, que eu não sei quem a vontade tenha tão entregue, nem a liberdade mais perdida, e a esperança tão longe. Logo a copa se tornou da mesma maneira que estivera na mão de Florendos, que dalli não podia passar, com que o imperador fez grande alvoroço, e tomando-a nas mãos vio dentro nas lagrimas a propria figura da imperatriz tão leda e contente, como quem para elle nunca tivera outro rosto. Então lhe pareceu a aventura acabada, e perguntou á donzella se o era. Todavia convem, disse ella, que tornem outros a provar, e se aqui não houver quem, provem os que já provaram, que em suas mãos tornará a copa a fazer a differença que já fez, se a aventura não é acabada. Comtudo não consinta Vossa Alteza, que prove este cavalleiro, pondo o dedo em Floriano, que me parece que o seu desamor, é de tanta força, que sendo a aventura acabada tornará a copa ser mais negra do que agora está ao contrario. Muito riram as damas, e todos, do que a donzella disse. O imperador tornou a mandar provar alguns, e como já não houvesse, que fazer tudo era em vão. A imperatriz tomou a copa, e viu nella ao imperador tão claramente com seu parecer alegre como o podera ver face a face. Dalli passou a Gridonia e Varsilia, vendo cada uma a verdade do que mais desejava: a infanta Polinarda, tanto que a

tomou na mão, viu dentro naquella agua Palmeirim tão atribuiado, como seu amor o então trazia: parecendo-lhe que outrem o podia ver, foi tanto o sobresalto que lhe deu o coração, que lhe tremeu a copa e os membros, e com temor de lhe caír, a deu a uma dama com muita pressa. Bem sentiram muitos sua turvação, e não sabiam donde procedia. O imperador, que nestes casos tinha os espiritos vivos, conhecendo que sua neta vira alguem que a desejava servir, abraçando-a, lhe disse: Parece-me, minha senhora, que esse vosso parecer não está isento de servidores: de que Polinarda algum tanto corrida, fez uma côr no rosto tão viva e graciosa, que acrescentou mais sua fermosura, e muito mais dôr no cavalleiro do Dragão. Dalli correndo a copa por mão das damas e servidores, cada um viu o que tinha em quem amava. Em alguns se conheceram grandes contentamentos, e em outros ao contrario; cada um segundo o que via nas lagrimas: e os que daquella paixão estavam livres, riam-se vendo isto. Nisto se passou algum espaço; a derradeira pessoa, a que veio ter a copa foi a Palmeirim, e vendo dentro nella Polinarda com semblante sereno, sem saber determinar nada nelle, disse: Senhora, bem sei que assim como vos lembro, o mostraes; seja o que quizerdes, que eu pera vos servir nasci e sem esperança vos sirvo; o que vós quereis, isso quero; porque emfim eu não sei que deseje, nem tenho que desejar senão faser-vos a vontade. Lo-

go deu a copa a Floriano, que se quiz tambem vêr nella ; e pondo os olhos nas lagrimas, viu uma infinidade de mulheres com os semblantes irados. Targiana e Arnalta princeza de Navarra, entre ellas pareciam mais irosas. que as outras. Que vêdes lá, disse a donzella de Tracia, achais por ventura a paga do merecimento de vossas obras? Parece-me, disse Floriano, segundo o que vejo em vós, que me não favorecêreis já, inda que vos servisse muito bem, pois creio eu que vós e as outras de vosso nome, seriam melhor servidas de mim que de outros que na copa fazem melhores mostras. A donzella, deixando de lhe responder, disse ao imperador: Senhor, pois inda é cedo, deveis mandar que se faça a prova dos desfavorecidos, que será cousa de ver. Essa quero eu, disse elle, que se não tarde mais e quero ser primeiro no começo della, porque creio que de pouco favorecido da imperatriz fiz pouco na primeira prova: logo tomou a copa e não achou nella mudança de quente nem fria. Senhor, disse a donzella, confessai que resfriastes de todo, e tornai a culpa a isto e não á imperatriz, que vol-a não tem. Na verdade, respondeu elle, a culpa eu m'a dou, pois quero experimentar o que pera outrem foi feito. Traz elle a tomou Primalião, tão pouco não fez mudança ao rei Polendos aconteceu o mesmo: então a tomou D. Rosuel, e porque naquelles dias andava desavindo, achou tamanha quentura na copa, que, não a podendo suster, a deu a Pla-

tir, que já a sentiu mais massia e branda, que lhe não ía tão mal. Platir a deu a Graciano, e dahi de mão em mão a tomaram Vernáo, Beroldo, Belisarte, Dramiante, Francião, Frisol e Onistaldo: a todos ia tão bem, que em nenhum fez a copa differença: logo a tomou German de Orliens, que servia Florenda filha delrei de França. E, alem da copa o queimar tão asperamente, que a não pode suster um momento, a propria côr della era vivas brasas. Estrelante lha tomou das mãos e dahi correu Tenebror, Vasiliardo, Luyman de Borgonha, Blandindon, Dirden, Polinardo, Tremorão, Roramonte, Albanis de Frisa e Floramão, todos poderam sustel-a; e que alguns achasse nella differença foi tão pouca, que se não nomeia quaes são: sómente Polinardo, foi que antre estes mor ardor sentiu. A rogo da donzella de Tracia a tomou Floriano, que ella folgava de o ver provar aquellas aventuras tão levemente; teve-a tão sem pejo nas mãos um pedaço, como quem não sentia nada. Parêce-me, disse a donzella, que tem as damas e o amor tão pouco poder em vós que nem vos empece seu mal, nem vós tendes receio delle. E tomando-lha a deu a Albayzar, que tambem como homem favorecido a teve sem sentir nenhuma dôr; de que se não contentou pouco. O cavalleiro do Dragão a tomou, e tornou-se-lhe tão roja e fervente, que punha medo a quem a via. Seu ardor foi tamanho, que lhe parecia que as entranhas se lhe assavam dentro no corpo; e inda

que a dor o atormentava muito, susteve assim a copa nas mãos grande espaço, desejando dar fim á vida, por escusar outras cada dia: e todos o julgavam por mortal, que na côr e tremor dos membros o parecia, e a piedade foi tal, que o manifestaram com lagrimas. Certo, disse a donzella, mal merece este galardão quem tão boa experiencia de servidor fez; e querendo-lhe tomar a copa, elle se desviou, dizendo: Senhora, peço-vos que me não estorveis este bem, se meu mal o guardou pera dar fim a outros males, que sempre me atormentaram; mas o imperador, que em sua presença não podia soffrer tal lastima, se ergueu em pé, e tomando-lhe a copa da mão ficou espantado de a vêr tão supitamente fóra de seu ardor. Florendos, que inda tinha por passar aquelle trago; assim fraco, como então se achou, tomou a copa ao imperador seu avô, e não se contentaram os desfavores de Miraguarda de o tratar pola medida de Palmeirim; antes, fazendo muito mor experiencia nelle, começou a levantar-se o fogo em sua pessoa de sorte que todo estava feito em chamma: os membros ardiam e o intrinseco de dentro não carecia daquella grave dôr, que um coração tão attribulado pode sentir. Nenhuma pessoa dos que estavam á róda enxergava de Florendos nenhuma cousa senão a labareda, em que ardia. O fogo della trazia comsigo um ruido tão apressado e medonho, que alem de causar dó a muitos, fazia medo a todos. Florendos, como homem que

antre aquellas chammas desmaiava, acudia ás vezes com suspiros cansados saídos d'alma, que por antre o rugido do fogo soavam, com um tom tão piedoso e triste, que em toda sala nenhuma outra cousa soava se não lagrimas e soluços. A imperatriz e Gridonia muitas vezes se quizeram meter naquelle perigo, e com palavras magoadas diziam contra Miraguarda outras; porem Florendos na fragoa em que estava, não podia soffrer culpas a quem o matava. Já que o imperador viu que o mal tanto crescia, e que com agoa nem com outra cousa se podia matar o fogo, metteu-se nelle e tomou a copa das mãos a Florendos, crendo que com isso se apagasse. Não aconteceu assim que todavia ardia como antes, de que a imperatriz e Gridonia ficaram quasi mortas e as damas faziam tamanho pranto, que os paços parecia que se assolavam. Polendos, Rey de Tesalia, que vio o imperador seu pai, que com sua idade cansada e lagrimas, que lhe corriam, estava abraçado com a imperatriz, tendo-a por morta, e Primalião com Gridonia, não sabendo onde accodir, houve por cima de tudo tamanha piedade de ver perecer Florendos sem nenhum remedio, que se foi á donzella de Tracia, dizendo: Senhora, peço-vos, pois aqui achastes o fim do que buscaveis, que, se pera tamanho mal sabeis algum remedio o deis, ainda que cuido que jà agora tudo será perdido; que Florendos deve ser feito em cinza, segundo o espaço que ha que arde e o bravo fogo que o atormenta.

Sou tão mofina, disse a donzella, que bradando que me ouçam, ninguem o quer fazer. Trabalhai por tornar esta gente em si, que eu darei a maneira que se nisso hade ter. Polendos com esta nova se foi ao imperador e apazigou toda a casa: a imperatriz e Gridonia tornaram em seu acordo com a cor mais mortal que de pessoas vivas. A donzella de Tracia, vendo tudo socegado senão o fogo de Florendos, que cada vez crescia, disse em alta voz: Alto e invencivel imperador, a aventura desta copa é acabada, e o fogo, em que Florendos teu neto arde não pode ser apagado, se não por virtude destas lagrimas e por mão do cavalleiro que desencantou a copa: cumpre que elle a tome, e esparzindo esta agoa sobre as chammas, em que Florendos está mettido, ellas se apagarão; porque fogo gerado por mulher tão crua, não se pode apagar se não com lagrimas de mulher tão piedosa, como quem estas lançou. O cavalleiro do Dragão, vendo que aquelle cargo era seu, tomando a copa nas mãos, a vazou sobre Florendos, e logo o fogo se desfez, e elle ficou tal que parecia morto á vista de quem o via, porém o prazer de todos o fez não parecer tanto. Que quando é grande toda-las tristezas desbarata.

CAPITULO XCIII.

D'UMA GRANDE AVENTURA QUE VEIO TER Á CORTE DO IMPERADOR, E DO QUE NELLA SUCCEDEU.

Apagado o fogo em que Florendos ardia, e elle tornado em seu acôrdo e força como antes, e toda a gente socegada, o imperador e imperatriz com os outros principes e princezas se tornaram a sentar, praticando no medo e temor que lhes pozera aquella aventura. Florendos estava tão contente dentro em si por fazer publica uma experiencia tão verdadeira do desamor, com que o tratavam, e do amor com que merecia ser tratado, que pera sua condição com isto se satisfazia. Porque tambem das outras satisfações, com que se mais podia contentar, era já desesperado, segundo o que sentia na condição de quem servia. O imperador desejoso de conhecer o cavalleiro, que desencantára a copa, suspeitando que podia ser Palmeirim, quiz que tirasse o elmo. E como esta fosse já sua tenção, quiz fazel-o; mas estorvou-lho pera mais honra sua um acontecimento grande, que naquelle momento succedeu. E foi, que estando desenlazando Palmeirim o elmo pera o tirar, entrou pola porta uma donzella grande de corpo, vestida d'atavios ricos, e pouco louçãos. Traz ella tres gigantes de desmedida grandeza, armados todos de uma maneira, cobertos os corpos de laminas

d'aço, tão grossas e fortes, que parecia impossivel poderem-se desfazer com nenhuma cousa. Os elmos, que traziam tres homens que os acompanhavam, eram d'um osso alvo em extremo liso, tão duro, que sua fortaleza parecia inda de muito mór espanto, que a das armas: vinham com os rostos desarmados, que a natureza fizera tão espantosos e medonhos, que, além daquelle seu parecer temeroso fazer mudar a côr ás damas, nos corações de muitos robustos e bons cavalleiros criava um temor occulto, que se conhecia nas mostras de fóra. Todos, por lhe dar lugar, se desviaram, inda que os gigantes com ferocidade soberba vinham rompendo a gente, sem esperar pela cortezia com que lhe despejavam o paço. Tanto que chegaram ao imperador, sem fazer nenhum acatamento, se detiveram, esperando o que a donzella diria. A qual, depois de pôr os olhos na gente que na sala estava, pouco contente de ver a nobreza grande dos cavalleiros daquella côrte, e a multidão delles, d'outra parte a gram somma de damas fermosas, com tão ricos atavios e roupas de diversas maneiras, começou dizer; Por certo, alto e poderoso imperador, pequena é a fama que de tua côrte polo mundo se estende, pera o muito que merece ser estendida e espalhada: porque, inda que com um tom immortal soe nos ouvidos daquelles, que de teu senhorio vivem arredados, em comparação do proprio, que agora estou vendo, é quasi nada: só uma cousa acho que desfallece pera poderes senhorear o mundo; esta em tua mão está, se a qui-

zeres acceitar; mas temo que a fortuna, que em tamanho estado te poz, invejosa do bem que ella dá, desejosa de o tornar a roubar, segundo seu costume, to estorve: porque o teu estado nestes dias sobre os outros florescente, no fim da tua idade fique mais abatido, e com menos gloria e louvor do que té agora te pozeram tuas obras. Ouve minha embaixada, acceita as condições della, e não tão sómente serás senhor do que quizeres, mas inda nem a fortuna terá em que te empecer, nem tu de que lhe haver medo. O muito alto Soldão de Persia, principal capitão da lei de Mafoma; o poderoso gram turco, senhor da maior parte de Grecia e Asia, com os principaes regedores, e governadores do senhorio do Soldão de Babylonia em nome de Albayzar, de se agora lá não sabe, por haver muitos dias que de sua terra é saído, te fazem saber que ha muitos dias que a requerimento do sangue de alguns principes pagãos, que ante esta tua cidade são mortos, que cada dia clama e sôa nos ouvidos de seus successores, estiveram muitas vezes movidos pera vir n'ella com grandes frotas, e innumeravel ajuntamento de gentes a vingar os damnos passados, com tão crua vingança feita em ti e teus naturaes, que nem o tempo tivesse lugar de gastar a fama que d'isso ficasse, nem a tua fenecesse com tão glorioso fim, como teus principios te tem dado: parece que ou a fortuna são cançada de te favorecer, ou os deuses favo

recetores de tuas cousas não quizeram consentir que isto viesse em effeito; porque sendo muitas vezes seus exercitos prestes e concertados, ou o mar, com supita tormenta, anegou suas náos, e destruiu suas grossas frotas, ou antre os principes dellas se levantaram discordias, e dissensões, que com morte de muitos atalhou o fim de seu proposito. Assim que, agora temendo estes revezes, desejando tua alliança e amizade te commettem estas condições. Que hajas por bem de dar tua neta Polinarda, filha do principe Primalião teu filho, por mulher ao Soldão de Persia mancebo de vinte e cinco annos, tão famoso cavalleiro como principe poderoso, com cujo parentesco a gloria de teu estado com muito maior nome triumphará do mundo todo: e Florendos teu neto case com Armenia, irmãa do mesmo Soldão, tão fermosa antre as outras mulheres daqueste tempo, que se duvida haver outra mais; ao qual dará toda a parte de seu senhorio, que confina com o teu imperio: de ti não querem mais dote, se não sómente, que, pera que estas allianças fiquem firmes pera sempre, entregues ao gram turco um cavalleiro christão, que se chama Floriano do Deserto, que por engano trouxe sua filha Targiana a esta tua côrte; a qual tem determinado casar com Albayzar Soldão de Babylonia, porque seu irmão é morto. Isto a pedimento de seus vassallos, que com vontades claras estão offerecidos a esta guerra. Esta é a embaixada

que te trago: agora podes responder a ella; e se a resposta não fôr conforme ao que peço, então te darão estes gigantes outra fóra dos termos da minha, com que por ventura mór espanto concebas. O imperador, que bem attento esteve ouvindo as palavras da donzella com soffrimento grande, depois de a deixar acabar, rindo-se contra os seus, disse: Por certo, estranha donzella, não sei que embaixada a dos gigantes póde ser, que com melhor vontade não receba que essa vossa. A alliança, que me esses homens commettem, é com condição tão contraria a meu gosto, que antes tomaria por partido guerra perpetua, e na fim della morrer com todos meus amigos e vassallos, que paz da maneira que a querem. O cavalleiro, que me dizeis que entregue, não está aqui, e se estivesse de má vontade lhe faria esse aggravo; nem creio que se elle trouxe a senhora Targiana, que seria senão por sua vontade e consentimento d'ella. Esta é a resposta de vossas palavras: agora podem esses cavalleiros dizer ao que vem, e haverão tambem a sua. Então um dos gigantes, que algum tanto parecia fazer vantaje aos outros, com voz temerosa e alta, que toda a sala enchia, começou dizer: Aquelles senhores, cuja boa vontade não quizeste sentir nem agradecer, desafiam a ti e todos os que tua bandeira quizerem seguir, com guerra de fogo e sangue, e tomam os Deuses por juizes de sua justificação, porque agora sua tenção

não tão somente é por aamas matar e destruir
que trazem armas, mas inda nas mulheres e pe
soas de pouca idade fazer tantos generos de cruez
assolando e queimando os lugares famosos e não
mosos de teu senhorio, té que se hajam por sati
feitos das perdas, que já nesta cidade tem recel
das. Alem do desafio, que aqui de sua parte te pr
sentamos, eu em meu nome e dêstes dous me
companheiros, digo que em não acceitares o cas
mento do soldão da Persia, meu senhor, fazes
que não deves, e se em tua casa houver a que
isto não parecer bem, escolham-se os melhoi
sete cavalleiros, pera cada um de meus companh
ros dous e pera mim tres, e nós lhe faremos co
fessar teu erro, ou levaremos suas cabeças em g
lardão de tal despreço. Acabadas as palavras co
que o gram Barrocante, que assim havia nom
gigante, deu sua embaixada, o imperador, a qu
pouco medo fizeram, com rosto alegre e rindo-s
lhe disse: Vejo-vos tão manencorio que não sei
vos outorgue o que pedis: d'outra parte temo q
inda que concedesse nesse casamento do sold
minha neta Polinarda não ser contente. A batalh
que quereis com os meus, folgaria que se escus
se polo perigo delles e pouca honra vossa, segu
a presumção, que mostrastes na condicção com q
a pedistes. A este tempo o cavalleiro do Dragr
estava tão envolto em ira, que a gram sobegi
della lhe tornou a falla por não responder como c
zera, cousa que ás vezes acontece a quem a te
d'alguma, que muito sentem, e por esta razão alg

cavalleiros se levantaram pera aceitar a batalha. Porem o gigante Dramusiando primeiro que todos começou dizer: Muitas vezes, alto imperador, a benegnidade dos principes e mansidão de suas palavras é causa de se cometter despreso a elles. Deste, que estes gigantes aqui tem usado na soltura de suas razões, vossa magestade tem a culpa, pois está claro que de vossa mansidão e benevolencia lhe nasce aquelle tão ousado atrevimento, a que alguns pouco sabidos chamam esforço: e pois elles aos vossos desafiam, dando-lhe muita vantagem, eu, como vosso, aceito o desafio, sem querer nenhuma de ninguem. No qual espero fazer conhecer a Barrocante a parvoice de sua embaixada e o pouco que ganha o soberbo e descortes: e se alguem quizer aceitar a batalha com seus companheiros, senão digo que ficando eu em tal desposição da sua delle, que possa entrar em outra, que um por um a aceito com todos tres e com dez vezes tres se tantos sobrevierem e a mim a força e alento não desemparar: e nenhum julgue estas palavras por desnecessarias e mal ditas, contra soberbos tudo se soffre e cabe nelles. O cavalleiro do Dragão e Floriano, assim armados como estavam, se foram pera Dramusiando, pedindo que os tomasse por ajudadores naquella afronta contra os outros dous gigantes, posto que os não conhecesse; pois vinham tão apercebidos, que lhe não falecia senão ir ao campo. Dramusiando lhe teve em mercê e aceitou o offerecimento, tendo a victoria por certa; porque de quantos alli estavam elle só

os conhecia. D'este ficaram descontentes Graciano, Beroldo e Pompides, e o Principe Floramão e outros, que cada um por si quizera ser mettido no trabalho de Dramusiando. Os gigantes Albuzarco e Albarroco companheiros de Barrocante não queriam aceitar a batalha, dizendo, que, pois já não entravam em campo com gigantes, que lhe dessem mais cavalleiros, que pera um por um não queriam tomar armas. Floriano do Deserto, que nestes tempos costumava ser mal soffrido, tomou Albuzarco polo braço, dizendo: Cousa fôra de medida e de compasso, não queiras com abastanças nascidas de tua soberba escusar a batalha, que eu, que aqui menos valho e menos posso, te cortarei hoje essa cabeça e darei a fim, que mereces; e daqui te confesso, que eu sou o cavalleiro, que trouxe Targiana, pera que com melhor vontade aceites a batalha. Pois estoutro meu companheiro é pera tanto, que não sei se se contentara de fazer outro tanto a Albarroco. Tamanha foi a paixão nos gigantes d'ouvir estas palavras e saber que aquelle era o que trouxera Targiana, que supitamente mostraram em seus rostos, que a natureza fizera robustos e medonhos, outra ferocidade mór, outras mostras mais asperas; pedindo os elmos pera os enlazarem, que do mais estavam apercebidos, dando brados, que lhe mostrassem o campo onde a batalha havia de ser, pera que a detença da satisfação de taes palavras não durasse tanto. O imperador lho mandou mostrar e fazer guarda nelle, segundo costume de sua corte, avendo aquella pola mais assinada e no-

tavel aventura, que nunca vira nem ouvira; e de feito assim o era; e pesava-lhe vêr Floriano em tamanha afronta, que já o conhecia, porque ouvira nomear se a elle proprio e suspeitava que o outro seria Palmeirim: d'outra parte duvidavam, porque o viu mais brando naquelle debate. Ao tempo, que se despediram pera ir fazer a batalha, a donzella de Tracia se chegou a Floriano, quando o viu tão vivo em cousa que tão mortos deixava os corações de muitos, dizendo. Senhor cavalleiro, se vos lá virdes em alguma affronta, encomendai-vos ás damas, que o vosso merecimento ante ellas é tal, que vos salvará logo della. De me ellas metterem em alguma maior que esta e que eu mais sinta, me guarde Deus, respondeu elle, que de me tirarem do temor, em que agora vou, nem o espero de nenhuma nem quero seu favor, por não ter que lhe dever nem cuidarem que lho devo. Nisto se desceram da sala acompanhados de muitos cavalleiros da corte que os não deixaram té onde estava o sitio das batalhas, onde cavalgaram todos seis. Os cavallos dos gigantes eram tão grandes e forçosos quanto parecia myster para a grandeza e peso delles. O imperador, Primalião e Polendos se foram a uma janella vêr a batalha, a imperatriz e outras senhoras a outras de seu apousento. Albayzar, assim fraco como estava, se poz onde os podia vêr, desejando victoria aos gigantes, a qual não duvidava segundo suas disposições. Não lembrando-lhe que na batalha injusta ás vezes menos força tem os homens que a razão.

CAPITULO XCIV.

DA TEMEROSA BATALHA, QUE ESTES CAVALLEIROS HOUVERAM.

Como foram mettidos no campo, os juizes lhe partiram o sol, e a som de uma trombeta remetteram todos a um tempo. O cavalleiro do Dragão, primeiro que o fizesse, poz os olhos em quem o matava, que estava a uma janèlla com Targiana, dizendo: Que estes sejam os tempos, em que vos mais desejo servir ou parecer bem; n'outros queria que vos lembrasseis de mim, que pera vencer monstros da natureza, basta o merecimento de sua soberba e a fraca razão de sua empreza. Acabadas as palavras, como já estivessem prestes, embraçados os os escudos, as lanças baixas, partiram com tamanho estrondo, que parecia fundir a terra. Nenhum errou seu encontro, antes foram dados com tal força, que, falsados os escudos, Dramusiando, e Barrocante, vieram ao chão com as sellas antre as pernas e as silhas arrebentadas por algumas partes; Floriano e Albuzarco quebradas as lanças, passaram um por outro, perdendo Albuzarco os estribos; e caíra se se não apegàra ao colo do cavallo. Mas como o caso daquella batalha fosse mais do cavalleiro do Dragão que de ninguem, o seu encontro teve mais

força, que não vallendo a Albarroco sua valentia e destreza, falsado escudo e armas, ferido nos peitos veio ao chão, com tanto desacordo, que um espaço não pode tornar em si. Barrocante, que nos taes tempos costumava ter accordo sobejo e o temor perdido, vendo Albarroco tão desacordado, com a espada na mão se chegou a elle com tenção de o deffender, e começou sua batalha com Dramusiando tanto pera ver que com ella parecia escurecer todalas outras, que naquella corte se viram. Porem nem o esforço de Barrocante podera salvar a cabeça de Albarroco, se o cavalleiro do Dragão não tivera uma das redeas quebradas, que o mesmo Albarroco ao tempo do encontro lha quebrou ao passar da lança. E por esta falta andou fugindo o cavallo com elle pelo campo, e sempre o lançara fora, se não estivera cercado de segura paliçada que o imperador sempre queria, que estivesse feita, receando que uma hora alguns bons cavalleiros por falta della perdessem o galardão de seu esforço. Neste tempo, que se deteve em socegar o cavallo e lançar-se fora, teve vagar Albarroco de tornar em si, e aperceber-se pera a batalha. Floriano do Deserto, que té li não entendera em outra cousa senão em olhar pelo cavalleiro do Dragão, temendo que a falta do cavallo o posesse em alguma quebra, tanto que o viu a pé apercebido pera batalha se lançou fora do seu e juntando-se ambos com Dramusiando, que fazia milagres, todos juntamente começaram

aquella temerosa contenda : e indaque Albarroco do encontro ficasse maltratado, a paixão que recebeu, lhe deu tamanhas forças, alem da que elle tinha, que parecia impossivel outra nenhuma força a poder desbaratar. Não tão sómente esta cruel e perigosa batalha gerava medo naquelles que a faziam, mas inda nos que de fóra a olhavam criava tamanho espanto, como sempre cousas de admiração e pouco costumadas trazem por custume. O imperador, posto que em seus dias passados assaz cousas visse, e por muitas dellas passasse, esta lhe parecia tanto mais grande, que com ella se lhe varreram da memoria todas as outras, assim como se nunca foram acontecidas. E no que mais occupava os olhos era em o cavalleiro do Dragão, que, depois que lhe via derribar Alborroco de um só encontro, affirmou tanto em sua vontade ser Palmeirim, como se de todo o conhecera. Polendos e Primalião se benziam da braveza da batalha, desejosos de lhe ver a fim a seu gosto, a qual muito duvidavam, assim por a fortaleza dos imigos criar esta desconfiança, como tambem porque as cousas, que se desejám, sempre se duvidam. Florendos, que de outra janella os estava vendo, inda que aquella aventura lhe parecesse tão duvidosa e grande, o que então mais sentia era a sua fraca disposição, crendo que por falta della não fôra um dos companheiros daquelle perigo, não lhe lembrando quanto menos segura alli que em outra parte estava a vida,

crendo que a mesma vida não a perde quem a sabe tão bem perder, que com a morte accrescentou na honra. A imperatriz com sua nora não lhe bastaram os ânimos pera ver tamanha crueza, antes, tirando-se da janella, se recolheram pera dentro. Polinarda o não fez assim, mas esteve vendo té o fim de sua peleja, e tambem Targiana tão agastada e triste de ver a soltura e desenvoltura de Floriano, quanto antes estava alegre com a ferocidade dos gigantes, parecendolhe que alli estava certa a vingança, que delle desejava. Tornando a elles, a furia de sua batalha cada vez crescia; as forças e alento não parecia que mingoavam. O cavalleiro do Dragão e Floriano ajudavam-se tanto de sua presteza e manha, temendo os golpes de seus contrarios, que os mais delles lhes faziam dar em vão; e por esta razão andavam menos feridos e traziam os gigantes maltratados. Dramusiando, confiando em sua força e valentia, pelejava menos como cavalleiro destro, que como gigante temeroso; e isto fez que a batalha antre elle e Barrocante andou mais brava e perigosa que nos outros; que querendo antes servir-se e ajudar-se da fortaleza de seus membros, que d'outro nenhum saber, se feriam tão mortalmente, que, alem de desbaratarem as armas, traziam tantas feridas, que em pouca parte de seus corpos havia cousa sãa. O cavalleiro do Dragão andava tão envolto em ira e manencorio, vendo que se lhe defendia tanto um gigante, que do primeiro encontro derribára, que começou des-

fazer-lhe as armas, descubrir-lhe as carnes com feridas tão grandes e perigosas, que Albarroco desconfiado da vida pelejava como morto: e tambem o fazia, crendo que algumas vezes é remedio da vida não esperar nenhum remedio. Floriano do Deserto bem mostrou naquella hora á donzella de Tracia, que não por falta de animo lhe ficara por acabar a aventura da copa, que, posto que a lhe a natureza dera, o tratou tão mal, que quasi se não podia bulir. Grande espaço se sustiveram uns e outros na batalha, sem se sentir fraqueza em nenhum, mas o trabalho de sua porfia foi tamanho, que, começando já desfalecer os alentos, se arredaram pera os tornar criar de novo. Os gigantes se pozeram a uma parte do campo, Dramusiando com seus companheiros a outra. Barrocante, que se viu a si e aos seus tão chegados ao fim e a esperança perdida, occupado de ira e soberba, começou dizer. O' deoses, e é verdade que a fortaleza de Barrocante, Albuzarco e Albarroco tão temida e receada polo mundo ha de ser desbaratada e desfeita pola força d'um só gigante e dous cavalleiros? Por certo a potencia de vós outros é grande, e já sei que alli a quereis mostrar onde a fraqueza humana desconfia: quizera ter aqui o destruidor de Dramusiando com todos os guardadores de seu castello e ver-lhe em sua ajuda os quatro mais esforçados cavalleiros do mundo: ao menos, se com elles perdera a vida, cuidára que-ia bem vendida; mas vós outros, deoses, não quizestes fosse assim, antes ordenastes que Barrocan-

te, a quem todolos outros gigantes obedecem, por um só gigante veja sua vida chegada a tão fraco estado, que nenhuma outra esperança tenho de a salvar, senão vêr como a poderei dar a troco daquelle, que ma tira. Por certo, inda que Barrocante e seus companheiros em tal extremo se vissem, nem por isso os da outra parte deixavam de cuidar o mesmo, que o cavalleiro do Dragão naquella hora se soccoria a sua senhora, e desconfiado de se ella lembrar delle, consolava-se, havendo por cousa leve soffrer morte quem com trabalhos passou a vida. Floriano, que não achava a quem em tal passo se soccorresse, encommendava suas cousas á fortuna, como a quem de todos é senhora. Dramusiando, a que a empresa daquelle dia custara mais sangue que a nenhum de seus companheiros, vendo seu imigo tão temeroso e forte, não achava o espirito tão descançado, que deixasse de receiar o fim de seus dias: d'outra parte contentava-se, porque em parte, donde tanta honra podia ganhar, aventurava perder a vida, e dizia antre si. Os perigos não se guardaram senão pera aquelles, que os não temem, venha a morte quando quizer, que darei a vida tão cara, que ninguem se possa louvar a seu salvo de mim : e se isto não fôr assim, ao menos não se dará a culpa a meu esforço, que eu o farei acabar em seu officio, e ficarei crendo que são cousas que a divina providencia ordena, que a fraqueza humana mal póde desordenar: e isto por não cairmos do verdadeiro conhecimento de sua potencia. N'isto

cerrava-se a noite, porque quasi todo o dia era gastado, e por despender o que ficava á custa de suas carnes e sangue, juntaram-se todos com muita maior ferocidade que antes, e fizeram a batalha muito mais cruel que de principio. Dramusiando e Barrocante se travaram a braços, experimentando cada um o que havia em si, provando suas forças por se derribar, e não o podendo fazer, tornando-se a arredar, começaram a empregar seus golpes como pessoas, que queriam perder a vida 'a troco d'outra vida. O cavalleiro do Dragão, que trazia escriptas na memoria as palavras da embaixada dos gigantes, e o casamento que commetteram com Polinarda, sabendo que ella o estava vendo, começou a renovar os golpes, e amparar-se dos de Albarroco com tanta presteza, que de cançado e ferido o fez vir a seus pés, tão desacordado como quem de todo estava desamparado da vida: e não se contentando desta suspeita lhe desenlazou o elmo, e cortou a cabeça, e a lançou fóra do cerco muito contente da victoria. E vendo que Dramusiando andava tão maltratado, que trazia as armas envoltas no seu proprio sangue, quizera ajudal-o, e remetteu a Barrocante com um golpe dos seus acostumados. Dramusiando, não contente de tal ajuda, o recebeu no pedaço do escudo que inda trazia no braço, e foi de tanta força, que, cortando muito delle, desceu ao elmo, que por algumas partes estava aberto, e lhe fez na cabeça maior ferida, que nenhuma das que recebêra da mão de Bar-

rocante, dizendo Dramusiando: Senhor cavalleiro, se neste vosso soccorro cuidais que me fazeis mercê, eu o recebo por injuria: deixai-me acabar minha batalha, e se me virdes vencido, matai vós quem me vencer, que antes quero dever-vos esse amor e vontade na morte, que ficar-vos ness'outra obrigação com deshonra de minha vida. O cavalleiro do Dragão se desviou tão descontente pola ferida que lhe dera, temendo que o podesse pôr em perigo, que antes não quizera victoria d'Albarroco, se com est'outro desgosto se havia de apagar. A este tempo Floriano estirára já no chão Albuzarco morto de todo, ficando elle de suas mãos tão atassalhado e ferido, que foi forçado levarem-no do campo. Porém nem rogos d'outrem, nem necessidade, que d'isso houvesse, o pode acabar com elle té ver o fim da batalha de Dramusiando. Albayzar se tirou da janella d'onde estava, desconfiado da esperança que de principio tivera. Targiana fez o mesmo, vendo Floriano victorioso, cousa que ella não desejava; que o amor que antes lhe tivera, agora era convertido em odio, que esta qualidade é a sua, nestas duas cousas não terem meio, senão de odio ou amor, andarem sempre acompanhadas. O imperador, Primalião e Polendos com os outros principes vendo o desastre que a Dramusiando acontecêra, e que da ferida do cavalleiro do Dragão lhe saia mais sangue, que das outras, tinham gram medo ao fim de sua porfia, e louvavam por extremo a prova da valentia, que fizera em de-

fender Barrocante: e posto que todos estivessem com este temor, porque de todos era mui amado, sua bondade em armas tinha tamanhos segredos, que ao tempo que mais por morto o julgavam, acudia com revezes tão grandes, que desbaratava todo o poder á fortuna. E como então visse que alli lhe era necessario mostrar o fim de suas forças, pelejou tão valentemente que não podendo Barrocante resistir a tamanha dureza de golpes, desamparado dos espiritos, caíu morto no chão, por ser tão bom amigo a seus companheiros na morte como fôra ajudador na vida. Os juizes entraram no campo, acompanhados de muitos principes, e com a mór honra, que nunca se deu a cavalleiros, os tiraram a elles. Não quiz o imperador soffrer-se tanto que os esperasse em cima, antes com muita pressa, acompanhado de seus filhos, os veio receber ao terreiro. Palmeirim e Floriano tirados os elmos lhe beijaram as mãos, a quem elle abraçou com muitas lagrimas: cousa que o prazer, quando vem supito, traz tanto por costume, como tristeza que muito dóe. E depois de apertar Palmeirim como a cousa que lhe saíra d'alma, tomou antre os braços Floriano, a que nunca vira, e com palavras cheias d'amor os levou comsigo pera cima, onde achou a imperatriz, acompanhada de Vasilia e Polinarda, que os estava esperando, que já lá chegára a fama de quem eram. O imperador lhos presentou, e ella os recebeu com mais lagrimas do que elle fizera; porque tambem nas mulheres qualquer destes acci-

dentes faz muito maior abalo. Acabado de lhe beijar as mãos o fizeram Gridonia e Vasilia. Palmeirim, que só em sua senhora Polinarda levava o coração, tanto que a viu, postos os olhos em terra para lhe beijar as mãos, sentiu tamanha fraqueza nelle, que sem nenhum sentido, quasi desmaiado, caíu no chão: e posto que ella sentisse donde lhe viera o damno, bem cuidou o imperador e os que alli estavam, que as feridas de Albarroco, de que lhe tanto sangue saíra, o pozeram em tal estado. E tomando-o nos braços Vernao, Polendos, Primalião e Beroldo o levaram a uma camara, onde estavam tres leitos de uma maneira; e lançando-o em um delles, Floriano e Dramusiando foram lançados nos outros, e alli visitados e curados igualmente, que o imperador tinha em tanta conta Dramusiando, que nenhuma differença consentia que se fizesse delle a seus netos. Polos mestres foi certificado, que as feridas não eram de perigo, de que o embaixador e sua côrte ficaram tão satisfeitos, como Albayzar descontente: e alli, acompanhados de seus amigos, servidos do necessario, praticavam sempre na demanda dos gigantes e no fim que houveram, tão conforme a seu merecimento, esperando cada dia por guerra, segundo o desafio que trouxeram. Outras vezes mudavam a pratica, havendo por desnecessario annunciar mal vindouro, e tambem porque a paz com palavras se ha de conservar, a guerra com armas se hade fenecer.

CAPITULO XCV.

DO QUE PASSOU NA CORTE DO IMPERADOR DEPOIS DA BATALHA DOS GIGANTES.

Passados alguns dias depois daquella temerosa batalha, e os feridos taes de suas feridas, que já não havia que temer, Florendos, a quem a saudade das aguas do Tejo e arvoredos do castello d'Almourol não deixavam repousar, não podendo soffrer em si os mimos e boa vida que passava, quiz partir-se, e tornar o escudo do vulto de Miraguarda ao proprio logar, onde antes estava, e a ella presentar preso Albayzar, pera que delle tomasse a vingança que bem lhe parecesse, segundo a postura de sua batalha: e pera mais execução de seu caminho, depois de ter prestes as cousas necessarias, pediu licença ao imperador; e despedindo-se de seus amigos, quando o quiz fazer da imperatriz sua avó e de Gridonia sua mãi, foi tamanho d'acabar deixarem-no partir, que por força o detiveram mais oito dias, nos quaes o imperador quiz prover de Targiana, segundo o que a seu estado delle e della convinha. E com parecer de Primalião e alguns principes, que na côrte estavam, determinou mandal-a ao gram turco acompanhada d'el-rei Polendos e outros cavalleiros de gram preço; e vendo a conformidade de vontades que antr'ella e Al-

bayzar havia, com consentimento d'ambos, os casou primeiro, celebrando o dia desta ceremonia, feita a guisa de Turquia, tamanhas festas, quanto nunca em sua côrte em casamento de seus filhos se viram outras iguaes. Não era muito fazel-o assim, que usava do officio de sua inclinação, que é tratar cada um segundo o merecimento de seu estado; ainda que fossem imigos, e lho não merecessem. Naquelle dia toda pessoa de toda qualidade polo comprazer se vestiram e ataviaram o melhor que poderam, segundo a substancia de cada um. Targiana saíu tão fermosa e custosa de atavios, que lhe o imperador mandou dar á sua custa, que não teve de quem se temesse pera lhe fazer inveja, se não se foi Polinarda, que nas obras de natureza lhe fazia muita vantagem. Albayzar, posto que o contentamento daquella festa para elle fosse grande, torvava-lho a lembrança de ser vencido de Florendos, e saber que havia de ser presentado preso ante Miraguarda. Passado o dia do casamento, ao outro dia pola manhãa, Targiana se despediu da imperatriz, Gridonia e Vasilia, mostrando muito desejo de lhe sempre servir, e ser em conhecimento das sinaladas e grandes mercês que dellas recebeu. Mas inda que estes cumprimentos Targiana fizesse com mostras e palavras dinas de estimar e serem lembradas, lá lhe ficaram guardadas outras maiores pera Polinarda, a quem tambem confessava ser em muito maior divida. Assim com lagrimas d'uma e outra parte, que é cousa natural ao par-

tir; se despediu dellas, e em companha de Polendos com os mais, que pera isso estavam prestes, se poz ao caminho. O imperador, e Primalião, e os principes de sua côrte foram acompanhal-a uma legua, e nunca pode acabar-se com Florendos, que deixasse ir Albayzar, que o queria pera testemunha de suas obras e satisfação da vontade de Miraguarda. Partida Targiana e o imperador tornado á cidade, Florendos, em quem não cabia descanço nem repouso, quiz tambem pôr em obra sua determinação, e posto que a imperatriz e Gridonia fizeram o que poderam polo detêr, foi trabalho em vão, porque passados dous dias depois de partida Targiana se poz ao caminho, levando comsigo Albayzar em um palafrem sem armas com dous pagens; um levava o escudo do vulto de Miraguarda envolto em uma funda de seda, e outro o seu; um dos escudeiros d'Albayzar o de Targiana, que Florendos o consentiu, por lhe fazer a vontade em alguma cousa. Gram saudade fez na côrte a partida de Florendos aos cavalleiros que nella ficavam, que sua conversação era dina d'isso. Porém na imperatriz, e Gridonia sua mãi, fez maior abalo, que como as mulheres naturalmente são mais delicadas no sentir, assim tem menos moderação no soffrer. Partido Florendos, de quem se fallará a seu tempo, a donzella de Tracia, que não esperava mais que a disposição de Palmeirim pera tambem seguir seu caminho, vendo que já estava pera o poder fazer, um dia ante o impera-

dor, e em presença dos mais de sua côrte, lhe disse: Senhor Palmeirim, bem sabeis que minha partida desta terra não póde ser sem vós; pois o remedio do que busco ha tanto tempo está em vossa mão: peço-vos, pois vossa pessoa té agora se não negou pera soccorro dos que vos houveram mister, vos lembre que este, que tendes pera fazer, não é menor em merecimento que outros que já fizestes, e adiante se vos podem offerecer, e mais sendo cousa a que estaes em obrigação, pois deu causa que os que vos não conheciam, saibam affirmar que em vós se encerra a gloria das armas; que pera os que vos já sabiam o nome, escusada era a experiencia da copa, tendo vistas de vós outras tão grandes como ella. A princeza Lionarda não pode ser desencantada senão por vossa mão, olhai que nisto inda accrescentaes em vossa fama: e, pois em igualdade de pessoa e fermosura vos não desmerece, podeis casar com ella e accrescentar em vosso estado: e se porventura o gosto de seguir armas vol-o não deixar fazer, a casareis com pessoa que a mereça, que tudo está em vossa mão: lembre-vos que as feridas, que recebestes na batalha dos gigantes, dão lugar a poderdes caminhar. Já que esta escusa vos não fica, e vós não podeis ter outra, queria que de manhã por diante fossemos caminho. Fermosa donzella, respondeu Palmeirim, eu estou tão offerecido aos trabalhos, que não sei se me poderia vir algum, a que negasse minha pessoa, quanto mais esse,

a que de razão sou tão obrigado. Folgára de me poder partir hoje, mas espero que me acabem umas armas que mandei fazer, que as outras vós vistes em que disposição ficaram; por isso peço-vos que vos não pese com detença tão pequena, sendo tão necessaria. Satisfeita e contente ficou a donzella com estas palavras, e ao imperador pesou ouvil-as, que a Palmeirim queria maior bem, e tinha mais affeição que a nenhum de seus netos. D'alli se foi á imperatriz, a que tambem pesou; mas como n'ella o amor de Florendos fosse maior que nenhum outro, com a saudade delle esperava esquecer a de Palmeirim. Polinarda, ainda que comsigo acabou sempre não lhe mostrar cousa de que se contentasse, vendo-o partir, o amor, que em seu coração já criára raizes, lhe fez fazer maravilhas: tanto a apertaram aquellas mudanças novas, que não se podendo soffrer, se recolheu á sua camara com Dramaciana, e a portas cerradas começou torcer as mãos, e fazer outros signaes conformes ao que sentia, lançando lagrimas por suas faces abaixo; de que Dramaciana houve gram dó: e, inda que sempre conheceu n'ella vontade clara pera cousas de Palmeirim, vendo aquelles estremos tão differentes dos passados, a quiz consolar, dizendo: Senhora, não cuidei que nenhuns accidentes bastassem a desbaratar vossa descripção: se estas novidades nascem da partida de Palmeirim, porque vos não lembra que todo seu desejo é tornar ao lugar onde vos possa ver? E posto que

pera isto não bastasse vosso estado e merecimento, as perfeições de vossa fermosura e parecer são pera desbaratar vontades livres, e fazer extremos. Palmeirim se contentara de casar comvosco, e eu sei delle que esta esperança o sustêm, e que se lha alguem negasse, morreria: favorecei-o e olhai-o; sinta em vós algum agradecimento do que vos merece, que isso o trará tão contente que o fará tornar mais prestes, que vós quereis. Polinarda, que té li com a força da paixão tivera os espiritos mortos e a lingua muda, algum tanto consolada das palavras de Dramaciana, começou dizer: Ai Dramaciana, que queres que faça, que o que quero a Palmeirim não posso dissimulal-o; confessar-lhe esta vontade, não o faria por nenhum preço, que temo lhe pareça qne a grandeza de seu estado o causa, pois o não fiz no tempo que estava sem esperança d'algum. D'outra parte lembra-me que vai desencantar Lionarda, de quem se diz, que é a mais fermosa mulher do mundo. Temo que isto e cobiça de senhorear, que antre os homens tem gram força, juntamente com a lembrança, que terá, de meus aggravos, o mova a não tornar, e casar-se com ella. Não creio eu, senhora, disse Dramaciana, que quem tão verdadeira mostra de namorado fez na experiencia da copa, seja tão pouco constante em parte que lhe tanta honra deu, e, se vós me derdes licença, hoje no serão fallarei com elle, e como sua amiga, sem poder suspeitar que a pratica nasce de outra parte, ve-

rei que sinto de sua vontade. Dramaciana, disse Polinarda, queira Deos que algum hora te possa pagar o muito que te devo. Isso me parece bem, faze-o assim, e não dês azo, que se presuma que o sei. Então limpando as lagrimas, se tornou pera a imperatriz. Pois Palmeirim, vendo que sua partida se chegava, não passou aquelle dia em contentamentos; antes da propria maneira, recolhido em sua pousada, só com Selvião, dizia cousas muito pera haver dó delle. O que antre muitas, que lembravam, mais sentia, era não poder achar na memoria lembrança d'algum contentamento, que um hora de sua senhora recebesse, achando mil aggravos pera sentir, e de que nunca se queixou. Selvião, como discreto, o consolava com razões tão vivas, que muitas vezes, inda que Palmeirim lhas não concedesse, por não consentir algum bem seu, deixava de lhe responder: nisto passaram o dia. Chegada a noite, se foi ao serão, que o havia em casa da imperatriz, e sentando-se junto com Dramaciana, que era sempre o seu mais certo lugar, começou praticar no que lhe mais ia, dizendo: Senhora, se me podera queixar a alguem, fizera-o; mas a quem o farei, se isto são cousas, que nem se se podem dizer a outrem, nem o remedio dellas póde vir senão de vós. Queria que me dissesseis onde vos mereci, sendo tanto vosso amigo e servidor, consentirdes que os esquecimentos da senhora Polinarda me matem: ao menos, visse-a lembrar de mim e fosse pera me fazer mal, se acha que

outro bem lhe não mereço. Mas que farei, que toda a occupação de meu cuidado é a fim d'a servir, e ella não lhe lembra que o faço, por me negar algum agradecimento se m'o d'alli fica devendo? Olhai com quão pouca me contento, que não quero em pago de tantos trabalhos outra satisfação, senão cuidar que algum hora sente, que os passo: e não me tire delles, que na hora, que mos ordenou, logo perdi essa esperança. Esta soltura de palavras nunca a eu tive té agora; mas, agora nem o tempo, nem o soffrimento me dão lugar, que as encubra; e mais a vós, a quem sei que faço erro não as descobrir mais cedo. Peço-vos, que pera passar estes malles, me ordeneis algum remedio, e se virdes que o não tem, encobri-me o desengano, que não quero cousa que me mate, pera depois não poder servir quem de minha vida se não lembra; nem contar-vos a vós o que sinto. Quem ha de cuidar, senhor Palmeirim, disse Dramaciana, que nesta casa vos podia lembrar alguem, vendo o soffrimento, que tivestes, de andar tanto tempo fóra, sem nunca tornar a ella? Isto faz crer, que ou não tinheis quem vos muito lembrasse; ou vos queixaes por costume, como outros alguns fazem. Vós vais desencantar Lionarda, que é fermosa e rica, e sobretudo herdeira de senhorio tão nobre e grande; póde ser que os seus amores novos vos façam esquecer cuidados velhos; e então nem tereis que esperar de ninguem, nem de quem vos queixeis tão pouco.

Senhora, disse Palmeirim, se vos eu algum hora merecêra dizerdes-me palavras, que me assim magoem, não me espantára achal-as em vós; mas sempre tive a vontade tão certa pera vos servir, que por isso qualquer aggravo recebido de vós é pera mim muito mór que se outrem mo fizesse. Lionarda quizera que fôra muito mais fermosa do que dizem, pera verdes se basta isto a desbaratar minha fé. Seu estado que seja grande, não é essa a satisfação, que meu desejo quer, e se eu valesse com vos acabar com a senhora Polinarda, que me ouvisse, creria que algum tanto desejaveis fazer-me mercê. Já creio, disse Dramaciana, que vossa firmeza não se póde desbaratar com nenhuma cousa. Fallar-vos a senhora Polinarda, não creais que antes de vossa partida possa ser: fazei vosso caminho, que da volta eu espero ter tudo tão concertado, que vos ouça, e com que creais de mim, que, guardando o que sua honra e estado convém, vos não sáia da vontade. Porque se acaba o serão, e não ha lugar de mais palavras, estas vos fiquem na memoria pera com maior gosto fazerdes vosso caminho. E porque já o tempo não dava lugar a responder-lhe, se apartaram. A imperatriz se foi a seu aposento e o imperador com ella, e cada um se foi a sua pousada. Palmeirim algum tanto contente, polo que passou com Dramaciana, sabendo quão privada era de Polinarda, dormiu a noite com mais repouso, que as outras passadas. O outro dia pola ma-

nhãa o armeiro lhe trouxe as armas, que, além de serem louçãas, eram conformes ao tempo; porque eram de branco e pardo, partidas a quarteirões, com borboletas d'ouro por ellas. No escudo em campo pardo um tigre, que antre as mãos espedaçava um homem. Por esta devisa em muitas partes, lhe chamaram o cavalleiro do Tigre, cuja fama em pouco tempo voou grandemente. E, armando-se dellas co'a donzella de Tracia pola mão, se foi despedir do imperador a tempo, que sabia da missa. Elle o levou a casa da imperatriz, onde se despediu della e Gridonia e Vasilia. Porem ao tempo, que o fez de Polinarda, lhe vieram uns sobresaltos ao coração taes, que, se seu acordo não fora pera muito, podera dar azo a se sentir. Ella não pode tanto dessimular aquelle apartamento, que na côr do rosto se lhe não visse alguma mudança. Algumas lagrimas houve naquellas senhoras, e não tantas como na partida de Florendos. Sahido Palmeirim d'antr'ellas se despediu tambem de Primalião e Vernao e de seu irmão, de Dramusiando e outros seus amigos, que contra sua vontade o deixavam ir, e se poz no caminho do reino de Tracia, acompanhado de Selvião e da donzella, ficando a corte tão desacompanhada sem elle, que parecia que estava só. Outro dia depois de sua partida, chegaram dous senhores alemães á corte em busca de Vernao, que fosse tomar o sceptro e reger seu imperio, que o imperador Trineo era morto. Estas novas fizeram algum abalo de pesar, principalmente no imperador, que era muito

amigo seu. Dalli por diante esperava pola sua hora, que a idade, em que estava, o punha neste receio. A imperatriz fez gram pranto per seu irmão. Passados alguns dias, Vernao co'a imperatriz Vasilia sua mulher, acompanhados de todos os principes e cavalleiros, que na corte estavam, se poz ao caminho. Ella ia prenhe d'um filho, que depois chamaram Trineo, como seu avô e foi melhor cavalleiro que elle. Chegados a Alemanha, inda que a morte do imperador fosse mui sentida dos seus, por ser um dos mais benignos principes do mundo, o povo, que sempre folga com novidades, receberam seu filho com tamanhas festas, que parecia, que de todo eram esquecidos da morte de seu pai. Foi coroado na cidade de Colonia com maior triumpho, que té então o fora nenhum imperador. Logo naquelle dia, em aceitando o sceptro, fez mercê do ducado de Saxonia e condado de Flandes a Polinardo seu irmão, que era um principe deshérdado de patrimonio e não das virtudes que a principe convinham. E pera mais honrarem a festa estiveram alli alguns dias Floriano do Deserto e o principe Floramão, o gigante Dramusiando, Albanis de Frisa, Roramonte, o principe Graciano, e Beroldo principe d'Hespanha, Germão d'Orlians, D. Rosuel, Belisarte e Pompides, que todos estes vieram com Vasilia, por fazer serviço ao imperador, que os mais eram idos em companhia de Polendos e guarda de Targiana. Depois da coroação de Vernao se partiram seguir suas aventuras, cada um por sua parte, não estimando passar os trabalhos que lhe

sucedessem, com medo ou temor da morte; que esta, ainda que se receie, não se deve sentir.

CAPITULO XCVI.

DO QUE PASSOU ELREI POLENDOS DE TESALIA NA VIAJEM DE TARGIANA: E O QUE ACONTECEU A FLORENDOS NA FORTALEZA DE ASTRIBOR.

El-Rei Polendos com seus companheiros, que eram cento, em que entravam principes e outros herdeiros de grandes estados, andou por suas jornadas ate chegar a um porto de mar onde o esperavam quatro galés reaes, que o imperador mandara fornecer de todo o necessario e bastecer d'artelharia e outra munição e aparelhos de guerra, pera que, se algum desastre acontecesse, os tomassem apercebidos. E embarcando-se Targiana na capitana, Polendos com vinte e cinco cavalleiros os mais principaes se metteu nella, e os outros repartiu em as outras galés, vinte e cinco em cada uma, e soltando as velas ao vento, que então eram prospero, cuidaram atravessar o mar de Turquia mui prestes; mas a fortuna, que tinha determinado delles outra cousa, depois de serem engolfados no mar, virou o vento tão ao contrario e desviado do seu caminho, que em poucos dias os fez arribar na costa d'Africa, que naquelle tempo era senhoreada de imigos, onde lhe calmou o vento e foram salteados de dez

galeras del rei de Marrocos e senhor de Ceita, que então occupava com seu senhorio toda aquella parte, Mas, inda que nas grandes afflições raras vezes se acha em uma só pessoa conselho singular e coração esforçado, Polendos se houve tão discreta e valentemente, que assim por mera sabedoria, como por esforço singular, os desbaratou com morte de seus imigos, tomando preso Moleyxeque capitão da frota e sobrinho del-rei, filho d'uma sua irmãa e del rei de Tunes, sem morte de nenhum seu, posto que alguns ficassem feridos: e com gloria de vitoria tão crescida se foi pera Targiana, que estava quasi morta, receando os desastres da fortuna, que a seu parecer pera ella estavam sempre aparelhados, e esforçando-a com novas de vencimento, tornaram tomar sua rota; e não se tendo por seguros em toda aquella costa, a força de remos, que o vento não consentia vela, em pouco tempo arribaram ao mar de Turquia, onde, passando alguns dias, chegaram ao porto d'uma cidade nobre, onde, o turco fazia sua habitação. Lançando ancoras junto com terra, começaram salvar o porto com tiros d'artilharia em tanta quantidade, que os da cidade acudiam uns ao mar, outros se punham polas ameias e janellas, não sabendo determinar aquella novidade de festa, cousa que naquella terra não se acostumava havia muitos dias. Antre outra gente, que veio ter á praia, veio o gran-turco, acompanhado de poucos nobres, em cima d'um cavallo russo pombo, a barba branca tão crescida e grande, que lhe dava pola cinta, e como fosse carregado nos dias, e tivesse muita pes-

soa, parecia merecedor do senhorio, que possui que este bem tem quem a natureza dotou de perfeições corporaes; porque muitas vezes a pouca authoridade da pessoa dá pouco credito nas obras, inda que sejam boas. Polendos mandou pôr a proa da galé em terra, e tomando Targiana pola mão, acompanhado de seus companheiros armado de ricas armas e ella vestida com suas damas d'atavios, que de Constantinopla pera aquelle dia traziam sairam fora: e pondo Targiana os olhos em terra, quiz com muitas lagrimas beijar os pes de seu pai, que salteado de cousa tão supita, nem conheceu sua filha, nem sabia determinarse: porém acabado de cair no caso, inda que sua paixão fosse grande, não pode o paternal amor sofrer se tanto, que logo a não perdoasse, levantando-a nos braços e abraçando-a muitas vezes a apertava comsigo. E mandando buscar palafrens pera ella e suas damas, quiz tambem que trouxessem cavallos pera Polendos e seus companheiros, a que recebeu com muita cortezia, sabendo quem eram. Toda a gente da cidade correu a aquella parte pera verem sua senhora, e com desigual prazer e contentamento a recebiam e acompanhavam. O gram turco mandou apousentar dentro no paço a Polendos e toda a sua companha, tão providos das cousas necessarias como o podiam ser em suas proprias casas; porem como sua tenção fosse damnada, uma noite, antes do dia, que determinavam embarcar-se pera se partir, os convidou cear com elle. O banquete foi tão nobre e grande, quanto nunca nenhum delles vira outro maior, passando-o todo em louvores

da corte do imperador Palmeirim e das muitas nobrezas de sua pessoa. Ao tempo do levantar as mesas, segundo estava ordenado, entraram pola porta da sala quinhentos cavalleiros da guarda do gram turco, armados de todas peças, as espadas na mão, dizendo: Não se bulla ninguem, se não convem que quem o contrario fizer, sinta em suas carnes os duros fios destas espadas. O turco se foi a este tempo por uma porta falsa, que hia ter a um corredor, que vinha sobre a sala, e começou dizer a grandes vozes: Polendos, dáte e teus companheiros á minha prisão, se não será, força mandar-vos matar a todos cousa contra minha condição. Mas como é natural dos corações esforçados quererem antes morrer em liberdade que viver em captiveiro, Polendos com seus assim desarmados, só com as espadas nas mãos, postos um canto da sala a determinavam deixar-se antes matar que prender, e, occupado da ira dizia contra o gram turco: Por certo duas cousas se empregàram mal em ti, pessoa e estado. Bem se parece que a natureza em muitas de suas obras minte. Queria saber qual é a razão porque nos prendes, ou porque não tens conhecimento do serviço, que te fizemos em trazer tua filha com mais seguridade e honra do que mereces? Certo dos máos se não deve fiar ninguem, porque seus galardões sempre são conformes a sua condição. Polendos, respondeu o gram turco, tu deves crer que por ti e polo imperador faria toda cousa, que em mim fosse; mas estou tão escandalisado de me não querer mandar entregar um cavalleiro christão, que em sua cor-

te fica, que me daqui furtou minha filha, que té que o não faça, daqui vos não hei de soltar a vos. Em má esperança nos pondes, disse Polendos; por isso seria melhor morrer todos como esforçados em poder de tantos cobardes, que viver em prisão perpetua; que esse cavalleiro, que pedes, antes o imperador perderia todo seu estado, que entregar-te o que é um dos melhores do mundo, e a quem mor bem quer. Pois convém, disse o turco, que todavia vos deis a prisão, senão morrereis. Nisto chegou a fermosa Targiana onde seu pai estava, e vendo a determinação delle, se lançou a seus pes, pedindo-lhe que não fizesse tamanha crueza em homens que lh'o não mereciam, trasendo-lhe a memoria as honras que recebera em casa do imperador, o gasalhado e amor com que sempre a tratara, e o serviço que lhe depois fizeram no mar. E com todas estas cousas não pode vencer e abrandar seu pai, e pelos não ver morrer, sem lhe poder valer, se desceu abaixo, e com as mesmas palavras com que pedira misericordia a seu pai, pediu a Polendos que se quizesse antes deixar prender com seus companheiros, que querer morrer sem remedio. E pois por aquella via a fortuna lhe promettia algumas esperanças de vida as não quizesse engeitar, que não era determinação de discretos: e lhe lembrasse que tinha a ella de sua parte pera alguma hora lhe poder aproveitar. Tantas cousas Targiana lhe disse, tãobem lhe soube pedir o que queria, que, soltando as espadas, se deram a prisão, e foram mettidos em uma torre escura de-

baixo do chão, tão carregados de ferro, que quasi se não podiam bollir. Targiana em todo o tempo, que ahi estiveram, nunca vestiu se não xerga, e viveu em continua tristeza. O turco mandou tomar as galé e soltar Muleyxeque, e ao outro dia fez cartas ao soldão de Persia e a outros principes pagãos, fazendo-lhe saber da prisão daquelles homens e sua determinação, que era fazer nelles cruezas dinas de memoria, em vingança do furto de sua filha, e da morte de Barrocante e seus companheiros; que vissem se queriam ser a isso presentes, que esperaria o tempo que ordenassem. A todos os principes, que isto chegou, pareceu mal sua tenção; mas como os maos, ainda que conheçam o mal, não é nelles fazer bem; louvaram-lhe o que fizera, aprovando-o por cousa necessaria a sua honra, conselhando-lhe todavia que os não devia matar te Albaizar ser vindo; porque a morte delles lhe poderia fazer damno la onde andava. Bem pareceu este conselho ao gram turco, e por esta razão lhe alargou algum tanto as prisões, e deu licença que podessem mandar seus escudeiros. Mas elles não quiseram deixar seus senhores, por lhe serem companheiros nos trabalhos como nas bonanças: somente mandaram um de Belcar, que tambem estava preso, com as novas ao imperador; de que recebeu mui grande pesar. Primalião dizia cheio de manencoria e ira: De todos estes acontecimentos e desastres vossa A. tem a culpa, que quer usar de nobrezas com quem em pago dellas vos da esta paga; que na verdade a virtude só com os virtuosos se ha de usar. Agora quero ver que maneira se terá

pera lhe poder valer; que não cuido que todo vosso estado, nem outro muito maior, abaste a os poder tirar de prisão tão dura. De meu conselho deveis mandar buscar a Albaysar, e te-lo preso; porque a troco delle vos entreguem os vossos, que com estes se de cautella vos não aproveitaes, os outros remedios não cuido que possam valer nada. Isto não vos deve parecer mal, que a fé não se ha de guardar aos quebrantadores della. Filho, disse o imperador, se alem de ver Polendos e Belcar e todos esses outros cavalleiros prezos, te vira tambem a ti, não creias que com cautellas, fora de meu costume, trabalhara de vos soltar, ainda que todalas outras esperanças de remedio tivesse perdidas. Antes consentiria ver-vos morrer juntamente na prisão, que usar de cousas deshonestas a mim. Essa differença quero que haja de mim ao turco, que é a propria que ha d'antre os bons aos maos. Albayazar não tem culpa nos erros do turco; por isso não seria razão pagar os males, que esse outro faz: d'uma só cousa me espanto, e é da princesa Targiana consentir cousa tão malfeita, e não lhe lembrar as honras e gasalhados desta casa. Por certo senhor, disse o escudeiro de Belcar, della não tendes de que vos queixar devia, fez tudo o que pôde. Então lhe deu conta miudamente do que passava. O imperador, acabado de o ouvir, se recolheu com a imperatriz, e Primalião se foi a sua pousada. Pois deixados a elles té seu tempo, torna a historia a dar conta de Florendos, que caminhando por suas jornadas contra o reino de Hespanha sem achar impedimento

a seu caminho, que já então as aventuras eram menos, um dia a horas de vespera chegaram a um valle gracioso e grande; no fundo delle estava assentado um castello formoso e forte. Albayzar, quando o viu, disse: Por certo ao pé de aquelle castello passei a maior afronta em que nunca me vi, que por soccorrer a uma donzella que dous cavalleiros por força queriam deshonrar, os matei ambos; e depois sahiram a mim dez, a que tambem venci e desbaratei com morte de muitos delles. Por derradeiro saiu Dramorante o Cruel, senhor desta fortaleza, a quem tambem matei, estando presentes a isto Palmeirim e Floriano e Pompides. E se vos bem parecer, devemos hir la; ao menos repousaremos algum espaço, que a senhora do castello, a quem o dei, é a propria, que queriam forçar, e nos fará todo serviço. Vamos, disse Florendos, que não sinto em toda esta terra outro povoado mais perto. Mas como aquella casa tivesse já trocado os moradores e não os que Albayzar cuidava, antes de chegarem ao pé da Fortaleza sahiu um escudeiro a elles: traz elle algum tanto arredados ficaram quatro cavalleiros armados de fortes e lustrosas armas; chegando a Florendos, disse: Senhor cavalleiro, o grande Astribor vos manda dizer que deixadas as armas, vós e vossa companhia vos vades meter em sua mão, se não que será forçado usar de crueza, cousa fóra de sua condição; porque quer saber se por ventura conheceis ou sois um cavalleiro, que neste castello a trai-

ção com engano matou Dramorante seu primo, e deu a fortaleza a uma donzella, que tem presa te ver se acha este que deseja, pera os queimar ambos vivos. Albayzar quizera responder, e Florendos não lho consentiu por estar sem armas, dizendo ao escudeiro: Dizei a Astribor, que eu não sou o que deseja achar; porem conheço-o muito bem, e sei que matou Dramorante com todos seus cavalleiros como muito esforçado; e que entregar minhas armas não o farei, senão em parte onde mais seguridade tivesse. Pois convém, disse o escudeiro, que em quanto torno com essa resposta vos defendais daquelles quatro cavalleiros, que tem de costume tomal-as por força ao que as não quer dar por vontade. E antes de esperar outra resposta se foi. Florendos, vendo que os cavalleiros se concertavam nas sellas, tomando uma lança, cuberto do escudo sahiu a recebelos. Todos juntos quebraram nelle as lanças sem o poder mover: e ao que encontrou, passando-lhe as armas, deu com elle morto no chão; e, arrancando da espada, antes que Astribor sahisse, que se estava armando a gran pressa crendo que aquelle fora o que matara Dramorante, cortou o braço da espada a outro; e aos outros dous, inda que esforçadamente se defendessem, ferindo-o por todas partes, em pequeno espaço os poz em tal estado, que, quando Astribor saiu, se não podiam bullir. Elle sahiu em um cavallo ruão, armado d'armas negras e temendo que qualquer cumprimento; que fizesse, lhe podesse fazer damno, não quiz deixar a

lança, posto que viu Florendos sem ella; nem menos soltar o escudo, vendo que o de seu contrario estava desfeito: antes batendo as pernas ao cavallo com toda a força que pode levar, o encontrou de feição, que a elle e ao seu lançou em terra. Florendos vendo-se em tão grande pressa, occupado da ira e manencoria, que da soberba d'Astribor lhe nasceu, a pe, cuberto do pequeno escudo que lhe ficara se chegou a elle, que assim a cavallo como estava o esperava; porém, temendo-se que seu contrario lho matesse e que ao cair podesse receber algum damno, confiando tambem na sua força e valentia, saltou fora. Ambos começaram a batalha temerosa e granna qual Florendos trabalhou tanto, que sem tomar nenhum repouso nem o dar a seu contrario, que algumas vezes o quizera, a poder de muitas feridas o estirou morto a seus pes; e, parecendo-lhe que ainda o não era de todo, com muita pressa lhe desenlaçou o elmo, e cortou a cabeça dizendo: Este é o galardão, que tua vida merece. Alguns cavalleiros, que no castello ficavam, deixaram as armas, vendo seu senhor morto; e parecendo-lhe melhor conselho vieram receber Florendos á porta entregando-lhe as chaves da fortaleza; e, antes que se curasse das feridas mandou que soltassem a donzella, que estava presa. Albayzar foi á prizão por sua propria pessoa, que era no baixo d'uma torre, onde a achou sem outro nenhum, com uns ferros pequenos e delgados nos pes; e perguntando se havia outra

prisam no castello, soube que não, então a trouxe onde Florendos estava tam desacordada e perdida, que Albayzar a não conhecia. A donzella, quando foi no claro e o vio, lembrando-lhe o perigo de que já a tirara, o beneficio que então recebia, que ouve por maior que o primeiro, deitada a seus pés com muitas lagrimas, começou-lhe dar as graças por tantas mercês. Senhora, este soccorro agradecei ao senhor Florendos que ahi está, pois o fez, que eu por minha desventura já o não faço a ninguem, nem posso trazer armas. Ai senhor, disse ella, mal haja quem tanto mal fez, quem vos eram milhor empregadas que em nenhum e se isso muito durar será grande perda pera muitos, que tem cada dia necessidade de outras obras como as vossas. Albayzar lhe atalhou aquellas palavras, porque não era nelle sofrer nenhumas em seu louvor e rogou-lhe quizesse dizer porque via Astribor alli viera ter e a rezão porque a prendera. Senhor, disse ella este Astribor era primo com irmão de Dramorante o cruel e ainda mais preverso e de piores obras e ouvindo dizer que Dramorante era morto, trazendo consigo dez cavalleiros, veio ter a esta fortaleza a tempo que eu me nam temia de ninguem, onde dando de supito, mandou meter a espada a quantos achou dentro e só a mim deixou viva, dizendo que me queria ter em prisam té haver vos a mão e queimar-nos ambos juntos: e pera isso mandava seus cavalleiros saltear quantos achava, e tanto que lhos traziam e

via que nenhum era o que esperava, faziaes matar. Já agora, disse Albayzar, cessara essa crueza. Nisto acabaram de desarmar Florendos e fazerem-lhe um leito. A donzella o curou de suas feridas, que eram poucas e pequenas; que como se disse já atraz, esta donzella era grão sabedora naquella arte. Alli se detiveram mais dias do que Florendos quizera, que quem a vontade tem em outra parte qualquer detença lhe parece grande.

CAPITULO XCVII.

DO QUE PASSOU PALMEIRIM EM COMPANHIA DA DONZELLA DE TRACIA.

PARTIDO Palmeirim da corte do imperador seu avó em companhia da donzella de Tracia, algumas aventuras achou, que se aqui não dizem, que, posto que acontecidas a outrem o poderam fazer dino de memoria, em Palmeirim ficavam de menos qualidade, porque, segundo suas obras passadas, nenhuma cousa podia parecer grande, senão aquellas que em outros são dinas de admiração. Assim que, deixando de contar algumas cousas, que naquelle caminho passou, diz a historia, que havendo alguns dias que partiram da corte chegou ao reino de Tracia, de que a donzella se mostrou alegre e contente, vendo que já hia chegando ao fim que desejava e tras que

tantos annos trabalhava. E porque alli era conhecida e estimada, sabiam pelas villas e logares, onde passavam, a vêla como cousa desejada de todos, e punham os olhos em Palmeirim, dizendo: Este é nosso natural senhor: bemaventurados os vassalos, que de tão sinalado principe são subditos, pois se nelle encerra toda a valentia e esforço. E não era muito que tanto de ante mão o amassem, e desejassem servir como a seu rei natural, pois não era de presumir que nenhum principe, por grande que fosse, quizesse engeitar ser rei de Tracia, e casado com Lionarda, que naquelles dias se dizia que era a mais fermosa mulher, que a natureza criara, segundo o que se esperava das palavras de elrei seu avô, que em as cousas, que eram por vir, tinha espirito profetico, ou saber tão certo, que em memoria de nenhum dos presentes não se achava cousa em que sua sciencia e arte o enganasse. Porem como a vontade de Palmeirim estivesse entregue em outra parte de mais alto merecimento, nem agradecia os louvores que lhe davam, nem via a hora em que acabasse sua empreza pera se poder tornar. Com este pensamento caminhou tanto por aquelle reino, que foi ter á cidade de Limorsão, onde o esperavam os grandes delle, que por um correio, que lhe a donzella mandára, sabiam de sua vinda. E o sairam a receber com todo o triumpho, e cerimonia, que poderam, crendo que o faziam a rei de Tracia. No meio delles foi levado té o aposento real,

onde como a senhor o aposentaram, e antes de se desarmar foi visitar a rainha Carmellia, avô de Lionarda, que inda naquelle tempo era viva e em fraca disposição, por a idade sua ser muita. Ella o recebeu com taes palavras e amor, que parecia receber um filho e não homem alheio: e na verdade a tenção da rainha era te-lo naquella conta e não em outra. Mas Palmeirim, que trazia a sua desviada de tal pensamento, pesava-lhe tanto destes comprimentos e cerimonias por ver o fim e respeito com que os fazia, que lhe não soffría a condição podel-os esperar, crendo que com isso offendia a seu cuidado. Por esta razão como melhor pôde se despediu della e se foi a sua pousada, onde o desarmou a donzella de Tracia e Selvião, que nunca o desacompanhava; onde foi provido da ceia, a que estiveram presentes muitos grandes do reino, que aquella hora trabalhavam por lhe ganhar a vontade, não querendo nenhum ser ausente em qualquer cousa, temendo que os outros lhe podessem furtar o tempo: erro que entre os mais chegados alrei se costuma mais que em outra gente. E assim é bem que seja, porque neste trabalho de espirito, que com elles anda e sempre os acompanha, tenham o verdadeiro desconto das outras bonanças que comsigo tem, que de outra maneira poder-lhe-hiamos chamar não homens, mas deuses; pois a natureza os dotou tão inteiramente de bens temporaes e do serviço dos homens, que nenhuma outra cousa lhe fica em que possam conhe-

cer a deos, se não na superioridade do principe, que os opprime a não sair tão fóra de mão como a condição os obriga: disto não nos devemos espantar, pois são cousas que vão ordenadas por mão de quem em nenhuma teve desordem. Acabada a ceia, se recolheu a uma camara, onde havia de dormir, despedindo-se de todos, não como superior, se não como igual companheiro; não recebendo os offerecimentos de cada um da maneira que lhos elles faziam, mas segundo lhe ficava vontade pera lhos satisfazer, de que alguns começavam murmurar, julgando as palavras de Palmeirim a outro fim. Porém isto nasce do erro, que a fraqueza humana tem, que é os mais homens murmurarem mais vezes do bem do que contradizem o mal. Aquella noite passou Palmeirim em cuidados vivos, que o não deixaram dormir, esperando pola claridade do dia pera dar fim ao que viesse, se a fortuna lho não estorvasse e não se deter mais naquella terra, que lhe parecia que com qualquer detença, que nella fizesse, offendia a sua senhora, a quem tanto amava, e por nenhuma via lhe soffria a condição ouvir palavras contrarias ao que trazia na vontade. Passada a noite, já que rompia a alva do dia e o sol começava estender seus claros e dourados raios sobre a face da terra, Palmeirim se levantou e chamando Selviam, que na mesma casa dormia, lhe deu de vestir e o ajudou armar, de maneira que quando os principaes do reino acodiram ao paço, acharam ja apercebido pera ir passar os perigos

pera que alli viera. E vendo que sua determinação era não repousar nenhum dia primeiro que quizesse entrar na aventura do encantamento de Lionarda, acabado de ouvir missa, que por mais cerimonia a disse o arcebispo da propria cidade, o foram acompanhando té junto do campo ou lugar onde o encantamento estava: alli o deixaram, depois de lhe representarem todolos medos, que naquelle caso esperavam que lhe succedessem; as quaes razões mostrava temer pouco, que de razão mal se pode espantar com ellas quem inda as obras não teme.

CAPITULO XCVIII.

DO QUE ACONTECEU A PALMEIRIM NO ENCANTAMENTO DE LIONARDA PRINCEZA DE TRACIA.

Chegando Palmeirim em companhia dos principaes do reino de Tracia a um oiteiro alto junto do encatamento de Lionarda, dalli lhe mostraram o lugar onde estava. Como o dia fosse claro viu ao pé do oiteiro em um valle chão e gracioso; antre uns bastos e alegres arvoredos, umas torres altas com outros edeficios, ao parecer dos olhos cousa muito pera vêr; porque, alem do sitio em que estavam edeficados ser fresco e gracioso quanto natureza podia pintar, a mesma maneira de casas e paços mostrava tanta diversidade de corucheos e varandas

sumptuosas de marmores tão alvos e altos, que pareciam tocar ao Ceu, com outros extremos d'invenções e galantarias tanto d'admiração pera o engenho dos homens, que ao parecer de fóra se julgava ser mais obra divina que humana. Muito folgou Palmeirim de vêr cousa tão alegre e aprasivel; e, inda que naquelle tempo tivesse os espiritos mortos pola saudade que o atormentava, lá lhe veio uma viveza secreta nascida da graça daquelle assento, trazendo á memoria quão ditoso seria quem juntamente co'a pessoa de Lionarda o lograsse, cousa que pera apagar seu cuidado nenhuma outra bastava senão as esperanças de seu trabalho e o merecimento ante Polinarda. Depois d'estar olhando algum espaço a maneira do valle e as cousas com que antes o ameaçavam, tendo em pouco os medos dellas, porque seu parecer mais promettia deleitação ao corpo que temor ao coração, começou desestimar aquella afronta, o que na verdade nenhum discreto deve fazer; pois ás vezes vemos por experiencia que muitas cousas asperas de cometter tem brandas as sahidas, e outras os principios brandos e os fins asperos e duvidosos. Mas como a Palmeirim nascesse este despreço da sobegidão de seu esforço, e perigos que já passara, e vêr que aquella não promettia nenhum, ficava menos de culpar. A este tempo sahiu um cavalleiro do meio dos outros, homem antr'elles de gram credito e authoridade, assim por suas cãns, como pola qualidade de sua pessoa e experiencia de cousas, que muitos annos lhe mostraram, e disse con-

tra Palmeirim. Senhor cavalleiro, a quem a fortuna té agora ajudou tão favoravelmente, que em todas as cousas que fizestes, vos não ensinou nem mostrou o enves de suas obras; nem por esta bemaventurança deixeis de temer os casos, que a vosso parecer forem pequenos, que na verdade quem nos muito grandes vos quiz ajudar, tambem pode pera maior mostra de sua potencia desemparar-vos nos de menor qualidade: quanto mais que nenhuma cousa se hade julgar pola mostra que parece, que d'ahi nascem enganos, que depois não tem remedio. Digo isto, por esta aventura que estais pera acometter, que tem o principio tal, que parece que mais foi feita pera contentamento que pera receio. Pois quero que saibais, que seu contentamento com perigo se hade ganhar, e por ventura depois que vos virdes nelle, o tereis por mais do que cuidais. Senhor cavalleiro, respondeu Palmeirim, vossas palavras e a boa vontade, com que vós as dizeis, merecem o galardão e premio que eu agora não posso, pois que são cheias de verdade e desengano. Folgo em extremo de me dardes tão bom exemplo pera ao diante me lembrar; quererá Deus que isto tenha o fim que todos desejamos; e, sahindo daqui como eu espero, ao diante vol-as servirei. E porque este offerecimento fez logo inveja em algum dos que alli estavam, pola esperança que lhe ficava d'o verem rei, com razões mais cheias de seu respeito e interesse, que da verdade que os leais a rei devem, começaram louvar sua cousas, mostrando que o que havia de passar era

nada pera sua pessoa. Mas como a honra dos principes só em suas obras e não no louvor dos lisonjeiros consiste, não querendo Palmeirim ouvil-os, pondo as pernas ao cavallo, se lançou polo oiteiro abaixo. Na verdade, se no tempo d'agora os principes assim fugissem ou mostrassem odio ás lisonjarias e palavras ociosas, nem ellas fariam mal aos subditos, nem damnariam o credito delles: os bons haveriam o premio de sua virtude, os máos de suas obras, e todos nesta vida receberiam o galardão de seu merecimento. Os virtuosos deixariam de ser somettidos aos não taes, no que se muito deve prover, pera que a malicia não seja senhora da virtude, que té no inferno inda se afirma que os máos dos menos máos estão apartados: hora se nestes que vivem por ordem diabolica se guarda regra tão santa e boa, quanto mais a deve haver antre aquelles, a que foi dado juiso pera se governarem e segundo suas obras serem julgados; pois vemos que a cada um pera governo de sua vida, honra, e alma isto é necessario: quanto maior obrigação será a do rei, que alem de estar na mesma quanto a si, está na de todo seu povo, que só pera correger e emendar lhe foi dada tão alta superioridade, e não tão somente no governo da justiça e paz a d'occupar o mais do tempo, corregendo as obras alheias, mas inda as suas hão de ser taes, que nellas tomem exemplo: pera isto devem desviar de sua conversação tenções zelosas de mal, respeitando que inda que as suas sejam virtuosas, acompanhadas dos taes em pouco tempo se trocam. Daqui nascerá

ser bem quisto com Deus, amado dos seus, temido dos alheios, finalmente terá vida contente e fim glorioso: e d'outra maneira é forçado ser mal quisto, cousa que muito deve receiar, que o principe que isso tem, sempre vive com suspeita. Tornando ao preposito, tanto que Palmeirim se lançou polo oiteiro, supitamente escureceu o ar, de sorte que a claridade, que antes fazia, se converteu ao contrario. Os cavalleiros, de que se afastara, alem d'o perderem de vista, se não enxergavam uns a outros. Os trovões, terramotos e signaes temerosos foram taes, que, perdido o sentido natural, alguns cahiram dos cavallos quasi sem acordo, os outros, perdidas as estribeiras, se apegavam aos collos dos seus, e assim chegaram á cidade, rasgadas as roupas de se roçarem polos matos, que naquella hora nenhum se lembrava de si nem do caminho. Mas como as cousas daquelle dia fossem differentes dos passados em que alguns provaram aquella aventura, a cidade se cubriu de nevoa tão espessa e negra e um tom tão temeroso e triste, que ninguem tinha o juizo tão livre, nem animo tão esforçado, que se sentisse isento do medo, que aquelles temores representavam. Selvião, que por mandado de Palmeirim ficára no oiteiro, vendo seu senhor em tal afronta, perdendo receio a tudo, e guiado do amor com que o servia, pondo as pernas ao cavallo, arrasados os olhos d'agua, se lançou traz elle; mas como a qualidade de aquelle encantamento era que ninguem podia entrar no sitio defeso, senão por gram esforço e fortaleza d'armas, sem saber de que

maneira fora trazido, se achou na cidade em companhia dos mais que nella estavam, a tempo que a nevoa começou desfazer-se. E vendo um temor tão gerál em todos, temia algum desastre a seu senhor; isto porque lhe lembrava o pouco socego que a fortuna tem. Palmeirim tendo lembrança das palavras do cavalleiro velho, ia arrependido do seu primeiro parecer, que então conhecia o erro em que cahira, que, perdido o caminho, mettido naquellas trevas escuras, nem sabia onde guiasse, nem como se defendesse d'uma dôr secreta, que parecia que lhe arrancava o coração; de que se muito espantou, que não cuidava que naquelle lugar ninguem podesse empecer-lhe, senão o seu cuidado. Nisto chegaram a elle alguns corpos invisiveis, que por força o arrancaram da sella e derribaram no chão; e posto que pera defender-se arrancasse da espada e ferisse a uma e outra parte, via que os seus golpes não faziam damno, nem achavam em quem o fazer. Querendo tornar a cavalgar, não achou em que, que o seu cavallo estava dahi mui longe, mas antes apoz elle lhe tornaram a tomar a espada e armas, ficando desacompanhado dellas, de que começou cobrar algum receio, lembrando-lhe que o esforço tem necessidade d'armas pera execução de seu effeito. Então, vendo-se daquella maneira, cansado de bracejar co'aquelles corpos sem almas, se sentou, não sabendo determinar-se, tendo aquella aventura por cousa impossivel d'acabar, pois não via com quem pelejava; e qu'o visse, estava roubado das peças, com que havia d'offender e defen-

der-se. A escuridão cada vez era mór, e não dava lugar a poder ir por diante, nem tornar a traz, e por isto dizia comsigo proprio: Por certo mores acontecimentos tem o mundo do que os homens podem suspeitar, e ninguem quererá meter-se em seus desastres, que se ache desacompanhado delles; que emfim quem menos os teme esse os acha, e os que mais lhe fogem não pódem escapar de todo.

CAPITULO XCIX.

DO MAIS QUE PALMEIRIM PASSOU NESTA AVENTURA DE LIONARDA.

Diz a historia, que Palmeirim esteve assim algum espaço sentado no chão, aconselhando-se com elle mesmo no que devia fazer, e vendo que aquellas cousas não tinham conselho, levantou-se sem nenhuma determinação, encomendando-se aos trabalhos que a fortuna quizesse ordenar, desestimando o que já lhe podesse acontecer, inda que fosse dar fim a seus dias, determinando vendel-os o melhor que podesse, crendo, que quem morrendo faz o que pode, satisfaz co'a vida o que deve á honra. Pezava-lhe com tudo vêr-se sem armas, temendo que á falta dellas não poderia cumprir sua tenção. Do que se mais espantava era vêr que a alma se lhe entristecêra dentro do corpo, de maneira que quasi sentia os membros desemparados de toda sua virtude. Nisto desceu polo oiteiro abaixo um tão gram

ruido de trovões misturado com vozes medonhas e tristes, que parecia que a terra se fundia. Tanto que aquelle ruido chegou a elle, foi rebatado supitamente e levado no ar um pequeno espaço, e logo o soltaram, deixando-o cahir de tão alto, que cuidava que descia aos abismos. Mas, como seu acordo fosse grande, soffria aquelles medos com esperança de outros mores, sentindo mais que tudo serem de qualidade, que não soffriam resistencia. A este tempo se começou abrir a escuridão algum tanto, e se achou mettido em uma ilha pequena que de todas partes cercava um pego d'agua negra e escura de tanta altura, que parecia vir do centro da terra. Alem disso a côr e parecer della era tão triste, que em lhe pondo os olhos fazia uns desmaios no coração, com que de todo se achava desacompanhado dos espiritos da vida. No meio della estava uma arvore grande e mal assombrada, ao pé della um cavalleiro armado nas suas proprias armas de Palmeirim a espada na mão, dizendo: Agora, esforçado cavalleiro, quero vêr a que basta teu animo, ou como te defenderás da ira de minhas mãos, que c'os fios desta tua espada te desfarei esses ossos, e tuas carnes serão manjar das alimarias desta terra; e a gloria de tuas obras tão espalhada polo mundo, terá fim em parte que nenhum possa dar razão della. Por certo que então dissera que Palmeirim se achava livre de todolos receios e temores, que tamanho medo podiam representar, diria o que quizesse, que o seu coração, ainda que sempre andasse acompanhado de toda virtude e esfor-

ço, a esta hora não era assim, que se achava desapercebido das peças mais necessarias pera defensão de tamanha afronta: e vendo que só com os membros corporaes, que lhe a natureza dera, se havia de defender contra o imigo armado, que segundo a proporção e apparencia não era pouco pera temer, encomendando suas cousas á determinação da fortuna, posto que as da honra não se devem encomendar a ella, mas em tal estado se via que achava isto por derradeiro remedio, e chegou-se ao cavalleiro, que com toda ferocidade o sahiu a a receber co'a espada levantada. Supitamente os cubriu uma nuvem tão escura e negra como foram as passadas, e assim por antr'ellas, perdida a vista de todo, o levou nos braços, e a seu parecer o outro lhe mettia a espada polos peitos té o punho; de que recebia tanta dôr, como se naturalmente fora verdade; e inda que pera soffrer este medo nenhum esforço bastára, o seu foi pera tanto, que, não o desacompanhando nunca, andou a braços com aquella fantasma tanto espaço té que de cansado o derribou; e querendo-lhe cortar a cabeça, ao tempo que tirou a espada de dentro de si mesmo, se tornou desfazer a nevoa, e elle se achou com ella na mão e suas armas no campo sem vêr quem dantes as trazia. Espantado de tanta variedade de cousas, vendo que, inda que os principios eram cheios de temor e espanto, no fim se desfaziam em vaidade, começou perder-lhe medo. Então, armando-se das mesmas armas, ellas lhe accrescentaram mais o esforço e avivaram o desejo pera folgar com quaes-

quer novidades, que lhe succedessem. Logo se tornou o dia tão claro, que começou descobrir ao longe c'os olhos quanto a vista podia alcançar, e viu que da outra parte da ilha no meio d'um campo verde, antre muitos arvoredos alegres estavam os edeficios que do oiteiro vira, porem pera passar da outra banda não podia senão a nado polo pego, que se já disse: e porque o sabia mal fazer, receiava passar. D'outra parte a terra de cada uma estava tanto mais alta que a agua que parecia o espaço daquella altura seria sem medida. E vendo que pera passar era necessario lançar-se de tão alto e depois não poderia subir a outra altura pera se poder passar ao campo e alem de tudo isto o peso das armas o poderia afogar, aqui foi posto em tamanha confusão, que nem o esforço bastava pera cometter tamanho caso, nem o engenho pera o consolar. De todolos remedios carecia, e, pera mais receiar, viu que da outra parte d'agua andavam muitas alimarias de diversas maneiras, medonhas e espantosas, que parecia que o esperavam pera lograr suas carnes e sobre quaes seriam as primeiras começaram antre si uma contenda tão aspera, favorecendo-se umas a outras, que parecia desafio ou batalha de tantos por tantos. Ao que Palmeirim julgava, esta era uma das notaveis cousas, que nunca vira, porque, durando sua porfia algum espaço, nello se desfizeram e consumiram muitas dellas, dando tamanhos urros, que na cidade soavam tão claro como se dentro nella acontecêra, de que geralmente se recebeu outro novo temor, crendo que Palmei-

rim estava em algum perigo grande. A quem este receio chegava mais era a Selvião, sentindo não estar presente aos trabalhos de seu senhor, e passar por elles com verdadeiro amor como os leaes criados tem, o que os senhores mui bem sentem e mal agradecem. A furia daquella batalha chegou tanto avante que todolos contendores della ficaram estirados no campo, desemparados dos espiritos. Palmeirim, depois que não teve em que occupar os olhos, vendo a peleja acabada, andou toda a ilha em roda por vêr se em algum lugar della havia passagem. Já que a acabava de correr, em uma parte, que as aguas faziam remanso, viu um batel com quatro remos e quatro onças por remeiros de maravilhosa grandeza, presas a umas cadeias grossas, na pôpa por governador um lião envolto em sangue, como que se não mantinha d'outra cousa senão no dos passageiros. Vendo tão duvidosa barca, viu que da outra banda chamava um homem, que o passassem; de que se mais espantou, que não cuidava que ninguem estimasse a vida tão pouco, que em rio tão duvidoso e barqueiros tão crueis a quizesse aventurar. Nisto se desamarrou o batel pera o irem buscar, e inda de todo não era dentro, quando o lião o tomou nos braços e, desfazendo-o antre suas fortes unhas, começou banhar-se no seu sangue, dando as outras partes do corpo aos remeiros, qu'este era o sustentamento de suas vidas. Palmeirim, que viu o acontecimento daquelle, julgue cada um os termos em que seu coração estaria. Porem, tendo por certo que, se

não descesse, morreria na ilha, que nella não havia nenhum sustentamento de vida, quiz por derradeira determinação dar fim antre aquelles espiritos irracionaes, deixando alguma esperança na fortaleza das armas. E olhando por onde desceria, não viu outro nenhum caminho senão uma lage, que de cima da terra descia té a borda d'agua. Esta era tão lisa, que em nenhuma parte fazia presa, nem cousa onde se podesse pegar; e vendo que, lançandose por ella, chegaria a baixo feito pedaços, tornou a duvidar um pouco. E como a gravidade do caso fosse tanto pera temer, soccoreu-se ao remedio, que sempre guardava pera os derradeiros perigos, qu'era as lembranças de sua senhora, com as quaes sohia desbaratar todos pór grandes e terriveis que fossem; e co'aquella confiança disse: Senhora, não estimo a vida tanto, que sinta muito perdel-a, se se nisso não aventurasse a esperança, que me sustem; mas antes o maior bem que meu mal me podia fazer era dar fim a meus dias polo terem meus trabalhos; e porque os que peior me tratam nascem de vós, vivo tão contente d'os ter, que, aborrecendo-me a vida, desejo d'a suster polos não perder a elles. Esta affronta, em que agora a vejo aventurada, é tamanha, que se não pode passar sem algum soccorro vosso: olhai o que podeis perder em mim: e pois todolos outros remedios me desampararam, haja em vós alguma lembrança do que vos mereço, que esta só me fará a vida segura, ou ao menos morrer contente. Como co'estas razões achasse o coração acompanhado d'esforço e

desacompanhado de todolos temores, que d'ante-receiava, sem outra deliberação nem receio se lançou pola lage abaixo. Porem como aquelles medos não tivessem mais damno do que mostrava a representação delles, chegou á borda d'agua sem receber nenhum; e vendo qu'os remeiros do batel desamarravam da outra banda por se vir a elle, começou fazer-se prestes, e tendo a espada na mão e o escudo no braço, com os mais avisos que o medo e a necessidade lhe emprestavam. Na verdade cousa proveitosa pera onde se ha mister, mas não pera naquella aventura, que tudo eram fantasmas e cousas vãas; porque em o batel pondo a proa em terra e elle saltando dentro, não viu em quem fizesse damno, que os guardadores delle se lhe sumiram, ficando só sem nenhuma outra companhia: e tomando os remos nas mãos, contente de se lhe aquella abusão desfazer em ar, atravessou o rio, e vendo a grande altura da subida, que era tão ingreme e direita, que se não podia trepar por nenhuma parte, tornou outra vez a cuidar no remedio que tamanha afronta podia ter. Estando posto em tão gram confusão, viu que do alto da rocha, té chegar a elle deixavam pendurar um cesto velho e roto por um cordel tão fraco e delgado, que parecia que o peso do mesmo cesto não podia ssuter: quando Palmeirim viu que pera subir aquella altura não havia outro caminho, guiado ainda das lembranças de quem servia, cuidou por algumas vezes se deixaria as armas, crendo que lhe podiam fazer pejo, e desarmando-as pera ficar mais leve, se quiz só co'a

espada metter no cesto. Mas como o coração ás vezes antes que as cousas aconteçam as suspeita, veio-lhe um receio, que lhas fez tornar a vestir, crendo que poderia passar por parte onde lhe seriam necessarias. Então, pondo-se ao que lhe podesse succeder, se metteu dentro, e, sem vêr quem tirava polo cordel, se viu levantar no ar, subindo com um compasso tão vagaroso e quedo, que aquella detença lhe dobrava o medo. Já que ía em grande altura, sentiu desfazer o cesto por alguns lugares e o cordel estirar-se tanto com o peso, que destorcendo-se de todas partes, ficou posto em um fio tão fraco e delgado, que quasi c'os olhos senão enxergava. Na verdade inda que os medos, que té alli passára, foram grandes, este lhe pareceu maior que todos, que se via posto no derradeiro extremo da vida, levantado no Ceu e a esperança pendurada de um cabello. Isto o fez soccorrer-se outra vez a sua senhora, como quem só nella segurava sens malles. E assim como todas as cousas só na fé se comdemnam ou salvam, esta, que com sua senhora teve, foi de tanto merecimento, que, quebrando a tardança do encantamento, em um momento o poz em cima na borda do campo, onde fora a batalha das alimarias, de que já não viu signal, e tambem perdeu de vista o pego, que eram as cousas, que té então lhe fizeram temor e medo, de que recebeu uma alegria nova, que lhe desbaratou as tristezas, de que tão cercado estava, como o costuma fazer onde ella não é esperada.

CAPITULO C.

COMO O ENCANTAMENTO DE LIONARDA FOI QUEBRADO, E ELLA TIRADA DELLE.

Passadas estas cousas, se acabou de gastar o dia, e a lua que então era cheia e estava em toda sua força, desempedida de nuvens e outros impedimentos, que ás vezes lhe tolhem sua claridade, começou d'apparecer da outra parte de occidente com tão vivo resplandor, que parecia que saia fóra de seu natural. Os roussinoes e outros passarinhos, de que a terra era povoada, começaram a festejar a noite com tanta diversidade de musicas e outros prazeres alegres, que fazia pôr a Palmeirim em esquecimento os trabalhos passados. E lançando-se ao pé d'uma arvore com tenção d'os ouvir, teve tamanho poder o cansaço e quebrantamento do que passou, que adormeceu sem comer em todo o dia, cousa na verdade pera elle pouco necessaria; que, inda que a vida sem isso não póde sustentar-se, quando os espiritos estão acompanhados de trabalhos, delles vem sustentamento aos membros, com tanto que o espaço não seja fóra de regra, que então não soffreria a natureza tanta tardança, que tem por natureza ser debil e fraca, e tirada de seu curso perece logo. Palmeirim dormiu a noite com tanto repouso como tivera o dia aspero, e sem

elle. Já que a alvorada chegava, acordou ao cantar das aves, que lhe parecia tão alegre pera ouvir e saudoso pera contemplar, que desejava a tardança do dia pera maior espaço gosar aquelle contentamento. Mas, como isto sejam cousas, que vão por sua ordem, não tardou muito que ellas o desampararam, indo-se cada um a sua parte, que a claridade do sol que já assomava, e o uso de buscar seu mantimento, as fez espalhar. Palmeirim se levantou em pé, e pondo os olhos no campo, contente de ver a graça delle, contra onde saía o sol viu as torres e edificios, que do outeiro estivera vendo o dia d'antes, cercados dos mesmos arvoredos que víra de longe: e posto que aquella mostra não dava esperança de nenhum perigo, as cousas que passára lha faziam ter. D'outra parte, já se não receava de nenhuma; porque quem de alguma se espanta de pouca experiencia lhe vem. Caminhando contra as casas, viu o seu cavallo preso ao tronco d'uma arvore, sellado e enfreado da maneira que o perdêra; de que não se maravilhou, tão costumado estava de ver novidades naquella terra. Cavalgando nelle, seguiu sua via, e não andou muito que ao encontro lhe saíram dous cavalleiros, que, além de serem d'extremada grandeza, vinham cobertos das mais lustrosas e ricas armas que nunca vira; que, baixadas as lanças, cobertos dos escudos, remetteram a elle, que da propria maneira os recebeu; e encontrando um por meio do escudo se lhe tornou em ar, de sorte

que logo o perdeu de vista. O segundo, inda que o encontrou tambem, nenhum damno lhe fez. Palmeirim arrancou da espada, e virando sobre elle já o não achou, que tambem se somiu diante os olhos. E pondo as pernas ao cavallo por chegar a uns homens, que levantavam uma ponte levadiça de dentro d'uma torre, que atravessava por cima da cava té á parte do campo, chegou a tempo que lho defendeu, entrando pola mesma ponte com tamanha presteza, que antes que cerrassem a porta, por onde se recolhiam, se achou com elles de volta em um pateo grande, que de todas partes estava cercado de casas nobres. E posto que a maneira dellas fosse muito pera ver, não lhe deram esse vagar dous gigantes, que se lhe pozeram diante com grandes maças nas mãos. Mas como em Palmeirim estes medos fizessem menos medos que os outros que passára, saltando fóra do cavallo, os commetteu assim a pé, acompanhado de seu natural esforço. A batalha antre elles foi bem prestes acabada, que como os gigantes não fossem feitos pera empecer mais que com as apparencias, tanto que Palmeirim começou de os tocar, se desfizeram em ar, de que naturalmente eram formados. Então vendo que todalas affrontas que se lhe representavam depois que saíra do pego da ilha, eram vanidades, determinou commetter os que lhe succedessem como cousas vãas e de nenhum temor. E, olhando se acharia subida pera o alto, viu por baixo d'uns arcos uma porta pequena, de que nascia uma es

cada tão ingrime e estreita, que, além de ser trabalhosa de subir, a gram trabalho podia nella caber um homem; e era de tal comprimento que parecia que em grande espaço se não acabaria de andar. Palmeirim desejoso de dar fim a tanta cousa, entrou por ella; e não teria muita parte andado, quando começaram a tremer as paredes das ilhargas, de maneira que umas vezes lhe parecia que a abobada de cima caia sobre elle, outras vezes se achava tão entalado, que não podia menear-se. Assim que por grande espaço se deteve antes de chegar á maior altura da escada, onde o tremor teve fim, e elle se achou em um corredor comprido e largo, obrado por maravilha. No cabo delle estava uma porta grande fechada com tres cadeados de muita grossura e fortaleza: ao pé da porta lançada uma serpente de tamanha grandeza, que, além de occupar todo o portal, tomava muita parte do corredor; e sobre isto mostrava a catadura tão fera, e era de tal composição, que em nenhuma parte della se podiam pôr os olhos, que deixasse de criar temor ao coração; e sobretudo lá lhe sentia uma viveza tão esperta, que não dava lugar a esperança de se poder enganar por manha, quando não se podesse conquistar por força. Por um cordel grande, que tinha lançado ao pescoço, se penduravam outras tantas chaves quantas eram as fechaduras, que estavam na porta, por onde Palmeirim conheceu que quem dentro quizesse entrar, com ellas havia de abrir: vendo que o porteiro era tão desconversavel,

que não as queria dar a nenhum, e pera lhas tomar contra sua vontade seria trabalho vão, esteve um pouco duvidando o que faria; depois, desembaraçado de medo, occorrendo-lhe á memoria as vaidades daquella casa, determinou commettel-a: e como as mais das vezes o fim das cousas na determinação dellas consiste, acabado de se determinar, remetteu de supito cuidando de a ferir. A serpente se levantou a elle irosa e abrazada em fogo, lançando chammas pola bôca. Mas como o temor faz espertar o espirito, vendo-se Palmeirim em tamanha affronta, metteu-lhe a espada por uma das ventas, que demasiadamente eram grandes, e trazia abertas. A serpente com ira lançou tamanha quantidade de fumo por ella e pola outra, que congellou o ar tão espesso e negro, que nenhuma cousa se enxergava: e como a dôr da ferida fosse grande, dando bramidos e urros, se lançou fóra do corredor, e foi por um espaço assombrando a terra com elles. Os que estavam na cidade, quando assim a viram ir, que passou por cima della, vendo cousa tão temerosa e medonha, bem creram que Palmeirim não estava isento d'alguns temores asperos. E posto que a muitos lembrasse pera lhe dar que cuidar, a Selvião dava muita pena, que, inda que dos perigos corporaes estivesse livre, dentro n'alma sentia os de seu senhor. Palmeirim, tanto que se viu desembaraçado daquelle medo e o fumo todo desfeito, pôde chegar á porta, onde achou as chaves, que a serpente dei-

xára, com que abriu os cadeados, e entrou em uma sala tão artificiosamente lavrada, que a seu parecer nem os apousentos da ilha que ganhou a Eutropa, nem menos os de Daliarte no valle escuro lhe igualavam com muita parte. Entrando por outras casas, sem achar ninguem que lho tolhesse, viu que todas eram do mesmo jaez. Julgava por cousa singular o saber d'el-rei de Tracia, de cujo juizo saíra a invenção de tal obra. Como a serpente dos perigos vãos fôra o derradeiro daquelle encantamento, não achou mais quem lhe fizesse pejo na entrada, que pera receio verdadeiro lá estava a vista de Lionarda, de quem nenhum saber humano se podia salvar. Andando discorrendo a uma e outra outra parte, ouviu fallar mulheres em outro quarto daquelle apousento, as quaes, depois de o verem, espantadas de tal novidade como ver homem armado antre ellas, desamparando a casa, se lançaram por umas varandas, que caiam sobre um jardim. Palmeirim as seguiu, e chegado ao mesmo jardim, que lhe pareceu peça de muito mais louvor que quantas vira naquelle apousentamento, não andou muito por elle quando á sombra d'uns loureiros bastos e verdes, em torno de uma fonte da mais nova e maravilhosa invenção que nunca vira, viu algumas sentadas tão fermosas, que pareciam merecedoras daquelle lugar, e antr'ellas Lionarda, que em fermosura e parecer lhe fazia tanta vantagem, que não soffria comparação. Algnmas dellas em o vendo, se levantaram pera o vir rece-

ber, como quem já sabia que por elle saiam daquelle encantamento. Lionarda o recebeu com o gasalhado e graça, de que a natureza a ornára, dizendo: Certo, senhor cavalleiro, ainda que a obrigação de tamanha divida, como a em que me pozestes, se não possa pagar com palavras, peço-vos que a vontade que me fica pera vol-a satisfazer tomeis por satisfação de vossas obras, e ao diante, se o tempo com minha honra der lugar a vol-o poder melhor galardoar, então quero que vejaes o desejo, que me fica de cumprir o que devo. Senhora, respondeu elle, assás satisfação de qualquer trabalho, por grande que seja, é esse parecer e fermosura pera quem a vontade tivesse tão livre, que lhe deixasse conhecer tanto bem. E porque as cousas desta casa são todas de tanto espanto, que as presentes fazem sempre esquecer as passadas, peço-vos, senhora, que me digaes se ahi ha ainda algum perigo por passar, que seja maior que o em que agora estou, e desesperarei de o acabar, que já sei que a esperança de tamanhas cousas pera maior animo que o meu se deve guardar. Por certo, ainda que Lionarda em extremo fosse fermosa, tanto que se não podia mais dizer, o pejo, que daquellas palavras recebeu, lhe fez uma côr vergonhosa no rosto, que a fez muito mais fermosa, que lhe pareceram ditas ao fim que com razão se podia suspeitar, e respondeu: O perigo em que vós, senhor cavalleiro, agora vos vedes, não sei que tal é: os desta ca-

sa já são acabados, porque com entrardes aqui feneceram todos. Mas n'isto a revolta da gente da cidade, que entrava polas casas, era tamanha, que parecia ainda outra affronta; os quaes tanto que viram passar a serpente, sendo informados polo regimento d'el-rei, que aquelle seria o fim de todalas cousas do encantamento de Lionarda, postos a cavallo á redea solta se partiram, e, entrando de supito, foram ter onde Lionarda estava. Uns se lançavam a seus pés, outros lhe beijavam as mãos como a sua senhora natural. Alguns o queriam fazer a Palmeirim, crendo que o faziam a seu rei: mas elle, que trazia o pensamento desviado, não o consentiu a a nenhum, antes os recebia com igual cortezia. Não tardou muito que chegaram as andas da rainha Carmelia, em que levaram a Lionarda. E foi recebida na cidade com todas as festas e gasalhados, que o povo em tão pequeno espaço pode inventar. Palmeirim se espantava, indo polo caminho, de não ver o pego por onde passára, nem signal delle; porque, inda que as outras cousas tivesse por artificiosas, só aquella julgava por natural e verdadeira. Tanto que chegaram á cidade, Lionarda se recolheu com sua avó Carmelia, da qual foi recebida com tanto prazer, como a nova vista e tão desejada requeria. Palmeirim foi apousentado onde o fôra de principio, e Selvião o desarmou alegre de o ver fóra de tão grandes perigos, e com tamanha honra. Que esta fé e amor lhe nascia da mesma fé, que lhe Pal-

meirim sempre tivera, que quando isto assim não é, a ingratidão do senhor faz o servo infiel. A donzella de Tracia lhe fez trazer de comer, cousas necessarias aos trabalhos passados, porque os membros trabalhados, só com isto e repouso se sustentam. Na cidade se começaram ordenar festas pera o outro dia, gastando cada um, segundo sua qualidade o soffria, com invençoes differentes, conformes ao engenho de cada um; que natural é ao povo diverso inventar diversas cousas.

CAPITULO CI.

DO QUE PALMEIRIM PASSOU NA CORTE DE TRACIA O TEMPO QUE NELLA ESTEVE.

Ao outro dia, depois do desencantamento de Lionarda, começou de acodir gente de toda a comarca a ver sua natural senhora As festas se começaram de sorte, que o principio dellas, segundo o fundamento que levaram , parecia feito a fim de não ter fim. Que isto tem as cousas grandes parecer que se não podem acabar. Palmeirim esteve oito dias na corte, a rogo da rainha Carmelia; e aos olhos de Lionarda tão gentil homem , como ella aos de todos gentil mulher. E porque os principaes do reino o não viam tão entregue a querer ser rei , conformados com o testamento de Sardamante, depois de terem por algumas vezes conselho sobre isso em casa de Carmelia, e em

sua presença, determinaram fazer-lhe uma falla, encommendando-a ao duque Radialdo, por ser pessoa prudente e eloquente. Com esta determinação foram á pousada de Palmeirim, que com Selvião estava concertando a ida pera outro dia. E depois de passarem algumas palavras desviadas do proposito, o duque começou de dizer. Esforçado principe, porque cuido que vos é notorio o regimento que Sardamanto nosso rei deixou ácerca do casamento da princeza Lionarda, nossa natural senhora e sua neta, será escusado trazer-vol-o á memoria. E alem de ser razão seguir o mandamento de um principe tão sabio e prudente em todas suas cousas e tão pouco costumado a errar em nenhuma, a nós todos juntamente nos parecia grão sem rezão que, o que vós com gran trabalho ganhastes, possuisse outro com vida descansada, lembrando-nos tambem que nisto cobramos rei e senhor digno do outros maiores estados; e que vossas obras por ventura vos ponham em tamanha alteração, que vos ensinem a engeitar as cousas de tamanho preço, lembre-vos que ás vezes em os principios da idade promette a fortuna esperanças, que depois se tornam vãas, e ao tempo que os homens conhecem este engano, já não tem tempo pera poder esperar, nem menos o tempo pera lograr algum bem, se lho ella não dá, quanto mais que vos deve lembrar que o officio da mesma fortuna é derribar mais asinha os grandes, que levantar os pequenos; e que a natureza humana assim nos

principes como na outra gente a toda miseria es tà offerecida. E pois estes receios, que o mundo traz a quem nelle vive, se podem apagar com bens de fortuna certos, antes que com suas esperanças incertas, olhai o que tendes na mão, o estado, que se vos apparelha, alem dos mais que por vossa natureza real desde o principio de vosso nascimento vos está apparelhado. Com este acrescentamento de senhorio sereis mais temido e receado dos estranhos, amado de amigos, bem quisto de vassallos, se o accrescentamento das riquezas vos não transtornar a condição, cousa que muitas vezes acontece. Assim que finalmente, o que agora ganhastes com trabalho e armas, possuireis sem ellas e com descanso; porque pouco necessarias são a quem vive sem imigos. O merecimento e qualidades de Lionarda querer-vol-as dizer, seria parvoice; por isso nem eu cometterei tamanho erro, como é metter a mão em seus louvores, nem vos trarei á memoria, senão que vos lembre que ás vezes perdem os homens cousas, que quando lhe chega o arrependimento dellas, já se não podem cobrar. Por certo, senhor duque, respondeu Palmeirim, se alguma me fizesse não acceitar tamanha boa ventura, será não crer de mim que o merecimento da senhora Lionarda fica posto em seu lugar. Deixava pera quem suas qualidades requerem, não desejeis empregar tão mal quem a fortuna guardou pera maior bem Ja sei, disse a donzella de Tracia, que sempre na sua camara estava e a estas palavras fôra pre

sente, que não tem o amor tão pequena parte em vós, que vos deixe lograr o que vosssas obras merecem; e porque de todo não sejais perfeito, fostes nestes casos submetter a razão á vontade; e então ficaes mandado por ella e assim trazeis o cuidado occupado em parte, onde por ventura se não lembram de vós, e que vos fazem esquecer do que vos mais deve lembrar. Não é muito que, no que tanto vos releva, esteis tão cego, pois é certo que poucas vezes em coração sem repouso se acha juizo claro. Eu vi muito bem a prova, que de bom namorado fizestes na cidade de Constantinopla, e sei que a fé e amor, com que tão grande cousa acabastes, tem algumas raizes dentro em vós, que vos estorva o galardão dos trabalhos desta terra. A todos pareceram bem as palavras da donzella, que isto tem as obras da descrição satisfazerem aos discretos, e não parecer mal aos que não são. E porque com nenhumas razões, que elles dissessem nem alegassem, poderam fazer com Palmeirim que soltasse alguma palavra, de que podessem lançar mão, e dando a resposta a Carmelia, vieram ao derradeiro remedio, que era pedir-lhe que da sua mão desse marido á princeza segundo a forma do testamento de elrei; porque criam que seria igual ao merecimento de Lionarda, de que Palmeirim ficou de todo contente, vendo-se desapressado de tamanha importunação. Isto o fez logo mais alegre, e fallar com mais despejo, respondendo: Certo, senhores, eu hei

ha maior boaventura do mundo quererdes que a senhora Lionarda case, segundo meu parecer: e que eu não possa buscar-lhe cousa, que iguala com seu merecimento, porque cuidar isto seria trabalho, ao menos buscarei pessoa, que ao parecer de vós todos, ponha o risco adiante de quantos eu sei; e sendo assim, eu com minha honra ficarei livre de tamanha obrigação como é a em que me pondes. Os virtuosos ficarão contentes e aos máos não terão de que murmurar. Muito agradecidas foram estas palavras de Palmeirim, crendo que as obras não seriam longe dellas; e com sua resposta se foram á rainha Carmelia, que, já desesperada delle não acceitar o casamento de sua neta, contentou-se do outro derradeiro remedio, que era a esperança, em que as deixava com sua promessa; e que disto pesasse a todos, em Lionarda fez muito maior abalo. A donzella de Tracia a consolava, dizendo-lhe: Senhora, não sei porque sentis tanto as cousas, que se não devem sentir: que esperança de poder viver contente podeis vos ter em poder d'um homem tão namorado doutrem? ou como podeis crer que uma fé tão verdadeira, como a sua, se pode perder alguma hora? que vossa fermosura e merecimento seja grande; que sabeis se o seu cuidado está posto em quem não merece menos? E tambem, que contentamento podeis ter de um homem, a que, por ventura estando comvosco, sentireis lembranças alheias, que o fizesseu lograr-vos com menos gosto? Folgai muito disto assim

ser, que ás vezes cousas muito desejadas alcançando as dão pezar. Palmeirim tem um irmão tão gentil homem como elle, tão bom cavalleiro como elle e tão livre na condição, que na experiencia da copa, alem de não fazer nenhuma mostra de namorado, escureceu as que os outros fizeram. Este pode cazar comvosco, e alem de nisto satisfazer o que mereceis, não lhe pode lembrar cousa, com que recebais paixão, pera as virtuosas nenhuma é tamanha, como a que destes casos nasce. Tantas cousas a donzella disse a Lionarda, que a fez não sentir a perda de Palmeirim e desejar a seu irmão, que isto tem ellas por natural condição serem tão variaveis, que o que muitos dias tem arreigado n'alma, em um só instante com poucas palavras se lhe varre. No mesmo dia se foi Palmeirim despedir della e de sua avó. Carmelia, antes que se fosse, se apartou com elle, dizendo: Senhor Palmeirim, não quero gastar tempo em pedir-vos o que já negastes a quem melhor vol-o saberia dizer; pois vejo que quem tão entregue tem a vontade sería máo de mudar della, sómente vos lembro pois minha neta estava só á vossa ordenança, que olheis acrescentais em vossa honra, dar-lhe marido conforme a sua pessoa e estado. E se vos parecesse bem que por algum dia fosse estar na corte do imperador Palmeirim, onde agora é a flor de toda a cavallaria do mundo, eu levarei nisso gosto; assim porque sei que desse imperador hade ser tratada honradamente e posta na conversação de sua

neta e outras princezas d'alto merecimento, como porque ahi ha todolos principaes cavalleiros, que agora trazem armas, de cuja massa queria fosse o successor deste reino. Senhora, disse Palmeirim, vossa tenção me parece tão discreta, como vossas obras sempre foram A mim me parece muito bem esse conselho. Do imperador vos sei dizer, que alem de folgar com isso muito, cuidará lhe fazeis mercê sinalada, que esta é sua condição, e logo senhora o deveis pôr em obra; que as cousas bem acertadas hão de ter execução breve. Eu estava pera mandar respondeu a rainha, a minha donzella, que levou a copa, assim por ser já lá conhecida, como porque cuido que é pera tudo o que lhe encommendarem tambem nisto queria vosso parecer, que sem elle não quero fazer nada. O que eu daqui julgo, respondeu Palmeirim, é que Vossa Alteza acerta no que faz, que a donzella é pera mui grandes obras: e antes que se partisse, como fosse cousa, que a rainha já praticára com os grandes, a mandaram chamar e alli ambos juntamente lhe deram a fórma e maneira, que havia de ter em sua embaixada. Aquelle dia lhe fizeram uma carta de crença pera se partir ao outro. Acabado de ordenar todas estas cousas, Palmeirim se despediu da rainha e da fermosa Lionardà, contente e alegre por saber que iria ter áquella parte, onde desejava pera se sentir lá, que nem o seu parecer estremado, nem a grandeza de seu estado poderam mover sua tenção. Tambem porque

cria ; que alli descansariam as óbras de seu irmão Floriano do Deserto, que de tanto preço eram merecedoras. Ao outro dia , depois de ouvir missa, se partiu acompanhado dos grandes té fóra da cidade, indo armado de suas armas com a mesma devisa do tigre, pela qual dalli por diante lhe chamaram cavalleiro do Tigre. Despedido delles com promessas de amizade se poz ao caminho, offerecendo o corpo aos trabalhos , o coração a seu cuidado, esquecendo-lhe com este temor os outros , em que a fortuna o podia pôr. Não lhe lembrando que a seus desastres tão sujeito está o esforçado, o covarde e o grande , como o menor.

CAPITULO CII.

DO QUE ACONTECEU A FLORENDOS DEPOIS QUE SAIU DO CASTELLO DE DRAMORANTE O CRUEL.

ALGUNS dias Florendos e Albayzar estiveram no castello de Dramorante, que as feridas que Florendos recebeu na batalha de Astribor, não deram lugar a se partirem mais cedo. Então, tornando o castello á donzella, que o curára, se partiram a via d'Hespanha , onde de principio guiavam; e porque algumas aventuras, que passaram , não foram taes que se deva fallar nellas, diz a historia que atravessaram todo o rei-

no de França, não Indo porém á côrte; porque se temeu Florendos que el-rei Arnedos e a rainha Melicia, sua tia, o detivessem alguns dias. Entrando no de Navarra, ao segundo dia, que caminharam, foram ter a um valle gracioso e grande: polo meio corria um rio de muita agoa, coberto d'arvoredos de diversas maneiras, cousa, que a Florendos fez saudade, que lhe trouxe á memoria a mansidão das agoas do Tejo e castello d'Almourol. E muito mais se lhe acrescentou, quando ao longe na borda do mesmo rio viu assentado um castello de maravilhosa feição. Caminhando pera aquella parte, lhe saíu ao encontro uma donzella a pé, e com ella dous escudeiros. Chegando a elles, vendo só Florendos armado, endereçando-lhe suas palavras, disse: Senhor cavalleiro, Arnalta princeza de Navarra minha senhora, manda dizer-vos, que pois a ventura vos trouxe a esta parte, de tres cousas convêm que façaes uma; ou vos torneis por onde viestes, ou jureis que ella é a mais fermosa do mundo, e assim o combataes toda vossa vida a quantos o contradisserem, ou promettaes de nunca exercitar armas senão em uma empreza, que vos ella mandar: se nenhuma destas vos não parecer bem nem a quizerdes seguir, que então convêm que sintaes os perigos deste valle, e morraes na prisão perpetua, que pera taes tem ordenada; onde já estão os outros, que não querendo fazer isto, seguirám conselho errado, de que depois se arrependeram, e lhe não pode aproveitar. Além do

que me mandou que vos dissessè, eu de minha parte, porque me pareceis mancebo e gentil homem, vos peço que vos não pese jurardes de defender sua fermosura da maneira, que o ella quer; pois n'isto não defendereis mentira, e pelejar pola verdade faz sempre a victoria certa. Senhora, respondeu Florendos, qualquer dessas cousas, que me manda que faça, farei de muito má vontade, e a que vós me aconselhaes de muito peior que todas. A empreza, que dizeis que jure, queria que me disseis, que tal é; porque se n'essa a eu servir a ella, e fizer o que devo a mim, pode ser que a não engeite. E' cousa, que os homens tanto receiam, disse a donzella, que primeiro, que se lhe descubra, o hão-de jurar, que depois nenhum o quer prometter, e se o promettem não o cumprem. Segundo isso, disse Florendos, desavindos estamos, que eu não hei de prometter cousa sem saber o que prometto: portanto antes quero experimentar os medos com que me ameaçaes, que outorgar no que me pedis. A donzella se virou pera o castello, dizendo: Eu cuidava vos aconselhava bem; pois vos assim não parece, esperai o que vier. No proprio instante sairam de dentro da fortaleza seis cavalleiros armados de frescas e lustrosas armas, os escudos embraçados, as lanças baixas, dizendo: D. cavalleiro sandeu, agora convèm que sintaes os damnos que a necessidade traz comsigo. Remettendo a elle de supito, posto que já o tomaram apercebido, encontraram-no com tanta for-

ça, que arrebentando a cilha, deram com elle no chão; e posto que do seu encontro derribou um delles atravessado na lança, e com a espada na mão esperasse resistir aos outros, viu que já os cinco outra vez faziam volta assim a cavallo com tenção de o atropellar, de que Albayzar, que a isto era presente, recebeu tamanha dôr, que se não podia soffrer, vendo vileza tão grande de tantos contra um só: e sentia mais aquella hora não ter armas, que se perdêra a metade de todo seu senhorio. Florendos, ainda que cuidou desviarse, não pode tanto que um delles o não encontrasse com os peitos do cavallo, de sorte que o derribou; caindo porém sobre as mãos, sem Florendos poder fazer damno a nenhum nas pessoas nem nos cavallos; e antes que tornasse receber outro, levantando-se de pressa, se encostou a uma arvore, que tinha o pé grosso, esperando sua fortuna, tão quebrantado da quéda e encontro do cavallo, que lhe parecia que os ossos lhe deixára moidos. Em voltando os outros sobre elle, vendo-o daquella maneira, disse um delles: Não são essos os remedios, que vos a vós hão-de salvar; melhor é dardes-vos á prisão primeiro que vos custe mais sangue e trabalho. Não sei, disse Florendos, quem antes não queira morrer em uma hora, que viver em prisão antre tão vil gente. E se em vós houvesse esforço, pera um e um vos combaterdes comigo, se não ao menos, pois já quereis ser todos, seja a pé; eu vos mostrarei quanto mais pode a virtude de um bom,

que a malicia de muitos máos. Não sei quem vos engana, disse outro, que cada um de nós basta pera vos fazer render; o de o termos por victoria pequena, pelejamos juntamente. Mas pois vos parece que a pé tereis melhor partido, vedes nos descemos todos a pé. E saltando fóra dos cavallos se vieram a elle: porém como Florendos estivesse cheio de ira e manencoria, vendo que já com menos receio os podia esperar, remetteu a todos com tamanho impeto como o fazia levar sua vileza delles, ferindo a uma e outra banda com golpes tão temerosos e grandes, que em pequeno espaço os fez arrepender de se terem descido; e posto que os cavalleiros no esforço e destreza das armas fossem os melhores de toda Navarra, não poderam tanto defender-se da furia de Florendos, que em pouco espaço deixassem de andar maltratados e feridos, e um já estirado no campo d'uma ferida, que recebêra na cabeça, que lhe chegou aos miollos. Florendos tambem trazia algumas, de que lhe saía muito sangue, mas a braveza, com que pelejava, lhas não deixava sentir. Antes, vendo que lhe cumpria renovar de novo os golpes, porque seus inimigos não mostravam fraqueza, fez tanto, que dos quatro que ficavam, aos dous derribou quasi sem acôrdo, e ao outro cortou o braço da espada junto do cotovello. O que ficava, vendo seus companheiros em tal estado, quiz antes morrer de mistura com elles, que render-se a homem, que não sabia se acha-

ria n'elle alguma piedade. E com esta desconfiança se lhe dobraram as forças e esforço, de maneira que pelejava mais que de principio: mas como pera Florendos tudo fosse pouco, o carregou de tantos golpes, que desapoderado de toda sua força o estirou a seus pés. Estando desenlaçando-lhe o elmo pera lhe cortar a cabeça, acodiu a princeza Arnalta, acompanhada d'algumas donas e donzellas por lhe defender a vida, que este era seu primo co-irmão, dizendo: Senhor cavalleiro, pera que quereis escurecer victoria tamanha, com matardes quem não pode defender-se; peço-vos que a vida d'esse cavalleiro me outorgueis, e se o aggravo que vos aqui fizeram, se pode emendar em alguma cousa, em mim tendes a vontade certa pera todas as que vos cumprirem, e á minha honra e authoridade não fizerem damno. Senhora, disse Florendos, inda que a vida não se ha de dar a quem em más obras a despende, vós valeis tanto, que se vos não deve negar nada. Peço por mercê que a troco deste serviço me queiraes dizer qual é a razão, que vos move a suster este costume. Senhor, respondeu Arnalta, porque qualquer detença póde fazer damno a essas feridas, vos peço vos recolhaes ao castello, que depois de serdes curado dellas, e tambem os meus das suas, vos responderei. Com isto o fez recolher á fortaleza, onde foi curado por uma donzella sua: e as feridas, que lhe achou, foram de tão pequeno perigo, que não tolhiam o caminho pera

o outro dia. Isto feito, e curados os cavalleiros d'Arnalta, e aos mortos dado sepultura, tomou a Florendos pola mão, que vendo-o tão moço e gentilhomem, houve por muito ver-lhe acabar tamanho feito. Alli lhe veio á memoria Floriano do Deserto, que seria da sua idade, e lá dava um ar seu: esta lembrança lhe fez uma côr no rosto, que a tornou mais fermosa: e sentando-se ambos em uma janella, que caía sobre o rio, começou dizer: Bem sei, senhor cavalleiro, que o costume desta minha fortaleza vos parecêra cousa contra razão: porém como a ira ás vezes tem este mal, que faz usar e commetter cousas contrarias de quem as faz, não vos espantareis depois que souberdes a causa, que pera isto teve. Vós, senhor, sabereis que por morte d'el-rei meu pai fiquei encommendada a alguns principaes do reino, que ficaram por governadores delles, que me casassem a meu contentamento: em tanto que se isto fazia, por maior honestidade minha me recolhi em um castello, que d'aqui quatro leguas está, em um lugar gracioso e alegre fora, da conversação de de gente; onde, depois de passarem alguns dias, veio ter um cavalleiro mancebo bem disposto e gentil homem, cujas qualidades me pareceram de tamanho merecimento, que desejei casar com elle, crendo que alli satisfazia o mandado de meu pai, e a mim dava marido igual á minha qualidade e pessoa; e porque viera de contra o castello d'Almourol, achei-o tão namorado, que

além de engeitar minha vontade, teve em muito pouco minhas palavras: por esta razão o mandei prender, com tenção de o não soltar; cousa, que se fez levemente, porque estava desarmado. Quiz sua dita que nos mesmos dias veio ahi ter outro cavalleiro, que chamam Floriano do Deserto, que se parece muito comvosco; não sei se lhe sois alguma cousa; e, além de suas palavras poderem tanto comigo, que me fez soltar o preso, de mim fez tambem o que quiz, promettendo-me de tornar a me ver, e dando-me alguma esperança de casar comigo. E porque depois passou muito tempo, que não vi recado seu, recebi tamanha pena, que determinei passar-me a este valle, que é estrada de muitos, e por força obrigar os homens a não tomarem armas se não contra elle, e até mo trazerem preso não as exercitar em al, crendo que algum passaria por aqui, que seria de tanto preço, que o traria ante mim, pera se desobrigar do juramento, ou defenderem que Miraguarda não é tão fermosa como eu; porque tambem a isto me pareceu, que acudiria Floriano, e d'uma maneira ou d'outra o haveria á mão. Neste tempo os meus cavalleiros prenderam alguns, que não quizeram consentir nas condições: delles de tanto preço, que quasi os pozeram em desbarato: outros, tremendo o perigo, tornaram-se por onde vieram. Muitos juraram de defender minha fermosura e desta maneira se foram sem batalha. Nisto passou muito tempo té agora, que vós, senhor, desbaratastes

tudo. Senhora, respondeu Florendos, esse cavalleiro eu ó conheço mui bem, e sei que se sua vontade o não trouxer a esta parte, que mal se poderá trazer por força. De lhe esquecer do que ves deve não vos espanteis, que essas cousas tanto que as passa logo lhe não lembram. Os cavalleiros, que defendem vossa fermosura, tem muita razão de fazer maravilhas, e pera obrigardes os homens a isso as mostras de vosso parecer bastam, ainda que este costume não sigaes: os que estão presos vos peço que me mandeis dar, pois agora já melhor vos servirão soltos, que não em parte onde tão pouco podem aproveitar. Senhor, disse Arnalta, em tudo quero satisfazer o que pedis; mas que farei, que agora acabei de perder toda a esperança desse cavalleiro co'as palavras que me dissestes? Pera soltardes os presos eu vos mandarei mostrar o lugar onde estão: e vedes ahi as chaves da prisão, que té aqui nunca as fiei de ninguem; agora as fiarei de vós. Então as tirou d'um cordão, que trazia cingido, e Florendos as deu a Albayzar, que quiz tiral-os por sua mão, e no fundo do castello em uma çotea escura achou mettidos muitos em um tronco pouco aspero, que a condicção da senhora da torre não era tão cruel. Abrindo os cadeados os tirou; e porque levava diante de si duas tochas e ia desarmado, houve alguns, que o conheceram, que havia pouco, que estavam presos e o viram em Constantinopla no tempo, que se combatia por o vulto de Targiana. E vendo-se livres por elle, não sabiam que cuidassem: d'outra

parte vendo-o desarmado ficavam confusos. Porem tanto que foram no claro e viram Florendos, sentindo que delle lhe viera a liberdade, se lançaram a seus pés: e antre alguns que reconheceu, vendo Blandidão, Roramonte, Floramão e Tenebror teve em mais sua victoria. E porque isto era tarde, Arnalta mandou dar de cear a Florendos e aos que sahiram da prisão, tão abastadamente, como se estivera de muitos dias apercebida pera o banquete. Esta diligencia lhe nascia de uma afeição nova, que a trazia obrigada a mais: e não era muito, porque, alem de sua condição a inclinar a isso, as obras, que vira de Florendos, lhe fazia esquecer os outros cuidados passados. Tambem a obrigava as palavras, que co'elle passára, que, quando são boas, trazem a si as vontades alheias.

CAPITULO CIII.

DO QUE ACONTECEU A FLORENDOS SAHINDO DO CASTELLO DE ARNALTA.

Aquella noite dormiu Florendos no castello de Arnalta quasi per força, que sentiu nella desejos odiosos a sua condição. E posto que a determinação della fosse detel-o, tanto que veio a manhãa, se armou de suas armas, que por alguns lugares estavam rotas e maltratadas e, depois de se lhe despedir, o fez de Blandidom, Tenebror e Roramonte, e não o fez do principe Floramão, que des-

de o tempo que conversaram nos matos, onde os achou Roborante seu escudeiro, ficaram amigos em tal extremo, que em quanto depois lhe durou a vida, durou esta vontade a cada um; cousa muito de estimar, por quam mudaveis as cada dia vemos. E postos em seu caminho, Arnalta ficou tão descontente, que tornou a imaginar novos modos de vingança de Florendos, esquecendo-lhe já Floriano como se o nunca vira. Isto por não sahir do verdadeiro natural de todas, qué é qualquer paixão presente, inda que seja pequena, lhe tirar de memoria as passadas, ainda que sejam taes, que não deviam esquecer. E por esta rasão despediu os outros cavalleiros, que ficaram em sua casa com menos graça do que tivera o dia d'antes. Florendos caminhou alguns dias em conversação de Albayzar e Floramão, que levava em sua vontade chegar té o castello d'Almourol por vêr a maneira, com que Miraguarda recebia os serviços de Florendos: e sendo já mettidos muito a dentro d'Hespanha, ao pé d'uma montanha alta, antre dous freixos crescidos e de muita rama, viram um cavalleiro grande de corpo, armado d'armas verdes, no escudo em campo negro uma torre branca: cavalgava em um cavallo alazão formoso, e elle tãobem posto e airoso, que parecia que dava graça ás armas. Antes que Florendos e seus companheiros chegassem onde estava, um escudeiro sahiu a elles, dizendo: Senhores, o guardador daquelles freixos vos manda dizer que ha muitos dias que defende este passo a todos os cavalleiros andantes, não tanto por

fazer damno a nenhum, como por cumprir o mandado de uma senhora a quem serve; e se vós quizesseis conceder no que lhe ella manda, podereis passar seguros; e senão, convem que por força de armas vos faça confessar o que sem ella não deve negar ninguem. Saibamos o que é, disse Florendos, e então dar-vos-hemos a resposta conforme ao que nos parecer, que d'outra maneira mal se pode advinhar o que nos vós encobris. Haveis de confessar, disse o escudeiro, que a senhora Arnalta princeza de Navarra é a mais fermosa dama, que agora ha em todo o mundo, e assim mesmo que é a mais dina de ser servida. Parece-me, disse Albayzar contra Florendos e Floramão, que acharam os seus cavalleiros quem guardasse alguma das condicções, que pediam, antes que haver batalha. Eu hei que elle tomou ruim empresa, se a espera de seguir muito. Isto que este senhor diz, disse Florendos ao escudeiro, podeis dar por resposta a vosso senhor: e tanto que voltou pera a levar, Floramão, que se já concertara na sella e enlazara o elmo, pedindo a Florendos lhe concedesse a primeira justa, pondo as pernas ao cavallo, cuberto do escudo, remetteu ao outro e como os encontros fossem bem acertados, e ambos especiaes cavalleiros, vieram juntamente ao chão. Mas a presteza de cada um os fez levantar; e, arrancando das espadas, começaram ferir-se de duros golpes, como aquelles que eram destros nos dar. E como a batalha fosse notavel e andasse brava e temerosa, Florendos e Albayzar folgavam d'a vêr. E porque

Floramão antre elles era julgado por um dos cavalleiros bons do mundo, vendo quam pouca vantagem fazia a seu contrario, tinham ao outro em muita conta e não sabiam como homem tão esforçado quizera antes aceitar guardar aquelle passo que pelejar c'os cavalleiros de Arnalta. A batalha crescia em braveza de golpes, e Floramão, que lhe lembrava que o via Florendos e Albayzar, que eram pricipes da valentia, pelejava tão azedamente, que tudo o que suas forças e esforço abrangia não deixava nada por fazer. Pois o outro, a quem os amores d'Arnalta obrigavam a não se negar aos damnos, que lhe podessem vir, fazia tambem milagres. Neste tempo se arredaram por descansar algum pouco, e o do valle disse contra Floramão. Não sei, senhor cavalleiro, porque tão sem causa nos matamos. Vós em confessar que Arnalta minha senhora é a mais formosa mulher do mundo, e que mais merece ser servida, confessareis verdade. Ora se isto está claro, qual razão vos obriga pelejár pola mentira, pois é certo que muitas vezes quem porella se combate tem a victoria incerta. Maior mentira disse Floramão, seria confessar o que tu tens por verdade: Arnalta que seja fermosa e muito pera servir, nem por isso deixa de haver outras no mundo, que a fazem esquecer, e eu não ter quem neste perigo me ponha, as lembranças, que d'uma mulher me ficaram, me não leixam consentir tamanho erro. Então tornaram-se a juntar, cada um por defender sua tenção: e inda que a batalha durou grande espaço sem se co-

nhecer melhoria, já no fim o cavalleiro do valle pelejava com menos força e a espada se lhe revolvia na mão e trazia as armas rotas por muitas partes. Floramão, inda que as suas não andassem muito sãas, trazia melhor alento e feria com mais acordo. Nisto se tornaram arredar e Floramão, que naturalmente era de condicção nobre, sentindo a fraqueza do outro, quiz vêr se com menos da vida o faria deixar a batalha, dizendo: Senhor cavalleiro, já vedes que a verdade de vossa porfia não está tão clara como dizeis; confessai que, inda que a senhora Arnalta seja o que vós dizeis, outras ha no mundo que são mais fermosas que ella. Bem vejo, disse o outro, que esse commetimento vos nasce da fraqueza de minha desposição; pois por certo o que eu defendo é verdade, mas sou pera tão pouco e vós pera tanto, que defendendo mentira, vais mais avante que eu. O peior da batalha eu o levo, e já sei que sua fim e a minha toda será uma; mas não me fiz de sorte, que deseje viver senão for com defender minha vontade; por isso acabai o começado, que eu tambem acabarei meus dias na tenção pera que os sempre guardei. Acabando estas palavras e remettendo a Floramão tudo foi um, porem como sua fraqueza fosse muita e a falta do sangue lha acrescentasse muito mais, Floramão o levou nos braços e com pouco trabalho o derribou. Florendos e Albayzar lhe acudiram, pesando-lhe d'o vêr em tal estado, que lhe pareceu que seria morto; e tirando-lhe o elmo, tanto que lhe deu o ar tornou em si e conheceram que era Albanis de

Frisa principe de Dinamarca, de que Floramão ficou pouco contente, atribuindo aquella victoria á sua mofina, que era seu amigo grande, Dalli o levaram a casa d'um cavalleiro velho, que vivia naquella montanha, e polo caminho lhe foram perguntando qual fôra a causa que o movera a tomar tão má empresa. Senhores, disse Albanis, eu vim ter a um valle onde tem Arnalta no reino de Navarra um assento dos mais graciosos do mundo; acertei de chegar a tempo que a princeza por ser tarde andava folgando á borda de um rio, que o atravessa; e vendo-a tão fermosa junto com outras graças, que lhe achei, fiquei tanto seu quanto não cuidei que algum hora o fosse de ninguem; e porque quem naquelle valle entrava não podia passar sem prometter uma de tres cousas, escolhi defender que era a mais fermosa e dina de ser servida de todalas nascidas, que era uma das condições. Isto não o acceitei com medo de seus cavalleiros, senão porque verdadeiramente a affeição que lhe tomei, me fez parecer assim: e depois que m'o não queriam confessar, vim cair em mãos do senhor Floramão, com quem passei o que vistes: o que aqui mais sinto não é a perda da victoria, que pera com elle não acho que perdi nada; doe-me a perda da esperança, em que té agora me sustive. Senhor Albanis, disse Florendos, quem as armas exercita não se ha de escandalisar de qualquer mudança, que nellas ache. Arnalta merece muito, porém não tanto, que com isso se deva

escurecer o merecimento d'outras, que lhe a ella não devem nada: folgai deste desastre vos acontecer antre vossos servidores e amigos, que se em outra parte fôra, tivereis mais que sentir. N'isto chegaram a casa do cavalleiro, que os agasalhou com a vontade que costumava sempre pera todolos andantes; onde Albanis foi curado de suas feridas, acompanhado alguns dias de Florendos e seus companheiros: a qual detença pera Florendos era gram pena, polo desejo que levava de chegar a Almourol. Porém encobria-o o melhor que podia; forçando a vontade por usar dos cumprimentos necessarios ã amizade. Que este bem tem os prudentes, que inda as cousas que forçadamente fazem, lhe são agradecidas.

CAPITULO CIV.

DA EMBAIXADA QUE A DONZELLA DE TRACIA LEVOU Á CORTE DO IMPERADOR, E DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO TIGRE.

Conta a historia, que estando um dia o imperador no apousentamento da imperatriz, onde jantára, acompanhado d'alguns grandes, e ella de suas damas, entrou pola porta a donzella de Tracia, que de todos era conhecida, depois que á côrte viera com a aventura da copa: lançando os olhos por toda a casa, vendo-a desacompanhada de tantos cavalleiros mancebos como vira da ou-

tra vez, pareceu-lhe não ser aquella a côrte do imperador Palmeirim. Grande alvoroço e contentamento fez sua vinda. O imperador a recebeu com amor e gasalhado, desejoso de saber a que vinha e o que acontecêra a Palmeirim na aventura de Lionarda. Quem neste tempo pozera os olhos na fermosa Polinarda, bem lhe sentíra nas mudanças do rosto os temores, em que o seu coração estava; que natural é quem vive com receio perdel-o com poucas cousas. Alto e muito poderoso princípe, disse a donzella, querer-vos louvar cousas de Palmeirim, vosso neto, fôra escusado; mas lembrando-me que onde a affeição é grande, nenhuma cousa enfastia, quanto mais as de muito merecimento, o quero fazer. Sabei que Palmeirim acabou o encantamento da princeza Lionarda minha senhora, passando todolos perigos delle muito a seu salvo e com a maior honra que se pode dizer. Então lhe contou miudamente o que passára; e quando veio a aquelles passos do lago que cercava a ilha, e a maneira do batel com que se navegava, e depois a subida do cesto, a imperatriz e suas damas haviam aquelle perigo por tamanho, que perdiam a côr. Por certo, disse o imperador, eu ouvi já contar de muitos encantamentos grandes, e alguns delles passei nos dias de meus trabalhos, e nunca vi nem ouvi fallar em tal novidade ou invenção d'encantamento: bem se mostra o saber e descripção d'el-rei Sardamante ser differente dos outros homens e a valentia de Palmeirim polo o risco aci-

ma de todalas desta vida, que eu não sei quem em tal temor se vira, que tivera esforço ou conselho pera se tirar delle. A donzella lhe acabou de contar o que mais passára, dizendo: O que, sobretudo, nos pareceu maior esforço, é vêl-o livre do derradeiro de todos, que era o parecer e fermosura de Lionarda; que na verdade é tantanto pera louvar, que parece que hi se esmerou em tal extremo a natureza, que a fez pera mostra de toda sua perfeição; e não é de crêr senão que Palmeirim tem a razão cega, a vontade penhorada em outra parte; pois o amor teve poder de o fazer engeitar, e ter em pouco, a fermosura e patrimonio de Lionarda, que são duas cousas que poucas vezes em uma pessoa se ajuntam, engeitando-a de casamento, que pelos naturaes do reino lhe foi commettido. De maneira, que por derradeira determinação se assentou que ella casasse, com quem elle houvesse por bem, segundo a fórma do testamento d'el-rei Sardamante seu avô. Pera isto a rainha Carmelia, sua avó, quiz que a princeza viesse a estar em vossa côrte alguns dias, pera que o marido, que lhe désse Palmeirim, fosse da conversação dos cavalleiros desta casa; e ella neste tempo passasse os dias em companhia de vossa neta e das princezas e senhoras, que em vosso paço andam; porque d'ahi lhe fique a amizade e costume dellas, que quando são bons, é outro patrimonio melhor que os dos bens temporaes. E pediu conselho a Palmeirim, que além de lhe louvar seu propo-

sito, quiz que tambem de sua parte vos pedisse esta mercê. A rainha Carmelia vos manda dizer que vos lembre que té agora não negastes a ninquem nenhuma cousa que parecesse justa. E pois o que vos pede, além de o ser, é de tanta obrigação pera ella, e todo o reino de Tracia, que lh'o não negueis. Pera isto me deu uma carta de crença, que vos désse. O imperador a tomou, e acabado de a lêr, disse: Discreta donzella, as novas que me dais de Palmeirim, meu neto, vos agradeço muito: queira Deos que me venha á mão alguma cousa de vossa honra, em que vol-as satisfaça como desejo. A dona ou donzella, que o fez engeitar tamanha cousa como foi o casamento de Lionarda, não sei que lhe fique pera lh'o poder pagar; ainda que os corações namorados com pouco se satisfazem. Ao que dizeis que consinta que Lionarda venha estar em minha casa, e que n'ella case, eu não faço nenhum serviço a ella nem á rainha Carmelia; antes recebo a maior mercê e honra que nunca foi feita; e quanto maior fôr sua tardança, mais aggravo se me faz. E porque saibaes quanto estimo estas novas, d'aqui vos dou pera vosso casamento o condado de Selim, que vagou por morte do conde Arlao, de que não ficou nenhum herdeiro. A donzella se lançou a seus pés com muito acatamento, e o imperador a levantou dando-lhe a mão; cousa que a nenhum estranho fazia, senão quando era com alguma mercê sinalada. Logo a beijou á imperatriz, e quizera fazer o mesmo a Prima-

lião e Gridonia; mas nenhum delles lha deu. E, virando-se contra o imperador, lhe disse: Agora, senhor, não hei por muito nenhuma façanha que Palmeirim faça, pois basta proceder de tão singular tronco. A mercê que vossa magestade me fez, acceito pera da vinda que vier com Lionarda minha senhora, a possuir com o marido que vossa magestade houver por seu serviço; e muito maior mercê recebo da resposta da embaixada que trouxe, ser da maneira que eu desejava. E porque já agora estou alvoroçada pera a volta, veja vossa magestade o que manda, que não poderei acabar comigo deter-me mais um só dia. A mim não me pesará nada, disse o imperador, que em minha casa descançareis alguns; mas pois na partida levaes mais gosto, seja como quizerdes. A donzella se despediu delle e de todos em geral; e porque Polinarda não estava alli, que se recolhêra á sua camara com Dramaciana pera gosar mais á sua vontade o contentamento daquellas novas, a donzella foi tambem despedir-se della; e vendo-a mais à sua vontade do que d'antes fizera, como em tudo fosse discreta, logo sentiu que d'alli nascia a Palmeirim engeitar as cousas grandes: e o affirmou muito mais, depois que viu quão particularmente lhe perguntava por suas cousas. Polinarda lhe fez muita honra e gasalhado, dando-lhe joias e peças de sua pessoa de gram preço: rogando-lhe que de sua parte offerecesse sua amizade a Lionarda, e lhe pedia que por fazer mercê a ella, fizesse a vinda mais breve A don-

zella lhe prometteu de a servir em tudo o que n'ella fosse. Saída do paço, se foi a sua pousada, donde já achou outras peças da imperatriz e Gridonia, com que foi mais rica e contente do que viera. Aqui deixa a historia de fallar nella, que vai seu caminho, e torna ao cavalleiro do Tigre; que diz que depois que saíu do reino de Tracia, quiz outra vez seguir via de Constantinopla, que pera seu cuidado em nenhum outro lugar achava repouso certo. E caminhando um dia a horas que o sol se punha, por uma floresta deshabitada de todo arvoredo, e alongada de povoado, sentiu traz si gram tropel de cavallos: virando o rosto pera ver o que seria, viu dez ou doze cavalleiros armados que atravessavam a floresta contra a outra banda, levando um galope apressado, como que íam a algum gram feito. E não sabendo determinar que poderia ser, enlazou o elmo com desejo de os seguir. A este tempo, pola mesma rota dos outros, veio um cavalleiro que trazia mais vagar por causa do cavallo, que lhe emanquecêra no caminho. O do Tigre se chegou a elle, dizendo: Saber-me-heis, senhor, dizer quem são uns cavalleiros, que cá diante vão, ou que affronta os faz ir com tanta pressa? De o saber tendes pouca necessidade, disse o outro; porém porque n'isso não se perde nada, nem vós lhe podeis fazer peccado, nem mercê, dir-vol-o-hei. Sabei que d'aqui, obra de tres leguas, está um castello d'uma dona, que tem uma filha fermosa e de honesto patrimonio: desejou muito casar com ella um cavalleiro,

que é o principal daquelles que lá vão; que se chama Felistor. E, porque antre o pai della e o delle houve alguns odios antigos, não lh'a querem dar. Agora determinaram de a casar com outro principal desta terra, que se chama Radiamar. Felistor, sabendo que ámanhãa a hão de levar a outro castello, onde determinam fazer o casamento, se vai lançar esta noite em um bosque junto do caminho por onde hão de passar, pera a tomar por força e casar-se com ella, e matar os que lha quizerem defender: e porque não seja sentido vai tanto depressa metter-se em sua cilada, que é d'aqui gram peça. Eu dei uma topada com meu cavallo em uma raiz d'uma arvore, que se não póde ter em a mão direita; e vou triste por não poder chegar a tempo, que estou pera morrer com pesar. Por isso, se em vós houvesse tanta cortezia, que me quizesseis emprestar esse, em que is, que o do vosso escudeiro não me parece tal, recebel-o-hia em gram mercê; e outra hora, pode ser, que vol-o satisfaça em muito melhores obras. Certamente, disse Palmeirim, em homens de tão má tenção nenhuma cousa se póde empregar bem; e ainda que o que me pedis mereça outra resposta conforme a vossa nescidade, por não perder o tempo, que quero dispender em ir traz vossos companheiros, não vol-a dou. N'isto virou as redeas polo caminho que os outros levavam. Ora is bem aviado, disse o cavalleiro: cuida cada um dos que lá vão, que é pera cento taes como vós; e vós quereis

pelejar com todos: folgo, que quando chegar, acharei já a vós com vossa soberba perdida, e o vosso cavallo esperando por mim; e então ficareis sem elle, e eu terei menos que vos agradecer. Porém o do Tigre ía já tão alongado, que o não ouviu; e que o ouvíra não voltára, que os corações nobres com pequenas cousas não se movem, e os soberbos com quaesquer fazem desmancho. Indo assim seguindo a trilha dos primeiros, lhe anoiteceu com tamanha escuridão, que de todo perdeu o rasto; e como levasse desejo de se achar naquella affronta, andou toda a noite, revolvendo a floresta sem nunca sentir signal delles. E porque já queria ser manhãa, e seu cavallo e o de Selvião íam tão cançados, que quasi se não podiam mover, se desceram delles, tirando-lhe os freios por lhe dar algum repouso, em quanto a manhãa esclarecia. Mas como o cavalleiro do Tigre tivesse pouco, ainda o dia não era de todo claro, quando mandou tornar a enfrear, e guiou contra onde lhe parecia que os outros caminhavam. E de vêr que os não achava, e o dia era mui alto, queria estalar com pesar: que isto é natural do animo grande em cousa que muito deseja não ter paciencia.

CAPITULO CV.

DO QUE O CAVALLEIRO DO TIGRE PASSOU COM OS CAVALLEIROS QUE IAM EM BUSCA DA DONZELLA.

Conta a historia, que tanto andou o cavalleiro do Tigre sem achar os outros, que passou gram parte do dia. Neste tempo Filistor, que estava em sua cilada, teve novas da espia, que n'isso trazia, como a dona e sua filha vinham acompanhadas de sós quatro cavalleiros. Saindo-lhe ao encontro, como os tomasse sem suspeita, levemente os desbarataram, e a ellas tomaram presas, e nos mesmos palafrens as fizeram tornar polo caminho que trouxeram. O cavalleiro do Tigre já quasi desesperado de os não poder achar, sendo depois de meio dia, viu arredado de si atravessar por outro caminho o do cavallo manco, que com muitas esporadas lhe levava a barriga lavada em sangue; e indo pera aquella parte, o outro que o conheceu, se deteve, dizendo: Senhor cavalleiro, parece-me que ou não quizestes encontrar com meus companheiros, ou desejaes emprestarme esse cavallo; pois quero que saibaes que já agora o não tomarei, senão se fôr pera vos não ficar devendo nada. Eu não sei, disse o do Tigre, se m'o agradecereis, ou não; mas sei que se vos vira em outro melhor, que vol-o tomára pera

seguir quem levava na vontade, e valer a quem d'isso tem necessidade. Agora me quero rir, disse o outro; depois que passastes toda a noite em somno, quereis-me metter em consciencia que errastes o caminho; pois faço-vos saber que são pegados comvosco; e vêdes assomam por cima daquelle outeiro, e trazem comsigo a donzella que íam buscar, que vejo roupa de mulheres: agora podeis cumprir vosso desejo. O do Tigre lançando os olhos contra onde lhe dizia, viu que era verdade; e, porque ainda estavam algum tanto desviados, teve tempo d'enlaзar o elmo, e mandar apertar as cilhas, e correger-se na sella como pera tantos era necessario. Os que vinham com a donzella não eram mais de seis; que os outros se foram metter na fortaleleza de sua mãi, pera a ter segura de sua mão; e esperando-os onde se fazia um escampado, viu a Filistor vir fallando com ella, tirado o elmo; e ella, além de lhe não responder, chorava grandemente. A mãi vinha em um palafrem com o rosto descuberto, tão triste e descontente, que de nenhuma cousa dava acôrdo. O cavalleiro do Tigre esperou té que passaram por elle; e ao tempo que emparelhou com a donzella, tomando-a pola redea, deteve o palafrem, dizendo: Senhora, se vossas lagrimas se podem enxugar com salvar-vos de mãos destes que vos levam, desde agora começai a ser contente, que pera os maos pequenas forças bastam, que a malicia por si se desbarata. Destas palavras houve Filistor tão gram manencoria, que não lhe

podendo responder, sem tomar elmo nem escudo, que lho trazia um escudeiro, arrancou da espada com tenção de o matar. Mas como o do Tigre o achasse desarmado, e descesse já com um golpe, dos que trazia por costume, foi de tanta força, que entrando a espada té os miollos, deu com elle morto: e revolvendo-se antre os outros, que de todas partes o cervavam, começou a fazer maravilhas. A donzella vendo-o naquella pressa, desconfiada de acabar tamanha cousa, e tambem com receio de a matarem, desviou as redeas ao palafrem, e se metteu no mais espesso da floresta. O do Tigre, que assim a viu ir, sentindo sua desconfiança, e receando que lhe podesse acontecer algum desastre, se lhe não acudisse com tempo, avivou os golpes de maneira que com morte de tres delles os outros se pozeram em fugida, e o do cavallo manco se lhe rendeu, pedindo-lhe que lhe perdoasse alguns máos ensinos ou desgostos, se delle os recebêra. A dona, vendo seus imigos desbaratados, achando sua filha menos, não soube se tivesse em mais o prazer da victoria, se o pesar de sua perda. E lançando-se aos pés do cavalleiro do Tigre, com palavras e offerecimentos mostrava agradecer-lhe tamanha mercê, pedindo-lhe que, pois já com tantos trabalhos a livrára de seus contrarios, a ajudasse a cobrar sua filha; que sem isto o vencimento delles pera ella seria de pouco contentamento. Senhora, disse o cavalleiro do Tigre, a victoria que houvestes contra estes homens, agradecei-a a suas obras; que, quando ellas são

ruins, hão-de ter o galardão conforme; porque a justiça divina em nenhuma cousa careça de sua perfeição. Vossa filha eu a vi ir contra aquella parte dos arvoredos; e parece-me que não deve ser longe; por isso deixemos os mortos, e vamos traz ella, e onde mais quizerdes; que em quanto o medo vos acompanhar, eu vos seguirei té que vos pareça que estaes segura. Ai senhor, disse ella, bem se parece que em vós se juntou virtude e esforço, pois, depois de me tirardes de tamanho temor, me não quereis deixar á disposição de outro algum: Deos vos pague essa vontade, que eu não posso com mais, que, com ter a minha, offerecida ao que vós mandardes. Então se metteram polo mato contra onde a filha da dona fôra; e com andarem todo o espaço que estava por passar do dia e alguma parte da noite, nem a acharam, nem rasto algum della, por onde podessem seguir: e não era muito que isto assim fosse, que o medo que comsigo levava a desviou mui longe. Assim que cançados de revolver toda a floresta, os valles e outeiros que a cercavam, lhe foi necessario descerem-se pera dar algum repouso ás bestas, que com o trabalho passado andavam tão cançadas, que se não podiam menear. Selvião lhe tirou os freios pera pascerem, e á dona e a seu senhor deu de comer d'alguma cousa, que comsigo trazia. E a tempo que a manhã esclarecia, tornaram a cavalgar; e, revolvendo tudo o que lhes pareceu que outro dia não andaram, nunca poderam achar novas da donzella; de que a dona

ia tão triste, que com nenhumas palavras, de quantas o cavalleiro do Tigre lhe dizia, se podia contentar: e crendo que o palafrem poderia tornar contra o seu castello, perdida toda outra esperança, seguiram aquelle caminho; e chegaram a elle a horas de vespora, onde além de não acharem a donzella, acharam o castello acompanhado de quatro cavalleiros, que Filistor mandára pera guarda delle: os quaes lhe não quizeram abrir nem dar entrada, de que a dona ficou muito triste, lembrando-lhe, que além de vêr sua filha perdida, achava sua fazenda e casa tomada de imigos. Com este descontentamento, cançada tambem do trabalho de caminhar, se deixou caír do palafrem, tão agastada e descontente, que ninguem podia pôr os olhos n'ella, que de sua paixão não recebesse alguma parte. O cavalleiro do Tigre, além de lhe doer vêl-a assim, estava tão occupado de ira e manencoria de não poder entrar no castello, que se chegou ao pé delle, deshonrando os cavalleiros com razões fóra de sua condição; que isto tem os corações agastados, desabafarem com palavras asperas, quando são ditas aos que as merecem. E posto que os cavalleiros de Filistor, que eram quatro, tivessem por ordenação não saírem do castello por nenhuma via sem seu mandado, nem o abrirem senão a sua pessoa, ou recado certo; houveram por tamanha injuria vêr que um só cavalleiro se atrevia tanto, e assim os maltratava com suas palavras; que determinaram quebrar a instrucção que lhes fôra

dada; e sair a elle, tendo a vingança e a victoria por certa: e depois de o castigar, tornar a sua guarda. Com esta determinação armados e postos a cavallo, mandaram abrir a porta, e lançar uma ponte, que atravessava a cava pera sair ao campo: mas o cavalleiro do Tigre, não querendo esperar fóra, ainda a ponte não foi de tódo lançada, quando se lançou dentro, e achou já no pateo os quatro, todos a cavallo, que queriam sair: e um delles vendo tamanha ousadia, começou a dizer: Certo, extremada doudice é a vossa, pois ainda por vós mesmo vindes buscar o castigo que mereceis por vossa nescidade. E porque o pateo era tão pequeno, que n'elle não se podia pelejar a cavallo, se descêram a pé. O do Tigre, a que a furia, que trazia, não dava lugar a gastar tempo em respostas, ainda os outros não foram a pé, quando começou ferir n'elles com tamanha furia e força, que em pequeno espaço os fez arrepender de abrir a porta. E porque nesta batalha houve pouco que fazer, se não escreve mais miudamente: baste que o cavalleiro do Tigre os desbaratou todos quatro, com morte de dous delles, dando vida a toda a outra gente que se lhe rendeu. A dona se recolheu ao castello espantada da fortaleza de seu valedor, e descontente de não ter com que lhe pagar tão grandes mercês. E porque de todo não estava satisfeita pola perda de sua filha, pera que o prazer fosse acabado, não tardou muito que a viram vir acompanhada de cinco cavalleiros, que a traziam do castello d'uma sua tia, onde fôra ter, que d'alli qua-

tro leguas estava. E entrando dentro no de sua mãi, vendo tamanho destroço d'armas e sangue, pareceu-lhe que ainda naquelle lugar não estava segura. Sua mãi a tirou deste receio com leval-a nos braços, os olhos cheios de lagrimas, geradas no amor com que a criára, mandando-lhe que rendesse as graças de tamanho beneficio a quem tanta mercê lhe fizera. Assim se foram ambas juntamente ao cavalleiro do Tigre, que, atalhando suas palavras, por não ouvir seus louvores, com outras de cumprimentos se forom repousar; e esteve alli tres dias pera descançar do trabalho dos outros passados, no fim dos quaes se partiu, deixando a dona e sua filha em socego e paz, tão obrigadas a seu serviço como lh'o elle por obras o merecia. Assim andou por suas jornadas contra a parte que mais desejava, offerecendo a pessoa e armas em cousas de muito perigo, não dando lugar á ociosidade, que n'elle imprimisse vicios; crendo que o que, de alguns é combatido, ao fim fica derribado delles.

CAPITULO CVI.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGEM DEPOIS DE SE PARTIR DA CORTE DO IMPERADOR VERNAO.

PORQUE ha muito que se já não fallou em Floriano do Deserto, deixa a historia de contar de Pal-

meirim, que seguia seu caminho na via de Constantinopla, e torna a elle; que depois de acabada a coroação do imperador Vernao, partidos da corte elle e muitos outros cavalleiros que a isso foram presentes, a seguir as aventuras, cada um onde sua vontade o levava. O esforçado Deserto, armado de armas verdes, e no escudo em campo branco um Salvagem com dous liões por uma trella da mesma maneira, que costumára trazer em seu principio, se partiu só sem outra companhia, chamando-se sempre o cavalleiro do Salvagem, como dantes; cuja fama ainda então em toda pessoa fazia medo e espanto, quando na memoria representavam as obras de seu damno. Assim discorrendo por muitos lugares, onde suas cousas deixavam fama immortal, a fortuna o guiou ao reino de Irlanda, contra a parte donde estavam os castellos das tres irmãas filhas do marquez Beltamor, e outro que fora do gigante Calfurnio, que matou quando as levava presas: e como os tempos em pequeno espaço fazem grandes mudanças, achou já estes castellos povoados de outros novos senhores; e querendo-se informar do que passava por um ermitão, em cuja casa repousou uma noite, soube delle que do gigante Calfurnio ficaram dous irmãos, que ao tempo da sua morte, não tomavam armas: um se chamava Bracollão, e o outro Balleato; que viviam na propria ilha Profunda em poder de Colambar sua mãi. Estes, sabendo a morte de Calfurnio e Camboldão de Murzella seus irmãos, tiveram maneira como contra vontade de sua mãi se fize-

ram cavalleiros, com tenção de os vingarem ou morrer na demanda: e porque sentiram de si ser pera muito, dobrava-se-lhe a vontade e o desejo de pêr por obra sua tenção; e passando primeiro alguns dias e annos, porque sua mãi lhe impedia o caminho, receando os desastres que lhe podiam acontecer, no fim delles, embarcados em uma gallé com alguns cavalleiros da sua criação, se partiram a via de Irlanda; e, antes de serem sentidos, tomaram todos os castellos, assim o que fora de seu irmão, como os das donzellas, matando os povoadores delles: que, como o duque de Ortão e os outros senhores, cujos eram, haviam a terra por segura, poseram nelles pouca guarda. Por esta rasão os houveram sem nenhum impedimento; e havia só dez dias, que os acabaram de ganhar: e porque na corte de Inglaterra naquelle tempo estavam poucos cavalleiros, não lhe viera té então nenhum soccoro. Posto que segundo me parece, disse o ermitão, se fazem fortes como pessoas, que esperam por combate. Saber-me-heis dizer, disse o do Salvagem, se vem algum delles de dia por esta floresta. Essa pergunta, senhor cavalleiro, disse o ermitão, vos não quizera ouvir, que me parece que nasce de desejardes haver batalha com qualquer delles; e porque cada um é pera tanto, que não sei se bastarão pera o vencer os melhores tres cavalleiros desta terra, tirai-vos d'esse pensamento; lembre-vos que polas cousas d'alma se devem esquecer os apetites da fama; e que, quem por sua vontade offerece a vida aos azos da morte, fica desamparado da mise-

ricordia divina e suas obras condemnadas perpetuamente: offerecei as armas, executai as forças nas cousas que vos parecem justas pera fazer, honestas de commetter: que as outras, que vão fóra de medida e razão parece mais commetimento brutal, ou modo de desesperação que confiança de victoria. Os gigantes cada dia sahem por esta terra, cada um por sua parte; e os seus cavalleiros por outra: uns matam, outros roubam, e nestas obras exercitam as forças com execução de suas vontades damnadas, fazendo tantas cruezas, que se Deus cedo lhe não dá o castigo, que merecem, acabaria esta terra de perder-se de todo. Elles cuidam que vivem seguros, porque os filhos de D. Duardos estão mui longe della; e d'outra parte dizem que não suspiram por outrem, que contra estes tem determinado pelejar té morrer ou vingar a morte de seus irmãos. Segundo as obras, que me desses homens contaes, respondeu o do Salvagem, não me parece que deveis estranhar quem quizer aventurar sua vida por salvar a d'outros innocentes, onde suas cruezas se esmeram; e pois as armas pera soccorro dos miseros se trazem e a ordem dellas pera isso se toma, não ha de esperar quem as traz que os casos, que cometter, pareça que estão vencidos; que então o tal soccorro não seria d'agradecer nem as obras dinas de louvor. Por isso, prazendo a Deus, amanhãa, se minha ventura me mostrar alguma, hei de experimentar, fazendo o que poder; e ella faça seu officio. Muito pesou ao ermitão de lhe sentir tal determinação; e com muitas palavras traba-

lhou de lha estorvar; mas vendo que todas eram em vão, o ouviu de confissão, encommendando-o a Deus; e sabendo quem era, houve ainda mais dó de sua mocidade e valentia, temendo que o seu esforço o fizesse aventurar mais do necessario: e, aconselhando-o com palavras santas e boas, como aquella hora o juiso lhe representava, se passou parte da noite, e algum espaço dormiram. Mas como o somno não fosse com repouso, tanto que a manhãa foi clara, o ermitão, depois de rezar, disse missa, a que o cavalleiro do Salvagem esteve presente armado de todas as armas somente o elmo. Ao tempo que se acabava, estando-se desrevestindo o padre, ouviram contra a parte da montanha tropel de cavallos. O cavalleiro do Salvagem acudiu á porta e deu de rosto com uma donzella, que se lançava d'um palafrem ruço, em que vinha tão desacordada e morta, que nenhum acordo dava de si. Nisto chegou á mesma porta Bracolão, um dos gigantes, armado d'armas brancas em um cavallo crescido e fermoso; e porque em chegando, viu que o cavalleiro do Salvagem, tomada a donzella por uma mão lhe perguntava de quem fugia, saltou no chão, dizendo: Não cuido que tomastes porto seguro. E vós, dom cavalleiro, entregai-vos a mim, se não convem que sintaes minha força. Quem em taes obras as despende, disse o do Salvagem, não me parece que o deve temer ninguem: e soltando a donzella, que occupada de medo se recolheu á cela do ermitão, teve tempo d'enlazar o elmo, porque Bracolão fazia outro tanto ao seu. E remetteu-

do um ao outro, o primeiro golpe, que o cavalleiro do Salvagem recebeu, foi dado com tanta força, que lhe cortou gram parte do escudo; e a espada era de tão bons fios, que, descendo ás armas, lhe desfez um pedaço da falda da loriga, desmalhando-se alguma parte della; de que o cavalleiro do Salvagem não ficou nada contente, temendo que, se muitos daquelles recebesse sua vida corria risco. O ermitão, temorisado da ferocidade e braveza de Bracolão, posto de joelhos, pedia a Deus que favorecesse os seus. O do Salvagem, posta sua derradeira esperança na misericordia divina, ajudava-se de sua ligeireza, crendo que mais della que de sua força, lhe era necessario, que a diabrura dos golpes de seu contrario nenhuma resistencia soffriam. E como esta viveza e acordo o ajudasse e favorecesse, e trouxesse cansado Bracolão, podia o do Salvagem mais a seu salvo approveitar-se do tempo, ferindo-o a meude com golpes tão bem acertados e grandes, que ao gigante, depois de perdido muito sangue e elle tão cansado que se não podia bollir, lhe conveio arredar-se. E vendo-se assim ferido e maltratado e a seu contrario em melhor disposição, senhoreado da ira e manencorio, começou dizer: Como, e é possivel que um só cavalleiro se me defenda tanto espaço, e que minhas forças e esforço não baste pera confundir tão pequena resistencia? Por certo menos esperança me deve ficar de vencer os matadores de Calfurnio e Camboldão meus irmãos; e prouvesse aos Deuses, que este, que diante tenho, fosse algum delles, pera que, se mi-

nha vida aqui hade fenecer, fosse nas mãos onde as de meus irmãos fizeram fim. E tornando a remetter ao do Salvagem, começaram outra vez renovar sua batalha, que ao parecer de quem a olhava era temerosa e grande. Porem como o cavalleiro do Salvagem, alem de temer e receiar os golpes de Bracolão, tivesse outros receios, que lhe punham maior medo; que era cuidar que se dalli sahisse maltratado, não acharia onde se remediar e seria forçado cahir nas mãos do outro gigante e de seus cavalleiros, pelejava com tamanho acordo e resguardo, que os mais dos golpes de seu contrario fazia sahir em vão, dando os seus tanto ao revez, que o gram Bracolão desemparado das forças cahiu aos pés de seu vencedor. O do Salvagem, lembrando-lhe que dar a vida a máos é pera damno dos bons, sem outra nenhuma detença lhe cortou a cabeça, dando graças a Deus por tão sinalada victoria. O ermitão sahiu a elle, dando-lhe sua benção espantado de vêr um tão monstruoso corpo morto: a donzella, que já trazia outra côr e era gentil mulher se lhe lançou aos pés, dizendo: Eu não sei com que vos pague tamanha mercê senão com vos louvar vossas obras em a corte do imperador Vernao pera onde vou; que na verdade ellas são taes, que pareceria erro estarem caladas em nenhuma parte. Por isso peço-vos que me digais vosso nome, que o quero pera duas cousas; a uma pera publicar as vossas onde me achar e a outra pera saber a quem devo a salvação e amparo de minha honra. Senhora, disse o do Salvagem, se

vos quizesseis saber meu nome pera vos servirdes de mim, dir-vol-o-ia de boa vontade, que pera es-s'outras cousas minhas obras são de tão pouco merecimento, que não quero que se saiba. Sei vos dizer que vossa vista tem poder pera obrigar os homens a muito, a mim mais que a todos, pois em tão pouco tempo póde tanto comigo, que vos entreguei a vontade com tão aceso amor, que não sei se o perderei alguma hora ou me verei livre delle. Jesus te guarde, disse o ermitão, filho maior perigo é esse, em que agora te mettes, que o outro de que escapastes, que se o outro era damnoso ao corpo podera fazer fructo n'alma, mas este ao corpo não traz proveito e condemna a alma. Lembre-te que são tentações diabolicas, que arma o diabo com laços aprasiveis, em que a fraqueza da carne cada dia cae. Padre disse o do Salvagem, isto são obras da humanidade, a que se não pode fugir, e o desejo é tão delicado, que lança mão da cousa a que se o coração affeiçoa; e se vós padre sentirdes bem o merecimento dessa senhora, aquella graça no rosto, viveza nos olhos, o ar na disposição, logo vereis que quem se lhe não render de todo, ou lhe vem de ser pera pouco ou tem os espiritos tão mortos, que não sabe sentir nada. Por isso vós senhora, pois sentis isto de mim, tratai-me como quizerdes, que eu não quero mais que ganhar-vos a vontade pera vola fazer em tudo. Tanto poder tem o mundo, disse o ermitão, que os gostos delle fazem esquecer os preços d'alma. Filho, converta-te Deus; o mundo te favoreça, pois

tuas obras são delle. Padre, disse o do Salvagem, dai-me um seguro que na vossa cela estaes isento destes accidentes humanos, ou que debaixo destas roupas se vos não revela a carne: então terei estes perigos em mais. Mas hei medo que pera reprehender vicios alheios bastamos todos e pera nos apartar delles ou as vontades não consentem ou damnos culpa á fraqueza da carne, podendo-se resistir com bem pequenas forças. Com tudo eu acho que quem bem se entrega, nem faz offensa a ninguem nem damno a si mesmo, e porque eu sou desses, mudai a pratica padre, que gastar palavras em vão tambem é vicio. Por certo, disse o ermitão, eu me recolherei a meu oratorio estreito, vós segui o mundo, que é largo e grande, que em fim elle vos dará o pago, que nunca ninguem o serviu que tarde ou cedo o não houvesse: e mettendo-se pera dentro, cerrou as portas da ermida com tanta diligencia como se receara ser entrado de imigos. Senhora, disse o cavalleiro contra a donzella, que quereis vós fazer de mim ou que quereis que faça por vos lembrar. Senhor, disse ella, pois vossas obras me livraram de tamanho desastre, não queirais metter-me em outro, que, alem de vos não ficar devendo nada, terei de que me aggravar. Esta terra creio que não é segura, eu folgaria que me acompanhasseis uma jornada ou duas e d'ahi fareis o que mais quizerdes, que eu não quero outra mercê. Nisto a recebo eu muito grande, disse o do Salvage, e no al a vontade de vós queria ter certa, pois sem ella não tenho saude nem vida segura. Então cavalgando no

seu cavallo, que lhe deu o escudeiro, e ella no palafrem, em que alli chegára, se partiram, indo a donzella contando como, vindo Dinamarca com recado da rainha pera a imperatriz Vasilia, que a tormenta do mar a lançára naquella parte, onde sahiu com dous escudeiros pera ir vêr as filhas do marquez Beltamor, que eram suas primas; cuidando de as achar nos seus castellos e que no caminho fôra salteada de Bracolão, e que não contente de lhe matar os escudeiros a quizera forçar a ella. Por certo senhora, disse o do Salvagem, da força qne vós me fazeis me queria vêr livre, que des'outras eu vos livraria a vós. Nisto chegaram ao passo de uma ribeira, que corria por baixo d'uns arvoredos graciosos e bastos; a agua mansa e clara; e porque a calma cahia grande, determinaram passar alli a sésta, mandando ao escudeiro que visse se achava algum lugar onde lhe dessem alguma cousa pera comer. Tirando o do Salvagem o elmo, como viesse afrontado do caminho e trouxesse uma côr rozada no rosto, fosse moço e gentil homem, pareceu tão bem á donzella, que, ainda que nas palavras o não mostrasse, o do Salvagem o sentiu nas outras mostras, porque com os olhos parecia que o olhava d'outra maneira e alem disso concertava o toucado, apertava o vestido, esquecia-se nas palavras, fazia no rosto umas differenças novas, mudando a côr de maneiras diversas, segundo os sobresaltos o coração lhe dava, hora lha via namorada e no mesmo instante irosa, como quem pelejava comsigo: outras vezes vergonhosa, porque se temia que

a entendia, e sobre isto mui triste, vendo-se de todo vencida; mas esta tristeza pouco durava, que o amor nas mulheres, antes de dar fim ao desejo, não sabe o nome á tristeza; e por isso leda e contente tornava logo a mostrar-se por não descontentar a elle. Pois como o cavalleiro do Salvagem fosse mestre destes accidentes, com amorosas palavras e afagos necessarios, a começou tentar; e achando-a mais branda na pratica, deu uma pequena de ousadia ás mãos, tocando-a nas mangas da roupa, e outros lugares, onde não parecia deshonesto, e sentindo-lhe a vontade entregue, satisfez com seu desejo de maneira que quando o escudeiro tornou era feita dona, e bem contente.

CAPITULO CVII.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGE ANTES QUE SE APARTASSE DA DONZELLA.

O CAVALLEIRO do Salvage todo o dia gastou na conversação da donzella ao longo do ribeiro, onde passaram a sésta debaixo dos arvoredos que occupavam. Chegada a noite, porque não sentiram nenhum povoado onde seguramente a podessem ter, tiveram por conselho mais seguro passarem-na naquelle mesmo lugar. O escudeiro ajuntou da herva sobre que se encostaram, e o cavalleiro adormeceu com tão pesado somno, como quem naquella hora não tivesse cuidado nenhum que

lh'o fizesse quebrar. A donzella, a que ficára mais que sentir, e menos de que se contentar, esta maginação, e vêr o esquecimento do cavalleiro, a fez estar toda a noite acordada, descontente de si mesma, e arrependida de seu erro; cousa que pouco lembra antes de cairem n'elle. Estando assim comsigo revolvendo na fantesia se acharia algum remedio em cousa que o já não tinha, teve por seu conselho encommendal-o ao esquecimento; mas quando as cousas muito doem, mal se pode isto fazer. Quem me dissesse porque este arrependimento não chega quando se póde curar, ou de que serve quando já não tem remedio? A razão é que como esta ceguidade nasce de amarem mais o erro que a pessoa, este amor tem tanto poder, que estorva as cousas, com que se pode atalhar. E deixando isto, que algumas terão por palavras vãas, não era muita parte da noite passada, quando por baixo donde estavam dormindo, quanto um tiro de pedra passaram dous escudeiros, e traz elles um cavalleiro muito bem posto, armado de umas armas brancas, tão frescas e luzentes, que, ainda que a noite era escura, se enxergavam muito bem ao longe. Elle tão grande de corpo, que fazia vantagem ao gigante Bracolão, dando uns soluços tão tristes como se lhe saíra a alma com elles. E porque lhe pareceu que da noite estava ainda alguma parte por passar, bradou aos escudeiros que se detivessem alli, que queria repousar um pouco. A donzella, a que o medo de o vêr lhe fez esquecer o

outro cuidado em que d'antes estava, tirando pelo cavalleiro do Salvage, o fez acordar, dizendo lhe que junto delle estava outro Bracolão. O do Salvage, ouvindo isto, se levantou em pé mui alvoroçado, e o mais encoberto que pôde se foi contra a parte onde o cavalleiro estava: viu os escudeiros que andavam prendendo os cavallos, e o cavalleiro estava lançado de bruços no chão. Chorava mui grandemente. Antre algumas palavras, que a dôr e ira lhe representavam, começou dizer: Não sei pera que é crêr na ajuda de tão fracos valedores como são estes deuses vãos, em que tégora cri, pois sua potencia é pera tão pouco, que não pode resistir a tão grandes acontecimentos, como é vêr destruida a força de meus irmãos Calfurnio e Camboldão por mão de tão fraca cousa como é um so cavalleiro: e sobretudo Bracolão, que pera vingança delles deixou sua amada patria e natureza, fazendo sacrificios sumptuosos e grandes, crendo que no merecimento delles estava o galardão certo, com victoria de muito louvor e espanto. Já agora que tudo é perdido, não sei que esperança me póde ficar, senão perder a vida traz as suas; e porque sendo de mistura com algum delles me poderia dar algum contentamento, hei medo, que por me tirar este gosto, não ache o cavalleiro que matou a Bracolão, em cuja pessoa espero tomar vingança tão crua e aspera, que nella se possa satisfazer alguma pequena parte de minha gram dôr, e pera isto, deoses, de vós outros não quero outro favor nem ajuda, senão mostrardes-m'o, que pera

o mais nem vol-a peço nem ma deis, pois o vosso poder é falso: só na confiança das minhas forças ponho toda a esperança, que de vós nenhuma me fica. N'isto se calou um pouco. O do Salvage, que sentiu que aquelle era Baleato, o outro irmão de Bracolão, que já informado da morte de seu irmão, o ia buscar, ficou de todo contente, polo tomar em lugar tão seguro e apartado de seus cavalleiros. E tornando onde estava a donzella se começou de armar; mas antes que o acabasse de fazer, foi sentido; que o cavallo do gigante, que andava pascendo, encontrou com o seu, e começaram antre si uma peleja aspera, de maneira que acudindo cada um, foi necessario sentirem-se. Baleato, vendo no valle homem armado, como então sua vida fosse não dar vida a ninguem, com voz temerosa começou a dizer: Quem és tu, que na força de minha ira buscas o repouso em tempo e parte, que o não dou a ninguem? Por certo pouco deves á fortuna, que a tal estado te trouxe; e essa captiva donzella muito menos, a quem eu mandarei sacrificar com muitos generos de cruezas; e assim farei a quantas achar, pois por uma se perdeu Bracolão, o melhor cavalleiro do mundo. Balleato, respondeu o do Salvage, guarda tuas palavras pera quem te temer as obras; que em mim nem ellas fazem medo, nem o que tu podes tão pouco. A donzella eu ta defenderei, e quebrarei essa soberba, pera que nunca empeças a outra; e pera que com melhor vontade te combatas comigo; sabe-te que eu sou o que matei a Calfurnio teu irmão, e hontem a Bracolão,

e agora matarei a ti; que nem tuas forças e esforço te salvarão, nem menos a potencia de teus deoses. Toma o elmo, pois estás sem elle, que não quero tomar-te com vantagem. Tamanha foi a paixão do gigante de ouvir aquellas palavras, que além de se lhe cerrarem os espiritos pera não poder fallar, tremiam-lhe os membros com ira; e tomando o elmo sem outra detença, remetteu ao do Salvage, dizendo: O' destruidor de meu sangue ante ti tens o maior imigo do mundo; trabalha polo destruires, que se té isto não val, no teu espero banhar estas mãos, e satisfazer a vontade, que com al a não posso fazer contente. E descendo com um golpe, o do Salvage se desviou por lh'o fazer perder; e tornando com outro o tomou por cima do escudo, onde fez pouco damno por ser cercado de uns arcos de ferro tão fortes, que se não podiam desbaratar. O gigante, que com sua furia não podia pelejar vagarosamente, acudia logo com outro, e outros, todos tão mortaes, que a nenhuma parte poderam acertar, que fizeram pequeno damno; porém o cavalleiro do Salvage saltando, e desviando-se, lh'os fazia perder. E porque o escudo que trazia era o de Bracolão, que o seu elle lh'o desfizera no braço, achava-o tão pesado que com uma mão o não podia levantar bem, pera se amparar com elle; por esta razão temia mais a batalha, trabalhando de se defender por manha, e trazer a Baleato traz si, tanto que o cançasse de todo; mas como o gigante sentisse n'elle por aquella via o queria desbaratar, usou d'outra manha; que, amea-

çando com um golpe pór uma parte, revolvia logo d'outra: e desta maneira lhe deu duas ou tres feridas de muito damno; em especial uma, que trazia na perna direita donde saía muito sangue, de que a donzella e o escudeiro tinham tanto medo, que se não sabiam valer. O cavalleiro do Salvage, vendo-se no derradeiro extremo da vida, quiz aventural-a de todo, tendo por mais seguro remedio; e remettendo a Baleato com um golpe, cuidando de o tomar em descoberto, o gigante o recebeu no escudo, e foi de tanta força, que entrando algum tanto por elle, quebrou a espada em tres pedaços, e o mais pequeno lhe ficou na mão. E porque já a este tempo era saída a lua e a batalha se via claramente, vendo a donzella tamanho mal, entregou-se logo á perda; que natural cousa é onde o medo abrange a desesperação vir traz elle, e mais se é antre mulheres, onde o esforço é mais fraco; que pera tudo lhe fallece conselho, tirando nas cousas do appetite, que n'isto o seu tomado de prestes é melhor, que o do mais discreto sabio do mundo buscado por muitos dias. O cavalleiro do Salvage, ainda que o seu acôrdo fosse grande, e o esforço pera desbaratar qualquer temor, n'esta hora não póde temer tão pouco a affronta em que se via, que se achasse desacompanhado de receios muito grandes; e vendo que Baleato remettia a elle com outro golpe de toda sua força, tomando o escudo, que fôra de Bracolão, com ambas as mãos o recebeu, e en-

trou tanto a espada, que chegou ás embraçaduras, e soltando-as das mãos, Balleato o levou pegado n'ella. Neste tempo o cavalleiro do Salvage, vendo-o embaraçado, com o pedaço que lhe ficára da sua, cuidou de o ferir por cima da cabeça. Baleato por se desviar se tornou um pouco atraz. E porque naquella parte o ribeiro tinha umas concavidades altas, que as cheias de muitos annos fizeram, ao tempo do retraer, poz os pés na borda daquella altura, e correndo a terra com elle caíu no fundo do barranco, dando tão gram pancada comsigo nas pedras, que em baixo estavam, que com ella fez fim a seus dias, e pensamentos. Quando o do Salvage o viu tal, chegou junto donde fòra a queda, e vendo-o desamparado da vida, ficou de todo contente; e acudindo a suas feridas, que tinha necessidade de remedio, a donzella e o seu escudeiro lh'as apertaram o melhor que poderam. E cavalgando no cavallo do gigante, que o seu estava com uma perna quebrada da peleja, que houveram com elle, se tornaram á ermida. Os escudeiros de Baleato fugiram pera um dos castellos levar novas aos seus. O ermitão, posto que estivesse descontente do cavalleiro do Salvage polo vêr tão entregue nas cousas do mundo, recebeu-o com o amor e caridade, que sua ordem requeria. Vendo-o tão maltratado de suas feridas, o curou como quem daquelle mister sabia alguma cousa; dando-lhe um pobre leito, que na ermida costumava ter pera hospedes, que o seu era muito

mais pobre. Acabado isto, deu graças a nosso Senhor por vêr desembaraçada aquella terra de ho mens tão imigos delle e dos outros homens. Chegada a manhãa, uma das cousas em que mais trabalhou foi em fazer partir a donzella, pois a terra era segura, do que não pesou ao do Salvage, que tinha por condição, se cumpria com o desejo, desejar logo outra: e a ella pesou muito, que a sua dellas é, depois que se entregaram, não querer mais apartar-se. Comtudo ao tempo do partir, ella com lagrimas, e elle com palavras amorosas forjadas de seus enganos, se despediram.

CAPITULO CVIII.

DE COMO OS CAVALLEIROS DOS GIGANTES ENTREGARAM OS CASTELLOS AO CAVALLEIRO DO SALVAGEM, E DO QUE PASSOU FLORENDOS NA CHEGADA DO CASTELLO DE ALMOUROL.

Ao OUTRO dia os cavalleiros dos gigantes, vendo seus senhores mortos e a esperança de soccorro perdida, postos em conselho sobre o que deviam fazer, tiveram por melhor remedio ir-se ao cavalleiro do Salvagem, e de sua propria vontade lhe entregarem as chaves das fortalezas. Acabado d'o determinarem, se foram á ermida, onde o acharam algum tanto fraco e mal disposto, e vendo-o tão moço,

parecendo-lhe cousa fóra de rasão, quem em tal idade houvesse tamanhas obras, um delles, que antre os outros era havido por mais eloquente, lhe disse: Por certo, senhor cavalleiro, já agora pareceria erro negar o poder á fortuna, pois vemos ante nós desbaratadas as forças de Bracolão e Balleato por vossa mão, cousa que ao parecer muito é pera duvidar. Nisto parece que, alem do vosso animo ser grande, ella vos favorece, ou peleja Deus por vós: pola qual rasão seria gram semrasão quererem os outros homens trabalhar de offender vossas obras, antes teria por melhor conselho entregarem-se á vossa piedade, que resistir tanta força; pois se crê que esta não ha de fallecer em homem, onde as outras virtudes sobejam: e nós com esta tenção nos presentamos a vós, crendo que quem tão bem sabe vencer aos culpados, quererá perdoar aos que não tem culpa. Que té aqui fossemos de imigos, agora como amigos nos entregamos; e, por mais seguridade, estas são as chaves dos castellos, que vos tanto sangue custam: delles podeis fazer o que quizerdes, e de nós o que vos vier á vontade; inda que em homens, que se rendem, não se pode usar crueza. Vossa tenção, disse o do Salvagem, é tanto de agradecer, que o mais que me daqui pésa é, que o pouco que tenho, não me dá lugar a pagar-vos o muito que mereceis: mas já que pera isto minhas forças não bastam, a elrei d'Inglaterra, meu senhor, pedirei o galardão de tamanho serviço, como lhe fazeis. Logo se entregou das chaves, contente de vêr tão seguro fim

em cousa, que tão aspero teve o principio. Os cavalleiros o acompanharam alguns dias, esperando sua saude pera em sua companhia se irem a Inglaterra, porque suas promessas os punham em grandes esperanças. Neste tempo chegaram as novas de sua victoria á corte, onde se fizeram muitas festas, assim pola restituição dos castellos, que quasi tinham por impossivel, como por ser da mão de quem era. Elrei com este alvoroço mandou buscal-o, e assim maltratado o fez Pridos, duque de Galez, metter em uma gallé, trazendo comsigo os criados dos gigantes, aos quaes o do Salvagem fazia honra e gasalhado. Chegando a um porto, onde desembarcaram, foi levado em umas andas a Londres, onde elrei, com sua idade cansada, fez extremos de prazer. D. Duardos, ainda que com mais moderação passasse aquelle contentamento, não era quem menos o sentia. Pois Flerida, os dias e noites acompanhava o leito de seu filho, como quem, em quanto suas feridas não recebiam saude, nenhum descanso lhe ficava. Elrei fez mercê e honra aos cavalleiros dos gigantes, por satisfazer a vontade a seu neto, mettendo-os no conto dos de sua casa. E dalli em diante foram seguros e leaes; qualidades, que ás vezes os homens tem por natural e deixam de fazer polas conversações. Tanto que o cavalleiro do Salvagem foi convalecido de suas feridas, veio nova da prisão de elrei Polendos, Belcar, e os outros cem cavalleiros do imperador, com que se recebeu gram pesar e tristeza. E quando disseram que o turco determinava matal-os todos, se lhe não en-

tregassem o cavalleiro que levára sua filha; por certo, respondeu Floriano, se esse ha de ser o derradeiro remedio de sua salvação, antes me eu entregarei em poder do turco, que vêr que por meu respeito se perdem tantos e tão sinalados cavalleiros. Não creio eu, disse D. Duardos, que em quanto Albayzar seu genro cá andar, queira fazer cousa em que aventure sua vida; e o imperador de meu conselho devia lançar mão delle, porque a troco d'um se dessem os outros. Eu conheço do imperador, disse o do Salvagem, que, por salvar o mundo todo, não forçára a condicção em cousas, que lhe parecerem fóra de seu costume: antes, polo que delle sinto, tenho a perdição dos seus por mais certa, e logo me quero partir pera sua corte, que não é bem, que estando toda sua casa aventurada em tamanho perigo, que eu só me ache fóra della. Este preposito lhe não poderam estorvar elrei nem Flerida com palavras nem rogos, a que D. Duardos atalhava, que lhe parecia bem o preposito de seu filho. E assim, muito contra sua vontade, se despediu delles, pondo-se na via de Constantinopla armado das mesmas armas e divisa, que foi a trazer, que com aquellas tomara já affeição. Aqui deixa historia de fallar nelle, polo fazer de Florendos, que, seguindo a via do castello d'Almourol, entrado já no reino d'Hespanha, onde fez algumas cousas notaveis e dinas de memoria, que em as choronicas antigas dos reis estão escriptas, antre as quaes não teve pequeno quinhão o principe Floramão. Depois de passados alguns dias que chegou

á villa de Riocraro, que se agora chama Thomar, o qual nome antigamente teve por causa do rio, que por ella passa. E vendo-se tão perto do castello d'Almourol, começou a ser tentado de muitos receios, de que se não sabia livrar, uns procediam do amor, que o acompanhava, outros do temor, que trazia, e os que mais temia e a que não sabia dar remedio, eram os que da crueza e esquecimento, com que o tratavam, lhe nasciam. Envolto entre estes cuidados sem assocego passou a noite, e ao outro dia se partiram pera o castello. Albayzar como lhe lembrasse que nas paixões as mulheres soem ser mais vingativas que ninguem, ía com com maior temor do que té alli trouxera. E dobrou-se-lhe mais com saber que Miraguarda tinha tamanho extremo na crueza como no parecer. Mas esta opinião é errada, que sua condicção della só pera os seus era áspera, que pera os estranhos nem aspera nem branda lha conheciam. Chegados a vista dos arvoredos do Tejo, vendo por antr'elles a muralha do guerreiro castello d'Almourol, o coração de Florendos foi atormentado de maiores receios, que isto tem sempre a hora do derradeiro temor nos corações entregues: então lhe chegaram saudades dos dias passados, receios dos perigos presentes, lembranças de seus aggravos e tudo pera o mais atormentar. Albayzar tambem naquella hora ficou muito mais triste, que, alem de lhe vir á memoria ser vencido, sentia muito mais a vergonha do que naquella parte lhe acontecera. Chegados de todo ao castello, acharam as portas cerradas e a arvore dos

escudos, que se alli perderam, ainda occupada de muitos: alguns perdidas as côres da chuva e sereno do passado. Florendos poz os olhos nelles e vendo tambem suas armas e escudo posto no conto do despojo dos outros, encheram-se-lhe d'agua, como quem com tamanha magoa não podia; e esteve cuidando com que se podia pagar tamanha divida a Armelio seu escudeiro, como era estar tanto tempo acompanhando suas insignias. E nisto lhe devia menos do que cuidava, que Armelio, alem de nisso cumprir co'elle como devia, era tão namorado de Lademia, que já o seu cuidado em outra parte o não deixára repousar: e como a affeição é cega, inda que conhecia della não ser fermosa e tratal-o com enganos, cada vez se perdia mais: e na verdade ás vezes precede isto de condicções isentas, que onde peior os tratam alli se entregam de todo. Armelio, inda que por vezes pozesse os olhos em Florendos, nuncao conheceu pola differença das armas, porem, vendo Floramão, logo suspeitou quem podia ser, e vendo-lhe o escudo do vulto de Miraguarda se certificou, e logo se foi pera elle, dizendo: Senhor, já agora vos podeis descobrir a quem tão pouca razão tendes de vos encobrir, e mais vindo com o preço ganhado, que de principio vos fez perder. A senhora Miraguarda não pode ser que com tamanho serviço não cuide, que vos deve alguma cousa, pois os passados lho não fizeram nunca cuidar. Florendos tirou o elmo e abraçou a Armelio com o amor que lhe sempre tivera, e mandou pôr o escudo do vulto de Miraguarda no lugar onde d'antes só ia estar e o de Targiana ao pé

foi muito grave de soffrer no coração de Albayzar. Neste tempo sahiu da fortaleza o gigante Almourol armado de todas peças em um cavallo fouveiro grande e fermoso, brandindo uma lança com tenção de haver batalha, crendo que aquelles cavalleiros não queriam al. E vendo o escudo do vulto de Miraguarda posto em seu lugar, deteve-se um pouco, e conhecendo Florendos, qu'estava c'o rosto descoberto, lançando a lança no chão, remetteu a elle c'os braços abertos, dizendo: Nunca eu duvidei o que agora vejo. E se daqui por diante pera comvosco a senhora Miraguarda não mudár a condição, ajudar-vos-hei a sentir vossos aggravos, como quem por vossa parte não tem nelles pouca. E, não esperando resposta, foi-se dentro levar a nova. E posto que Miraguarda naquelle tempo com nenhuma cousa podera ser mais alegre, assim soube dissimular este contentamento, como se não o tivera, de que Almourol ficou tão descontente, que, não o podendo soffrer, lho estranhou com as melhores palavras, que soube; que na verdade o agradecimento devido não se ha de negar. Porem como sua condição fosse livre, estas rasões, nem o merecimento de Florendos, a poderam dobrar. Almourol se veio descontente e manencorio de ver tanta ingratidão em obras merecedoras de outro galardão. E inda que quiz encobrir a Florendos a paixão, que, quando é grande, se não pode dissimular, deu azo a ser entendido, do que se não espantou, por ser já costumado á aquellas satisfações. Mas, polo que tocava a Albayzar, deu conta a Almourol do con-

certo, que antr'elles havia, e que Albayzar não viera a outra cousa, senão a estar á determinação do que ella delle ordenasse, que assim fora a postura de sua batalha, pedindo-lhe que tornasse lá pera saber o que queria fazer delle. Almourol tornou a Miraguarda, dar-lhe conta que Florendos, alem de trazer o seu escudo, trazia preso quem o levara, pera ella fazer delle o que lhe melhor parecesse. Miraguarda se deteve um pouco, cuidando o que devia fazer, porque, alem de voluntaria, era discreta: depois de se determinar no que melhor lhe pareceu, o mandou vir ante si, ficando Florendos no campo. E porque já lhe deram novas da prisão d'elrei Polendos, Belcar e os outros seus companheiros, mandou-lhe que em quanto o turco os tivesse presos se fosse á corte de Recindos rei de Hespanha, e nella estivesse sob sua obediencia e mandado todo o tempo, que o cavalleiros do imperador estivessem em prisão. Pera mais seguridade lhe tomou sua fé com todalas firmezas necessarias, dizendo-lhe que se contentasse com tão leve castigo, pois seu erro fôra dino de outro mór. Albayzar lhe quizera beijar as mãos por tamanha mercê, que na verdade era grande pera o receio que levava, segundo o que de sua condicção lhe contavam. E despediu-se della, de Florendos e Floramão. Porem ao tempo de partir, vendo ficar o escudo do vulto de sua senhora posto no lugar dos vencidos, mandou por Almourol pedir a Miraguarda lhe fizesse mercé delle, ao menos pera os dias de seus descontentamentos os atalhar com aquelle

parecer. Mas como naquellas cousas, que eram de sua gloria, fosse mais escassa que nas outras, nunca o quiz fazer. Albayzar se partiu tão triste, que em nenhum tempo o foi mais e ás tres jornadas chegou a casa delrei Recindos, onde depois de se presentar a elle de parte de Miraguarda, da maneira que o ella mandára, ficou em sua corte todo o tempo que Polendos esteve preso. El-rei o recebeu com festa e gasalhado, nascido de prazer d'o ter em seu poder. E porque na prisão estava um de seus filhos mandava secretamente ter nelle boa guarda, não se fiando tanto na fé e promessa, que fizera a Miraguarda, como na seguridade de seu mandamento. Logo mandou novas ao imperador, em cuja corte se fizeram grandes alegrias, louvando por excelencia a descripção e aviso de Miraguarda. E antre algumas cousas, que o imperador soltava em seu louvor, mostrava desejar vêl-a em sua corte pera lhe fazer mil honras e acabar de descansar seu neto Florendos, que, vendo que sua senhora nem pera lhe agradecer seus trabalhos mostrava vontade, determinou acabar no que primeiro começára, que era guardar o escudo novamente; e se alli viesse alguem, a que não podesse vencer, nunca mais trazer armas e experimentar sua dita, inda que era máo conselho provar muitas vezes fortuna.

CAPITULO CIX.

DA BATALHA QUE FLORENDOS HOUVE SOBRE O ESCUDO DE MIRAGUARDA AO SEGUNDO DIA, QUE ALLI CHEGOU.

Passado este dia, ao outro, tanto que amanheceu, Florendos, a que seu cuidado não dava outro repouso, se foi contra o escudo do vulto de sua senhora, já que o original não podia vêr: e pondo os olhos nelle, começou dizer: Bem sei, senhora, que isto é assas galardão pera quem vos serve, se este vosso parecer não fosse tão mudo, que algum hora tivesse palavras, com que satisfizesse a falta de vossas obras, mas ordenastes este laço pera os livres cahirem nelle e quizestes que não fallasse, porque algum hora os que vos servem não achassem de que se contentar. Ponho os olhos no vosso vulto, vejo cousas, que me matam, e nenhuma que estorve meu damno: pera me matar todalas mostras tem vivas, pera me ouvir acho-a morta e todo; assim que pera meus males esperarem algum bem, tenho a esperança perdida e pera sempre viver triste, sobejam-me as esperanças. Contente seria de meu damno, se visse que vós o crieis, mas cuido que tão esquecido me tendes, que nem pera isso vos lembro. Se vos mereço este esquecimento é mui bem que o tenhaes; mas, porque o não creio de mim, tenho de que me queixar. A este tempo

Miraguarda o estava espreitando d'antre umas ameas, que, como era verão, as manhãas frias erguia-se cedo pera lograr a alvorada dos roussinóes e outros passarinhos, que nos arvoredos do Tejo faziam sua morada. E vendo as palavras com que se queixava, ainda que sentiu que lhe sahiam d'alma, tão pedra era seu coração, que não cabia nella ter delle nenhum dó. Sobr'isso tão confiada e altiva, que cria que tudo se devia a seu merecimento, sem ella dever nada a ninguem: estando-se assim queixando e ella ouvindo-o, assomaram por antre as arvores tres cavalleiros d'armas louçãas e ricas. Um trazia armas de verde e branco com pintassirgos de prata, no escudo em campo branco umas letras negras, que diziam: Normandia. O outro as trazia de branco e pardo com extremos verdes, no escudo em campo verde Apollo pintado á maneira antiga. O derradeiro vinha armado de roxo e encarnado com barras d'ouro atravessadas, e antremettidas umas por outras de uma maneira e invenção nova, no escudo em campo roxo uns fogos acesos tão naturaes, que pareciam mais verdadeiros que fantasticos. Todos juntamente vinham cantando a tres vozes, c'os elmos, tirados um vilancete tão entoado e d'uma soada mui galante e bem composta. Como Floramão do seu natural fosse muzico, pareceu-lhe tão bem aquelle vilancete, que o julgou por a melhor cousa, que nunca vira; porque, alem das fallas serem singulares e cantarem concertadamente, a manhãa era pera isso muito graciosa, e juntamen

te por baixo das ramas das arvores vinha o tom soando com uma saudade comtemplativa e namorada. Dava tanta graça ao cantar, que se não podia esperar mais de nenhuns homens. Depois disso o rumor das aguas do Tejo era tão pequeno, e ellas corriam tão socegadas e com uma clareza tão viva, que tudo parecia que seguia a consonancia. E posto que Florendos e Miraguarda muito folgassem de os ouvir, só Floramão desejava que não tivesse fim; e em quanto se o vilancete cantava, por lhe não esquecer, o escreveu no tronco d'uma arvore, como já outra vez fizera, cortando as letras nelle, que depois cresceram a compasso com o mesmo tronco, e estiveram nella tanto tempo té que o mesmo tempo consumio a arvore e as letras. O vilancete dizia:

Triste vida se m'ordena,
pois quer vossa condição,
que os males, que daes por pena,
me fiquem por galardão.

Despresos e esquecimento,
quem contr'elles se defende,
não os sinte, ou não entende
onde chega seu tormento:
mas pera quem sinte a pena
inda é mór a sem razão,
quererdes, que o cá morte ordena,
se tome por galardão

Já, se vos vira contente
deste mal e outro maior,
sei que m'ensinára o amor,
a passal-o levemente:
mas pois vossa condicção
quer que em tudo sinta pena,
quero eu que o qu' ella ordena
me fique por galardão.

Os cavalleiros, vendo gente armada junto do castello, deixada sua musica, pozeram os elmos por não ser conhecidos: chegando mais ao perto, vendo tantos escudos pendurados na arvore, tiveram em muito a victoria de quem os ganhára. O cavalleiro, que trazia as armas de verde e branco, se adiantou um pouco e levantando, os olhos ao vulto de Miraguarda, disse em voz alta: Parecer é esse pera mudar qualquer vontade, se estiver mais livre que a minha. Folgo, que tendo este conhecimento, não me vejo mudado da tenção que me aqui trouxe, mas antes se algum destes cavalleiros qu'este passo guardam, quizessem comigo correr um par de lanças, satisfazer-lhe-hia o desejo, com tanto que me não obrigassem a mais, que me temo que essas mostras desbaratem quem as offende, e favoreçam quem por ellas se combate. Não vos engane isso, disse Florendos, que já estava prestes, que essa senhora só pera com os seus tem a condicção aspera e a vontade esquecida. E

pois vossa tenção é justar, tomai do campo o necessario, que em quanto poder vos satisfarei a vontade. Ambos se arredaram um do outro e co'as lanças baixas se encontraram com toda a furia, que os cavallos poderam levar e passaram um polo outro airosos e bem postos, como pessoas, a que a justa não fizera damno. Almourol, que a isto presente estava, vendo-os sem lanças, mandou trazer somma dellas de dentro do castello, e os escudeiros serviram a cada um de seus senhores com a sua. E, como a segunda vez viessem com maior furia, tiveram tanta força os encontros, que Florendos perdeu um estribo e fez um revez algum tanto desairoso; o outro foi ao chão por cima das ancas do cavallo, cahindo porem em-pé, como quem em tudo mostrava acordo; achando-se tão descontente, que, esquecido da postura, arrancou da espada, dizendo a Florendos; Senhor cavalleiro, inda que vos não pedisse mais que justa, peço-vos que façamos batalha das espadas, que em fim, se me vencerdes, tudo será pera mais honra. Não sei se se agravarão vossos parceiros, disse elle, qu'os vejo estar apercebidos de justa, deixai-me cumprir co'elles, que tempo haverá pera fazer assim comvosco; e, sem mais detença, tomada outra lança, que lhe deu Armello, remetteu contra o que trazia as armas de branco e pardo e Apollo no escudo, que tambem o sahiu a receber; e foi o encontro tal, que o cavallo de Florendos ajoelhou e elle perdeu ambos estribos; mas como o cavallo do outro cahiu com seu senhor, levando-lhe uma perna debaixo, de que

se achou um pouco mal tratado, Florendos depois que se concertou na sella, bradou ao terceiro, que, como estivesse manencorio de vêr tratar assim seus companheiros, acompanhado de sua ira e força, o sahiu a receber. Porem neste primeiro encontro o açodamento d'ambos lho fez errar, e ao segundo, fazendo as lanças pedaços, passaram por diante sem outro damno. Floramão e Almourol julgavam os tres companheiros por de gram preço nas armas. Miraguarda, que havia muitos dias que não via justa nem batalha no seu castello, as de então lhe trouxeram á memoria as cousas passadas, e não pera satisfazer ao merecimento de ninguem. Tornando a elles, que cada um pola confiança, que costumava ter, estava menencorio de não derribar o outro, á terceira carreira remetteram com tanta força, que, falsados os escudos e armas, o cavalleiro foi ao chão; e Florendos perdidas as estribeiras se apegou ao collo do cavallo; e, tornando-se a endireitar, ficou algum tanto corrido de aquelle pezar. Nisto se chegou a elle o primeiro co'a espada nua, dizendo : Tenho, senhor cavalleiro, tamanha vontade de me experimentar comvosco, que receberia muita magoa não ser assim; peço-vos que me não negueis este desejo, que eu sinto em vós, que poucas cousas vos podem pôr receio. Tão bem mo sabeis pedir, disse Florendos, que seria máo ensino não fazer o que quereis. E saltando fóra do cavallo pera lhe satisfazer o apetite, o outro, que trazia Apollo no escudo, a que se não escondia nada, se metteu no meio, não consentin-

do a batalha, dizendo: Senhor Florendos, pera com os vossos esta é assaz victoria: e inda que comnosco ganhasseis honra, pera comvosco se não perde, que claro está que ser vencido de quem nasce pera o não ser d'outrem, se não deve ter por injuria. Este homem tão desejoso de brigas é vosso amigo o principe Beroldo, que não sabe com quem as quer: esse outro cavalleiro é Platir vosso irmão, e eu Daliarte vosso servidor, que, ainda que do principio soube mui bem quem ereis, o encobri pera que a senhora Miraguardá, que vos está espreitando d'antre as ameias do seu castello, visse de novo vossas obras; porque temo que as passadas lhe esquecem. Florendos tirou o elmo e levando Daliarte nos braços, mostrou agravar-se de deixar passar aquellas justas; e assim o fez ao principe Beroldo e Platir, e todos tiveram o mesmo comprimento com Floramão; que, como se já disse, este foi um dos homens, cuja conversação e amizade se estimou mais naquelle tempo. E perguntando-se uns a outros por suas cousas com o amor, que antre elles havia, passaram muita parte do dia, desejando os tres companheiros vêr Miraguarda; mas ella era tão avarenta daquella mostra, que nunca chegava a uma janella, senão nos tempos de seu gosto, que era quando o campo á custa d'alguns era cuberto de sangue e armas e a vida posta no derradeiro estado, como ante seu castello muitas vezes se viu. Alli souberam os tres companheiros a maneira, que Miraguarda tivera com Albayzar e lhe pareceu a melhor, que podia ser pera

salvação dos presos, que estavam em Turquia: e, sendo já tarde, se despediram de Florendos e Floramão, que naquella terra esperavam estar de assento, e se foram a via de Constantinopla, que já co'esta tenção sahiram da corte de Hespanha. Floreados, acompanhado de seu cuidado e da amizade de Floramão, ficou guardando o passo, que sempre defendera, não se queixando de seu mal, ainda que tivesse causa. Porque, quem a fortuna alguma hora experimentou, tudo ha de saber soffrer, espantando-se de poucas cousas escandalizando-se de menos.

CAPITULO CX.

DA AVENTURA QUE VEIO TER AO CASTELLO DE D'ALMOUROL, E DO QUE FLORENDOS FEZ NELLA.

Os tres companheiros partidos á volta da côrte de Grecia, diz a historia, que indo suas jornadas, sendo já entrados no senhorio do imperador, encontraram com a princeza de Tracia, onde alguns por mostrar suas obras, outros desejosos de casar com ella a acompanhavam. Pola qual razão ao tempo que chegou a Constantinopla, levava gram companhia de cavalleiros famosos, porque nenhum, que o então fosse muito, a que esta fama chegasse, falleceu naquella jornada; e porque da entrada da princeza se fallará

adiante, torna a Florendos, que ao segundo dia, depois de Daliarte e seus companheiros partidos, andando elle e Floramão a pé passeando á borda d'agoa, armados de todas armas sómente os elmos, viram vir polo rio abaixo dous bateis a remos: em um delles vinham quatro donzellas sentadas na popa, vestidas todas d'um trajo com instrumentos nas mãos, tangendo e cantando tão docemente, que poderam fazer inveja aos tres companheiros, se os alli acharam: os remos remavam com um compasso tão quedo, que nenhum estorvo faziam. No outro batel, que á maravilha traziam ataviado de pannos de seda, coxins e outros atavios ricos, vinha uma donzella, que ao parecer, devia ser senhora daquella frota, vestida d'umas roupas d'invenção nova muito louçãa, e sobre os outros vestidos trazia um roupão de tafetá preto, que isto era na força do verão, cortado polas mangas e outros lugares necessarios, e os cortes se tornavam a juntar com umas visagras d'ouro esmaltadas de passarinhos, e outras invenções alegres de diversas maneiras. Por cima trazia um toldo, que a defendia da calma, de não menor preço e louçainha, que as outras peças. E por ser já tarde, e o dia temperado, juntamente com a confiança que a senhora trazia de fermosa, mandou levantar as bordas delle, porque quem estivesse de fóra a podesse melhor vêr: a seus pés della vinham duas donas e uma donzella: no meio encostado sobre uns coxins de velludo avellutado pardo, um ca-

valleiro armado d'armas verdes e ouro a quartei-rões, e no escudo em campo verde Cupido preso com seu arco e frechas em pedaços, e elle lançado de bruços á maneira de desbaratado ou vencido. E uma donzella fermosa sentada com os pés sobre elle. Os remeiros, que tambem vinham vestidos de libré alegre, porque antre aquella gente não parecia haver cousa triste, pozeram a prôa ao pé da rocha do castello, e os do outro batel fizeram outro tanto, não cessando sua musica; que por ser na agoa, e o tom vir trepando polas concavidades das pedras té bater nas ameias mais altas da fortaleza, parecia muito mais suave. Florendos e Floramão os estiveram olhando um pedaço, e Florendos tocado de inveja do contentamento que o cavalleiro do batel poderia trazer comsigo, não pode encobrir sua dôr, que na verdade estas são as cousas de que se ella deve ter, dizendo: Já sei que todolos malles se guardaram pera mim, e por isso não os posso vêr em outrem. N'isto saíu do batel principal uma donzella, e do outro dous escudeiros pera a acompanhar, e chegando onde elles estavam, fizeram uma pequena cortesia, passando por diante, e emparelhando com a arvore dos escudos detiveram-se um pouco. A donzella pôz os olhos nelles, e vendo o do vulto de Miraguarda, vencida de tamanha mostra, disse contra os escudeiros: Hei medo que minha senhora parta desta terra menos contente do que veio. E, sem fazer mais detença, se foi ao castello, onde, depois de da-

vem seu recado a Miraguarda, entrou dentro em uma camara do seu apousentamento, que caía sobre o rio, e ainda que nas obras e concertos da casa houvesse cousas pera vêr, acabado de pôr os olhos na senhora della, tudo o al esquecia; e não tão sómente aconteceu isto á donzella mas ainda a sua descripção, que era grande, ficou tão torvada, que por um espaço não soube que lhe dizer; cousa que muitas vezes acontece a quem vê alguma de que recebe espanto: porém, depois de tornar em si, corrida de seu descuido e do que lhe acontecêra, disse: Senhora, Arnalta, princeza de Navarra, minha senhora, vos manda beijar as mãos com o amor e vontade que tem pera vos servir e conversar. E porque este desejo ha muito tempo que a segue, partiu de sua casa com menos companhia do que a seu estado convêm, a vos vêr. Fica ao pé desta vosso castello mettida em um batel esperando por mim, querendo que primeiro saibaes de sua vinda, pera que com menos pejo a recebaes. Donzella, respondeu ella, sou tão pouco ditosa, que as cousas que muito desejo essas não posso fazer: eu não sei que mercê nem honra me agora podera vir, que mais estimára, se a ordenança desta casa, desde o primeiro dia que n'ella entrei, não defendera que nenhuma pessoa podesse entrar n'ella: isto é tão defeso a mulheres como a homens; e que eu agora a quizesse quebrar por servir a senhora princeza, não o consentira o gigante Almourol, que n'isso tem maior

poder; e ainda se vos deixou vir a vós, é porque vinheis com embaixada de outrem: beijai-lhe por mim as mãos, e peço-vos que com as melhores palavras que poderdes, me desculpeis; que eu fico tão corrida do pouco que n'isto posso, que vol-o não sei dizer. Senhora, disse a donzella, isso creio eu mui bem, e, se a princeza me crêr a mim, não o haverá por aggravo, pois tem certo outro mór descontentamento se cá entrar. Então se despediu, e levou recado a sua senhora; e como o natural das mulheres é não querer nenhuma desculpa nas cousas feitas a seu desgosto, houve tamanha manencoria, que nem quiz escutar a donzella, nem consentir que outrem lhe fallasse. Seu cavalleiro, vendo-a tão descontente, como em tudo trabalhasse por lhe fazer a vontade, ergueu-se em pé, dizendo: Senhora, de meu conselho deveis sentir menos isto; que Miraguarda se vos tolheu a entrada no seu castello, foi por não ficar desenganada da differença, que ha de vosso parecer ao seu; e se olhardes bem o que d'aqui ganhaes, achareis que este medo, que vos teve, é assás certeza da verdade. Por tanto não agastada, mas com a mór gloria do mundo vos deveis tornar. Tanto poder tiveram estas razões com sua vaidade, que lhe fizeram tirar a paixão: e por não se partir sem vêr alguma cousa das daquella terra, lhe mandou que fosse onde estavam os escudos, e lhe trouvesse o de Miraguarda, que o desejava vêr e leval-o comsigo. O cavalleiro mostrou que rece-

bia n'isso mercê; e fallando só com a donzella, ella tornou fóra, e chegando onde estava Florendos e Floramão, disse: Senhores, aquelle cavalleiro do batel vos pede lhe mandeis o escudo do vulto de Miraguarda pera sua senhora determinar delle o que melhor lhe parecesse. E se n'isto não quizerdes fazer seu rogo, será forçado sair fóra e tomar-vol-o por força, cousa que não queria, por não ter differença com cavalleiros desta terra. Fermosa donzella, disse Florendos, bem se parece que esse cavalleiro sabe mal o muito que o escudo custa a quem só com os olhos o logra, quanto mais leval-o tão levemente. Dizei-lhe que sáia do batel e o venha buscar, que eu espero de lho defender, e vencendo-me a mim, o poderá levar; e se não traz cavallo, que a pé faremos nossa batalha, na fim da qual, se elle ganhar o escudo, eu perderei a vida e descançarão meus malles. Porém sendo caso que sua confiança o engane, que veja a peça que aqui ha de deixar em signal de vencido; que o escudo, que pede, quer sempre que lhe fiquem testemunhas de sua victoria. A donzella se tornou com seu recado, e o cavalleiro sem outra differença, depois de se despedir de sua senhora, saltou em terra tão airoso e bem posto, que só aquella mostra era muito pera recear; e acompanhado de dous escudeiros, se foi contra onde estava Florendos com um passeio ousado e vagaroso. Antes de chegar a elle dez passos, disse em voz alta: Já sei, senhor cavalleiro, que o bom con-

selho não se ha de dar a quem o não sabe sentir: mandei-vos pedir o escudo por me não obrigardes a tomal-o: parece-me que quizestes antes perdel-o á vossa custa, que dal-o com vossa honra, pois agora estaes a tempo de vêr o que ganhastes n'isso. A peça, que pedis que offereça, não tenho; vencei-me, que depois tomareis a satisfação á vossa vontade. Parece-me tambem, disse Florendos, que não tenho que dizer. N'isto se concertou uma janella pera Miraguarda vêr a batalha. Florendos, que té então a não vira, esperou um pouco, e em chegando, que pôz os olhos nella, ficou tão esquecido de si e da affronta em que estava, que, perdido o sentido, enlevado no que via, ficou sem nenhum acôrdo. O cavalleiro do batel vendo-o tão mettido no esquecimento da batalha, o tomou por um braço, e disse: Senhor cavalleiro, quem comigo ha de entrar em campo não lhe convêm passar o tempo em descuidos: tornai em vós, senão tomarei o escudo, que não posso esperar tanto em tempo de tanta pressa. Florendos ao tirar do braço, tornou em si, e tirando os olhos donde os guiava o coração, corrido do seu esquecimento, disse: Senhor cavalleiro, peza-me haver batalha comvosco, que me tomaes em tempo e hora, que estou com armas d'avantage. Pera que vejaes quão pouco podem esses enganos, disse o do batel, olhai por vós. E remettendo a elle, lhe deu um golpe em descuberto do escudo por cima do elmo, e foi de tanta força, que além d'entrar al-

guma cousa, lhe fez abaixar a cabeça té os peitos, do que Florendos ficou descontente, e teve em mais seu contrario. E tornando-lhe com outro dado á sua vontade, o cavalleiro o recebeu no escudo, e entrou assim por elle, que o fez em duas partes; de que houve tanta manencoria, vendo o vulto de sua senhora desfeito, que começou de pelejar como homem fóra de juizo. Florendos, que receava sua valentia, trazia o tento em seus golpes, esperando que, gastada alguma parte da furia, ficariam mais brandos, e elle tão cançado, que fosse mais leve de vencer. Da maneira que elle o cuidou foi, que o cavalleiro, querendo vingar o desgosto que recebêra na quebra do escudo, trabalhou tanto, deu tantos golpes, que no fim delles ficou pera se não bollir: e ainda que Florendos os mais lhe fizesse dar em vão, d'outros, de que se não podia guardar, andava algum pouco ferido. Porém, vendo que seu imigo, cançado de bracejar, pelejava com menos força, e elle estava mui inteiro, começou feril-o de novo, empregando os fios de sua espada tanto á sua vontade, que de cada vez cortava as armas, e entrava na carne. De modo que em pequeno tempo o pôz em tamanha fraqueza, que quasi se não podia ter em pé. E, conhecendo-a n'elle, avivou os golpes com tanta força e presteza, que antre um e outro não apparecia haver espaço. O cavalleiro algumas vezes desejou repousar pera tornar a cobrar alento; e vendo que lhe não davam lugar, provou toda sua

força por se defender; mas estava já tão desamparado della, que perdido o acôrdo, caiu no chão mais cançado do trabalho, que maltratado das feridas. Arnalta, que tinha o amor leve pera render-se, assim sentia pouco tornal-o a deixar. Por esta razão vendo o cavalleiro vencido, como se lhe não acontecera pola servir, mandando dar aos remos, se tornou polo rio acima, tão esquecida delle como se nunca o víra. Florendos lhe tirou o elmo, e dando-lhe o ar, tornou em si, e de mui descontente lhe pediu que tomada delle vingança, que lhe parecesse, lhe déşse licença, porque seu coração não podia soffrer estar em lugar, que lhe tanto custára. O que de vós quero, disse elle, é que façaes o que mandar a senhora Miraguarda, cujo vencido eu sou, que um captivo não pode ordenar nada de outro; por isso pedi ao senhor Almourol que vá saber sua vontade neste caso, que acabado de saber se não tenho mais que querer. Almourol, porque lho o cavalleiro pediu, foi onde estava Miraguarda, que acabada a batalha, se tirára da janella; e dando-lhe conta do que passava, como sua tenção fosse fazer extremos, mandou que tomassem a fé ao cavalleiro, que nenhum tempo servisse outra senão Arnalta, e trouxesse a devisa do seu escudo ao revez do que a trazia, porque não parecia honesto o amor andar preso em poder de seus vassallos. De sorte que d'ahi por diante trouxesse no escudo em campo amarello o Deos Cupido á maneira de idolo, com os pés sobre um cavalleiro envolto em sangue.

Ainda que pera elle esta pena fosse aspera, como era deixal-o com seu cuidado, a recebeu por boa. Ao outro dia curado de suas feridas se foi, descontente e triste por vêr o pouco gosto, com que se fôra sua senhora: Florendos algum dia esteve que não fez batalha, por causa de sua disposição, e neste tempo Floramão suppria por elle, ganhando tanta honra como suas obras mereciam, sem nunca por satisfação de tanto trabalho sentir em Miraguarda algum gosto de se passarem por elle; e assim era bem que fosse, porque se algum tempo se viesse a entregar, ficasse a victoria de maior gosto, que quem alcança alguma gloria que não custasse pena, nunca gosta muito della.

CAPITULO CXI.

EM QUE DÁ CONTA QUEM ERA O CAVALLEIRO DE ARNALTA, E A RAZÃO PORQUE VEIO ALLI TER, E DA ENTRADA DE LIONARDA NA CORTE DO IMPERADOR PALMEIRIM.

Pera se saber quem era o cavalleiro vencido, que veio com Arnalta, conta-se que Drapos duque de Normandia, genro d'elrei Frisol d'Ungria, teve dous filhos, o primeiro chamaram Frisol como a seu avô, o segundo Dragonalte, que por haver pouco tempo, que fôra feito cavalleiro, não era conhecido. Este Dragonalte, vendo-se mancebo esforçado, a quem os feitos de seu pae e avós pu-

nham em obrigação de não passar a vida ociosa, pera parecer a elles, quiz ir polo mundo seguir as aventuras; e não se foi logo á corte do imperador Palmeirim, onde a habitação de todos estava mais certa, porque desejava primeiro soasse nella alguma fama de suas obras. Co'esta tenção, acompanhado d'um escudeiro, que lhe levava a lança, se partiu na via de Hespanha, desejoso de ir ao castello d'Almourol provar-se com os guardadores do vulto de Miraguarda. Pera mais aparelho de sua vontade, passando polo reino de Navarra foi ao passo, que guardavam os cavalleiros d'Arnalta, e combatendo-se com dous, que lho defenderam, foram desbaratados delle. Como, alem de bom cavalleiro, fosse moço e gentilhomem, pareceu tão bem a Arnalta, que o recolheu ao castello, fazendo-lhe muita honra e gasalhado, como costumava fazer ás pessoas, que tão bem lhe pareciam. Dragonalte vendo Arnalta tão fermosa e informado do seu estado e senhorio, como tivesse a idade tenra e o coração desaoccuppado d'outros cuidados, assim se namorou de suas mostras, que lhe parecia alli estar certa sua perdição ou gloria. E porque antre algumas palavras, que lhe ouviu, conheceu nella desejo de se vêr com Miraguarda, veio-lhe em pôpa offerecendo-se servil-a no caminho. E como das mais, quando vivem sem sugeição de barão, é gastar o tempo em romarias, especialmente as que tem pouco repouso comsigo, com gram pressa quiz logo fazer esta jornada, e não se deteve mais tempo, que o que foi necessario pera se fazerem alguns atavios

de caminho: não era muito que Arnalta tivesse tamanho açodamento na partida, porque quem levemente se determina levemente executa a determinação. Partida Arnalta com algumas donas e donzellas e quatro escudeiros, que a acompanhavam, seguiu seu caminho, passando alguns desenfadamentos nelle, vendo justas e batalhas, que Dragonalte fazia cada dia pola servir; sendo tão contente de suas victorias, que lhe parecia que alli melhor que em outra parte repousaria seu amor. Assim passaram té chegar a uma villa duas leguas de Almourol polo Tejo acima; e detendo-se nella em quanto lhe fizeram alguns concertos pera ir em bateis, se metteu nelles, e foram da maneira que se disse; onde aconteceu o que neste capitulo atraz se conta. Arnalta, vencido Dragonalte, convertido o amor em odio, se tornou pera Navarra com tenção de nunca mais o vêr. Mas estas mostras nem aos muito desesperados enganem; que, ainda que nos odios são mais constantes, pera as cousas de seu apetite nenhum é tão grande, que lhe logo não esqueça. E assim aconteceu a Dragonalte, que sendo muito tempo aborrecido de Arnalta, ao fim ella de sua propria vontade quiz casar co'elle, fazendo o rei de Navarra: por tanto, neste caso ninguem desconfie do que quer, que ao aturar vai tudo. E deixando de fallar nelles, por acudir ás cousas mais necessarias a esta chronica; diz a historia que neste mesmo tempo, como já estivesse determinada a partida da Princeza de Tracia pera a corte do imperador Palmeirim, quiz a rainha Carmelia sua avó

mandal-a altamente acompanhada, assim de donas pera sua authoridade, como de donzellas pera seu serviço, e alguns senhores do reino pera a honrarem em sua viagem. E posto que de Tarcia partisse com tanto triumpho e estado, como a sua pessoa convinha; tantos cavalleiros andantes lhe sahiam cada dia polas estradas pera a irem acompanhando, que, quando chegou a Constantinopla, todos os campos lustravam ao longe de armas luzentes, devisas singulares, cousa que parecia mais exercito de guerra, que louçainhas de paz. Alguns destes acudiam pola verem, outros pola servirem e alguns com esperança de casar co'ella, confiados no merecimento de suas obras e grandeza de seus estados. Alli vinha o principe Graciano, Beroldo com os outros seus companheiros, Daliarte e Platir, e todos os mais cavalleiros mancebos de casa do imperador: e elle co'a outra gente, que havia na cidade, a veio receber duas leguas; e todavia Primalião foi mais avante. Lionarda, como soube que vinham, tirando-se das andas, em que caminhava, cavalgou em um palafrem branco, poupado pera aquelle dia com uma guarnição de muito preço, e ella vestida em uma roupa aguisa de Grecia, toda em roda broslada de chaperia rica, obra muito para vêr: encima trazia uma capa de escarlata branca, forrada de setim branco, que se abrochava por diante com uns diamantes a maneira de botões, e toda em cerco occupada delles, antremettidos com perolas tanto por compasso e ordem, que davam muita graça ao vestido. De maneira que, ajudando isto ao seu natu-

ral, veio tão fermosa, que com seu parecer houve muitos, que, tendo d'antes as vontades isentas, sentiram mudanças novas, que dalli por diante lhe faziam com menos assocego passar o tempo. E pera maior damno acharam os corações entregues, as esperanças perdidas; mudanças, que muitas vezes acontecem naquelles, que o não esperam. O imperador, ainda que já naquelle tempo fosse velho, ataviou-se como mancebo; e depois de receber Lionarda com o gasalhado, que sempre costumava, tomou o lugar a Primalião seu filho, que vinha fallando co'ella. E assim a veio acompanhando tão contente e namorado, que de muito ufano e sofrego não deixava chegar ninguem, nem olhava por todos aquelles principes, que tirados os elmos se chegavam pera lhe beijar a mão. Lionarda, ao tempo que o imperador chegou a ella, vendo uma idade tamanha, a presença grave e authorizada por extremo, parecendo-lhe que todo seu estado e fama a respeito da pessoa era pequeno, com toda cortesia e acatamento, que pode o recebeu, debruçando-se por lhe beijar a mão pola mercê, que lhe fazia em a querer ter em sua casa e corte. Mas elle, que cuidava que era o que a recebia della, lho pagou com outras palavras muito mores, nascidas da verdade de suas obras. E indo seu caminho coutra a cidade, levava sempre os olhos nella, porque o coração não lhos deixava occupar em outra parte, espantado de sua fermosura. E não era isto pera estranhar, porque, alem do seu parecer ser dino disso, o natural dos velhos é darem

cevo aos olhos em aquillo, que lhes bem parece; satisfazendo co'aquelle contentamento os outros defeitos, que nelles ha. Mas no caminho achou cousa, que lhos fez tirar della: porque antes de chegarem a Constantinopla um quarto de legua; pegado com uma ermida de S. Luis, que junto da estrada estava, á sombra d'uns freixos, que a cercavam, viram um cavalleiro armado d'armas de roxo e encarnado semeadas d'abrolhos d'ouro miudos, que quasi as cubriam todas, o elmo da propria sorte, e no escudo em campo azul uns cyprestes verdes com seus pomos dourados. Alem de estar bem posto e gentilhomem, trazia um muito fermoso cavallo baio, que o fazia muito mais. Estavam com elle dous escudeiros; um lhe trazia um escudo mettido em uma funda de panno por se não vêr a devisa, e o outro se foi contra o imperador, e tomando-o polas redeas do palafrem, o deteve, dizendo: Senhor, aquelle cavalleiro, que debaixo dos freixos está, desejoso de se provar com os de vossa casa, cuja fama a todolos do mundo faz inveja, diz que ha pouco tempo que usa as armas, e pera vêr o que em si tem, quiz guardar este praso este dia, com tenção de o defender em quanto as forças lhe bastassem. Pede de mercê a vossa alteza haja por bem mandar aos seus justar, porque a todos os desafia um por um; reservando sómente o principe Primalião vosso filho, porque contra elle não tomará lança. Muito folgou o imperador daquelle acontecimento por ser cousa, que podia dar contentamento a

Lionarda, e nobreza á sua côrte, parecendo-lhe que o cavalleiro, que tal feito commettia, confiava em suas obras; e respondeu ao escudeiro com um semblante alegre e risonho: Dizei a esse cavalleiro, que a licença eu lha dou; que me pesa de minha idade me não deixar ser um dos desafiados pera franquear a passagem á senhora Lionarda, e lhe prometto de não passar d'aqui té que algum dos meus me não faça o caminho livre, ou todos não sejam desbaratados, pois em minha propria terra acho estranhos, que m'a dedefendam. Então pondo os olhos nella, depois do escudeiro partido, lhe disse: Senhora, parecevos que quem á minha porta, e estando comvosco me vem defender as estradas, que o faria melhor sendo em parte onde vos eu não tivesse por valedóra. Por certo ou o cavalleiro é pera muito, ou esta offensa não m'a fez elle, senão vós, que por vós contentar, ou parecer bem, se offerece a tamanha cousa. Inda o imperador não acabava estas palavras, quando viu vir voando Roramonte, que em sua côrte e em toda a parte era tido por especial cavalleiro, ficando o outro tão inteiro na sella como se o não tocaram. Este encontro fez grande receio nos outros, começando temer o desastre que lhes podia acontecer. Mas como nas cousas da honra os que a buscam não temem os perigos da pessoa, esquecidos do que tinham ante si, cada um trabalhava por não ser o derradeiro que sua pessoa aventurasse. Antre estes o que primeiro baixou a lan-

mo todos os que então derribára, fossem dos principaes da côrte em quem maior confiança se podia ter, a perderam de todo de haver outro, que o podesse derribar ou vencer, porque tambem justaram Estrelante, Belisarte, e Francião. E não havendo quem já saisse, chegaram ao proprio passo Pompides e Blandidom, cujas obras em toda parte deixavam grande fama. Depois de fazerem cortesia ao imperador, e elle os receber como quem eram, e pessoas, a que sempre tratára com amor, lhe deu conta do caso, pedindo-lhes quizessem franquear a senhora Lionarda,, pois que não havia outrem de quem o esperassem. Provaremos nossa fortaleza, disse Pompides por servir vossa alteza, mas não pera crêr que o que estes senhores principaes e signalados cavalleiros não poderam acabar, acabemos nós. E ainda as palavras não eram ditas, quando, pondo as pernas ao cavallo, remetteu ao do valle, que o veio receber. E por não gastar tudo em encontros, baste que Pompides e Blandidom fizeram companhia aos outros, recebendo o do valle alguns revezes, e perdendo os estribos: e vendo que não havia mais, que fazer, tirado o elmo se foi ao imperador por lhe beijar as mãos. Elle o levou nos braços, vendo que era seu neto Floriano, tão contente de sua victoria, como antes estava triste e descontente de lha ver ganhar. Assim o ficaram todos os vencidos, porque, o que de principio houveram por injuria, no fim o receberam por contentamento. Acabando o

do Salvage de beijar as mãos ao imperador e Primalião, quiz fazer o mesmo á princeza Lionarda, que, postos os olhos nelle, vendo-o tão mancebo, além do muito que de suas obras víra, não pode tanto comsigo, que, traz o pôr dos olhos não guiasse a vontade e traz ella algum tanto rendesse a liberdade, posto que depois a perdeu de todo; e com aquella graça e fermosura, de que a natureza a dotára, o recebeu com as melhores e mais honestas palavras que pode. Mas elle, inda que a sua liberdade isenta té então fosse má de submetter a cuidados namorados, naquella hora não pode tanto sua isenção, que em alguma parte se não achasse combatida delles; que o parecer de Lionarda era poderoso de fazer estes estremos. O imperador, vendo o caminho desembaraçado, disse contra a princeza: Senhora, quem antes nos defendia a estrada por força, agora nol-a dei a por vontade; vamo-nos antes que achemos quem nol-a torne a impedir, inda que já agora, tendo tal defensor de nossa parte, não sei de quem se possa ter medo.

CAPITULO CXII.

DO RECEBIMENTO QUE SE FEZ A LIONARDA EM CONSTANTINOPLA.

Passadas aquellas justas, o imperador ufano e contente, porque nellas enxergasse a princeza Lionarda alguma parte da nobreza de sua côrte, se

pôz em seu caminho da mesma maneira d'antes. Primalião se affastou com o do Salvage, e assim praticando cada um do que mãis lhe a vontade pedia, chegaram á cidade, onde foram bem recebidos do povo com algumas festas e invenções, por lhe parecer que n'isso aprazíam ao imperador: alegria, que alguns estranharam polo pesar geral, que então havia, pola prisão d'el rei Polendos, Belcar, Onistaldo e os outros sinalados cavalleiros, que o turco tinha em seu poder. Chegando ao paço, a imperatriz, com Gridonia e sua neta Polinarda, vieram receber Lionarda á primeira casa de seu apousentamento, tratando-a com igual cortezia, mostrando-lhe todo o amor e gasalhado que podiam, de que Lionarda ficou assás satisfeita, parecendo-lhe que quem nos principios lhe fazia tamanha ceremonia, seria pera ao longe a honrar de todo. Depois de ter seus cumprimentos com a imperatriz e Gridonia, Polinarda a veio abraçar, tendo em muito sua fermosura e parecer. Mas quem então as olhava sabia mal determinar alguma vantagem, se a havia antre ellas. Cada uma, tocada da inveja do que diante si via, temia que o parecer da outra lhe podesse pôr tacha. Aquella mostra de Lionarda, que a Polinarda pareceu tão grande, lhe fez dobrar o amor no seu Palmeirim, vendo que a fé com que a servia era tão verdadeira e clara, que com tamanho preço, como tivera em seu poder, ganhado com tanto trabalho, se não podera desbaratar. Assim travadas polas mãos se foram com a im-

peratriz a sua casa, onde sentando-se ambas juntas, cada um dos que alli estavam punha os olhos nellas por vêr aquelle extremo da natureza. Floriano, depois de beijar as mãos á imperatriz sua avó, que o abraçou muitas vezes por ser filho da filha a que sempre maior bem quiz, se foi a Gridonia pera lhe beijar as suas, que o abraçou, não lh'as querendo dar. Acabado este cumprimento, fez o mesmo com Polinarda, pondo os giolhos no chão; e ella o tomou pola mão, dizendo: A tempo estaes, senhor Floriano, pera pagardes a affronta em que hoje pozestes á senhora Lionarda em lhe defender o caminho, se me não lembrasse que em troco desta offensa lhe fareis outros serviços com que se tudo satisfaça. A vontade lhe tivesse eu certa pera os querer de mim, respondeu elle, que no mais ainda que minhas forças sejam pera pouco, favorecidas della nenhuma cousa seria impossivel. E pera que comigo leve alguma confiança, que me faça aventurar a tudo, peço de mercê a vossa alteza que acabe com a senhora princeza que me receba por seu; que eu conheço de mim, que o contentamento que me d'aqui pode ficar será de tamanha força, que só com elle desbaratarei todalas cousas a que a minha não bastar. A senhora Lionarda ganha tanto n'isso polo preço de vossa pessoa, disse Polinarda, que haverá pouco que rogar; porém se pera sua condição isto não basta, eu tomo sobre mim toda a carga d'essa mercê, e lhe beijarei as mãos fazer-nol-a a ambos, ficando

eu só na obrigação de a pagar. A todas estas palavras a fermosa Lionarda esteve calada e corrida, por ser ainda tão nova naquella casa; e, respondendo a Polinarda, disse: Senhora, eu não sei que cousa me possaes mandar, não sendo contra minha honra, que não faça e receba n'isso mercê. Esse cavalleiro pera o haver por meu, baste ser irmão de Palmeirim, a quem tanto devo, e primo de vossa alteza, a quem desejo servir. Se elle acha que este nome lhe pode prestar pera alguma cousa, eu consinto que lhe fique: mas quem taes obras tem, não tem necessidade de ajuda tão pequena pera depois lhe attribuir a honra de seus feitos. Polinarda lhe teve em mercê aquellas palavras, assim polo contentamento de o cavalleiro do Salvage, a quem ella muito estimava, como por viver fóra do receio em que a punha sua fermosura; e pera perder este cuidado desejava que se entregasse algum tanto a elle, e ficar segura de Palmeirim; que neste caso nunca vivem tão sem medo, que lhe não fique algum ou alguma desconfiança. Floriano teve em tanto o que passára, que de contente não podia comsigo; e, levantando-se, foi ao imperador, que o chamava; o qual vendo a pratica que tinha com as damas, suspeitou o que podia ser. D'alli assentou em sua vontade casal-o com Lionarda, porque parecia que de tal ajuntamento o merecimento d'ambos ficaria satisfeito. Polinarda pediu por hospeda a princeza, e o foi todo o tempo, que na côrte esteve: e tanto se amaram d'alli por diante, que nenhum segredo havia em uma, que não communicasse com

a outra: assim que nenhum contentamento ou descontentamento podia ter alguma dellas de que ambas não tivessem parte, que esta é a verdadeira amizade: e onde isto não ha, não se pode chamar perfeita. O imperador, depois de recolhido a sua casa, esteve perguntando ao do Salvage por el-rei de Inglaterra seu avô e Flerida sua filha, e por D. Duardos, desejoso de os ver antes de sua morte, que por ser bem velho a esperava cada dia. Depois de passarem n'isso algum espaço, mandou que pousasse dentro em paço como sohia. O do Salvage passou aquella noite com menos repouso do que costumava, e as lembranças de Lionarda eram pera tirar qualquer somno. Ao outro dia, acabado de ouvir missa, o imperador jantou na horta de Flerida, com a imperatriz, Gridonia, e Polinarda, e sua hospeda, dando o mais nobre banquete que se nunca viu; e assim era bem, pois aquelle havia de ser o derradeiro. Acabado o comer, que durou bom espaço, e as mezas levantadas, entrou pola porta da horta uma donzella vestida de negro, os toucados da mesma sorte do vestido, acompanhada de dous escudeiros; e primeiro que fallasse ao imperador beijou as mãos á imperatriz, a Gridonia, e Polinarda, a qual a abraçou porque conheceu ser uma das que Targiana trouxera comsigo: d'alli se foi ao imperador pera lhe beijar as mãos; elle nem Primalião lh'as não deram, antes o imperador a recebeu com seu costumado gasalhado, perguntando-lhe por sua senhora. Senhor, disse a donzella, se esta cortezia não fiz primeiro a vossa al-

teza, é porque sou enviada á senhora imperatriz com recado da princeza Targiana minha senhora; e pois vossa alteza me pergunta por ella, saber-lhe-hei affirmar que dêsd'o dia que Polendos vosso filho com todos os outros principes e cavalleiros, que em sua guarda mandastes, foram postos em prisão té hoje, nunca mais saíu d'uma camara vestida de xerga, tão descontente e triste, que a sua extremada fermosura é desfeita em lagrimas. E posto que seu pai com todolos afagos e modos que pode, trabalha tirar-lhe aquella tenção, jámais o pode acabar com ella, dizendo, que té ver restituidos em sua liberdade todos vossos cavalleiros, não será contente. De maneira que o turco vendo a sua filha já no derradeiro extremo da vida, e que a tristeza que a tal estado a fez vir, não se póde curar senão com o que lhe pede, concedeu-lhe de os dar a troco d'Albayzar seu genro soldão de Babylonia, porque tambem seus vassallos apertam por isso: e sobre isto vos manda embaixador que será aqui hoje té manhãa. E porque minha senhora tem conhecimento das grandes mercês e honras que recebeu nesta casa, e se teme que este concerto traga no secreto algum engano, me mandou diante com recado á imperatriz; porém já que vossa alteza alteza está presente, e a elle mais que a ninguem toca, dir-lhe-hei ao que venho. A princeza Targiana, como quer que conhece o odio antigo que seu pai tem comvosco, o qual teve tanta força que lhe fez prender os vossos a tempo que mereciam outro galardão, não ha por tão se-

guro este concerto, que vos agora commette, que não cuide que por baixo d'isso não tenha algum revez. E posto que a liberdade d'Albayzar seu marido, ella sobre todas as pessoas do mundo a deseja, avisa vossa alteza, que primeiro que o entregueis, estejam postos os vossos em inteira seguridade; porque depois, se alguma cousa succeder, ella se haja por sem culpa. Com isto se desobriga de toda a suspeita, que ao diante neste caso se possa ter della. Por certo, donzella, disse o imperador, sempre eu da senhora Targiana cri essa virtude; e se os serviços que em minha casa lhe fizeram, foram poucos, ao menos cuidarei que foram bem empregados. Este aviso que me dá, lhe tenho muito em mercê, que de tão real condição e sangue não se pode esperar outra cousa; seu conselho tomarei eu, porque dado de tal pessoa e com tal vontade não se deve d'engeitar, e mais sendo tanto em meu proveito e honra. Acabado isto, se foi a donzella a Polinarda, porque a ella trazia outro recado; e depois de o dar, pondo os olhos na princeza Lionarda, vendo-a tão fermosa, como a não conhecesse, porque a não deixara naquella casa, perguntou a Polinarda se porventura era aquella Miraguarda, de quem se tanto fallava, porque Albayzar fôra vencido. Não é essa, respondeu Polinarda; esta senhora é a princeza de Tracia, que Palmeirim desencantou. Já, senhora, disse a donzella, sei quem é, porque me lembra a aventura da sua copa, que aqui veio ter; e por certo, pois Palmeirim se lhe não deu de todo,

engeitou tão extremado parecer e grosso estado, muito lhe deve quem tamanho preço lhe fez ter em menos. Polinarda desejando que aquella pratica não fosse mais ávante, pera se não lembrar de tamanha divida, a mudou, perguntando-lhe miudamente por Targiana: porém como a este tempo dissessem ao imperador, que o embaixador do turco era já pegado com a cidade, o mandou receber; e todos os principaes da côrte, e elle o esperou naquelle proprio lugar. A donzella de Targiana se despediu, que d'alli havia de ir ver Albayzar, prommettendo a Polinarda, que da volta tornaria por hi, que d'outra maneira não se podera despedir tão prestes. O imperador lhe rogou que désse suas encommendas a Albayzar e a el-rei Recindos, e, com fazer-lhe muita mercê pera o caminho, se despediu. O embaixador do turco foi recebido não como de imigo, mas segundo a pessoa a que era enviado. E na verdade, posto que todas estas cousas fossem mal agradecidas, ninguem lhe podia negar seu preço, que n'ellas se enxergava que aquella humanidade, virtude e grandeza de animo não se poderá achar em outro senão no imperador Palmeirim, que té quem desejava perseguir recebia com amor. Entrado o embaixador na cidade, cercado de tanta e tão singular cavallaria, descavalgou á porta da horta, onde o imperador estava. Chegado ante elle, depois de estender os olhos á cousas que o espantaram, inclinou a cabeça algum tanto, fazendo menos cortezia do que comsigo trazia sobre soberba e presumpção. O impera-

dor, como quer que a confiança de si mesmo o ensinasse desistimar aquelles desprezos, lhe fallou, e recebeu com semblante alegre, segundo sempre costumava. O mouro lhe metteu na mão uma carta sellada com um sinete d'ouro pendurado por um cordão de seda verde, a qual depois de lida, o imperador lhe disse que bem via que era de crença, que ao outro dia, se lhe bem parecesse, poderia dizer sua embaixada, e entanto poderia ir repousar. Senhor, disse elle, este negocio não é de qualidade, que soffra nenhum repouso; por isso eu não o posso ter: antes acabado de dizer ao que venho, com a conclusão que se n'isso tomar, me irei dormir ao campo, onde ficam minhas tendas; que, se d'outra maneira o fizesse, não sei se prazeria ao turco meu senhor. Seja como vós quizerdes, disse o imperador; mas de mim podeis crêr, que se algum meu fosse em poder do turco, e acceitasse delle gasalhado, não o haveria por mal, com tanto que no que tocasse ao negocio que lhe mandasse, fizesse o que devia. Senhor, respondeu o embaixador, deixadas todas estas cousas, digo que bem sabeis que em prisão do turco estão cem cavalleiros vossos, em que entra Polendos vosso filho, Belcar e Onistaldo, com outros de tanto preço como elles. E posto que o turco meu senhor tem recebido de vossos vassallos algumas injurias, que se bem poderão vingar com morte destes presos, usando de sua real condição e dos rogos de sua filha, lhe deu vida. Agora, querendo mais chegar ao cabo com sua nobreza, ha

por bem de os dar a troco d'Albayzar seu genro, que por mandado de Miraguarda anda preso na côrte d'el-rei de Hespanha. Isto deveis agradecer á princeza Targiana, que com lagrimas de muitos dias o alcançou delle; que sem ellas, primeiro lhe entregareis o cavalleiro do Salvage que lha furtou, que os vossos foram soltos. Por certo, disse o imperador, á senhora Targiana devo eu logo essa mercê, e eu lha mereço de muito tempo; e depois della a quem aqui mais se deve é a Miraguarda, que soube ter mão em Albayzar, que d'outra maneira, se se esperára pola virtude do turco, bem vejo o fim que este caso podera ter; porque não entregára o cavalleiro do Salvage, inda que se perdêra todo mundo. Comtudo eu sou contente do partido, porém não sei com que segurança se faça pera que não fique algum receio. A maneira que se n'isto póde ter, disse o embaixador, é que da verdade do turco meu senhor se póde fiar tudo. Vossa alteza deve entregar Albayzar, e o mesmo Albayzar vos mandará os vossos; quanto mais, que eu não sei que mais penhor se possa dar neste caso, que o partido ser commettido pelo turco, que por nenhum preço quererá quebrar sua palavra. O imperador se encostou sobre uma mão, cuidando um pouco na resposta que daria; mas como o do Salvage conhecesse melhor aquella gente, e se temesse que a bondade do imperador seria causa de fiar-se de quem não devia, levantou-se em pé, e disse: Senhor, em cousa tão certa pera que é cuidar na resposta? Tenha vossa magestade na

memoria com quanta causa prendeu os vossos, e por aqui podereis julgar o que deveis fiar delle. Pois se o deixardes na virtude d'Albayzar, tambem me lembra que, usando do que se não devia esperar de tal pessoa, furtou o escudo de Miraguarda a Dramusiando, que o guardava, com que depois pôz toda vossa côrte em affronta. Meu parecer seria, que se té aqui el-rei Recindos teve nelle alguma guarda, d'aqui por diante tenha muita mais; porque desta maneira a salvação dos vossos será certa, e sem isto eu a haveria por mui duvidosa. Se o turco ou o seu embaixador dizem que o partido que vos commettem nasce da sua virtude e real inclinação, eu hei que lhe nasce da muita necessidade que tem de o fazer; que os vassallos de Albayzar lh'o requerem pola salvação de seu senhor. E se o turco lh'o negasse, ser-lhe-hia forçado temer-se de quem se quer ajudar. Cavalleiro, disse o embaixador, agora vos conheço; e se o recado a que venho me não impedisse tomar armas, eu vos mostraria com ellas quanto deve ser venerada em toda a parte a verdade e palavras do turco: algum hora virá tempo, em que o pagueis com o mais que lhe tendes já merecido. De fazer armas comvosco levaria eu pequeno contentamentamento, disse o do Salvage; e por isso folgo haver razão que o escuse; que onde se ganha tão pouco como seria vencer-vos, não se deve aventurar tanto como é despender tempo mal em cousas tão pequenas. A estas razões estendeu o imperador um sceptro que tinha na mão, porque ca-

lassem, pesando-lhe das palavras que Floriano dissera, posto que quanto ao conselho o houve por bom, e assim o esperou seguir. Então, voltando o rosto contra o embaixador, lhe disse: Não vos deve parecer mal em cousa de tanto peso aconselharem-me os meus, e mais Floriano, que é meu neto, que nestas tem parte. Eu bem creio que a verdade do turco se deve ter polo melhor arrefem do mundo; mas como quer que os presos são pessoas, que os mais delles se não contentaram d'isto, polo que já passaram, não ouso dar-vos a palavra do que me pedis. E posto que quizesse, não queria el-rei Recindos de Hespanha, que tem seu filho em prisão, e Albayzar em seu poder. Pois dizei ao turco que entregando-me os prisioneiros que tem, lhe darei a Albayzar; e, se pera se fiar de mim não bastar dizel-o eu, lhe darei por fiador á senhora Targiana, que, polo que conhece de mim, creio que o quererá ser; e pois ella n'isto perde ou ganha mais que ninguem, tendo seu marido preso, não deve negar o partido. Esta é a resposta que lhe podeis dar, que ao presente não posso dar outra. Senhor, disse o embaixador, já sei que ás vezes máos conselhos damnam tenções sigulares, e assim acontece a vós: eu me vou, pois aqui não ha mais que fazer: quanto aos vossos far-se-ha como quereis; porque da senhora Targiana eu sei que dará a vida por vos fazer a vontade, não devendo ser assim, pois tendes em vossa casa quem tamanho desserviço fez a seu pai. Fez logo a mim muito serviço,

disse o imperador, pois por elle ganhei sua amizade: e peço-vos que lhe beijeis por mim as mãos; e dizei-lhe que a minha tenha por certa pera sempre nas cousas de seu gosto. O embaixador disse que assim o faria, e com isto se despediu mal contente do que negociára, como quem naquelle trato trazia engano dissimulado O imperador ficou praticando com os seus no mesmo caso, contente do caminho que se nelle abria, e muito mais contente de Miraguarda, porque de tudo era causa.

CAPITULO CXIII.

DE UMA AVENTURA QUE VEIO Á CORTE DO IMPERADOR, E DO QUE NELLA SUCCEDEU.

Ao outro dia, depois do embaixador partido, acabando o imperador de comer na sala, acompanhado d'alguns grandes, entrou pola porta um homem velho, tão arrugado e fraco da muita idade, que parecia que quasi se não podia suster nos pés. Como tivesse a pessoa grande e authorisada, juntamente co'a alvura da cabeça e barba, fazia nelle credito pera se não duvidar cousa que dissesse. Todos pozeram os olhos nelle por ouvir sua demanda. O velho chegando-se junto do imperador lhe quiz beijar as mãos, a quem elle as não deu, antes o ajudou a erguer, perguntando-lhe o que queria. Senhor, disse elle, com voz tão fraca e cansada que quasi se não ouvia; pois em vossa casa esteve sempre certo o soccorro pera aquelles que o hão mis-

ter, não creio que a mim, que disso tenho maior necessidade, me faleça. Traz estas palavras lançou tantas lagrimas quantas lhe pareceram necessarias pera dar côr ao que dizia, dizendo mais. Peço a vossa A. que com o animo real, com que sempre favoreceu os tristes, me soccorra na maior sem razão e aggravo, que se nunca fez a homem E porque o caso é de qualidade, que ao presente se não pode dizer senão com muito maior risco meu, queria me mostrasse o cavalleiro em que maior confiança tem, e o mandasse comigo á parte onde eu o levarei, e onde sua fama alem de descansar a mim, crescerá em mais honra do que por ventura té aqui teve. Homem de bem, disse o imperador, inda que nestes casos se não deve confiar de qualquer pessoa, o dó que recebo dessas lagrimas e idade cansada, me faz sahir um pouco fóra do ordinario, porque não creio que em tantos annos e tão alvas câns possa haver engano. Este cavalleiro, que está junto comigo, se chama Floriano do Deserto; outros lhe chamam o do Salvagem: é meu neto, e o homem em que agora mais confiaria qualquer feito: quero que vos acompanhe nessa afronta, que quanto maior fôr, mais o havereis mister. O velho se lançou no chão, querendo-lhe beijar os pés por tamanha mercê, dizendo: Por certo a fama de vossa benevolencia e realidade não é errada; antes agora acabo de crer que tudo, o que de vossa virtude se diz, é menos do que se deve dizer. O do Salvagem lhe beijou as mãos polo encarregar daquelle caso: e porque o velho dava pressa na partida se foi logo ar-

mar e se foram seu caminho sem ter lugar a se despedir da imperatriz nem de seus amigos. O imperador ficou perguntando aos seus se havia alli quem o conhecesse, e não se achou pessoa que disso podesse dar novas. Primalião lhe estranhou a licença que lhe dera sem saber particularmente que necessidade ou affronta era a sua. No mesmo dia se despediu Beroldo principe de Hespanha, Platir, Blandidom, Pompides, Graciano, Polinardo, Koramonte, Albanis, D. Rosuel e todolos outros sinalados, que naquella hora estavam presentes, pera seguir o do Salvagem; temendo-se que, pois o velho encubria a que o levava, não fosse algum engano. Com isto ficou a corte só e o imperador descontente do máo recado, que tivera na partida de seu neto, temendo-se dalli lhe nascer algum damno, que o coração lho revelava. O do Salvagem e o velho caminharam todo o que daquelle dia estava por passar, e a noite, sem ter nenhum repouso: e em amanhecendo deram de comer aos cavallos e elles repousaram um pouco; porem o velho, que todo repouso havia por trabalho, o fez logo tornar a cavalgar. Já que o mais do dia era gastado, se acharam á vista d'um castello, que sobre uma rocha estava assentado, ao parecer dos olhos fermoso e forte; e polo pé delle corria um rio de tanta agua, que em nenhuma parte fazia vao, e passava-se com uma barca tão pequena, que não podia alojar em si mais que té dous passageiros. O velho saltou fóra do seu cavallo, e disse ao do Salvagem: Bem vêdes, senhor cavalleiro, que a barca é tão estreita,

que, se quizermos entrar todos nella, porêmos as pessoas em risco desnecessario; porque a mim não me convem metter a vossa nelle, se não salval-a de todos pera aventurar naquelle pera que a trago, peço-vos que descavalgueis e passsareis só; e o vosso escudeiro e eu passaremos com os cavallos cada um por sua vez, que d'outra maneira estaria o perigo certo e a passagem duvidosa. E' tão honesto, disse o do Salvagem, errar antes polo conselho de quem pola idade tem experiencia de muitas cousas, que acertar polo de quem não passou nenhuma, que, ainda que outra razão não tivesse pera seguir vosso parecer, esta só bastaria: quanto mais que a qualidade do caso não nos mostra outro remedio melhor, inda que pola pressa, com que estes dias me fazeis caminhar, me pesa achar passagem tão vagarosa. Acabando estas palavras, saltando fóra do cavallo, se metteu no batel e mandou remar contra a outra parte. Ainda não seria no meio d'agua, quando os cubriu uma nuvem tão escura, que com ella, perdeu de vista os de terra, e elles a elle. Como seu escudeiro quizesse lançar-se ao rio pera seguil-o, representou-se-lhe ante os olhos uma serra muito grande cuberta de nevoa, e a seu parecer julgava que aquella se mettia antr'elle e seu senhor. E virando-se contra o velho não o viu, nem soube pera onde fôra. Então teve por certo que suas lagrimas eram nascidas de engano, e não de cousa que lhe doesse; e não sabendo determinar-se, depois de cuidar mil vaidades, poz em sua vontade correr toda aquella terra, e se não achasse novas,

tornar-se a casa do imperador com aquellas da perda de seu senhor, pera que com ellas seus amigos quizessem buscal-o, querendo que da diligencia de muitos, algum fructo se tiraria. O do Salvagem depois que passou o rio, a nuvem que d'antes o cubria ficou sobre o batel, que de muito preta lho fez perder de vista; e porque a seu animo nenhuma cousa fazia medo nem receio, posto que sentisse que havia de que o ter, começou andar assim a pé contra o castello, que daquella parte tudo estava claro. Como a altura da rocha fosse grande, e o peso das armas o affrontasse, conveio-lhe descansar duas ou tres vezes. Neste espaço de detença se passou o dia, de sorte que, quando chegou ao alto, era já noite. A este tempo se abriram as portas do castello e sahiram delle quatro donzellas com tochas acesas, que, tomando-o antre si, o levaram comsigo. E como ellas fossem gentis mulheres e o recebessem com gasalhado, e elle fosse inclinado a folgar com aquellas companhias, ía tão ledo, que nenhum perigo lhe lembrava nem lhe parecia que o podia haver. Assim punha os olhos em umas como em outras, porque a todas lhos guiava a vontade, que isto é natural de homens de condições isentas. E assim praticando com ellas entraram no pateo do castello, que estava lageado de umas pedras negras: e d'ahi subiram a uma sala grande e mal obrada, feita ao modo antigo, onde o veio receber uma donzella acompanhada d'outras donas e donzellas. Ella era tão grande de corpo, que quasi parecia giganta, não tão somente na es-

tatura, mas inda na grandeza dos membros; porque tudo era á proporção do corpo. Seria de idade de dezaseis annos, feia e porém airosa. No concerto e atavios de sua pessoa parecia de muita maneira e gravidade. Em chegando ao cavalleiro do Salvagem o tomou pola mão, recebendo-o com tamanho gasalhado e honra a seu parecer, como o podera fazer a pessoa, em cuja mão estivera todo o remedio de sua vida; e assim o metteu em uma camara do mesmo jaez da sala, armada de tapeçaria rica. Como o do Salvagem a este tempo tirasse o elmo e viesse affrontado de andar a pé, ficou tão gentil homem, alem do seu natural, que a senhora não pôde negar ao desejo uma inclinação amorosa, de que lhe muito pesou, por vêr em si tanta fraqueza em favor de homem, que lhe tanto mal fizera. Com esta indignação de si propria, usando de seu robusto coração, tornou a aplacar aquelle primeiro movimento, e affeiçoando palavras pera o contentar e dissimular o odio, lhe disse: Senhor cavalleiro, té aqui sempre tive o coração cansado; porque pera uma offensa, que me é feita, me faleceu o soccorro e a esperança de ser vingada. Agora, que vos tenho a vós, cuido que tenho tudo: por isso peço-vos que esta noite repouseis; pois o trabalho do caminho vos põe em necessidade d'isso, amanhã vos darei conta do pera que vos hei mister. Senhora, respondeu o do Salvagem, postos os olhos nella, se algum tempo cuidei que devia a alguem alguma cousa, agora cuido que devo mais ao cavalleiro que me trouxe a este lugar, porque poder-

vos servir tenho por tamanho preço, que me pesa ser minha vida tão pouco pera se aventurar em algum perigo por vós: inda que o maior, que lhe já pode acontecer, ante si o tem, e todolos outros estimo em pouco senão este. A senhora, que se não pagava destas rasões, lhe disse: Ora, senhor, isto é tarde, ceiai e repousareis, que ámanhã praticaremos no que se deve fazer. E despedindo-se delle com toda a cortesia, que o odio e engano podia fingir ou dissimular, o deixou e se foi a seu aposento. O do Salvagem ficou algum tanto contente, vendo quam moderadamente soffrera suas palavras, crendo que, soffrendo assim outras e outras, poderia seu desejo ter effeito; porque inda que a donzella não fosse gentil mulher, a disposição de sua pessoa, a composição dos membros, a grandeza do corpo, a singular graça e ar, lha fazia desejar, crendo, que se della podesse haver fructo, seria digno de grandes obras. Com este desejo se sentou á mesa, onde foi servido das proprias donzellas, que antes o receberam; antre as quaes uma, que o servia de copa, era tanto mais gentil mulher que as outras, que lhe fez esquecer de tudo, olhando-a com affeição namorada, sem lembrança do cuidado que d'antes o occupava: porque sua arte era naquelles casos perder-se sempre polo que achava mais perto. E praticando com ella e co'as outras passou a ceia, que foi servida de muitas iguarias; d'ahi o levaram a uma camara que estava rica e bem concertada, onde todas juntas o ajudaram a despir, e por derradeiro ao tempo, que se despediram,

aquella, que á mesa lhe dera de beber, se chegou a elle, dizendo: Senhor cavalleiro, se o tempo e o lugar me não impediram a vontade, eu vos mostrára a que tenho pera vos servir; e pois agora não posso tirar daqui mais que a magoa, com que fico de vos não poder acompanhar, peço-vos, que em signal do que vos quero, tomeis de mim este anel, que é joia, que muito estimo, e fique por penhor d'outra que vos eu desejo dar de muito maior preço. Acabando de lho metter na mão, antes de esperar resposta, se foi traz as outras: o do Salvagem contente daquellas palavras, depois de deitar-se na cama, metteu o anel em um dedo da mão esquerda; mas como este anel fosse forjado pera aquelle fim, acabado de o metter, ficou sem nenhum acordo, porque uma pedra, que nelle vinha, era de tal composição e qualidade, que em quanto lho não tirasse fóra não acordaria. Logo veio á mesma camara Arlança, que assim se chamava aquella donzella giganta senhora das outras, acompanhada de todas ellas. E vendo-o tão mortal, que nenhuma cousa sentia, disse: Parece-me, minhas amigas, que nossa jornada não foi em vão. D'agora por diante deve Colambar minha mãi viver contente, pois tão inteira vingança e satisfação pode tomar da morte de seus filhos Bracolão e Balleato, estando em nossa mão o matador delles, e de Calfurnio, e Camboldão meus irmãos. Então pondo os olhos nelle, vendo-o tão moço, dizia: Por certo eu não sei como em tão tenra idade haja tamanhos feitos; nem posso crer senão que o favor dos deuses era de sua parte: e

não é muito pera duvidar, porque a natureza deste, segundo sua fermosura é conforme á delles mesmos, por onde creio que alguma razão ou parentesco tem com algum delles: e se o damno, que delle tenho recebido, fora algum tanto menos, eu o perdoára; mas quem ha de sentir tão pouco a morte de taes irmãos, e o contentamento que minha mãe e sua delles pode receber de ver em seu poder o matador de seus filhos? Verdadeiramente nesta hora pelejavam dentro nella o odio antigo e o amor presente, que lhe nascia de seu parecer. E ainda que este tivesse de sua parte a pouca idade della, que é causa de se submeter mais asinha aos acidentes namorados, e a presença de Floriano, que merecia fazerem extremos por ella, todavia a força de desamor de muitos dias, o sangue de seus irmãos, que na memoria achava presente, tiveram mais força. E como as mais dellas tem por natural acabado de se determinarem em alguma cousa quererem logo a execução della, quiz sem mais detença mandar-lhe cortar a cabeça; mas a este tempo chegou o cavalleiro velho, que a tirou desta tenção dizendo: Já agora, senhora, não ha de que temer; esse cavalleiro em vosso poder está; não queiraes que o contentamento de sua morte seja vosso só, guardai-o pera o dardes a vossa mãe: deixai-lhe ver o destruidor de seu sangue; e pois a ella doe mais a perda de seus filhos, não lhe tireis o gosto da vingança de suas mortes: embarquemo-nos pera a ilha, entreguemos-lho assim vivo e ella determine o modo e fim de sua morte, como lhe melhor pare-

cer e lho ensinar a dôr e paixão, que comsigo tem. Ainda que minha determinação, respondeu ella, era outra, quero seguir vosso conselho, pois está claro que me o não dareis máo: e peço-vos que em amanhecendo vais ao porto fazer o navio prestes, que me não soffre o coração nenhum repouso neste caso. Com este concerto o deixaram na camara desemparado dos espiritos, offerecido á sentença e determinação de seus imigos, bem longe de sentir a affronta, em que estava, e bem mais longe de se poder remediar nella.

CAPITULO CXIV.

EM QUE DÁ CONTA DE QUEM ERA ESTA DONZELLA, E DO QUE PASSARAM EM SUA VIAGEM.

Diz a historia que Colambar, mãe de Bracolão e Balleato gigantes, que o do Salvagem matou em Irlanda, segundo atraz se conta, como não tivesse outros filhos, e a estes amasse de perfeito amor de mãe, sendo certificada de sua morte, não mostrou sentimento, segundo as mulheres costumam: mas com coração varonil pode encubrir em si tamanha dôr, determinando sempre buscar todolos modos de vingança, que lhe a fortuna e o tempo offerecessem. Com esta determinação revolvia no juizo mil cousas pera a execução della. E como em nenhuma achasse perfeito caminho pera o que desejava, soccoreu-se a um cavalleiro velho, criado que fora

do gigante seu marido, que d'ahi perto em outra ilha vivia, que neste esperava achar verdadeiro conselho; porque, alem delle ser cheio de muita experiencia pola idade, de seu natural era sabio, astucioso e algum tanto magico. Pois como Alfernao, que assim chamavam o cavalleiro, visse Colambrar em sua casa, movido á piedade de suas lagrimas se lhe offereceu a tudo o necessario. E porque por sua arte alcançou que o cavalleiro do Salvagem estava em Constantinopla, lhe disse: Senhora, se nesse negocio quizerdes seguir meu conselho, eu me atrevo a vos fazer contente. Não vim eu de tão longe, respondeu ella, senão pola muita confiança, que eu tenho de vossa virtude e amizade: e pois esta aqui me trouxe, não será senão pera seguir vosso parecer, e o que vós determinardes isso se faça, que eu não quero guiar-me nisto por mim. Pois senhora, disse Alfernao, o que me daqui parece é isto. O cavalleiro do Salvagem agora ao presente está na corte do imperador seu avô, tão de vagar com uns amores novos, que cuido que se não partirá d'ahi tão cedo: é tão orgulhoso em si, que que nenhuma aventura lhe pode succeder, que levemente não acceite. Eu me quero ir ao imperador e com fingidas lagrimas e palavras tristes, que pera aquelle tempo terei guardadas, lhe pedirei que em uma affronta muito grande me queira soccorrer com o cavalleiro, em que maior confiança tiver. O imperador é de qualidade que m'o não negará, antes creio que de sua propria virtude me offerecerá o do Salvagem, e quando me desse outro, eu te-

rei maneira cómo seja elle mesmo; e assim o trarei a um castello, onde tenho conhecimento, que está no extremo do imperio e do reino da Ungria em lugar apartado de communicação. Mas queria que estivésse nelle a senhora Arlança vossa filha pera lho presentar e lhe dizer que o soccórro, que lhe tanto encáreci, se ha de fazer a aquella donzella, porque a ella é feito o aggravo; que d'outra arte não sei quam boa despedida poderei dar a este negocio. E sendo recebido no castello, teremos modo como uma das suas donzellas lhes metta na mão o vosso anel do somno repousado, que pera isto levará a senhora Arlança; e então, depois de vencido delle e desemparado do juizo e de suas forças naturaes, tralo-hemos ante vossa presença pera que satisfaçaes a vontade como a vós melhor parecer. Meu amigo Alfernao, respondeu Colambar; bem sabia eu que meu descanso perdido não se podia cobrar senão comvosco. Isto, a que vós vos offereceis, é tamanha cousa, que não sei com que vol-a pague; e pois a lealdade tão verdadeira não se pode pagar o que merece, peço-vos que tomeis por galardão o desejo que de mim conheceis, que tenho, pera vol-o agradecer. Eu assento no que dizeis e quero que assim se faça como vós ordenardes, que não creio que em discripção tão inteira possa haver cousa mal acertada. E fazendo aparelhar um navio mandou metter nelle Arlança sua filha acompanhada de quatro donzellas e outros tantos cavalleiros, que com poucos dias tendo o vento prospero arribaram em um porto perto do castello do cavalleiro, onde

sahiram em terra e caminharam o mais secretamente, que poderam, té chegar a elle: e ficando ahi Arlança com toda sua companha, o cavalleiro velho se foi á corte e de seu caminho succedeu tudo o que atraz neste capitulo se conta. Tornando ao caso: passada aquella noite, que o do Salvagem alli veio, ao outro dia em amanhecendo o metteram em umas andas por não ser visto de ninguem e o levaram ao porto onde os estava esperando o seu navío. Alli mettido nelle com toda a outra companhia deram as velas ao vento contentes de tão boa presa. Aqui deixa a historia de fallar nelle e torna ao seu escudeiro, que, depois de o não poder achar, sentindo o engano com que fora levado, se foi a via de Constantinopla, não achando em todo aquelle dia pessoa a que podesse perguntar alguma cousa. Ao outro dia atravessando por uma floresta vio sahir debaixo de uns arvoredos altos um cavalleiro de umas armas ricas, que alli dormira aquella noite: no escudo, que lhe trazia o escudeiro, viu em campo verde um tigre d'ouro. Chegando-se mais ao perto conheceu que era Selvião, e o cavalleiro Palmeirim d'Inglaterra: logo se foi a elle com os olhos cheios d'agua, dizendo: Senhor, posto que a nova que vos posso dar de Floriano vosso irmão não seja tal qual eu quizera, folgo de a dar antes a vós que a outrem, que já sei que na vossa boa ventura socegarão todolos desastres. E contando-lhe o que passava, Palmeirim lhe disse que o guiasse contra a parte onde vira o castello, pesando-lhe de tal acontecimento, assim polo perigo de seu irmão, co-

mo porque com isto se lhe estorvava o caminho de Contantinopla, onde naquelle tempo o guiava a vontade, que muito havia que o desejava, e estorvava-lho a fortuna, que lhe offerecia cousas, que o arredavam donde o levava seu desejo com aventuras e desastres, que ás vezes acabava com muita despeza de seu sangue e risco de sua vida. Pois vendo-se já desconfiado de acabar viagem tão desejada, se poz na outra, que o tempo lhe offerecia de novo. E com medo do que podia acontecer a seu irmão, andou tanto, que outro dia a horas de vespera chegaram á vista do castello e entraram no valle onde se passava o rio. Senhor, disse o escudeiro, este é o desastrado lugar onde perdi ao cavalleiro do Salvagem meu senhor. Alli disse miudamente o que lhe acontecera. Mal haja, disse o do Tigre, o primeiro que ordenou encantamentos, que com elles se escurece a bondade dos esforçados cavalleiros e vai avante a malicia dos máos. Nisto chegaram ao rio, onde não acharam barca nem barqueiro: caminhando polo valle acima algum espaço, foram ter onde o rio se partia em dous braços, e logo se tornava juntar, ficando no meio uma ilha pequena. Querendo o cavalleiro do Tigre provar alli o vao, lhe bradou da outra parte um cavalleiro, que emcima das armas trazia umas pelles de alimarias bravas que matára, e sobre ellas um terçado de monte, lançado a uma ilharga por um tiracolo das propias pelles, dizendo: Senhor Palmeirim, não cureis dessa passagem, que a agua é muita e a terra alcantilada e pode-vos acontecer algum damno; andai mais

polo rio acima, que eu vos irei mostrar onde o vao é mais certo. Palmeirim deteve as redeas ao cavallo pera se determinar no que faria. Affirmando mais o juizo conheceu que aquelle era Daliarte seu irmão, e não dando conta aos escudeiros disso, despedia de si o de seu irmão, que já lhe não era nessessario e pera seu cuidado èra-lhe empedeso, mandando-lhe que o fosse esperar á corte do imperador, porque ahi teria mais certa nova de seu senhor, que em outra parte; e posto que o escudeiro porfiou tudo o que pode polo acompanhar, nunca o pode alcançar delle. Então se tornou, e o do Tigre seguiu polo valle acima, e não andou muito, que chegou a um porto onde o rio se espraiava grandemente. O das pelles lhe bradou que passasse, porque não acharia melhor passagem. E posto que aquella era a mais segura, que o rio em nenhum lugar dava, não deixavam ás vezes os cavallos de achar alguns passos, onde era forçado nadar; mas depois de passada a veia d'agua, com pouco trabalho sahiram fóra. E o cavalleiro das pelles se desceu pera tomar o cavallo ao do Tigre, que pera se enxugar de agua era necessario descer-se. Porem elle, que não quiz que com tamanha cortesia o tratasse, saltou fóra e o levou nos braços, dizendo: Quem havia de cuidar o senhor irmão que em tempo de tamanha fortuna e viagem tão incerta havia de achar tão boa guia? Agora perdi todo o medo que trazia, nem cuido que nesta terra Floriano meu irmão possa correr algum risco, pois vos acho nella. Senhor, disse Daliarte, ainda que vosso coração

vos ensine a ter as cousas em pouco, não é esta das que se hão de ter nesta conta, porque o cavalleiro do Salvagem vai em termo mui certo de perder a vida, e a salvação está mui duvidosa. Eu fui tão mofino neste negocio, que, quando cheguei a esta terra, era já levado pola mais estranha aventura do mundo. E porque por minhas artes alcancei tudo o que nisto passa, e por ella vi que seu escudeiro vos trazia a este castello, vos quiz esperar porque sem mim não podereis ter noticia deste caso. Então lhe disse que estando havia tres ou quatro dias estudando por seus livros, lhe viera a vontade saber novas delle e do cavalleiro do Salvagem: e como quem em al não trazia o pensamento, por sua arte alcançára como sahira da corte do imperador por engano de um homem velho, que o trouxera e pera que o levava e por cujo mandado, dizendo-lhe tudo o mais que neste capitulo se conta, e que com quanto pozera em seu soccorro toda diligencia, já o não achara, contando-lhe tambem a maneira como fora levado. Segundo isso, disse o cavalleiro do Tigre, parece que é escusado ir ao castello nem fazer outra detença, senão ir logo pera a Ilha Profunda, mas temo-me que os impedimentos, que o tempo nestes tempos offerece, juntamente com o comprimento do caminho possa fazer algum mal; e se isso acontecesse não sei que contentamento depois possa vir, que cure tão gram descontentamento. Senhor disse Daliarte: não é cousa esta, que por outra nenhuma que o tempo offereça se haja de deixar, que, se o cavalleiro do Salvagem se perdesse,

seria a a môr perda do mundo, e alcançaria a muitos este pesar. Por isso vós por uma via, e eu por outra, esquecido todo repouso, vamos contra a parte onde o levam, e quem primeiro chegar aventure a vida pola sua, porque com um perigo se possa salvar outro. Busquemos os portos de mar e tomemos cada um seu navio e vamos traz elle, que a quem o tempo e a fortuna favorecer, esse deverá mais. Bem creio eu, disse o do Tigre, que de animo tão esforçado e juizo tão excellente como o vosso não pode sahir senão conselho e esforço pera aquelles, que o não tiverem e houverem mister. Tudo isso me parece bem e assim se faça. Caminhando por aquelle valle onde a estrada se repartia em duas, se apartaram um do outro tão descontentes como o desastro do cavalleiro do Salvagem os fazia ser, que o amor onde é grande sempre cria grande receio.

CAPITULO CXV.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO TIGRE NAQUELLA AVENTURA.

Depois que o cavalleiro do Tigre se apartou do sabio Daliarte, andou todo o dia e noite, que o cuidado grande que o acompanhava lhe não dava nenhum repouso: e porque o cavallo em que caminhava, com o trabalho do caminho e peso das armas não podia já comsigo, tomou o de Selvião, que algum tanto estava mais pera o soffrer, dizen-

do-lhe: Amigo Selvião, bem vês a fortuna a que minha vida vai offerecida, e quanto á minha honra convêm esta viagem, pois esse cavallo não está pera me poder aturar, rogo te que chegues ao primeiro porto do mar que achares, e tomando um navio te embarca pera a Ilha Profunda, que foi do gigante Bravorante, pai de Calfurnio, que ahi acharás novas de mim se o tempo não me estorva a jornada. E se a ventura consentir que sejam más, torna-te a Constantinopla, e dize á senhora Polinarda, que ainda que com perder a vida se segurassem meus trabalhos, não recebo nisso gloria que o meu verdadeiro contentamento não consistia em mais que na lembrança de os passar por ella, e com este desbaratava todolos receios, que o amor e o tempo me representavam; mas agora que a morte me privou do bem que minha vida me dava, não sei que descanço me fique, que me faça descançado. Levarei saudade de meus males, que me traziam contente, e com a lembrança de os perder sentirei muito mais mal; porém se na outra vida ha memoria do que nesta fica, n'essa me sustentarei té que a veja; que nenhum descanço perfeito me pode ficar em quanto minha alma na contemplação de sua essencia se não estiver sustendo. E se lá é dado as umas servirem outras, a minha se guardará pera então; e que o não seja, nem haja este costume, eu farei costume novo, que por tamanho extremo se deve fazer. Mas inda que isto me faça contente, não sei como poderei passar os dias que a não vir, lembrando-

me que a vi algum hora; porque agora em quanto a minha ventura me alongava de sua vista, sempre me parecia que o tempo daria algum espaço pera a poder vêr. Por isso quizera antes passar a vida com pena, que receber a morte pera descançar com ella. Esta fé minha lhe presenta, porque em quanto a tiver ante si, pode ser lhe pesára de quantos aggravos me fez e do descuido que d'isso teve. E ainda que já não preste pera me tornar á vida, prestará pera sentir menos a morte: e porque meu coração nesta jornada me annuncia maiores medos do que nunca passei, e não sei o que a ventura quererá fazer de mim, rogo-te que se aqui está certa minha fim, que com aquella fé e amor que me sempre serviste, sirvas minha senhora, e della esperes o galardão, que te eu não posso dar, de que levo mais pena; que vontade tão leal e fé tão approvada e serviços de tanto tempo, não se haviam de pagar com galardões tão incertos, e deixar-te em satisfação do que mereces meus cuidados por paga. Mas não pode ser que quando lhe lembrar o que me deve e o que te devo, te não faça alguma mercê e honra: e que assim não seja, não te cances de me fazer a vontade té veres que casa e outrem logra o galardão de meu trabalho; cousa que mais me faz sentir a morte, que outra nenhuma. Como quer que estas palavras fossem saídas d'alma, trouxeram comsigo lagrimas pera testemunho do que sentia: e posto que todos seus segredos pera Selvião nunca fossem occultos, não

quiz mostrar-lhe de si tamanha fraqueza em tempo, que havia necessidade de dobrado esforço: antes, pondo as pernas ao cavallo, se partiu não esperando resposta. Mas como o amor de Selvião fosse grande, vendo-o assim partir, e trazendo á memoria o caso a que ia, e quam pouco havia de estimar todos do mundo pola salvação de seu irmão, que ao pareeer era mui incerta, cerrou-se-lhe o coração com tristeza, de tal maneira que caiu no chão sem acôrdo. Depois, fazendo aquella paixão termo, tornando em si se pôz ao caminho, e porque a fraqueza do cavallo lhe fazia a viagem vagarosa, quasi desesperado de o poder alcançar, se desceu a pé, levando-o pola redea por lhe dar algum descanço. Não andou muito quando contra a mão esquerda viu atravessar dous cavalleiros, a que conheceu polas armas, um ser Beroldo e outro Platir, e bradou lhe que o esperassem: elles o conheceram, e vendo-o daquella sorte; banhado em lagrimas, temendo os desastres da fortuna, lhe perguntaram que causa o fazia assim vir. Senhores, disse elle, não sei que vos diga, porque o muito que neste caso ha pera dizer me torva o juizo. Então lhe contou todo o que acontecêra ao cavalleiro do Salvage e como o do Tigre era partido a soccorrel-o; e segundo a informação da terra, se lá chegasse só seria milagre escapar: antes cuidando dar vida a seu irmão a perderiam ambos: e que pola fraqueza do cavallo o não podera seguir. Selvião, respondeu Platir, a boa ventura de vosso

senhor é tão acostumada a acabar o impossivel, que n'isto não cuido que lhe falleça, que por experiencia temos visto que as cousas grandes, de que os homens desconfiam, postas em sua mão ficam havidas por pequenas: por isso não cuideis que quem pera tamanhas obras nasceu, lhe fique nenhuma por acabar. Sempre a mim me pareceu mal a saída do cavalleiro do Salvage da côrte da maneira que saiu, e o medo que té qui trazia de sua vida, torno a perder com saber quem vai em sua guarda. Comtudo nós o seguiremos té ver onde isto pára; porque tambem se neste caso lhe acontecer algum desastre, não seria bem ficar homem fóra delle. Vós vinde-vos de vosso vagar; embarcai onde primeiro poderdes, que assim faremos todos. Com estas palavras se despediram delle, e se foram com maior pressa do que antes traziam. Pois o cavalleiro do Tigre, diz a historia que apartado de Selvião andou tanto que chegou a uma villa pequena situada na costa do mar, onde fretou uma galé de Venezianos, que estava esperan'o frete havia dias: deixande o cavallo, só com as armas se metteu dentro, seguindo a via da Ilha de Colambar, que naquelle tempo era bem nomeada polos gigantes que a senhoreavam, e antes de suas mortes nenhum navio oussava aportar n'ella, que além das pessoas ter risco da vida, os tributos eram incomportaveis. E porque o vento era pouco, e isto era a entrada do verão, iam aos remos ao longo da terra; mas ao terceiro dia se lhe trocou o vento tão desordenado,

que na força do inverno se não podera esperar maior tempestade, de sorte que lhe foi forçado acolherem se a uma enseada, onde tambem estavam alguns navios ancorados por caso da mesma tormenta. Em um delles ia o sabio Daliarte, a que o tempo fez arribar naquel'a parte; e achando-se ambos com tamanho desaviamento pera sua pressa, se lhe dobrou o medo com receio do que podia succeder ao cavalleiro do Salvage. Daliarte sentia isto menos, que tinha por certo que a fortuna daquelles dias assim alcançaria aos outros como a elles, e que o vento contrario para a viagem que levavam, os faria arribar em algum porto desviado, e que com esta detença se poderiam achar todos a um tempo na ilha de Colambar. Ao cavalleiro do Tigre inda que nenhuma cousa lhe fizesse contente, lhe pareceram bem estas razões, e ficou algum tanto satisfeito. Aquelle dia durou a tormenta, e ao outro abrandou de todo, pola qual razão o cavalleiro do Tigre deixou a galé, satisfazendo ao patrão, que sua tenção não era caminhar mais n'ella; antes fretando um navio dos que estavam no porto; se foi n'elle não querendo ir no que ía Daliarte, porque um não estorvasse a aventura do outro. No mesmo tempo chegaram Platir e Beroldo, que com o mesmo cuidado dos outros faziam sua viagem. E, vendo que o desejo do cavalleiro do Tigre era não ir ninguem com elle, se metteram no navio de Daliarte. Aquelle dia caminharam sempre á vista uns de outros, mas como veio a noite, a escuridão os fez apartar. E porque delles e do que passaram se

fallará a seu tempo, torna a historia ao cavalleiro do Salvage, que com Arlança ía da maneira que se disse. A qual fazendo sua viagem com tanto gosto como lhe fazia sentir o bom aviamento que comsigo levava, caminharam quatro dias e noites tendo sempre o vento prospero, té ser a vista de sua terra; onde querendo a boa ventura do cavalleiro do Salvage, que pera grandes cousas estava guardada, se trocou o tempo com tão aspera tormenta, que muitas vezes se tiveram por perdidos: e em poucos dias se alongaram tanto da ilha, que o piloto não sabia julgar a que parte fossem arribados; e andavam elle e os marinheiros tão traspassados do medo, que elle nem elles tinham acôrdo pera se remediar. Assim desta maneira correndo arvore secca, haviam por mais certa sua fim do que lhe ficava esperança alguma de vida. Arlança, que em um camara com suas donzellas estava metida, ia tal que nenhum acordo dava, que em todo o navio não havia pessoa que o tivesse pera esforçar a ninguem, senão Alfernao, que como quer que pola idade e descripção tivesse experiencia de muitas cousas, acudia ao mais necessario, esforçando o piloto pera que governasse, aos marinheiros pera que trabalhassem: mas tudo era em vão, que os corações fracos, nas grandes afflicções são muito fracos, e lhe fallece o esforço pera sua salvação, e juizo pera se saber aconselhar: e quasi desesperado de vêr tamanha fraqueza nelles, visitava de quando em quando Arlança, dizendo: Senhora, esforçai pois em vós

só está a vida de todos. Esta fortuna cousa é de cada hora, assim como veio supita, assim se passará cedo: saí d'essa camara, vejam-vos os marinheiros, pera que tomem animo pera trabalharem como devem. Assim soccorria o velho a toda a parte com a providencia necessaria. Arlança, vendo que o que o velho dizia era bom pera dar esforço a quem o não tinha; limpando as lagrimas, quiz contrafazer o medo e sair fóra; mas inda que seu coração fosse pera muito, vendo as bravas ondas do mar tão fóra de seu natural, que às vezes parecia que davam com o navio no ceo, outras vezes descia aos abysmos, e junto com isto o mastro quebrado, o navio tomar tanta agua por bordo, que quasi ficava de todo alagado: pera a baldearem fóra não havia quem já tivesse força nem esforço, se tornou á sua camara com a côr perdida e mortal: e sentando-se sobre uns coxins perto das suas donzellas, que postas em cabello choravam sua fim, começou dizer: O' Alfernao, quam asinha as obras damnadas nascidas de máos pensamentos acham seu pago, que bem creio eu que esta fortuna e tormenta não nasceu senão de nossos merecimentos, aqui alcança a justiça divina, nascida de pouca razão, que havia pera matar este cavalleiro, que aqui levamos, que, se elle matou meus irmãos, fez o que devia, que os venceu em batalhas iguaes de um por um. E inda não creio que sua força so bastasse pera tanto, senão que o quizeram assim os deoses pera castigar suas soberbas e tyrannias; e por isso lhe

ficava menos culpa. Nós, não vendo cousa tão justa, lhe procuramos a morte com engano: pois a esse estado o chegámos, a ira dos deoses dada por merecimentos nossos é sobre nós; por onde não sou contente que vá daquella maneira, e quero que logo lhe tirem aquelle malaventurado annel, que assim o tem adormecido; e, tornando em seu natural sentido, determinem os deoses delle e de nós o que mais fôr sua vontade. Com esta determinação, ainda as palavras não eram ditas, quando, levantando-se, mandou abrir a porta da camara onde o cavalleiro do Salvage ía, bem fóra de sentir o termo em que sua vida estava: a quem tirando o annel, tornou em si, e achando-se naquelle navio cercado de mulheres e pranto de todas as partes, espantado de se vêr em tal lugar, saíu fóra. E vendo a furia com que o mar mostrava suas ondas, a perdição e esquecimento dos governadores do navio, começou d'acudir ao mais necessario, esforçando os marinheircs, ora com palavras, ora com ameaços: mas o medo de que já andavam cortados lhe fazia não sentir est'outro medo. O cavalleiro se espantava de se vêr em tal lugar, lembrando-lhe que se deitára na cama sem pensamento d'embarcar pera nenhuma parte: estava pera o perguntar; depois o deixava pera seu tempo por acudir ao que mais cumpria. N'isto se gastou o dia, e chegada a noite pareceu que a tormenta afloxava algum tanto, com que os marinheiros começaram tomar esforço. O cavalleiro do Salvage se recolheu á camara d'Arlança, e seu

tado junto della, vendo-a vencida do medo, lhe disse: Senhora, não temaes tão pequenos desastres; deixai esse temor pera quem se vir vencido de vossas mostras, que este terá que sentir e receiar. Se o tempo tégora com seus ameaços vos tirou do vosso natural, lá vos ficarão outros espaços mais largos, com que vos vingueis destes dias com outros dias de vosso contentamento: a tormenta é menos, e cada vez será menos; por isso, senhora, perdei o receio; limpai essas lagrimas, que não são esses olhos taes que os devais aggravar com ellas: lançal-as outrem por vós isto me parece justo; chorardes, vós por nenhuma cousa o posso consentir. A todas estas palavres Arlança não tirava os olhos delle, e inda que conhecesse de si que sua fermosura não era merecedora dellas, folgava com aquelles enganos, que é natural de mulheres. E vendo-o tão gentilhomem, e o desejo com que lhe buscava descanço, lembrando-lhe juntamente com isto o engano que com elle usára, o fim pera que o fizera, não teve aqui tanta força a morte de seus irmãos, que não virasse o odio em amor. E o cavalleiro do Salvage o sentiu, assim na maneira do olhar e no confranger-se, como em outros accidentes, de que Alfernao ía desesperado, que lhe pareceu que sua negociação se desfazia de todo. Passada a noite, veio a manhãa clara, alegre; a tormenta de todo desfeita; o piloto reconheceu a terra, e disse que estava na costa de Hespanha, de que Alfernao ficou muito desconten-

te. Descobrindo mais o dia se acharam á vista da cidade de Malaga , que naquelle tempo era de mouros. O cavalleiro do Salvage tomando Arlança pola mão, á tirou fóra da camara, levando-a sobre os castellos de pôpa por lhe mostrar terra. Alli sentados lhe pediu que lhe dissesse a razão porque o embarcára naquelle navio sem o elle saber, e como o trouxera tantos dias fóra de seu acôrdo, que té li pola não descontentar lh'o não perguntára. Senhor, disse ella, pois minha ventura quiz que de imiga me tornasse ao contrario, dir-vos-hei a verdade do que perguntaes, já que o amor me chegou a tal estado, que m'o não deixa encubrir. Então lhe contou quem era com o mais, que passara desd'o primeiro dia té aquelle. Por certo, senhora, respondeu o do Salvage, mal merecia esse galardão a vontade, que em mim sentia pera vos servir; agora a hei por muito melhor empregada, pois, depois de correr tamanho perigo, tive a vossa de minha parte pera serdes em conhecimento do que me deveis e vos mereço: porém, ainda que isto assim seja, já agora não sei quam descançado poderei dormir o somno, levando aqui Alfernao, que de tão longe e com taes enganos me veio buscar, e vossos cavalleiros, que são mandados por elle, que esperarei se não que, estando á sua obediencia, trabalhem por me chegar á morte pera descanço de vossa mãi. O que vos peço é que me deis licença, que me arme e determine de todos o que fôr minha vontade; e no que toca a vós, confiai, que em quanto m'a vida

durar, serei em conhecimento do que vos devo, pera vol-o pagar e servir no que mais a vossa honra e gosto tocar. Senhor, disse ella, quando vós descobri a verdade destes enganos, já não foi senão com determinação de estar a toda vossa ordenança; por isso peço-vos que vos lembre que com isto perco minha mãi, meu patrimonio, e sobretudo poder-se dizer por mim, que vendi o sangue de meus irmãos, pondo á vontade no matador delles, e que porventura terá a sua em outra parte. Minha senhora, disse o do Salvage, não cuideis que nesta jornada perdestes nada; nem perder vossa mãi se póde chamar perda, que suas obras o merecem. O patrimonio que vos ficou de vosso pai, vos não tirará ninguem; que, se eu viver, esse e outros maiores espero que vos fiquem; e porque o tempo será d'isto testemunha, não o quero mais affirmar. Mas estando nesta pratica, sentindo reboliço no navio se despediu della, e entrando na sua camara, Arlança o seguiu e ajudou armar: e inda o não acabava de fazer, quando á porta chegou Alfernao com quatro cavalleiros armados, que vendo a pratica em que estava com sua senhora, temendo o que podia ser, determinou prendel-o, estando desarmado; que depois duvidava podel-o fazer. O do Salvage saíu fóra, dizendo: Chegado é o tempo, Alfernao, que vossas malicias haverão seu galardão. E cuidando alcançal-o com um golpe, se lh'o metteu antre os outros, que se pozeram diante polo defender. Mas como naquella hora o cavalleiro do Salvage estives-

se cheio de ira e com razão, nenhum golpe dava; que não fizesse damno; de maneira que em pequeno espaço estirou dous delles. Como os outros vissem que no fugir tinham pouca salvação, e do vencedor desesperassem alcançar misericordia, pozeram toda sua esperança em suas forças, convertendo a desesperação em animo, pelejando esforçadamente, crendo que se de suas obras não tirassem salvação pera sua vida, todolos outros remedios seriam por demais. Porém as do cavalleiro do Salvage eram tanto por cima das dos outros homens, que todo seu pensamento desbaratavam; e trazendo ante os olhos, e escriptas na memoria, as palavras e lagrimas com que Alfernao o trouxera, e a tenção damnada pera que o trazia, desejava dar-lhe a satisfação della. Isto o fez apertar tanto com os outros, que a um derribou um braço com a espada, o quarto deu comsigo no mar, onde com o peso das armas foi afogado. Arfernao, vendo-se com tamanho medo, se lançou aos pés de Arlança, dizendo: Senhora, se a fé e amor com que vos sempre servi, e a vossa mãi tambem, merece esta paga, é muito bem que o consintaes; mas, se a lealdade com outras obras se galardôa, peço-vos que da furia deste cavalleiro me salveis, pois a propria razão que elle tem pera me matar, tendes vós pera me valer. Arlança estava tão fóra de si de vêr a braveza do cavalleiro do Salvagem, que não teve acordo pera lhe pedir nada, nem pera responder a Alfernao; mas elle, que o viu lançado an-

te ella, e ella perdida a côr, forçando n'isto a condição pola contentar, lhe disse rindo: Bem soube Alfernao, senhora, onde punha sua esperança, tendo todalas outras perdidas; e pois assim se soube salvar, valha-lhe sua descrição e acôrdo. Ainda que eu creio que quem ruins obras gastou todo seu tempo, no porvir fará algumas, de que tire o galardão de todas. Arlança lhe agradeceu sua vontade, e Alfernao por seu mandado foi preso, temendo-se que por sua arte fizesse algum engano. D'ahi por diante o cavalleiro do Salvage a tratou com mais cortezia e amor, tendo conhecimento do que lhe devia, mudando a tenção com que d'antes a olhava: extremo pera louvar muito; porque sua inclinação era tão dada aos apetites da carne, que a poder forçar era muito pera agradecer. Isto é natural de corações nobres e grandes: por onde não é tanto de espantar forçarem o desejo em parte onde ha obrigação pera isso. E posto que Arlânça tivesse a tenção namorada, a vontade entregue; e d'aqui lhe viesse fazer virtude, nem por isso quiz o cavalleiro do Salvage pagar-lho em contentamentos breves, senão em obras dignas das que della recebêra, como ao diante se dirá.

CAPITULO CXVI.

DO QUE ACONTECEU AO DO SALVAGE SAINDO EM TERRA.

Acabadas estas cousas, porque no navio havia falta de agua, foi necessario tomarem terra; e não tendo o cavalleiro do Salvage aquella por mui segura, quiz fossem mais ávante. A outro dia saíram em um porto d'el-rei Recindos de Hespanha, onde repousaram alguns dias, que Arlança e suas donzellas o quizeram por vir trabalhadas do mar. Alfernao pediu-lhe licença pera tornar a sua terra, pois já estava em parte que não havia que temer delle. Alfernao, disse o cavalleiro do Salvage, eu sei que por vossas obras e enganos a côrte de Constantinopla está posta em muito trabalho e desassocego, que o espirito m'o adevinha. E pois isto não tem cura té se saber a verdade do que de mim é feito, não vos soltarei senão pera que vades lá de minha parte a vos presentar ante o imperador, e lhe digaes tudo o que passou desd'o dia que da côrte me tirastes, té agora: e inda que pera o fazerdes vossas obras, e o que por ellas mereceis, vos tirem o atrevimento, podeis ir seguro, que a clemencia do imperador é maior que os erros de ninguem: quanto mais, que basta, pera vos não temerdes de nada, mandar-vos eu, e saber-se lá o que devo á senhora Arlança, por cujo merecimento cobrastes a vida em tempo, que ti-

nheis pouco merecimento della. Senhor, disse Alfernao, é tão prezada a liberdade pera quem vive sem ella, que ás vezes o desejo de a cobrar, faz aventurar, a quem a não tem, a cousas de tamanho perigo, que, depois de posto nelle, tomaria por partido viver antes sem ella, que cobral-a por taes modos. Assim acontece agora a mim, que por me isentar de tamanha oppressão, farei o que mandais, sendo cousa que ao presente mais devo arreoear. Mas confio tanto na bondade do imperador, que cuido que estou em salvo. E despedindo-se delle, disse a Arlança: Senhora, que mandais que diga a vossa mãi, se algum hora minha ventura me levar ante ella? Podeis-lhe dizer, respondeu ella, que pera me ter por filha é necessario perder o odio a este cavalleiro, e fazer-se amiga de quem nunca o cuidou ser; porque já agora não póde haver vingança de seus filhos, senão com perder sua filha. De modo que, se n'isso não quizer mudar a tenção, cuidando vingar-se, terá mais pena. Que em quanto não tiver esta certeza della, não espere vêr-me, antes farei o que o cavalleiro do Salvage ordenar de mim. Estimaria muito pôr-me em casa do imperador seu avô, assim pera cobrar a amizade de tantas e tão altas princezas como nella estão, como por cuidar que com isso seria fóra do odio, em que me sempre criou. Folgo muito, disse o do Salvage, de vos vêr essa vontade, que pois ella vos pede a vivenda d'essa casa, eu vol-a cumprirei, se o tempo mo não estorva. Vós, Alfernao, por amor de mim direis ao imperador o

que aqui passa; e que desde agora elle e a imperatriz este jamprestes pera seus padrinhos, e pera o dia desta ceremonia lhe tenham buscado marido, que de sua mão será tal, qual ella o merece e eu espero. Alfernao prometteu de o fazer assim; e, não lhe soffrendo o coração poder alli estar mais, se partiu. O cavalleiro do Salvage se deteve em quanto lhe concertavam armas; e passando alguns dias, despediu o piloto e marinheiros, que sua tenção era andar por aquella terra mais devagar, e mostrar as cousas della a Arlança e suas donzellas. Ao primeiro dia, que começaram a caminhar, a horas de vespera chegaram a um valle gracioso e grande, cheio d'arvoredos, e muitas boninas por baixo, que era tempo dellas. No cabo delle estavam duas tendas armadas junto de uma fonte de muita agua; e á sombra de uns alemos altos, arredor da fonte, andavam quatro donzellas brincando umas com outras. Parece-me, senhor, disse Arlança, que com mais prazer passam aquellas senhoras o tempo do que me a minha ventura deu, que puz a vontade em quem tem a sua longe de mim. O do Salvage, que trazia a tenção desviada do seu desejo, fez que a não entendia; antes fallando em cousas fóra d'esse proposito, chegaram junto das tendas, que eram ricas em extremo. N'isto veio uma das donzellas a elle, dizendo: Parece couca tão estranha, senhor cavalleiro, um homem só levar comsigo cinco donzellas, que por vos tirar dessa pressa vos quero dar um conselho, se vós o quizerdes tomar de mim. Ahi seria elle máo,

e por ser vosso m'o não pareceria, respondeu elle, quanto mais sendo tão bom como o vós sabereis dar. Peço-vos de mercê que não tardeis com elle, que de vós não saberei, nem será razão, engeitar nada. Eu vos direi, disse ella. Nós somos aqui quatro, temos quatro guardadores, que não podem tardar muito, justai com elles um e um, e o que de vós fôr vencido podereis levar a sua: de maneira que, se vencerdes todos, levar-nos-heis todas quatro, que pouco maior pejo serão nove que cinco, e se vos vencerem a vós, perdereis outras quatro, e ficar-vos-ha uma: de sorte que, de qualquer sorte que vos nesta justa aconteça, ficareis sempre com ganho. Tendes tanta graça, respondeu o do Salvage, que, por vos ganhar a vós, aventuraria perder-me a mim: e já me parece o tempo comprido pera ver a hora que vos hei de levar. Vêde não vos engane essa confiança, respondeu ella; ainda que vós desejareis tanto perder essa companhia, que por vos vêr fóra de tamanha affronta, tomareis por partido ser vencido. N'isto de cima de uns alemos começaram tocar uma trombeta, e fazia-o um anão, tocando-a com tanta força, que em todo o valle se ouvia. Não tardou nada que contra a parte debaixo viu vir quatro cavalleiros a fio, um ant'outro, todos armados de verde e branco, os elmos dourados, e sobre elles capellas de flôres alegres; nos escudos que os escudeiros lhe traziam, cisnes brancos em campo verde. Chegando ás tendas, a mesma donzella que fizera partido com o do Salvage, lhe deu conta do que

estava concertado. Senhora, disse um delles, por vos dar contentamento tudo se ha de aventurar; mas quem quereis que se ponha a risco de vos perder por ganhar nenhuma cousa. Perder a mim por vós, e perder-se o mundo todo, tambem me pareceria justo: mas perder a vós por nada, não se deve de querer: quanto mais que não tenho por boa troca a que vós fazeis comvosco. Se quereis com palavras, disse ella, escusar o perigo, mui bem é que fique por mentirosa; mas se isto assim não é, olhai quanto mais aquellas senhoras ficarão devendo ao seu cavalleiro, querendo só acceitar a justa com quatro, que nós outras aos quatro, que refusam um só. Senhora, respondeu elle, por maior pena ha o cavalleiro trazel-as todas comsigo, que ser vencido e perdel-as. E polo pouco que n'isso perde, e muito que pode ganhar, commette tamanha cousa. Parece-me, disse o do Salvage, que me não conheceis bem, que as que trago comigo vos defenderei, e as que tendes comvosco levarei; e quanto peior as defenderdes mais me pesará: que eu não me contento senão do que me muito custa. Pois assim quereis, disse o outro, olhai por vós, que eu vos mostrarei quam errada confiança tendes. E deixando cair a viseira do elmo, que que trazia levantada, se arredou o necessario, e abaixou a lança. O do Salvage o saiu a receber, e, encontrando-se ambos em cheio, o cavalleiro do Valle fez a sua em pedaços, e o do Salvage passou por diante sem fazer nenhum desar, dando o seu encontro de sorte, que o outro foi ao chão, mal

contente de lhe acontecer em tal lugar. Ficou tão atormentado do desgosto e da quéda, que não bolia pé, nem mão. Parece-me, senhora, disse o do Salvage contra a donzella, com quem fizera o concerto, que já aquelle cavalleiro não defenderá sua dama; por isso saibamos qual é, e cumpri comigo segundo a postura. Vós o fizestes tão bem, disse a donzella, que seria sem razão negarem-vos o preço: e pois em mim caiu a sorte, que era a que esse cavalleiro guardava, desd'agora me contaî por vossa, que eu folgo muito de ser de quem me tão bem soube ganhar, antes que de quem me não pode defender. A estas razões um dos outros lhe deu vozes, que se guardasse; e porque ainda lhe ficara a lança sãa da primeira justa, tornou a empregal-a na segunda de modo, que deu com elle no chão com uma perna quebrada por junto do tornozelo, de sorte que se não pôde erguer. Os outros dous, que viram que a briga levava máo caminho, deixando a ordem da justa, se vieram ambos juntos com as lanças baixas ao do Salvage, que já quebrara a sua; encontrando-o com tanta força no meio do escudo, que o falsaram por dous lugares, não podendo passar a fortaleza das armas. O do Salvage se lançou fóra do cavallo polo sentir fraco, e arrancando da espada os aguardou, dizendo: Parece-me, senhores, que vos acolheis ao mais seguro, pois ajudai-vos de toda a vileza que poderdes, que por derradeiro as donzellas irão comigo, e comvosco ficará a magoa de as perder; e oxalá vos fique só essa perda. Não sei, disse um

delles, como isso será; mas sei que primeiro que as hajaes, custará tanto, que vos lembre pera sempre, e pagueis o damno que tendes feito. E saltando fóra dos cavallos se vieram a elle, e começaram feril-o por todas partes. O do Salvage, que aquella affronta não estimava em muito, como quem já passára outras móres, os recebeu com golpes tão asperos, que aos primeiros deu com um delles no chão: o outro, vendo sua vida pósta em tal extremo, entendia mais em amparar-se, que em offender seu imigo. N'este tempo o cavalleiro, que primeiro justou, se levantou, porque té alli estivera atordoado; e vendo tamanho destroço em seus companheiros, e a affronta em que o outro andava, se veio pera elle poló ajudar. O do Salvage, sentindo o que d'antes se andava pera render com este novo favor cobrava forças, avivou os golpes, dizendo: Não me pesa senão porque destas ajudas vos não hão de vir muitas, pera me contentar mais da victoria, e estas senhoras verem quão mal empregadas estavam. Ainda o não acabava de dizer, quando um delles lhe caiu aos pés de puro cançasso e desfallecimento do espirito, o outro se soccorreu ás donzellas, pedindo-lhe que lhe valessem. Bom couto soubestes tomar, disse o do Salvage, elle vos valha, que certo perto estaveis de pagar a vileza que comigo usastes. Vós, senhoras, ponde-vos em vossos palafrens, que quero partir-me deste lugar; que hei medo, que o amor destes homens, juntamente com a lembrança do que se nelles perde, vos faça negar a mim. Quem nos tão

mal soube defender, disse uma, mal poderá lembrar, senão pera avorrecer. Nós somos vossas, e pois o somos faremos vossa vontade, usai vós della como vossas obras o mostram; e nesta parte vença a virtude o desejo: lembre-vos que cumprir um apetite á custa da honra alheia é cousa mal acertada; porque o gosto ou contentamento nestes casos é breve, e a fama que se nelles perde, é impossivel cobrar-se. Senhora, respondeu o do Salvage, não sou tão costumado a fazer forças a mulheres, que queira usal-o comvosco: ganhar-vos a vontade ou ganhar-vos as vontades, isto é o que queria; e por isso trabalharei com fazer-vos mil serviços, e se não me aproveitar, tornarei a mim a culpa, pois sou tão mofino, que a quem mereço algum bem, o nega por galardão. N'isto as fez cavalgar, e elle tomou um dos cavallos dos vencidos que lhe melhor pareceu, e deu o escudo a um dos escudeiros das donzellas, que cada uma levava o seu; as tendas deixou aos cavalleiros vivos em satisfação do muito que perderam.

CAPITULO CXVII.

DO QUE PASSOU O CAVALLEIRO DO SALVAGEM COM SUAS DONZELLAS INDO PARA A CORTE DE HESPANHA, E DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO TIGRE NA ILHA PROFUNDA.

Assim como o cavalleiro do Salvagem se partiu do campo, começou caminhar por aquella terra contente de sua nova companhia, sentindo porem por trabalho ter comprimento com cada uma, ainda que com tudo seu fim era por cima de todas fazer mais honra e acatamento a Arlança, tendo na memoria o que lhe devia. Por esta razão, que as outras fossem olhadas delle com tenção damnada, só Arlança estava fóra deste conto. Não andaram muito, quando tirando o elmo, que ia affrontado do caminho e da calma, o deu a um dos escudeiros, ficando com o rosto descuberto. As donzellas, quando o viram tão moço e gentil homem, e depois disso guarnecido de tamanhas obras, começaram sentir novos accidentes, bem desviados do que lhe primeiro pediram. O do Salvagem as conversava c'os olhos e palavras igualmente, por não perder alguma dellas, que nestes casos são ellas tão ciosas, que qualquer cousa as escandaliza, e elle era tão avarento, que de tudo se temia: e antre as outras razões lhe perguntou, que causa as fazia estar com aquelles ca-

valleiros, ou quem eram. Senhor, disse uma dellas, pois em tudo vos hemos de fazer a vontade, dar-vos-hemos essa conta. Estas senhoras hão nome Armelia, Julianda, Sabelia e amim chamam Artisia, todas naturaes d'uma villa, que aqui perto fica, que se chama Arjeda. Estes cavalleiros, que vencestes, que cada dous eram irmãos e primos uns dos outros, havia dias, que nos serviam com tenção de casar comnosco, e porque sabiam que ás vezes vinhamos folgar áquella fonte com licença de nossas mães, vinham lançar-se no fundo daquelle valle, onde, pera nos dar prazer e mostrar suas obras, justavam com quantos alli vinham; e por não passar algum, um seu anão lhe fazia sinal com uma trombeta. Tantas vezes costumaram isto, sendo sempre vencedores, té que hoje lhe faltou a ventura com vossa vinda; e pera mais mofina acertámos de mover o partido, que comettemos, pera perder a elles e perder a liberdade de tornarmos a nossa casa. Senhoras, respondeu o do Salvagem, quem tão boa mostra de sua victoria leva comsigo não ha de querer perdel-a por nenhuma cousa: bem me lembra a mim que vos poderia lá levar; mas, porque é deixar-vos, o não farei por nenhum preço. Já hei de esperar que me vença alguem e vos leve, inda que quem é de vós vencido mal o poderá ser d'outrem. Pois me acho nesta terra quero-vos ir mostrar o castello d'Almourol e a corte de Hespanha, e quem então se achar enfadado, esse deixe a companhia. Todas lho tiveram em mercê e lhe pediram que fizesse aquella viagem, que natural é

de mulheres ver novidades e ir a romarias. Arlança, posto que o tambem desejasse, pesava-lhe de aquella companhia, que seu amor era grande e não queria quem lho impedisse. Nestas e outras palavras passaram o dia, e os tomou a noite junto de um castello onde foram agasalhados. Aqui deixa a historia de fallar nelle e torna ao cavalleiro do Tigre, que, depois que se partiu em sua busca, teve tão boa viagem, que ao quinto dia se achou á vista da Ilha Profunda. O piloto conheceu terra, e elle deu graças a Deus por lhe dar tão bom começo; e tomando o primeiro porto que poderam, lançando o cavallo fóra, despedido da outra gente, armado de suas armas, se metteu pola Ilha, que lhe pareceu fertil e viçosa. Não andou muito por ella, quando o tomou a noite em parte, que não sabia onde achasse algum gasalhado pera a poder passar, e enfadado de atravessar uma montanha, desceu do cavallo e lhe tirou o freio pera o deixar pascer da erva. Alli achou menos Selvião, que sempre naquelles tempos lhe trazia algum mantimento, e houve saudade delle, que isto tem a criação e conversação de muito tempo, gerar mais perfeito amor, que todalas outras cousas: pois, achando-se assim só, longe de povoado e de outra companhia, e encostado sobre umas ervas, o elmo á cabeceira, passou a noite envolto em seus cuidados; delles ceou e nelles se susteve té que veio a manhã, a seu parecer, mais temporãa do que devia, que, quem alguns espaços gasta em imaginações de seu gosto, sempre lhe parecem mais curtos do que são. Mas

tornando-lhe a lembrar o que vinha fazer naquella terra, enlazou o elmo e deitou o escudo ao pescoço e pondo-se a cavallo, começou caminhar, havendo por muito um sitio tão singular ser tão pouco povoado. Já a horas de vespora viu perto de si uma villa pequena cercada de forte muro, onde foi ter, e pousou em casa de um cavalleiro ancião, que acostumava agasalhar todos os andantes; que, polo ver só e sem escudeiro, lhe tomou o cavallo e riudou a desarmar; mostrando-lhe toda cortesia e boa vontade, que pode. Alli repousou o que do dia ficava por gastar, e determinou passar a noite pera se informar do hospede de ás cousas daquella terra. Estando sobre ceia praticando em algumas, que o tempo offerecia, lhe pediu que lhe dissesse cuja era aquella Ilha e o que havia nella pera o poder dizer em outra parte. Senhor, respondeu elle, em bom tempo vos tomou esse desejo; que se em outro viereis, essa vossa mocidade fora posta no derradeiro extremo da vida: que nos dias passados foi senhor della um gigante por nome, Bravorante, cruel e cheio de toda malicia e engano, costumava ter espias em todos seus portos pera o informarem se nelles entravam algum cavalleiro ou donzella: nos quaes usando de sua crueza, a elles matava, a ellas forçava, e do despojo, que tomava, era feito rico: todo o suor e trabalho de seus vassallos se consumia em proveito delle só, e se alguns navios de mercadores ou d'outra alguma pessoa ancoravam em seus portos, ora fosse por vontade ou por força de tormenta, resgatava-os com tributos desordena-

dos. E se alguem recusava aos pagar, resgatava-lhe tambem a vida e a pessoa com imposições feitas a sua vontade: finalmente foi cruel e tirano sobre todos os nascidos. Quiz sua ventura que acabou nestas obras pera na outra vida alcançar galardão dellas: teve quatro filhos conformes a elle: os dous que eram mais homens, que chamavam Calfurnio e Camboldão, não lhe soffrendo o animo viver em tão pequena terra, habitavam em outras partes, onde, não consentindo Deus suas tiranias, foram mortos por mão d'um só cavalleiro, que se chama o do Salvagem, que cá não lhe sabemos outro nome. E chama-se assim, porque dizem que trazia um Salvagem no escudo: isto vos o sabereis melhor, pois andaes polo mundo. Os outros dous irmãos, que eram mais moços, criaram-se nesta Ilha na obediencia de sua mãe, e contra vontade della, depois de cavalleiros, determinaram ir vingar a morte de Calfurnio e Camboldão. Com esta tenção se sahiram desta terra, e obrando segundo o costume de seus passados, acharam o mesmo que buscavam, que era o mesmo cavalleiro do Salvagem, que os matou em batalhas iguaes como esforçado: parece que o criou Deus pera soccorro de muitos e amparo destes povos, que tanto tempo viveram mal aventuradamente. Agora a mãe destes, que se chama Colambar, não podendo soffrer tamanha pena, confiada na industria d'um magico seu amigo, que chamam Alfernao, teve esperança de haver á sua mão o cavalleiro do Salvagem, e assim é partido ha dias. E para seu engano haver melhor fim, levou comsi-

go Arlança filha da mesma Colambrar, donzella de poucos dias e bons costumes, acompanhada de outras donzellas pera seu serviço, e segundo o modo que se isto ordenou e a confiança que Colambar tem neste Alfernao, afirmam que o cavalleiro do Salvagem será aqui trazido. E pera o dia do sacrificio, que delle esperam fazer, tem juntos comsigo em uma villa, onde está, que é daqui quatro legoas, alguns amigos seus e antr'elles um seu irmão gigante, mancebo tambem cruel e esforçado, que chamam Pavoroso, que depois que está nesta Ilha por sua má vida tornou resurgir a de seu cunhado e sobrinhos, cousa que agora parece mais aspera polo muito que havia, que começavam a viver em liberdade: por isso, guarde-vos Deus de suas mãos, que vos vejo mancebo e seria mal empregado em vós qualquer desastre, e Deus livre ao do Salvagem de traição e engano. Crede amigo, disse o do Tigre, que ás cousas que Deus ordena ninguem pode fugir quererá Deus que esse irmão de Colambar onde cuidou vir ver a vingança, que desejava, venha buscar o pago de suas obras. O do Salvagem eu o conheço mui bem: Deus, que o criou pera tamanhas cousas, o guardará de seus imigos. Folgo de saber isto, que me contastes, e ámanhã, se minha ventura me deixar achar esse gigante, eu a experimentarei com elle pode ser que Deus enfadado de suas maldades permittirá que haja o merecimento dellas. Dizeis isso, senhor cavalleiro, disse o hospede, como quem não sabe com quem o ha. O gigante é tão bravo e forte, que não haverá por muito

fazer batalha com dez cavalleiros: aventurardes vós a vossa mocidade em suas mãos não seria esforço, poder-lhe-iamos chamar outra cousa. Elle lhe agradeceu o conselho, mas não pera o aceitar. Aquella noite repousou mais contente, vendo que o do Salvagem não era ainda vindo e que o seu soccorro chegava a bom tempo. Ao outro dia muito cedo se levantou e, despedido do hospede, se foi, levando em sua vontade de ir pera a villa onde Comlambar estava, e indo atravessando uma floresta graciosa e alegre, ouviu contra a parte esquerda soar o mar, e veio-lhe á vontade ir ao longo delle pera ver se veria algum navio em que podesse vir o cavalleiro do Salvagem. Chegando mais ao perto ouviu gram ruido d'armas, e correndo contra aquella parte chegou á borda d'agoa onde vira um navio ancorado posto de largo, e na praia combatiam dez cavalleiros com tres, que conheceu serem Platir, Beroldo e Daliarte, de que recebeu novo contentamento, lembrando-lhe que pera soccorro da vida de seu irmão eram alli vindos. Arredado delles quanto vinte passos estava um gigante de demasiada estatura, cuberto d'umas laminas de aço negras e mui fortes. Trazia um escudo grande e pezado cercado em roda d'uns arcos de aço fortissimos, que em campo negro trazia uns arvoredos tristes e mal assombrados. Cavalgava em um cavallo murzello e estava encostado sobre a lança posto o conto no chão, tão temeroso e feroz, que só com aquella mostra criava temor a quem o via. O do Tigre poz os olhos nelle e viu que todo envolto em ira bradava com os dez, que matas-

sem aos outros, e tivessem pejo de ter necessidade de aventurar sua pessoa em tão pequena empreza. Mas os tres esforçados cavalleiros, que lhes lembravá que vencidos aquelles, que tinham diante, lhe ficava maior trago por passar, faziam maravilhas. E verdadeiramente se sostinham os outros tanto na presença do gigante, como em suas forças. Com tudo, como suas forças e destreza fosse differente da de seus contrarios, começaram enfraquecer uns e cahir outros delles, pola falta do sangue, que lhe sabia, delles pola desconfiança e temor, que tinham de ver a valentia e viveza de seus imigos. Neste tempo, vendo o gigante que os seus eram destroçados de todo, se começou concertar na sella com tenção de os soccorrer, e satisfazer sua ira. O cavalleiro do Tigre, que té então estivera vendo as obras de seus amigos, que a seu parecer eram muito pera isso, quando viu que o gigante se fazia prestes, temendo que com sua chegada fizesse algum damno, lhe sabiu diante, dizendo: Fera que queres, Pavoroso, executar tuas forças em homens, que de cansados te não podem resistir, guarda-as pera mim, que como imigo mortal te busco pera libertar esta ilha de tuas cruezas e tiranias. O gigante se deteve por ver quem com tamanha soltura de palavras o ameaçava, e vendo-lhe no escudo o Tigre dourado, que naquelle tempo tão venerado era polo mundo, bem lhe pareceu que não sem muita confiança de suas obras o ousava desafiar, e vendo que os seus de todo eram vencidos e desbaratados, e alguns, que escaparam, hiam fugindo por gua-

recer a vida, levantando a voz, disse: Bem vejo que a bondade de vós outros é mui desigual da dos cavalleiros desta terra, por isso folgo de achar cousa em que contente minhas obras. Porem peço-te que me digas se por ventura sois da casa do imperador Palmeirim, e se algum de vós outros é da linagem de D. Duardos ou de seus filhos, que isto me faria mui contente, que não creio que homens de tamanha ousadia possam ser d'outra parte. Dame alviçaras, disse o do Tigre, que, se muito desejas achar-te com com esses homens, ante ti os tens: todos somos dessa casa, que perguntas: eu sou filho de D. Duardos, irmão do cavalleiro do Salvagem, que te farei sentir o engano e traição, com que daqui o foram buscar. Es tu Palmeirim filho maior de D. Duardos, disse o gigante, que vencestes Dramusiando e mataste Camboldão e ganhaste a ilha Encoberta, vencendo todolos guardadores della? Pera que o perguntas? disse elle; porque folgaria, disse o gigante, fazer batalha comtigo em presença de minha irmãa Colambar e mostrar-lhe sequer algum gosto a troco de quantos desgostos de tua linagem tem recebido. Eu sou esse, que perguntas, disse o do Tigre, e folgo muito de a quereres em tal lugar, pera que em publico se veja como Deus castiga teus erros. Ora pois assim te praz, disse o gigante, fique pera amanhã, que hoje é já tarde, e em tanto mandarei concertar o campo, onde se ha de fazer batalha; e se teus companheiros quizerem tambem que seu fim e a tua toda seja uma, eu tenho tres sobrinhos, que comigo en-

trarão contra elles, mas hei medo que se escusem com o trabalho, que hoje passaram e com dizer, que tem armas rotas: porem pera isto eu lhe mandarei trazer muitos corpos dellas da armaria, que ficou de Bravorante meu cunhado, e alli escolham. Nós necessidade temos dellas, disse Beroldo, e tomal-as-hemos por não engeitar tua cortesia, mas, inda que as não houvera, aceitariamos a batalha, assim pera acompanhar e servir ao senhor Palmeirim, como por acabar de desinçar toda esta semente de vós outros. Eu na verdade, disse o do Tigre, quizera que a minha e a tua se fizera primeiro, que pera essoutro tempo fica, se o tu assim has por bem, senão seja como tu quizeres. Senhor Palmeirim, disseram Platir e Daliarte, não nos façais esse agravo: lembre-vos que se vencerdes Pavoroso, que ao outro dia não quererão seus sobrinhos entrar em campo e teremos de que nos temer. Concedei no que vos o gigante pede, que, alem de nisso fazerdes as vontades a elle, e nós recebermos gram mercê, por derradeiro todo o louvor e honra é vossa. Pois assim quereis, disse elle, seja como ordenardes. O gigante se foi contente do partido, por parecer-lhe ter a victoria certa, e que com ella segurava a terra pera quando o do Salvagem viesse. Com isto se foi pera sua irmãa, que estava muito triste polo vencimento dos cavalleiros e tardança de sua filha, que o coração annunciava algum desastre; porém com a chegada de seu irmão se consolou algum tanto, e elle se começou fazer prestes pera outro dia. O do Tigre ficou com seus amigos

praticando, e perguntando como lhe acontecêra aquella batalha. Senhor, disse Daliarte, como quer que o gigante tem espias por toda esta ilha, inda não aponta o navio, quando o saltêam pera vêr quem vem n'elle, parece qne não aconteceu assim a vós por não poder acudir a todo. Nós, chegando a esta praia rompendo alva, inda não acabavamos de lançar os cavallos fóra, quando nos saltearam seus cavalleiros, e elle veio traz elles polos favorecer e animar: podera ser que correramos risco, se a tal tempo não viereis, e pois Deos assim quiz, tambem quererá que tudo venha a bom fim, que já não póde ser méo, pois o cavalleiro do Salvagem não chegou primeiro que nós. Com este contentamento mandaram tirar mantimentos do navio, e curaram Beroldo de uma ferida pequena, que recebêra n'um braço. O do Tigre quizera que por caso della não entrasse outro dia na batalha, e não se pode acabar com elle. O escudeiro de Daliarte tomou o cavallo ao do Tigre, e todo aquelle dia passaram ao longo do mar, olhando sempre se parecia algum navio, por chegarem ao desembarcar tão prestes, como os imigos. Assim andando, anoiteceu, e se recolheram ao seu, porque em terra não se tinham por seguros, lembrando-se que fiar-se na verdade de quem a não tem, é peça ousadia.

CAPITULO CXVIII.

DA BATALHA QUE HOUVE ANTRE O GIGANTE PANOROSO E O CAVALLEIRO DO TIGRE E OS OUTROS TRES DE CADA PARTE.

Chegado o outro dia, em que havia de ser a batalha, os quatro cavalleiros se saíram do navio armados de todas armas, rotas por algumas partes, deixando em guarda os marinheiros, acompanhados de seus escudeiros que lhe levavam as lanças e escudos, se foram pouco a pouco caminho da villa, que estava meia legua d'ahi. Chegando a ella viram ao pé d'umas casas nobres e grandes uma grande praça, espaçosa e chãa, cercada toda de palanques povoados de muita gente, que alli eram vindos pera vêr a batalha, que a seu parecer havia de ser a mais famosa e grande, que nunca naquella terra se fizera. E todos estavam muito contentes e desejosos de a vêr acabada em damno do gigante: porém não o ousava ninguem mostrar em publico, inda que em secreto o tivesse na vontade, que isto tem os principes ou senhores obedecidos por temor, lijonjados em presença, avorrecidos no occulto. Cousa de que os grandes devem guardar-se por temor dos criados e vassallos, que sendo senhoreados com tyrannia, se o tempo lhes abre algum caminho de viver em liberdade, com rigor o seguem e com tenção damna-

da, nascida de seus aggravos, usam de sua fortuna, não olhando o acatamento da pessoa, a que o sempre tiveram, porque as vontades com que té alli os trataram, gera este esquecimento. Pois, tornando ao caso, chegando os quatro companheiros áquella parte, bem viram que alli se havia de fazer a batalha, e detiveram-se no meio da praça. Neste tempo se lançou um tapete negro a uma janella das casas, e o gigante chegou a ella com Colambar sua irmãa pola mão, armado das mesmas armas, que levava o dia d'antes; e o rosto descoberto, que, ainda que fosse mancebo, era composto de uma ferocidade medonha e acatadura espantosa, apparelhada pera quem não fosse costumado a perder-lhe o medo, o temer mais do necessario. E posto que, além d'isto fosse demasiadamente grande, fazia pouca vantagem a Colambar, que na grossura dos membros e tamanho do corpo era quasi igual a elle, senão quanto por caso da idade mostrava mais carranca no rosto, que era feia, negra, mal assombrada, e parecia que trazia os olhos envoltos em sangue, os beiços grossos e retornados tanto, que quasi descobria os dentes. O gigante a fez assentar, e com a mão lhe esteve mostrando o cavalleiro do Tigre, dizendo-lhe quem era, pedindo-lhe que com vingança que daquelle lhe daria, começasse a satisfazer-se da perda de seus filhos em quanto não vinha o principal matador delles: posto que elle em sua vontade já desesperava d'isto, pelas palavras que o dia d'antes ouvira ao do Ti-

gre, e não lhas disse a sua irmãa pola não descontentar ou desesperar de todo. Em quanto alli esteve praticando com ella, chegaram ao terreiro dez homem de serviço com armas ás costas, e um gigante com elles, que as presentou aos quatro companheiros, dizendo: Diz o gigante que não se contenta de vencer homens, que depois se desculpem com a falta das armas, que aqui vos manda estas, em que escolhaes as que vos bem vierem, e que antes d'isso hajaes vosso conselho, e vejaes se havereis por melhor rendermos, esperando a misericordia, que comvosco sua irmãa quererá usar, ou experimentar a crueza de sua mãos e de seus sobrinhos. Não me parece, disse Platir contra seus companheiros, que, ainda que estivessemos de todo desarmados, seja bem acceitarmos armas deste, que mais val morrer com falta dellas, que vencer com sua ajuda:- quanto mais, que as nossas não são tão destroçadas, que não possam soster o trabalho d'um dia. Por isso meu parecer é que com as nossas pelejemos, que pera vencer a razão que temos basta, e as armas são sobejas. Eu d'esse bordo estou, disse Beroldo, pois assim quereis, disse Daliarte, torne-se o messageiro do gigante, e diga-lhe esta determinação, e que d'aqui por diante póde vir, que está mal o campo sem elle. Bom conselho me parece que tomastes, disse o escudeiro do gigante, que, pois está claro serdes vencido, será com menos vossa deshonra. Essa certeza, disse Platir, tereis vós, e os que o muito desejarem, que a nós outra esperança nos fica.

Com este recado se foi ao gigante, que, inclinado do desprezo que com elle usaram, e da confiança com que o faziam, parecia que lhe tremiam os membros, e lançava fumo negro polas ventas, e a falla saía rouca e medonha. E despedindo-se de sua irmãa, lhe disse: Senhora, peço-vos que em quanto esta batalha durar, que será mui pouco, vós não tireis dessa janella, que nenhum contentamento levarei de a vencer, se vir que vós o não levaes, e enlazando o elmo, acompanhado de seus sobrinhos, que o já esperavam armados de armas negras conforme ao tempo, e nos escudos em campo negro uns corpos mortos por memoria dos de Brocolão e Baleato seus primos, trazendo em sua vontade não tirarem esta divisa em quanto não vissem vingança della. Assim no meio delles saiu ao campo, fazendo tamanha mostra antre elles, que dos hombros pera cima sobejava. Chegando ao terreiro, vendo todo o povo cousa tão desmesurada e grande, e seus sobrinhos tambem maiores que todos os outros homens, robustos e fortes, favorecidos nas obras de seu tio e na confiança de si proprios, perdiam a esperança do cavalleiro do Tigre e seus companheiros poderem haver victoria. Tambem lho parecia assim, porque sempre tudo o que se muito deseja se duvida. Já agora, disse o gigante, vendo-se tão olhado de todos, me parece que tomarieis antes de partido renderdes-vos que esperar a batalha. Pois quero que saibaes que tarde vos veio esse conselho, e por isso á fortuna podeis pedir que

vos favoreça, mas contra mim não sei quanto poderá prestar seu favor. Estás tão ufano, disse o do Tigre, do espanto que fazes antre esta fraca gente, que d'ahi te nasce desprezares quem te não tem medo e te castigará essa soberba, façamos nossa batalha; que o fim della será galardão dos merecimentos de cada um. Pois não conheces o bem que te fazia, disse elle, em detel-a um pouco por te dar mais espaço de vida, olha por ti. E então baixando a lança com toda a furia, que os cavallos poderam levar, arrancaram elle e seus sobrinhos, fazendo tamanho estrondo, que parecia que a terra se fundia com elles. O do Tigre, e seus companheiros os sairam a receber acompanhados de seu esforço, e, todos de uma banda e outrá acertaram os encontros. O gigante fez a lança em pedaços no escudo do cavalleiro do Tigre, falsando-lho d'ambas partes, e foi com tanta força, que lhe fez perder ambos os estribos e apegar-se ao collo do cavallo; porém tornou-se logo a concertar, dando a paga deste encontro com outro tambem acertado, que, falsando o escudo e armas do gigante, deu com elle no chão, levando a sella antre as pernas, e uma ferida sobre o peito esquerdo de que lhe saía muito sangne. Nada d'isto sentiu com maneneoria de vêr-se derribado por um só cavalleiro. Os outros todos seis foram a terra, senão Platir que ficou no cavallo, perdendo comtudo os estribos; e não era muito ser assim, que a bondade dos sobrinhos do gigante era extremada, e cuidavam ser elles o que maior

injuria receberam polo pouco costume que tinham d'os derribar ninguem. O cavalleiro do Tigre, vendo o gigante no chão, se desceu com temor de lhe matar o cavallo, dizendo: Aparta-te, cousa torpe de teus sobrinhos, deixa a elles, que bem tem em que entender em si, façamos eu e tu nossa batalha; que agora verás quão perto estou de te pedir mercê. Bem vejo, disse o gigante, que do acerto deste encontro te nasce essa soberba; porém folgo que estamos em lugar, que com minha espada satisfarei meu desejo á custa do teu sangue, rompendo com os fios della tuas carnes. E arrancando de um cutelão grande e cortador que trazia na cinta, disse: Vês aqui a verdadeira vingança da morte de meus sobrinhos, e, apertando-o na mão, desceu com um golpe dado com toda a força, que se o cavalleiro se não desviára, com aquelle podera o gigante dar descanço a sua ira, que tomando-o no escudo lh'o fendeu junto do brocal d'alto abaixo, de sorte que ametade caiu no chão, a outra lhe ficou no braço, de que o cavalleiro do Tigre recebeu temor e espanto, parecendo-lhe que, se outro como aquelle lhe fosse dado em cheio, não ficaria pera esperar terceiro. D'alli por diante, pondo toda sua esperança no acôrdo e ligeireza, com que se devia guardar, começou sua batalha braba e aspera, amparando-se dos golpes do gigante, e dando os seus a tão bom tempo, que o trazia traz si com muitas feridas ainda que pequenas, que a fortaleza das armas não consentia serem maiores. Todavia

da que trazia no peito andava mal ferido, que lhe saia muito sangue, e com manencoria de vêr que todas suas forças eram por demais, e as do seu imigo ao revez, lançava tão gram somma de fumo pola viseira do elmo, que quasi congelava o ar. O cavalleiro do Tigre o trazia traz de si de uma parte a outra polo cançar. N'isto trabalhou o gigante tanto que lhe conveio deter-se um pouco por cobrar alento, de que a do Tigre não pesou, por ter espaço de vêr o ponto em que seus companheiros iam : e viu que os sobrinhos do gigante andavam quasi desbaratados e tão fracos, que trabalhavam mais por se amparar que por offender. E os outros tão vivos, que pelejavam com muit desenvoltura e esforço tanto como se então começaram a batalha; e o que peior tratado trazia seu contrario era Platir, que antre todos aquelle dia se sinalou muito mais. Vendo o gigante os sobrinhos em tal estado, sua pessoa cheia de feridas perigosas e grandes, e tanto sangue despeso, e sobretudo tão forte imigo diante, começou a desconfiar e enfraquecer, e com esta desconfiança tornou á batalha com menos soberba que de principio. O do Tigre, conhecendo nelle a frouxidão com que pelejava, começou de apertar mais que d'antes. A este tempo o que combatia com Platir veio a seus pés desamparado dos ospiritos, e elle por estar mais seguro lhe cortou a cabeça, e a presentou a Colambar. Ella, vendo que toda sua esperança se lhe fazia ao contrario, se foi da janella, e com as mãos aos cabellos começou prantear a morte de

seu irmão, juntamente com a de seus filhos, de que o gigante recebeu gram pena, com lhe parecer que a certeza que sua irmãa teria de seu vencimento, a fizera não esperar o fim da batalha. Porém como esforçado quiz vêr se poderia vender a vida a troco d'aquelle, que lha tirava. Com esta final determinação começou mostrar mais esforço que d'antes; mas tudo lhe prestava pouco; que o do Tigre, que já conhecia sua fraqueza, e via d'onde lhe vinha o esforço, apertou com elle com tantos golpes, que lhe fez muitas feridas, de que lhe saía muito sangue. E os do gigante não faziam damno, que a ligeireza do cavalleiro do Tigre lh'os fazia perder. A este tempo já seus sobrinhos estavam estirados aos pés de seus imigos, que sem nenhuma piedade lhe cortaram as cabeças, e esperavam por vêr o fim dest'outra. O do Tigre andava algum tanto corrido e manencorio de ser o derradeiro; que se desempeçasse d'aquelle feito; como se o gigante não fôra merecedor de se deterem mais com elle; que como homem desesperado, e que nenhuma salvação lhe ficava, se não na obra de suas mãos, fazia maravilhas naquelle derradeiro extremo. Comtudo, como isto era já tirar forças de fraqueza, o desfallecimento do sangue e cauçasso dos membros foi em tanto crescimento, que deu comsigo no chão, rendendo a alma ao diabo: o do Tigre lhe tirou o elmo por vêr em que disposição estava, e vendo que dera fim a seus dias, limpando a espada e mettendo-a na bainha. com os giolhos em terra rendeu graças

ao favorecedor de sua victoria, crendo que sem sua ajuda nenhuma força humana bastava a desbaratar tamanha cousa. N'isto se levantou tamanho alvoroço no povo, que parecia outra affronta nova, e era, que de contentes de se vêr livres de tamanhas tyrannias, todos a uma voz queriam combater a casa de Colambar, e libertar-se della, que em quanto fosse viva sempre lhe parecia que viviam em sujeição. A este tempo se veio ao cavalleiro do Tigre uma dona descabellada, que fôra sua criada della, e debruçada ante seus pés lhe disse: Peço-vos, senhor cavalleiro, pois pera vencer vossos imigos tendes esforço sobejo, que pera soccorrer as donas e donzellas não vos falte misericordia e piedade. Este povo trabalha por matar Colambar minha senhora e só tres cavalleiros seus criados a defendem: elles vos pedem que a soccorraes, e de vossa mão haja a pena que vos bem parecer. O do Tigre temendo que se tardasse lhe não podesse valer, disse contra os outros: Senhores, soccorramos Colambar nesta necessidade, pois está claro que ira de povo em pouco tempo faz muito damno. Então rompendo por meio da gente chegaram á porta que os cavalleiros de Colambar defendiam, sendo já um delles morto, e os outros pera se render. O do Tigre e seus companheiros, virando as costas pera elles, e o rosto pera a multidão do povo com as melhores e mais brandas palavras, que poderam, os apaziguaram, rogando-lhe que se fossem a suas pousadas, e repousassem que a todo seu poder elles os poriam em li-

berdade, e tirariam do jugo da servidão em que sempre viveram. Com estas razões os amansaram de maneira, que largaram a porta e o combate, pedindo ao cavalleiro do Tigre, que pois daquelle dia por diante a ilha de direito era sua, e elles seus, que como vassallos os tratasse e amparasse! e as lagrimas de Colambar não tivessem tanto poder, que lhe deixasse outra vez o senhorio, porque ella era peior de comportar e soffrer, que todos seus passados: elle lhe prometteu que em tudo olharia polo que cumpria sua liberdade e isenção: com isto os despediu, e se despediu delles. Entrando dentro das casas na sala primeira, que era bem obrada e grande, se deteve, que as outras estavam povoadas de prantos e choros das donzellas e donas de Colambar, e ella antr'ellas bem pera haver piedade, posto que suas obras fossem dinas de a estorvar, que destoucada em cabello com o rosto lançado em terra, dizia mil lastimas muito pera doer. Trazendo antr'ellas á memoria a perda de seu marido e a morte de seus filhos, a destruição de sua casa, o fim de seu irmão trazido alli pera seu amparo, e se achar ao sacrificio do cavalleiro do Salvagem, de que já perdêra a esperança: e sobretudo vêr-se apartada de sua filha Arlança, a quem a amava por cima de todalas outras pessoas, ficar em odio com seus vassallos, porque aquelles que antes a serviam e acatavam, ao presente a tratavam com descaramento. Grande exemplo pera os que senhoream por força. O do Tigre, que tinha de seu natural ser clemente

e piedoso, esteve por vezes pera entrar á consolar, depois parecia-lhe que com sua presença a agastaria mais, e tornava-se arrepender. Os soluços e gritos della não eram como das outras mulheres, que de estar já rouca de chorar, e o natural de sua falla ser grossa por extremo, trazia comsigo um tom grande e espantoso, que detido nas abobadas das casas, que de todas partes estavam cerradas, parecia cousa que se não sabia determinar. Parece-me, senhor Palmeirim, disse Platir, que se nos houvermos de reger por vossa condição, que nunca acabaremos: desenganemos esta, façamos o que se ha de fazer della, seguremonos de seus enganos, que do mais não ha que temer. Senhor Platir, disse o do Tigre, o que vos parecer isso se faça, e não me mettaes n'isso que a mim não me soffre a condição vêr o rosto a pessoa que tantos malles tem. Sem elle se conselharam todos tres e accordaram por derradeiro de a mandar levar ao seu navio pera d'alli a levarem a Constantinopla, e lá se fazer della o que o imperador houvesse por bem. E pondo-o logo em obra a mandaram tomar, e quasi fóra de seu sentido posta em uma carreta a levaram ao porto, onde foi embarcada, e ficou em guarda della Daliarte até que em terra determinasse o que se devia fazer da ilha.

CAPITULO CXIX.

DO QUE O CAVALLEIRO DO TIGRE FEZ ANTES QUE SE PARTISSE DA ILHA.

Diz a historia que Colambar cançada de chorar e bracejar com raiva e ira de sua desaventura, atormentada de tristeza e dôr, enfraquecendo-lhe a alma, caíu no chão esmorecida sem nenhum acôrdo, com mais mostra de mortal que d'outra cousa. Platir; que desejava vêr o fim a todalas cousas daquella casa, a mandou tomar na força de seu accidente; mas era tão pesada, que com muito trabalho a poderam com ajuda d'outros homens descer ao pateo. Alli mettida em uma carreta toldada de pannos a levaram ao navio, acompanhada de algumas donas suas criadas, que a pé e em cabello a seguiam com tamanhos gritos e palavras tão piedosas, que até no coração daquelles, que della receberam escandalo, criava dôr e lastima. Assim chegaram ao navio onde a embarcaram, ainda fóra de seu acôrdo, e duas daquellas donas quizeram embarcar com ella té vêr seu derradeiro fim: que nesta vida nem os máos deixam de ter alguem, que lhe tenha algum amor. Colambar depois de estar no navio, fazendo sua paixão termo, tornou em si; e vendo-se embarcada e mettida no mar em poder de seus imigos, desterrada de seu senhorio, e pera peior perdida a esperança de o

tornar a cobrar, quiz dar comsigo n'agua e morrer n'ella, tomando aquelle tormento por verdadeiro descanço: parecendo-lhe que ainda que n'isso perdesse a vida não perdia muito, pois alcançava perpetuo esquecimento de todas suas dôres e desaventuras. Platir, Beroldo e Daliarte, que estavam no navio, que o do Tigre não fôra lá, tiveram mão n'ella, consolando-a com algumas esperanças que a ella pareciam pequenas, pois as maiores eram perdidas; porém como antre estas entrasse vêr a filha, o desejo que d'isso tinha, a amansou algum tanto. Todavia, com a lembrança de saberem que os desesperados costumam na morte pôr todo seu descanço, não fiaram tanto della que a deixassem a máo recado. Ficou Daliarte no navio, e Platir e Beroldo se tornaram a terra onde acharam o cavalleiro do Tigre cercado de todo o povo, que como a reparador de suas vidas e liberdade o vinham vêr e servir, contentando-se no fim de tantos trabalhos, tão dura tyrannia e servidão, alcançal-o por senhor; havendo que aquelle era assaz galardão da fortuna e trabalho, em que d'antes viviam: não crendo que no cabo de tantos malles lhe estivesse guardado tamanho bem: que sempre o que se muito tempo deseja, quando vem, não se crê. O do Tigre os recebia com sua natural graça e benegnidade de que a natureza o guarnecêra, não se podendo acabar com elle que acceitasse o senhorio da ilha, dizendo que a mais injusta cousa desta vida é tirar o seu a seu dono. Que aquella terra e governança della justamente pertencia, e era de

seu irmão Floriano : pois com mais despeza de seu sangue destruíra os senhores della ; e que, além d'isso elles por sua causa vieram alli : que quando elle a não quizesse, então poderia ser que acceitaria o estado que lhe queriam dar. E antretanto em seu nome, elle tomaria a menagem, e proveria de governador conforme a suas vontades; pedindo-lhe que se houvessem por contentes ser vassallos de quem, por seu proprio sangue á custa de muitas feridas, os comprára ; que este tal já os amaria como a pessoas que tanto custaram. Os principaes da terra, que ahi eram juntos, responderam que qualquer delles eram contentes de o ter por senhor : e que na maneira que elle quizesse ou ordenasse, lhe dariam homenagem, e entregariam as fortalezas. Logo fizeram chamar todolos alcaides móres, que ao outro dia vieram, e entregaram as chaves dellas. O cavalleiro do Tigre, depois de se segurar de tudo, polo modo que melhor lhe pareceu, lhas tornou a entregar, querendo que de sua mão as tivessem té seu irmão prover como lhe melhor parecesse. N'isto gastou aquelle dia e outro, festejado de muitas invenções, que o povo inventava pera seu contentamento, todas bem longe das que seu coração lhe pedia. E estando mandando guardar o que se achou, que ficára de Colambar das portas a' dentro, que era gram copia de thesouro, ganhado á custa de muitos, e outras peças de gram preço, pera que tambem dellas determinasse o cavalleiro do Salvage, segundo seu parecer, entrou pola porta Selvião e o hospede,

onde seu senhor pousára na outra villa, a que primeiro chegou, que já informado do que passava, trazia o receio perdido. Do que o do Tigre recebeu novo contentamento; que nenhum sentia perfeito em quanto Selvião estava apartado delle: que isto tem o amor da criação. O hospede se lançou a seus pés, dizendo: Senhor, se em minha casa vos não fiz aquella cortezia e bom tratamento, que tão alta pessoa merece, o pesar que d'isso recebo, que é muito grande, me fique por pena, que bem leve cousa é a quem vir vossa presença, conhecer o merecimento della. O do Tigre o alevantou e abraçou, dizendo: A honra e cortezia que de vós recebi em terra, onde se não consentia fazer a ninguem, eu sou bem em conhecimento della; e quanto mais era defeso fazer-se a nenhuma pessoa, tanto maior é a obrigação em que vos fico. E porque ao presente não tenho com que vol-o satisfazer nem galardoar, peço-vos que acceiteis a governança desta ilha, que o senhor della o haverá por bem: e quando a minha fortuna me der alguma cousa, será pera eu me lembrar de vós. Como, senhor, disse Arjentao que assim se chamava aquelle cavalleiro velho, outro senhor tem este povo, e não vós? Sim, respondeu elle, meu irmão o cavalleiro do Salvage, a que mais com direito pertence. Cuidei, disse Arjentao, que ficava inda alguma raiz de Bravorante: mas pois assim é, quem desejar servir a vós, tambem haverá por bem servir a vosso irmão: a mercê que me fazeis, acceito, e que eu não seja pera tamanha cousa,

nem vós sois pera as pequenas. Comtudo, queria que os povoadores desta terra fossem d'isso contentes, que em quanto assim não fôr, não quererei governar quem de minha governança se despreze. Como este Arjentao fosse cavalleiro de nobre geração, homem christianissimo, de bons costumes, e a quem o gigante muito tempo teve desamor, não por mais senão porque sempre os bons aos máos são odiosos, todo o povo o acceitou; e folgaram de lhe dar a obediencia, tendo por cousa justa serem governados por elle. Isto tem a virtude exercitada em boas obras, até os não virtuosos lhe não negarem sua preminencia: e com igual contentamento d'uns e outros lhe ficou a governança. O do Tigre e seus companheiros mandaram chamar Daliarte, ficando antretanto Selvião no navio, que temorisado da presença de Colambar e do que ouvíra das fôrças de seu irmão, assentava que á fortuna de seu senhor todo era possivel. Chegado Daliarte, determinaram que o navio partisse na via de Constantinopla, e fosse nelle um dos escudeiros de Beroldo, que sempre trazia dous; que, além de muito esforçado, se prezava de loução e ataviado: e pera melhor servido trazia sempre comsigo dous e tres escudeiros; e que este levasse recado ao imperador do que passára na ilha, e lhe presentasse Colambar, e em tanto ficasse provido, que chegando o navio d'Arlança e Alfernao, o cavalleiro do Salvage fosse entregue de tudo, e determinasse delles o que melhor lhe parecesse. Mas pera isto não era necessario mais que Arjentao o

governador da ilha, e a vontade que o povo tinha de perseguir Alfernao, que lhe parecia que ainda daquelle poderia nascer algum mal: que isto tem obras dos máos não deixarem repousar os bons té que de todo são destruidos, que d'Arlança não se temiam, antes lhe desejavam descanço e honra; porque criada antre as tyrannias de seu pai, cruezas de seus irmãos, favorecida da condição damnada de sua mãi, sempre foi piedosa, benevola, cheia de piedade e inclinação virtuosa; tanto que ás vezes importunado seu pai e mãi de suas lagrimas forçava a condição a fazer cousas contrarias a elles. Sendo tudo assim determinado, o escudeiro de Beroldo, por nome Albaner, se embarcou no navio com Colambar, e mandou dar ás velas, que o vento era prospero. Aquelles companheiros o estiveram olhando té o perder de vista, ficando seus corpos em terra, e o cuidado polo mar, porque lá se ía onde o coração o guiava. Ainda que a saudade d'aquella partida e viagem ninguem a sentia no extremo, em que ella se podia sentir, senão o cavalleiro do Tigre, que os outros lá mandavam cartas e recados, com que algum tanto satisfaziam seu desejo; mas quem de si não fiava seu segredo, como o descobriria a outrem pera descançar com isso? Perdido o navio de vista, como o dia fosse grande e o cavalleiro do Tigre pouco costumado a ter momentos ociosos, pediu aos outros que quizessem ver a sua ilha Perigosa, que d'ahi perto estava, que lhe parecia fazer o que não devia, passar-lhe tanto pola porta sem a visitar;

de que todos receberam contentamento ; que as cousas della eram pera de muito longe as vir buscar, quanto mais estando tão perto. Arjentao mandou fazér prestes uma fusta, que na terra havia muitas, por ser navios de que Bravorante mais se servia, e nella se embarcaram os quatro companheiros , e Arjentao com alguns principaes da ilha em outra, levando alguns refrescos e mantimentos , porque não sabiam quão provida então estaria a Perigosa. Assim se partiram da ilha Profunda , correndo a remos ao longo da costa , pola vêr melhor á sua vontade , que era povoada de muitas villas e logares grossos; senhorio pera qualquer principe se contentar. Argentao da sua fusta lhe ía dizendo o nome das povoações, e que cressem que pera a qualidade da terra a povoação era pequena por causa das cruezas de Bravorante. Assim passaram o dia, e de noite atravessaram o mar , que se mettia antre uma e outra ilha. E quando a manhãa esclarecia, se acharam junto della, e lançaram ancora no porto , onde Palmeirim a primeira vez, que alli fôra, desembarcára ; que em toda ella não havia outro : e lançando os cavallos fóra, quizeram caminhar nelles; porém a estreiteza do caminho, a aspereza da rocha, não lho consentiu senão a pé. Então mandando aos escudeiros que os levassem pola redea, assim a fio , um diante d'outro, começararam a subir. E primeiro que chegassem ao escampado , onde Palmeirim achou o padrão com as letras , que diziam: « Não passes mais ávante » gastaram grande espaço. Alli cavalga-

ram, que o caminho consentia, caminhando á sombra daquellas fermosas latadas, que o cobria, té chegarem ao mais alto da rocha. Obra maravilhosa pereceu aos tres companheiros, e a Arjentao com sua companhia, a maneira da terra, a graça das arvores, a fortaleza do sitio: mas chegando á fonte lh'o pareceu muito mais, que a viram cercada de alimarias conformes ás que Palmeirim matára, que defendiam as suas aguas, que inda que fossem fantasticas, sem alma, sem espirito, eram tão naturaes, tanto ao proprio das outras, que com sua ferocidade morta mettiam medo, como se estiveram vivas. Estavam presas polos pescoços com cadeias de metal, que ficaram das passadas, e ellas compostas tambem de metal, por mão de tão singular artifice, como fôra Urganda; que pera um feito tão notavel se não gastar com o tempo, provendo de longe as ordenou, e compôz ao proprio das que Palmeirim naquelle mesmo lugar vencêra. Como quer que naquelle caso o cavalleiro do Tigre estivesse tão novo como seus companheiros, suspeitando que poderiam ser obras de Daliarte, lhe pediu que o tirasse daquella duvida. Senhor, respondeu Daliarte, quem a aventura desta fonte ordenou; assim como quiz que os que n'ella acabassem ficassem em esquecimento; quiz, que quem a seu salvo a acabasse, deixasse memoria perpetua de tamanho caso. Pera isso com sua providencia ordenou estas alimarias feroces, que são treslado do proprio original das outras que vós matastes; que tanto que naturaes se corromperam, estas artificiaes se po-

zeram em seu lugar; pera que em todo tempo, os presentes e por vir, quando aqui vierem sejam testemunhas de vossas obras. Isso mesmo no lugar onde veneestes os cavalleiros d'Eutropa, achareis tambem outros do seu proprio tamanho e grandeza conforme aos passados, feitos de marmore, pera que os muitos dias e annos os não corrompam, com os escudos nos padrões pola ordem e da maneira que os achastes no dia de vosso vencimento e seu desbarato. Aqui vereis a providencia e sabedoria de Urganda, cuja foi esta ilha, a quem não deveis pouco; pois com seu sàber fez immortaes vóssos feitos. Por certo, disse Beroldo, muito se deve a ella polo que neste caso sentiu; porém deve-se mais a quem tamanhas cousas acaba, que de mim vos sei dizer, que sabendo que aquellas alimarias são mortas, lhe hei medo, e poria em duvida commettel-as, quanto mais quem estivesse ante sua ferocidade viva. Pois não vêdes, senhor Beroldo, disse Platir, o que aquellas letras que estão na pia dizem, que umas convidam a beber d'agua, outras vol-o defendem; mas já agora que a defeza é fraca, bem será que a provemos. Então se chegaram todos á fonte, e lavaram n'ella as mãos e rostos do suor e pó, e provaram d'agua que a seu parecer era como as outras aguas. Arjentao e os da ilha Profunda não sabiam que dissessem, que seu animo não bastava a cuidar n'isso: e não é muito ser assim, que té Platir e Beroldo, que antre os mui esforçados tinham esforço sobejo, tinham aquelle feito por cousa admiravel. Acabado de ve-

rem tudo miudamente, se foram contra o castello, que tambem ao parecer de todos era cousa pera vir buscar de longe. Ao pé delle, áquem da cava, estavam quatro padrões de jaspe com os escudos do tamanho e côres que os outros passados eram. Pegados com elle quatro cavalleiros de marmore armados das proprias armas e devisas, que os verdadeiros guardadores daquelles escudos sohiam trazer; que como fossem grandes, de apparencia espantosa e membros disformes, davam mais honra ao vencedor. Nos brocaes dos escudos estava escripto o nome de cada um, segundo o que guardava. E posto que todas estas cousas em todos fizesse admiração, o cavalleiro do Tigre não estava sem ella, que via as cousas porque passára, e parecia-lhe que inda as tinha presentes. A este tempo se lançou sobre a cava uma ponte levadiça, por mandado de Satiafor, e um escudeiro veio saber quem eram os cavalleiros, e a tornaram recolher que assim era costume. Mas depois que viu ou conheceu o verdadeiro senhor da fortaleza, a tornou lançar, e veio Satiafor a os receber e recolher dentro. Parece-me, disse Platir, depois que entrou no pateo, que todas as cousas desta terra são differentes das outras, que se as aventuras eram perigosas, a fortaleza e maneira della não era menos pera louvar. Certo que, quanto mais vou vendo, mais me parece o saber de Urganda dino de ser estimado por cima de todolos do mundo. N'isto não errava Platir, que como quer que aquelles paços e casas fossem feitos pera o repouso de sua pessoa,

onde o mais do tempo habitava, e alli tivesse seu amigo, a quem quiz tamanho bem como nas proezas e historia de Amadis se conta, esmerou todo seu juizo e engenho na invenção e maneira delles; pois julgue cada um quem tão excellente o teve pera tudo, quanto mais vivo o acharia nas cousas de sua vontade, e de que tanto gosto levava? Tornando a elles, depois de verem todo o apousentamento, foram ao lugar donde estava o gigante de metal, e isto houveram por tão pouco a respeito do passado, que o não olharam. D'ahi foram ter onde se passava o rio, e vendo o modo da ponte e a estreiteza e podridão della, a altura da agua, aqui se pôz em esquecimento todos outros trabalhos passados. Selvião, que té li se vinha gloriando em sua vontade nas obras de seu senhor, esquecido daquella gloria e contentamento, lhe vieram lagrimas aos olhos, tendo em presença os temores em que naquella casa se vira; porém o cavalleiro do Tigre que o sentiu, vendo que os outros se occupavam no espanto de tamanha cousa, se chegou a elle, dizendo: Amigo Selvião, quem de sua parte tem as lembranças da Senhora Polinarda, não creias que nenhum feito ache grave de acabar. Isto em seu nome o commetti e acabei, e n'elle achei o remedio; por isso não cuides que fiz muito. E tornando-se aos outros, disse: Deixai, senhores, de gastar tempo em cousas tão pequenas; vamos comer, que nos está chamando Satiafor. Bem é, senhor Palmeirim, disse Beroldo, que as tenhaes em pouco; pois pera vós nenhuma póde ser muito; mas

nem por isso as tenhaes em pouco, que na verdade não são pera isso. Satiafor os levou a uma sala grande, singular de vêr a obra della, e terrea, corria-lhe um tanque d'agua pola porta, de que se regava um jardim povoado de muitas arvores dellas pera fructa, outras pera sombra, posto tudo por sua ordem e em seu lugar. Aqui lhe deu de jantar mui abastadamente, que Satiafor, além de o ter por natural, desejava ganhar a vontade ao cavalleiro do Tigre. Assim passaram o dia, e chegada a noite acharam leitos pera todos, que ficaram do despojo de Eutropa; que, além de ser rica e gram senhora, estava sempre provida de cousas necessarias a hospedes, que assim lhe convinha pera agasalhar os amigos; que os imigos outro gasalhado lhe parecêra melhor que o seu.

CAPITULO CXX.

DO MAIS QUE O CAVALLEIRO DO TIGRE PASSOU NA ILHA PERIGOSA.

Ao outro dia pola manhã os quatro companheiros se sahiram ao jardim, que antre as cousas notaveis daquella casa não era menos pera ver e as ter em muito; que como quer que Urganda nelle costumasse lograr as sestas dos verões com seu amigo, o ordenou a seu gosto. Estava feito em repartimentos, que se dividiam uns dos outros com ruas largas, tanto por compasso, que em nenhuma parte

parecia que sahissem fora delle; prantados pola borda uns ulmeiros crescidos e de muita rama, todos de um tamanho e medida, e postos por ordem igual, que lhe dava muita graça. De um ao outro por todo o comprimento das ruas havia caniçadas de tantas galantarias e invenções, quantas não pareciam possivel caber no juizo humano; tão novas, como se foram acabadas aquelle dia. O chão das ruas lageado com pedras brancas e verdes á maneira de lijonjas com que ficavam mais nobres e galantes. Tantos quantos eram os repartimentos, que no jardim se faziam, tantas eram as differenças d'arvores, ervas e outras flores conformes ao lugar; que em uns havia arvoredos de troncos mui grandes, as ramas tão altas, que pareeia tocar as nuvens e tão bastas, que apenas se podia andar antr'ellas, de qualidade e natureza, que na maior força da calma se meneavam com vento, e o sol por antre as suas folhas não tinha força pera impedir a sombra: em outros, outras arvores criadas pera uso da vida, de tão singulares fructas, quanto a natureza se podia esmerar: em outra parte flores continuas de todo o anno de tantas diversidades de côres, quantas a primavera traz comsigo, quando se mais refina. Em algum destes campos verdes sem nenhuma outra mistura d'uma erva baixa quasi tosada, pera alli lograr o sol, quando a humanidade o desejasse. Em outro repartimento havia rochas da penedia aspera e fragosa cubertas de era e outras ervas, conforme a sua propriedade: do mais alto d'ellas desciam canos d'agua, que ao descer vinham dando de pedra

em pedra, e eram compostas por tal arte, que o rugido d'agua nas pedras formava toda quanta harmonia rouxinoes e outros passarinhos alegres podem fazer no tempo, que mais são pera escutar. No pé da rocha todas aquellas aguas se recolhiam em tanques cercados de uma pedra cristalina lavrada de maçonaria d'obra romana, cheia de tanta subtileza e galanteria pera dar contentemento aos olhos quanto ao juizo humano seria trabalhoso comprehender. O que nestas cousas era mais de notar é que nenhuma dellas padecia corrupção, com que as alli prantaram: as arvores com sua folha, as flores com sua flor, os campos com sua graça e verdura, as rochas com sua aspereza e galanteria. E sobre tudo em lugares convenientes fontes d'agua clara, que sahida dellas se sumia por canos secretos, e logo tornava a sahir por esguichos apertados com tamanha furia, como lhe fazia trazer a força, com que sahia, cahindo em pias da mesma pedra grandes e lavradas do lavor dos tanques. Dalli se repartia aquella agua por lugares diversos, uma pera uma parte, outra por outra, toda por canos de metal postos por ordem, com que se regava geralmente todo o jardim e cada cousa sobre si. Isto não por mão de ninguem; mas a mesma ordenança dos canos hia visitando e correndo tudo. Não sem misterio se regava de contino, que esta agua era de tanta excelencia ou a propriedade da terra o causava, que na virtude della se sustinha cada cousa sem corromper. Tanto tiveram que ver os cavalleiros em algumas destas cousas, que se fez hora de comer, no qual

se detiveram pouco, que quizeram tornal-as a ver mais de vagar. Nisto passou o dia; porque cada uma havia mister pera si outro dia. E tornando a despender naquellas cousas, o mais que delle ficava, se fez noite, a maior parte da qual gastaram em louvar o saber e descripção de Urganda: impedindo com esta pratica tanto o somno, que já quasi manhã entraram nelle. Depois de levantados, Satiafor se veio á elles com outro caso novo, dizendo contra o cavalleiro do Tigre: Parece-me, senhor, que depois de haver as cousas desta ilha por velhas se acham novidades nella. No meio d'aquelle jardim, donde hontem passeastes e eu visito cada dia, em lugar mais descuberto e desoccuppado, que todos, achei agora uma camara quadrada e grande da mais singular obra e invenção, que nunca vi: porque inda que as outras obras desta casa sejam havidas por milagrosas; a meu juizo e parecer estava muito por cima dellas. Não pude entrar dentro, que achei a porta occupada de dous gigantes temerosos e grandes, que a guardam. Agora, senhor, a podeis ir ver, que, segundo suspeito, naquella casa deve estar algum gram thesouro guardado de muito tempo pera galardão dos outros trabalhos, que nesta terra passastes. Fizeram tamanho alvoroço estas palavras em todos, que, sem mais aguardar, pediram armas e sahiram ao jardim, e no lugar onde o dia passado viram tudo raso, acharam aquella casa; que de fóra estiveram olhando, que era muito pera isso. Porque só a face das paredes de fóra estava composta de tantas galanterias e subtilezas, escul-

pidas em um marmore alvo e duro, que em cera mui branda parecia difficil poderem-se fazer. O telhado d'um curucheo de altura innumeravel, cuberto de lageas da grandura de azulejos de côres diversas, tão finissimas em si, que as não podia soffrer a vista pera determinar o certo de cada uma, que os olhos variavam na claridade dellas. Porem olhadas de longe soffria-se melhor, umas davam graça ás outras, com que as ajudavam; e todas juntamente pareciam um catasol: isto era o mais que se nellas podia determinar. Do mais alto do corucheo sahia uma aste de prata grande, onde se engastava uma grimpa a maneira de bandeira quadrada feita de materia incorruptivel. D'uma banda tinha o ceu estrelado com todolos planetas em roda e no meio delles Mercurio vestido ao modo e maneira, que os antigos o pintam; da outra o grande Hercules despedaçando o ladrão Caco, que, segundo a openião dos gentios, engoliu o fogo. Em cada canto da casa estava prantada uma arvore, e todas d'um tamanho grossura e comprimento, de tal altura, qne vinha igual com o corucheo, na rama das quaes se não podia conhecer o nome ou propriedade dellas, que ao seu pareeer eram sobre natureza. Em lugares convenientes em caixados nas paredes havia vidraças singulares, que davam claridade á casa, tambem occupadas de historias antigas, que eram dignas de se gastar nellas algum espaço. Parece-me, disse Platir, depois de bem olhado tudo, que cousa, onde Urganda tanto esmerou as mostras de fóra, não será menos pera ver de dentro; por

isso experimentemos a ferocidade dos gigantes, e se nos derem lugar, veremos o que lá vai; e eu, senhor Palmeirim, receberia mercê, se neste caso a primeira prova me desseis; pois aqui e em qualquer parte havemos de estar á vossa ordenança. Quem quereis vós, disse Palmeirim, que vos empida a vontade em cousa tanto de vosso gosto? Fazei que o vos ella pede franqueai-nos a entrada, que se vós não o fazeis; perder-lhe-hemos a esperança. O esforçado Platir por se não ver louvar de pessoa, ante quem todalas obras eram pequenas, não quiz ouvir o fim da pratica, e cubrindo-se do escudo; a espada na mão, se chegou aos gigantes, que com as maças levantadas o receberam. E porque ante a porta, que guardavam, estava um peitoril baixo de altura dous degraos, tanto que Platir poz os pés nelle; um dos gigantes, que té alli fazia espanto com a maça, a soltou em terra e dando dous passos avante, como cousa viva e não fantastica, em despreso de sua valentia e fortaleza, o tomou antre os braços e lançando-o fóra do peitoril, tornou-se a seu posto. Platir corrido de se ver assim, o tornou acometter a segunda e terceira vez; mas d'ambas lhe aconteceu como da primeira. O principe Beroldo, querendo experimentar sua fortuna, foi tirado da mesma sorte que Platir. O cavalleiro do Tigre, não lhe soffrendo o coração a vergonha de seus companheiros, não quiz esperar que Daliarte se visse nella, e commetteu o mesmo passo, porem como o preço daquella casa não lhe pertencesse, aconteceu-lhe como aos outros: não porem que um só gi-

gante o lançasse fóra do defendido; mas ambos juntamente se vieram a elle, que uma imagem d'ouro, que sobre o arco da porta estava, a modo de velha, vestida de trajo antigo, lhe bradou que acudissem ambos, e não deixassem violar o seu thesouro a homem indigno delle. Então tomando-o cada um por seu braço, apesar de sua força e esforço, o lançaram fóra do peitoril. Ainda que isto fossem cousas de encantamento pouco pera sentirem, nem doerem, não aconteceu assim ao cavalleiro do Tigre, que revolvendo na memoria todas suas boas venturas passadas, pareceu-lhe que já a fortuna o chegára ao derradeiro grao dellas, e que dalli por diante descairia; pois acabando sempre cousas tamanhas, em uma de menos qualidade podera tão pouco. Estando passando comsigo estes desgostos, Daliarte, que os sentiu nelle quiz provar a mesma aventura; não com esperança de a acabar, que bem cria, que onde a flor de todo o esforço desfallecera, ficaria o seu muito dá quem: e saltando sobre os degraos remetteu aos gigantes, que contra elle não bulliram, antes deixando-se cahir ante seus pés, lhe desembaraçaram a entrada, e chegado mais a ella, contente da obediencia, com que o trataram, esteve vendo muito de vagar o lavor e obra do portal, que eram do mesmo jaez das outras cousas. A imagem, que estava sobre elle, em presença de todos abriu uma buçeta, que tinha no regaço, pequena e muito louçãa e de tanto preço, que se não podia estimar; e tirando de dentro uma chave d'ouro pequena, a deixou cahir por um cordão

de seda preta, que o sabio Daliarte tomou e abriu com ella a porta. A este tempo o cavalleiro do Tigre e seus companheiros se chegaram sem nenhum impedimento, e todos juntamente entraram dentro, onde logo conheceram, que a victoria daquella casa de razão não convinha, senão a quem a houvera; tendo por isso em muito mór estima a sciencia de Urganda: que nella estava a sua livraria, e alli era o seu estudo. Por certo, ainda que té li nas outras cousas que havia visto, os trouxessem espantados, as daquella casa lhe pareceram muito maiores; que alem dos livros ser quasi infinitos, e nelles se encerrasse toda a excellencia de quantas sciencias se podem dizer, e estivessem postos sobre estantes d'ouro mui lavradas, e as mesmas instantes assentadas sobre alimarias e aves do proprio metal, ao parecer vivas e mortas no assocego, e as guarnições dos livros fossem do mesmo toque, eram cravadas de pedraria pelos cantos, e as brochas de pedras de muito preço. Tudo isto parecia pouco a quem mais estima as cousas conformes a seu desejo, do que cobiça thesouros d'outra qualidade; que em torno da casa no alto das paredes, onde a livraria não chegava, estavam imagens de vulto tiradas ao natural das outras, que alli se representavam, que eram as mulheres mais assinadas em formosura e parecer, que té aquelle tempo houvera no mundo; vestidas de côres e roupas tão novas, como se foram daquelle dia; e cada uma do trajo, que em seu tempo se costumava; tão vivas no parecer, que enganavam a vista a não saber determinar outra cou-

sa, nem se podia acabar com o juizo de quem as via crer, que fossem corpos mortos; que em nada o pareciam senão no esquecimento dos membros pera os bulir, e da lingua pera soltar palavras, que em tudo o al não havia que duvidar. Como aos affeiçoados a estas cousas, quando as tem presentes, tudo o al lhe esquece; assim se occuparam os companheiros no que tinham ante os olhos, que tudo o passado ficou em esquecimento; em especial depois que antre aquelles vultos viram os que elles traziam na vontade. Em uma das quadras da casa estavam as que foram em tempo de Urganda, e ella antre ellas, tirada ao proprio, na idade de sua mocidade com um livro nas mãos, sentada em uma cadeira d'ouro de singular artificio: á sua mão direita a fermosa Oriana, filha de Lisuarte rei da Gram-Bretanha; com letras no regaço, que declaravam seu nome, e assim as tinham todas: de outra parte Briolanja, rainha de Sobradissa; Leonorina, princeza de Constantinopla; a infante Melicia, e Olinda sem mais outrem ninguem. De que se crê, que as outras daquelle tempo, que tiveram nome de fermosas, como no livro de elrei Amadis se conta, não eram merecedoras daquella immortalidade. Em outra quadra estavam Izeo la Brunda: Genebra, mulher d'elrei Artus, amiga de Lançarote del Lago, a segunda Izeo das brancas mãos, com outras, que naquelle tempo concorreram na Gram-Bretanha, que a tenção de Urganda era deixar memoria das maravilhas daquella terra, por ser della natural. Na outra quadra estavam outras mais

modernas e muitas. A imperatriz Polinarda, Agriola imperatriz d'Alemanha, Gridonia, Flerida, Francelina, tiradas segundo a idade, em que mais floreceram. E inda que todas as desta quadra fossem por extremo fermosas, Flerida parecia que levava o preço dellas. Na outra parte estavam as que naquelles dias concorriam, Polinarda filha de Primalião, Miraguarda, Lionarda, princeza de Tracia; Altea, Sidela, filha d'elrei Tarnaes de Lacedemonia, Arnalta princeza de Navarra, que, inda que suas obras não fossem dinas daquella casa, o parecer o merecia. No meio destas no mais digno lugar Polinarda, que tambem nesta quadra parecia que fazia inveja ás outras; mas isto não parecera assim a Florendos, se alli estivera; e tivera razão, que Miraguarda lá se lhe conhecia uma mostra tão confiada, que parecia que lhe usurpavam seu lugar. Na primeira, Oriana e Briolanja estavam tanto por igual, que seria duro determinar-se qual punha o risco por cima, posto que o vulto de Oriana tinha uma honestidade serena, que dava affeição aos olhos pera lhe darem a victoria. Porem toda a casa juntamente, quem com juizo livre e desembaraçado as quizesse julgar, nem a fermosura de Oriana e Briolanja, Flerida; Polinarda, Miraguarda, que eram as que antre as outras se mais extremavam, impediria darem a honra daquella casa a Iseo la Brunda. Deixemos os affeiçoados; que estes cada um dará o louvor a quem estiver entregue; que esta ceguidade tem o amor, e daqui veio pintarem-no assim; mas quem tivesse desoccupado o espirito, mal po-

deria negar esta verdade. Os quatro companheiros, esquecidos de si mesmos, punham os olhos no que viam, cada um espantado do que diante tinha: occupado em pensamentos, que d'alli nasciam, não viam os extremos dos outros, especialmente os do cavalleiro do Tigre, que vendo ante si o cuidado, que sempre o atormentára, ornada e composta de sua natural graça, vestida da propria roupa e trajo, em que a derradeira vez a vira, não cria que fosse cousa composta ou feita de outrem; antes affirmava ser aquella a mesma Polinarda sua senhora, como a essa a olhava, assim a temia, assim a receava, e assim se lhe encommendava antre si mesmo, dizendo. Senhora, eu sei mui bem que sois essa; e pois o sois, não seria mal, que em pago ou satisfação do que vos quero e vos mereço, trocasseis alguma hora a vontade pera comigo. Mas com quem fallo, ou que presta o que digo, pois pera me ouvir sois surda, pera me fallar muda, tudo o com que me podeis dar vida tendes morto, o que me dá pena, esse acho vivo pera mais meu damno? Porem se de tractardes-me assim, sois satisfeita, não tenho de que me aggravar, que em fim o que quereis isso quero, e do mal que me fazeis vivo contente, cuidando que o sereis vós, que na confiança disto me sustento, e pode ser que não acerto. Desta maneira cada um passava outras razões com quem lhe dizia o desejo; quem não achava com quem as passar, occupada a fantesia em todas partes, não sabendo onde a affirmasse. O infante Platir tinha alli a princeza Sidela, filha de Tarnaes rei de La-

cedemonia, que elle servia em sua vontade, e depois casou com ella e foi rei e senhor daquelle reino. Beroldo, principe de Hespanha, porque não achou seu cuidado naquella casa, passava aquelles espaços com menos contentamento, não querendo confessar-se a si mesmo, que quem lho dava, fosse menos pera a povoar, que as outras que alli estavam: que isto tem os bons namorados, serem tão contentes do que amam, que não querem confessar a ninguem ventaje. E na verdade, Onistalda, a quem Beroldo servia, era pera a terem nesta conta; e se não se achou antre as outras, foi porque, as que Urganda pera aquelle lugar escolheu, eram tudo extremos da natureza. Acabado de cada um soltar as palavras, que lhe a fantesia representava, disse Daliarte: Senhores, segundo vou vendo, se vos não forem á mão, aqui quereis fazer assento perpetuo, e umas imagens mortas serão verdadeiro esquecimento do que vos deve lembrar; por isso não deis tamanha victoria de vós a quem a não sabe sentir, que seria consumir o tempo em vaidades sem nenhum fructo; o verdadeiro treslado, que vos essas representam, n'outra parte o tendes; essas vamos buscar, qne estoutras cada vez que volo a vontade pedir, estão offerecidas a logrardes o seu parecer fantastico sem contradição de ninguem. Nisto se virou pera elle o cavalleiro do Tigre, dizendo: Que quereis que faça, senhor Daliarte, quem vir as maravilhas desta casa, senão occupar o juizo nellas e perder o sentido pera não saber cuidar em al? De mim vos digo, que, maravilhado do que

vejo, não sei onde estou: vêde que fará o que o tem entregue n'alguma destas imagens! Isto disse o cavalleiro do Tigre, por não dar a entender à nenhum dos outros a affronta, em que seu coração se vira: Então se sahiram todos por ser já tarde, e se foram desarmar e comer: e porque lhe pareceu, que na ilha não havia mais que vêr, determinaram logo partir-se. Arjentao com os outros da Ilha Profunda foram ver tódolas particularidades daquella terra, que lhe pareceram mui grandes. O cavalleiro do Tigre, querendo despedir-se de Satiafor, em presença delle e dos mais da ilha, chamou Daliarte seu irmão, e com palavras de muitos dias cuidadas disse: Senhor irmão, se eu não cuidasse que alguma hora a minha fortuna me chegaria a tempo de vos poder pagar e servir alguma cousa do muito que vos devo, ter-me-hia por homem de fraco conhecimento. E pois nestes dias d'agora não tenho de meu cousa, em que me possaes ver esta vontade, peço-vos que por penhor della acceiteis de mim esta ilha, que é a cousa desta vida, que com maior risco de minha pessoa e despeza do meu sangue ganhei: nisto haverei que satisfaço meu trabalho. E pois este lugar é mais merecedor de vós, que de outrem, e vós mais delle, que ninguem, não me negueis o que vos peço; nem engeiteis este desejo, que me haveria por injuriado. Ao menos deve-vos lembrar, que o melhor desta terra guardou Urganda pera vós; por isso aceitai o senhorio della com a mesma vontade, que vol-o eu offereço. E daqui mando a Satiafor, que como a mim vos obedeça,

e a vós peço por mercê, que o honreis como eu o espero; de sorte, que de vós tire o galardão do muito, que lhe devo. Senhor, respondeu Daliarte, esta ilha é a que se deve queixar com causa, pois lhe negais o seu premio em tiral-a de vós, pola dar a quem custou tão pouco. Eu a acceito, porque sei que nella vos hei ainda de fazer muito serviço em cousas, que o tempo descubrirá e que ainda estão por vir. Satiafor não ficára meu subdito, mas como companheiro igual será tractado de mim, assim polo merecimento de sua pessoa, como polo mandamento vosso, que de necessidade hei de cumprir, como se fosse divino precepito. Nisto lhe pediu a mão pera lha beijar, mas elle o tomou nos braços, e apertando-o antr'elles, lhe disse: Queira Deus, senhor irmão, que me deixe o tempo ter com que vos sirva, que então vos mostrarei quanto sou em conhecimento do que vos devo. O principe Beroldo e Platir lhe tiveram em mercê a que fez a Daliarte, dizendo que fôra a mais justa e melhor empregada, que nunca viram; porque a habitação da ilha só pera elle parecia aparelhada. Satiafor, ainda que desta troca não fosse satisfeito, dissimulou sua vontade, por não criar odio no novo senhor; e com esta dissimulação de sua pena lhe deu logo a obediencia, pedindo porem ao cavalleiro do Tigre, que d'ahi por diante o não tratasse por vassallo estranho, nem se esquecesse delle. O cavalleiro do Tigre lhe satisfez com palavras, de que Satiafor ficou contente, e de que depois nasceram obras muito verdadeiras. Logo se determinaram

partir, deixando Daliarte por alguns dias naquella terra. O cavalleiro do Tigre se embarcou com Arjentao na sua fusta, com tenção de ir tomar terra firme, onde mais perto podesse, e dalli se tornar Arjentao á sua governança; e pera ir assim só, pediu licença a Beroldo e Platir, dando por escusa, que tinha uma aventura pera passar, que de necessidade havia de ir só, e parecer a prazo sinalado. Elles a receberam, porque cuidaram seria assim, ou porque conheceram delle, que seu desejo era andar desacompanhado. Embarcando-se na outra gallé, em que vieram, se foram a via de Constantinopla, e em pouco tempo tomaram terra, onde desembarcaram e seguiram sua viagem. O cavalleiro do Tigre aportou tambem a outra parte, onde despediu Arjentao, que com muitas lagrimas se apartou delle e se foi a governar a Ilha Profunda, e usar de seu officio, com que o povo recebeu contentamento, que suas obras o fazia digno de o recebreem com elle.

CAPITULO CXXI.

DE COMO ALFERNAO CHEGOU Á CORTE DE CONSTANTINOPLA, E DO QUE PASSOU N'ELLA.

PASSADOS alguns dias depois da partida do cavalleiro do Salvage da côrte do imperador seu avô, estando elle e todos os grandes de sua casa postos em gram cuidado, acompanhados de muita tristeza, por não terem novas de sua salvação, tendo

as mais certas de ser perdido, polas que trouxera seu escudeiro, que já havia dias que ahi estava, e contára o que lhe acontecêra ao passar do rio, onde a nuvem cobriu a barca, que do mais que depois succedeu, não sabia nada, aconteceu, que estando um dia sobre meza praticando com alguns principes e cavalleiros nesta desaventura e no máo conselho que tivera o imperador em deixal-o ir assim, entrou pola porta da sala Alfernao, tanto mais velho do que alli viera a primeira vez, que quasi o não conhecia; porque o medo que o acompanhava, e a fortuna daquelles dias lhe arrugaram muito o rosto, e fizeram enfraquecer os membros, inda que comtudo logo dava o ar de quem era. E chegando ante o imperador, lançado debruços, lhe beijou por força os pés, dizendo: Mui poderoso senhor, peço-vos, pois vossa benevolencia, humanidade e virtude a todos é geral, que em mim não desfalleça. Bem sei que se por minhas obras me julgardes, nenhuma razão terei, que me escuse de grave pena; mas aqui póde suprir vossa condição real, costumada a perdoar toda culpa. Eu, senhor, sou o velho que por minha desaventura, depois de ter idade pera repousar de meus máos pensamentos, quiz vir á vossa côrte exercitar minhas obras, segundo sempre costumei. E fingindo necessidade que não tinha, me déste vosso neto Floriano pera soccorro do que vos pedia. Então, contando-lhe por extenso o mais que passava, lhe disse que elle o enviava a sua magestade, pera que sabendo a verdade o descançasse do cuidado, em

que poderia estar. Por certo, Alfernao, disse o imperador, vós me tendes posto em uma das maiores affrontas, em que me nunca vi. Não sei que paciencia baste pera perdoar o odio, que vos tenho, senão fôra trazendo-me novas da saude de meu neto. Eu dou muitas graças a Deos, que de vossos pensamentos e ira de Colambar o livrou. Outra hora eu terei melhor resguardo no que me cumpre; vós sereis exemplo pera me ensinar o modo com que me hei de fiar de lagrimas fingidas, cãas muito alvas, e idades cançadas. A' Arlança agradeço eu o que neste caso fez: se a minha casa vier, eu lh'o pagarei de sorte, que fique contente. A quem d'aqui mais devo é á tormenta do mar, que foi causa de sua salvação. Vós i-vos repousar, e em minha côrte podeis esperar por elles, ou irdevos, qual mais quizerdes, que de hoje por diante estaes em vossa liberdade; e eu quero-me ir á imperatriz, dar-lhe essa nova, de que ao presente estão mal certas ella e suas filhas. Mas como quer que a este tempo já a cousa andava espalhada polo paço, primeiro que o imperador se levantasse, veio ella com Gridonia pola mão, e traz ella Polinarda e a princeza Lionarda, que não era a que menos sentia a perda do seu cavalleiro. O imperador as recebeu, dizendo: Bem vejo, senhora, que tardei em vos não ir buscar mais cedo; mas o desejo que tive d'ouvir todo o que aconteceu a vosso neto, e perigos que passou, me deteve. Então fazendo-as sentar, mandou a Alfernao que lhe contassse tudo de novo. Arfernao, a quem isto era gra-

ve, por não trazer tantas vezes suas maldades a campo, o fez muito contra sua vontade, de que aquellas senhoras lhe cobraram odio mortal, que nas mulheres sempre a ira e desejo de vingança está prestes, e o perdão mais arredado. E não podendo soffrel-o ante si, fizeram com o imperador que o despedisse; de que Primalião levava muito gosto em vêr o pouco soffrimento que n'ellas havia. A este tempo aconteceu outro caso novo, pera que o prazer de todo fosse perfeito, que ouviram mui gram grita no terreiro do paço; e era, que como aquelle dia Albaner, escudeiro do principe Beroldo, que trazia a Colambar por mandado do cavalleiro do Tigre, chegasse, e entrasse com ella polo terreiro, todo o povo acudia pola vêr, como a uma das cousas mais monstruosas, que nunca naquella terra se víra. Os moços e rapazes faziam tamanha matinada, que soava por todo o paço e cidade. Entrando Albaner na sala, onde o imperador estava, com Colambar pola mão, fez ainda muito mór abalo, que o haviam por cousa nova, e não sabiam o que fosse. Alfernao tanto que a viu e conheceu, acabou d'assentar que tudo era perdido. Chegando-se mais a ella, lhe disse: Parece-me, senhora, que a desaventura que me trouxe, alcançou tambem a vós: peço-vos que a recebaes com paciencia, pois a fortuna assim quer, e de longe trazia guardado. Quando Colambar, que té li occupára a vista no imperador e naquellas senhoras, se virou contra Alfernao e o conheceu, suspeitando que lhe fizera alguma traição, polo vêr

tão d'assocego, deu um grito tão fóra do costume das outras mulheres, que parecia que a sala se fundia: traz elle saíram uns soluços roncos do mais fundo do peito, tão espantosos e tristes, que a imperatriz e aquellas princezas com suas damas não podiam soffrel-a, e haviam dó e medo della, tudo juntamente; porque, além de ser demasiadamente grande e feia, ter o rosto espantoso, mal assombrado, o choro a fazia muito mais feia. Acabado das lagrimas dar lugar á lingua, disse com voz ronca e temerosa: O' Alfernao, n'isto parou a confiança que sempre em ti tive, o amor com que Bravorante, meu marido, te tratou? Que é de Arlança, minha filha, onde a deixaste; a que imigos a entregaste, que assim me fizeste orphãa della, fiando-a eu de ti? Senhora, disse Alfernao, bem se parece que me trataes como quem não sabe o que passa: duvidardes minhas obras e lealdade não é muito, que por natural vos vêm, em nenhuma cousa ser confiada perfeitamente. Ainda agora acabei de contar duas vezes minhas desaventuras, tornal-as-hei a contar outra, e serão tres, pera que saibaes o que me deveis, e pouco que vós e eu devemos á fortuna. Então contando-lhe tudo o que por elle passára desd'o dia que se della apartou, té áquelle, assim como o contára ao imperador, lhe disse mais: Arlança, vossa filha, fica contente de si, dizendo, que se quizerdes que como mãi vos trate, é necessario fazerdes-vos amiga de quem nunca fostes, esquecerdes-vos da morte de vossos filhos e do odio que tinheis ao matador delles, senão

que será forçado, além da perda de seus irmãos; que percaes tambem a ella. Crê-me, Alfernao, disse Colambar, que sobre toda minha desventura nenhuma cousa estimo, nem me doe tanto, como as palavras que me dizes e ouço d'essa que pari. Prouvera aos deoses que o fim que vi de todos meus filhos, víra della, antes que chegar-me minha vida a estado de a vér contentar-se do destruidor de seu sangue. Já agora venham todolos desastres que o mundo pode dar, que não os sinto, nem os temo, nem quero nenhum bem a troco de meu mal. Como a paixão daquella nova fosse grande, não se podendo ter em pé, se sentou no meio da casa; quasi morta, cerrando-se-lhe os espiritos de todo, de sorte que por algum espaço não pôde fallar. No qual Albaner teve tempo de dar sua embaixada ao imperador e lhe contar tudo o que na ilha Profunda passára; a morte do gigante, a cruel batalha que o cavalleiro do Tigre houvera com elle, a de seus sobrinhos com Beroldo, Platir e Daliarte; de que Primalião e Gridonia estavam bem contentes, vendo as altas cavallarias de seu filho. Contou-lhe mais, como a ilha ficava polo cavalleiro do Salvage, e Argentao por governador della, e elles partiram pera a ilha Perigosa, onde estariam uns dias, e tornariam na via de Constantinopla. Já sei, disse o imperador, que todolas boas venturas se guardam pera Palmeirim: se eu soubera que elle levava tão bom guia comsigo, como Daliarte, houvera pequeno medo de Floriano se perder. Já os quizera ver em minha casa, que mi-

nha disposição me diz que hei de lógral-os pouco. Chamando outra outra vez Alfernao, lhe perguntou se a tenção do cavalleiro do Salvage era andar muito tempo em Hespanha. Senhor, disse elle, té mostrar a Arlança o castello d'Almourol. Isto ouviu mui bem a princeza Lionarda, e como quem já estava entregue ao amor, pesou-lhe daquella jornada, crendo que a vista de Miraguarda podia nelle fazer alguma mudança: de outra parte tornava a cuidar, que achando-se lá, faria batalha com o guardador de seu escudo; e que vencendo-o em nome della, seria mais seu louvor. Porém antr'estas duas differenças, a que lhe mais doia, essa receava, que era, poder-se namorar de Miraguarda, e ficar ella com o cuidado posto em homem, que tivesse o seu em outrem. Polinarda, que lhe sentiu este medo, como tambem trazia o sentido naquellas cousas, lhe disse: Senhora, deixai andar vosso cavalleiro por onde sua vontade o levar; que eu vos affirmo que não ha cousa no mundo que lhe mude a com que d'aqui partiu; e o tempo vos mostrará se o conheço bem ou mal; nem hajaes medo ás mostras de Miraguarda, que não sois vós quem o deva ter de ninguem. Senhora, disse Lionarda, a vós não se pode encobrir o temor em que estou; se fôra outra pessoa, encobrira-o, porém pera comvosco, eu vos digo, que vivo n'esse receio, e folgo que m'o tireis com essas palavras, que por serem vossas me descançam. O imperador mandou a Alfernao que dissesse a Colambar, que visse que sua paixão não se podia curar com outra maior pai-

xão; que se consolasse e crêsse, que naquella casa acharia muito bom gasalhado por ser mãi d'Arlarça; e se em tanto que ella vinha, se quizesse fazer christãa, que lhe faria tanta mercê e honra, que com ella podesse esquecer parte de sua pena. Mas como Alfernao lhe quizesse fazer esta arenga, Colambar não podendo soffrer nem ouvir taes palavras, determinou fazer um feito novo e nunca visto, que posta na derradeira determinação de sua vida, tocada de desesperação e do favor do diabo, se levantou em pé, dizendo: Como, Alfernao, isto merece a fé e confiança que de ti tive, que te troques tão prestes da banda de teus imigos, que, não contente de me renunciares e engeitares por elles, queres que renuncie e esqueça a lei dos deoses em que nasci e me criei, e em que espero d'acabar? Ora aguarda, que eu darei fim a minha vida junto com teus pensamentos damnados, pera que outra hora seja exemplo a quem faz o que não deve. E lançando os braços n'elle, o apertou com toda sua força, e levantando-o do chão, se chegou a uma das janellas, que na sala mais perto de si achou, e antes que ninguem lhe podesse acudir, o deitou pera abaixo, e a si tambem traz elle, onde ambos acabaram; que além da altura ser muita, o terreiro em baixo era calçado de pedra dura, onde se trataram tão mal, que Colambar morreu logo, por ser mais pesada: Alfernao durou té outro dia. Ao imperador pesou muito d'isto e a Primalião tambem; mas a imperatriz e outras princezas folgaram por se ver desaba-

fadas de Colambar, que andavam assombradas della. E por ser já tarde, se recolheu cada um a seu apousento. A princeza Lionarda e a senhora Polinarda gastaram alguns espaços no contentamento que receberam da boa nova, que lhe viera de seus servidores. que té li não fôra boa, antes tal, que as fazia muito tristes N'isto passaram algumas horas, que antr'ellas não havia nenhum segredo: que isto tem a verdadeira amizade.

CAPITULO CXXII.

DE COMO VIERAM OS PRISIONEIROS QUE FICAVAM EM PODER DO TURCO, E FOI SOLTO ALBAYZAR.

Ao outro dia, depois de passadas estas cousas, e dado sepultura aos corpos de Colambar e Alfernao, o imperador com toda sua côrte, restituido ao prazer e contentamento, que d'antes não tinham, estando sobre meza, perguntando a Albaner; escudeiro de Beroldo, principe de Hespanha por algumas particularidades da ilha Profunda, entrou pola porta um cavalleiro velho, que por seu mandado tinha cargo da guarda do porto de Constantinopla, e com os giolhos no chão lhe disse: Senhor, se as novas que vos hontem chegaram de vossos netos vos deram contentamento, nem as que agora quero dar são menos pera estimar. No porto desta cidade são entradas quatro galés do

Turco, em que vem Polendos vosso filho, com Belcar e todos os outros prisioneiros de vossa casa, que em seu poder estavam. Quizvol-o fazer saber antes que desembarcassem, porque ninguem sentisse o gosto de trazer esta nova antes que eu. Tão sobresaltado ficou o imperador com este prazer supito, de que tinha a esperança incerta, que sem dar outra resposta se saíu pola porta da sala, e desceu ao terreiro, quasi sem lhe lembrar a que ía ou como ía: que este esquecimento costumam trazer comsigo as grandes alegrias, quando vem a tempo, que se duvidam e muito desejam. Sendo já em baixo, achando-se desacompanhado, se deteve um pouco, sentado em um poyal, esperando que lhe trouxessem em que cavalgar. E caso que muitos dos que alli chegaram lhe quizeram fallar, e dar o prolfaça de seu contentamento, a ninguem respondia; que tinha o juizo e sentido occupado em suas boas venturas, succedidas uma traz outra, e pedia a Nosso Senhor, que com alguma pequena desaventura se purgassem. Que natural é de discretos, traz o bem esperar algum revez, e quando a fortuna em maior felicidade os pozer, então haver-lhe maior medo. Com imaginação destas cousas, de mistura com a alegria de ver os seus em inteira liberdade, de que algum tanto vivia desconfiado, banhava com lagrimas suas reaes cãas, lembrando-lhe tambem quanto no derradeiro quartel de sua idade o tomavam aquelles acontecimentos alegres, e quão pequeno tempo de vida lhe podia já ficar pera lograr o gosto delles. Estando envolto

antre umas e outras maginações, chegou o princi-pe Primalião seu filho, a que já fôra a nova das vindas das galés, que o fez cavalgar; e assim com pouca companha se foram ao porto, onde os seus desembarcavam. Lá acharam a mór parte da gente da cidade, porque todos assim principes e senhores, como de toda qualidade, acudiram áquella parte com desejo de ver os prisioneiros. Já a este tempo Polendos estava em terra desembarcado com Belcar, Onistaldo e outres muitos. O imperador se desceu a pé, por lhe fazer cortezia, e os abraçou um e um. E posto que este recebimento fosse pera elle uma das mais alegres cousas e dos mores contentamentos que em sua vida passou, todavia recebia pena de ver que Polendos, e quasi a mór somma daquelles seus cavalleiros traziam comsigo os verdadeiros sinaes e mostras de sua desaventura. Que os mais delles vinham com as barbas crescidas fóra de compasso, o carão do rosto amarello, e as disposições fracas e bem cançadas; e alguns que de Constantinopla ao tempo da partida de Targiana foram mancebos e gentis homens, agora vinham ao contrario, que traziam os cabellos brancos, os membros envellecidos: nenhuma cousa havia nelles, que não désse testemunho da vida que passaram. Pois, depois de saídos em terra, o imperador os recebeu com aquelle verdadeiro amor que sempre lhe tivera. A Belcar teve nos braços apertado grande espaço, que lhe lembrava, que o criára em sua casa de pequena idade, com tanto amor como a Primalião seu filho,

sem fazer nenhuma differença antre elles, assim no modo do serviço como na criação, por ser filho de sua irmãa e de Frisol rei de Hungria, seu verdadeiro amigo; e sobretudo, que polo servir, se fôra com Targiana áquella desastrada jornada, pera onde fôra mancebo bem disposto, e agora tornava ao contrario. Assim que a lembrança destas cousas o fazia sentir algum tanto menos a boa ventura daquelle dia. Já pode ser que tambem aquella hora lhe lembrasse, que pois via velhos aquelles que com razão podiam ser seus netos, representasse na fantasia sua idade delle proprio, que segundo regra de natureza, podia durar pouco, e que desse pensamento lhe nascesse a maior parte da tristeza, que então mostrava, que tendo Belcar nos braços, lançava muitas lagrimas, que poderiam vir do cuidado destas cousas. Não é muito suspeitar-se isto delle, que natural é os velhos trazerem sempre a occupação do espirito nas cousas da vida, o fim ante os olhos, o pensamento nos vicios, de que o temor da morte os não desvia: posto que isto se não devia entender neste excellente principe, que de todalas virtudes era dotado. Recear ou temer seu derradeiro fim não é muito; que lhe vinha por natureza, como a homem humano composto da fórma e materia dos outros homens. Depois que assim esteve com Belcar algum espaço, e teve comprimento com todos, em especial com Onistaldo, filho de Recindos, tornou a Polendos seu filho, e despediu de si toda a tristeza e lembrança, do que o fazia triste; e com o

rosto alegre lhe lançou os braços em cima, e encostado a elle, se partiu pera o paço, sem querer cavalgar, indo e praticando em sua viagem, e perguntando-lhe por Targiana sua amiga. Primalião se metteu antre Belcar e Onistaldo, e assim desta maneira cada cavalleiro daquelles, occupado de seus amigos, seguiam o imperador. Chegando ao paço, acharam já a imperatriz com toda sua casa, que os estava esperando; e foram della recebidos, cada um segundo a qualidade de sua pessoa. Logo os mandaram apousentar pera repousar do trabalho passado. Os principes foram agasalhados dentro na casa do imperador, segundo sempre costumava, quando chegavam de similhantes lugares; mas antes que acabassem de se despedir, entrou pola sala um escudeiro Turco, que chegando ao imperador em presença de todos, lhe disse: Senhor; Almançor, embaixador do gram Turco, diz, que por te não estorvar o contentamento e alegria, que na vista dos teus recebestes, não quiz sair em terra, e os mandou desembarcar a elles. Pede-te, se n'isto usou alguma descortezia, lh'a perdões, pois sua tenção o salva: ámanhãa te virá vêr, e dar sua embaixada, com a qual espera algum tanto escurecer o preço deste dia. Por certo, escudeiro, disse o imperador, que me acho um pouco alcançado em não lhe fallar, nem perguntar por elle; e se n'isto houve algum erro, tambem me deve desculpar o alvoroço destes homens, que me fez esquecer de tudo; porém se ahi houver em que emendar este esquecimento, eu o farei

com boa vontade. E pois a sua é dormir esta noite nas galés, ámanhãa nos veremos, onde satisfarei a pouca-lembrança de hoje. Com estas palavras se tornou o escudeiro com a resposta, e o imperador e a imperatriz se fôram cada um ao seu aposento. Ao outro dia o imperador ouviu missa em casa da imperatriz, onde tambem jantou, que ella lh'o pediu, desejando fazer festa a Polendos, Belcar e Onistaldo, a que assim mesmo teve por convidados. Acabado o jantar, mandou o imperador os principaes de sua côrte com toda a outra cavallaria, que fossem receber ao embaixador, a quem quiz fazer esta honra, por ser o que lhe trouxera os seus, além do mouro o merecer, que era mui gram senhor. Polendos, Belcar e os outros quizeram ir tambem ao recebimento, por lhe pagarem parte d'algum gasalhado que delle receberam no mar, cousa, que algum tanto se fez contra vontade de Primalião, que tinha por condição com os imigos ser escasso de comprimentos; mas ao imperador não pesou, que sua inclinação era desviada nesta parte da de seu filho. Tanto que Polendos e toda a outra gente chegaram ao cáes, onde as galés desembarcavam, elle com Belcar e Onistaldo sómente se metteram em um batel, e foram á galé do Turco, e n'ella vieram com elle té pôr a prôa em terra, onde juntamente saíram. Vendo o mouro tão principaes pessoas e tanta nobreza naquella côrte, que Polendos lh'os mostrava e dizia quem eram, bem enxergou que aquella humanidade e cortezia procedia da grandeza de animo de quem os gover-

nava, e bém lhe parecia que homem tão amado de todos, teria no tempo de sua necessidade mais amigos que o ajudassem e defendessem, que imigos que o destruissem. O imperador o esperou em casa da imperatriz com Primalião e os grandes de sua casa. Como este embaixador fosse o proprio, que alli viera outra vez commetter a troca dos seus com Albayzar, e conhecesse já todalas princezas, fez-lhe ao imperador e a ellas seu acatamento com mais cortezia e menos soberba, do que fizera a outra vez. O imperador lhe fez muito gasalhado, pedindo-lhe perdão se o dia d'antes tivera algum descuido cerca de sua pessoa. Senhor, disse elle, bem sei que a cousa, que se mais estima, faz esquecer as outras de menos valia: vossa alteza não tem de que pedir perdão, nem eu de que me aggravar. Porém deixando isto, digo, que bem se lembrará a duvida que teve de m'entregar Albayzar, a outra vez que aqui vim; em quanto o Turco, meu senhor, não lhe entregasse os seus, dizendo-lhe eu, que pera segurança do contracto ser firme, bastava sua palavra: já agora estareis fóra deste receio, pois tanto d'antemão cumpre comvosco, e elle não sei se estará sem algum em quanto não vir Albayzar em sua casa, não tendo de sua parte mais segurança, que a palavra de Targiana sua filha, que tomou por penhor e fiança de estar seguro, e fez entregar os vossos. Ella vos pede, que a desempenheis com mandar-me entregar Albayzar, que o Turco sobre este caso não me mandou que vos dissesse nada. Havida resposta d'is-

to, vos darei outra embaixada de sua parte, com que não sei quanto folgareis, por ser cousa, que já agora não pede a vossa idade. Não sei o que isso é, disse o imperador, mas sei-vos dizer, que tão ensinado me tem a fortuna a vêr cousas grandes, que não sei se me poderá mostrar alguma, que tema muito. A' senhora Targiana tenho em mercê o que por mim fez cerca da soltura dos meus, e peza-me do odio e imizade que seu pai quer ter comigo, que só pola conservar, quizera que fôra ao contrario. A confiança, que lhe fica de cuidar desempenharei sua palavra, não é errada, e lhe vem me conhecer melhor que seu pai, que por carecer deste conhecimento de minha pessoa, carece tambem da confiança que de mim se deve ter. A ella mereço eu todalas mercês que me faz, e só na vontade que me fica de lh'o pagar e servir, acho que sou merecedor de m'as fazer. Quanto a Albayzar, eu tenho escripto a Recindos rei de Hespanha, que m'o mande, já com a certeza desta troca; e não creio tardará muito: por isso deveis vos deter alguns dias, que não póde tardar, e com isto sereis aviado, e o Turco seguro de seus receios, e a senhora Targiana servida. Pois mais cedo do que vossa alteza espera, creio que será aqui, disse o embaixador, que vinte dias primeiro que eu embarcasse, partiu uma galé pera Hespanha, em que vai a donzella, que da outra vez mandou a princeza Targiana com recado de minha vinda al rei Recindos e Albayzar, que com a certeza dos vossos serem já nesta terra, deve tardar menos; e pois

quanto a isto já não ha que fallar, té vir de lá alguma nova, digo que esta carta de crença mandeis lêr, e depois vos direi o mais, que me foi mandado. Tirando do seio um pergaminho dobrado e sellado com o sinete e armas do Turco, lh'o metteu na mão. O imperador o fez abrir e lêr, e vendo que não dizia outra cousa, senão que em tudo lhe désse inteiro credito, lhe mandou que dissesse o que queria e ao que fôra enviado. Senhor, disse o embaixador, bem cuido tereis na memoria a vinda da senhora Targiana a vossa côrte, a maneira com que veio, tirando-a vosso neto por engano de casa de seu pai. E porque depois que ella esteve em vosso poder e da imperatriz, recebeu della e da senhora Polinarda vossa neta, e de vós tantas mercês e honras e tão bom gasalhado, que pera sempre a pozeram em obrigação de vol-as servir; diz o Turco, meu senhor, que posto que polas imizades passadas desejou toda sua vida fazer-vos guerra, e conquistar este imperio, sendo pera isso requerido de seus vassallos, rogado de seus amigos; tendo agora presentes os rogos de sua filha, e a obrigação em que vos está por sua parte, quer vossa amizade, e pôr em esquecimento todalas imizades passadas, com tal condição, que em uma cousa lhe façaes justiça; que, segundo de vós se diz, elle vos tem por tão justificado, que nas cousas que vos mais doerem, querereis mostrar vossa virtude: e quando lh'a negasseis, será forçado vingar-se, por força, da justiça que lhe não fizerdes por vontade; e é que todavia lhe entregueis ou

mandeis entregar o cavalleiro do Salvage, pera delle mandar determinar segundo seu maleficio. E pois em todo sois perfeito, que n'isto não careçaes da virtude que em vós ha. Senão que desde aqui torna a engeitar o desejo e boa vontade, que vos tem, e tem de vossa amizade, desafiando a vós e toda vossa côrte com animo damnado, pera tomar a mais cruel vingança que se nunca viu. Não quizera, disse o imperador, que pedindo-me justiça, fora com ameaços; porque ainda que tivesse vontade de a fazer, esses medos m'a estorvariam; quanto mais que eu não tenho que elle por nenhuma via tenha justiça no que pede. Se diz que Floriano trouxe sua filha, eu o confesso; mas foi por seu mandado e rogo della. Em fim, eu hei por tempo perdido dar desculpas neste caso; baste que o cavalleiro do Salvage não entregarei por nenhum preço, se não a quem o estimar tanto como eu. E que eu quizesse, não quererá elle, que vive comsigo, nem seu pai, que é um principe poderoso. Se todavia esta razão me não basta, pera não ser desafiado, seja muito embora; peza-me não ser em tempo, que com as armas lhe podera mostrar o pera que fui; e pera então quero o cavalleiro por companheiro, antes que esperar á cortezia que com elle o gram Turco quererá usar. Esta é a resposta que neste caso vos posso dar. Agora podeis repousar, e como vier Albayzar, podereis ir-vos, se vos o tempo der lugar: e se não, em quanto a que estiverdes, se vos fará a honra e gasalhado, qui mereceis e eu desejo. Bem sabia eu, disse o embaixador, que esta era a resposta mais certa que

minha embaixada havia de ter ; mas pois tenho cumprido o a que vim, não fallarei mais n'isso. A este tempo se levantou Polendos, pedindo ao imperador que lh'o désse por hospede o tempo que alli estivesse; e levando-o pera sua pousada, lhe soube mui bem mostrar com mais humanidade se tratavam os imigos, que em casa do Turco os amigos. Primalião ficou contente do que seu pai respondeu, porque n'elle nenhuma moderação nem temperança havia, vendo a soberba com que as palavras destes embaixadores do Turco vinham sempre misturadas. Quem crerá que a princeza Lionarda não sentiu pedir o cavalleiro do Salvage pera ser sacrificado antre seus imigos ? Por certo em quanto o imperador não acabou de lhe dar o desengano, sempre seu coração esteve occupado de um receio temeroso, nascido do amor com que a primeira vez o olhára. Nem foi tão secreto o medo em que se então viu, que lh'o não sentisse a senhora Polinarda, com que depois da imperatriz se recolher a seu apousento, apartadas da outra companhia, praticaram no caso. Como Lionarda não soubesse nada da vinda de Targiana áquella côrte, pediu-lhe que lh'o contasse ; de que lhe depois pesou, que ouvindo dizer do preço e fermosura della, o muito que fizéra polo cavalleiro do Salvage, e o esquecimento com que a depois tratára, o teve por homem sem fé, sem amor, nem lei, desamoravel por extremo, pesando-lhe ter posto seu amor em quem o não sabia ter a ninguem ; e com o cuidado que lhe nasceu deste novo

cuidado, começou a imaginar de que maneira o varreria da vontade, pedindo pera isto conselho e ajuda a Polinarda. Porém ella lhe foi á mão, pesando-lhe de tamanha e supita mudança, buscando palavras, com que a mais arreigasse na primeira tenção, dizendo: Senhora, crêdes vós que o que Floriano usou com Targiana se possa usar comvosco? Devia-vos lembrar, que o amor pera com ella não lhe era licito, nem honesto, mais que em quanto lhe fosse necessario; que elle estava captivo em poder do gram Turco, e pera sair não teve outro modo senão o que ella lhe deu. Pois depois não quereis que lhe lembrasse que era christão e ella moura, e que com fazer-lhe a vontade a ella, offendia a Deus? Por certo, peior julgado ficara, se outra cousa fizera; mas comvosco não se deve esperar isto, que sois mais fermosa que Targiana, tão gram senhora como ella; mereceis que vos sirva todo o mundo, dina de terdes esta confiança, e muito mais dina de culpa, se a perdesseis algum hora. O cavalleiro do Salvage é vosso, em vosso nome cuida que desbarata qualquer affronta, nem quer nenhum bem senão o que por esta via alcançar; por isso não haja em vós cousa que desfaça esta certeza. Senhora, disse Lionarda, tanto podeis comigo, que, com o que me dizeis, troco logo a vontade, vendo cousas que me fazem duvidar, que me lembra, que anda por Hespanha com muitas mulheres traz si, mostrando amor a todas; não sei quem em tantas partes o reparte, como n'alguma o póde ter

certo. Senhora, respondeu Polinarda, não tragaes á memoria cousas tão pequenas, que não são essas as que vos a vós devem lembrar, nem que a elle o façam esquecer. Isso são brincos que sempre costumou: lembram-lhe em quanto os vê, depois que os perde de vista, não lhe lembra se os viu. Todas suas lembranças são em vós, isto crêde e fiai-vos de mim, que o conheço de mais dias. Tamanha força tiveram estas palavras, que amansaram de todo a Lionarda; e com isto se foram descançar, desejosas de vêr o fim a cuidados incertos: que em quanto não descançam a quem os tem, não se passam sem trabalho.

CAPITULO CXXIII.

DE COMO O CAVALLEIRO DO SALVAGE CHEGOU Á CORTE DE HESPANHA, E O QUE NELLA PASSOU COM ALBAYZAR.

Alguns dias esteve o embaixador do Turco na côrte do imperador, esperando por Albayzar em companhia de Polendos, que o tratava bem ao revez do que lhe a elle fizeram em Turquia. O imperador com Primalião e alguns seus privados gastavam muito o tempo no muito que se devia a Targiana, louvando bondade tão inteira em pessoa nascida de homem tão damnado, e de tão má inclinação; porque os prisioneiros não sabiam fallar em al, senão nas muitas mercês e honras que della receberam contra vontade de seu pai; e sobretudo

haviam por certo, que suas lagrimas os remiram; e que á custa dellas foram comprados e tirados da prisão. Pois, deixando a elles, tocaremos no cavalleiro do Salvage, que, segundo conta a historia, depois que no reino de Hespanha venceu os quatro cavalleiros da floresta, e ganhou as donzellas, caminhou tanto por suas jornadas, que um dia, quasi vespera, chegou á cidade de Brusia, que agora se chama Toledo, onde então estava el-rei Recindos, contente e alegre polas novas que lhe vieram da soltura de seu filho e dos outros cavalleiros, que estavam em poder do Turco. Chegando ao terreiro do paço, levando as armas trocadas, por não ser conhecido pola divisa do Salvage, que assim acostumava esconder nos lugares onde se queria encobrir, se deteve com o elmo enlazado, e mandou um escudeiro com recado á rainha e damas, que Arlança e as outras donzellas que trazia comsigo, lhe pediram, que naquella côrte quizesse mostrar alguma cousa do preço de sua pessoa; e como fosse pouco avarento de suas obras, quiz-lhe fazer a vontade. O escudeiro se foi ao apousento da rainha, onde tambem achou el-rei, que jantára com ella, e lançando os olhos a toda a casa, posto que viu muitas damas e algumas fermosas, bem lhe pareceu, que tudo o que via em comparação da grandeza da côrte do imperador, na qual já estivera, era quasi nada. Acabado de passar por esta maginação, fez seu acatamento al rei, e posto de giolhos ante a rainha, disse em alta voz: Senhora, um cavalleiro estranho, em

cuja companhia venho, diz, que passando por esta terra desejoso de servir al rei, trazia determinado com nenhum de sua casa fazer armas, ainda que a fortuna ou o tempo offerecesse cousa em que lhe fosse necessario: agora forçado d'algumas donzellas que traz em companhia, a quem não pode sair da vontade, lhe convêm não seguir a sua: pede de mercê a vossa alteza haja por bem que se alguns servidores, sobre a fermosura de suas damas se quizerem combater com elle, o possam fazer; e não pede este licença al rei, assim por ser cousa desta qualidade, como por não mostrar que vem á sua côrte com desejo de o desservir. Muito folgou el-rei e a rainha de vêr em sua casa aventura daquella sorte, polo pouco costume que alli havia dellas; que tudo se guardava pera a côrte do imperador, onde todolos cavalleileiros famosos queriam ir dar toque a suas obras: e se algumas se aconteciam em Hespanha, eram no castello d'Almourol; e por isso a côrte carecia dellas. El-rei vendo a rainha embaraçada na resposta, e que punha os olhos n'elle pera vêr o que mandava, lhe disse: Parece-me, senhóra, que lhe deveis conceder o que pede; assim por fazer a vontade a elle, como por não aggravardes vossas damas, que todas quererão ver o que tem em quem as serve. Se vossa alteza assim quer, disse a rainha pondo os olhos no escudeiro, podeis dizer ao cavalleiro que vos manda, que elle seja bem vindo, pois no cabo de tanto pesar, como té agora houve nesta côrte, lhe vem dar algum prazer

e contentamento; que a licença que pede, dou a todolos que com elle quizerem justar: e quando houverem de fazer batalha, que el-rei meu senhor, por me fazer mercê, lhe mandará segurar o campo; e por hoje quizer repousar, o póde fazer, que ámanhãa haverá tempo perá tudo. O maior repouso ou descanço que eu pera sua condição sinto, disse o escudeiro, será achar com quem possa correr algumas lanças; e pois vossa alteza lhe outorgou as justas, agora vejam vossos cavalleiros o que querem fazer, que eu vou-me com essa resposta. E fazendo seu acatamento, se despediu. El-rei se pôz a uma janella, e vendo o cavalleiro já no campo, cercado de tantas donzelles, chamou a rainha, dizendo: Vinde, senhora, vêr a maior novidade e a mais estranha aventura do mundo, que nunca vi quem com a companhia d'uma só mulher, que costuma muitos dias, não affronte logo, e aquelle cavalleiro parece-me que o que aos outros enfastia, a elle contenta. Por certo; disse a rainha depois que o viu, não se póde negar que ellas lhe devem assás, pois por umas não engeita outras; e crera, que pois as soffre todas, que eram muito suas parentas, se antr'ellas não vira uma, que, a meu parecer é giganta. Isso estava agora olhando, disse el-rei, e na verdade, ou este homem é algum sandeu, ou por algum caso grande anda assim com seu fadario. Estando n'isto, veio Albayzar ao terreiro vêr esta aventura, porque em sua pousada lhe deram a nova. Vinha em um cavallo ruço, rodado, grande, desarmado, e vestido

ao modo hespanhol, airoso, e gentil homem. Chegando defronte da janella donde el-rei e rainha estavam, depois de se fazerem suas cortezias, esteve assim praticando com elles; lançando juizos sobre a vida do cavalleiro das donzellas, as quaes palavras elle ouviu, e a maneira de que o julgavam: e olhando a Albayzar miudamente, lhe pareceu bem feito, e aparelhado pera grandes obras, e desejava haver batalha com elle, porque lhe lembrava as razões que ambos passaram no castello de Dramorante-o-Cruel. Mas deste pensamento o tirou um cavalleiro, que armado de todas armas, entrou no terreiro, desejoso de ser o primeiro, que a victoria do outro levasse. Cavalgava em um cavallo fouveiro, crescido; as armas de prata e ouro a coarteirões; no escudo em campo negro um cervo branco, e com a confiança que trazia, depois de fazer seu acatamento al rei, quizera logo justar. Porém primeiro chegou a elle o mesmo escudeiro, que levára a embaixada á rainha, e disse: Senhor cavalleiro, diz o das donzellas, que não costuma dar suas cousas tão barato, que não queira que de seu trabalho lhe fique algum preço por galardão de suas obras; que lhe mandeis dizer, se vos vencer, que é o que ha de ganhar; que vós se o vencerdes a elle, levareis uma daquellas senhoras, que comsigo traz, qual mais vos pedir a vontade. Bem se parece, respondeu o outro, que meu amor e o seu são desiguaes, que elle, d'as estimar tão pouco, lhe vêm não sentir o peso de as trazer. Dizei-lhe, que uma senhora, a

que sirvo, não me dá tanto poder de si, que a possa aventurar com ninguem; que venho aqui lhe fazer conhecer, que seu merecimento e fermosura é maior, que de nenhuma das que traz comsigo, nem quantas conhece. Se isto puder levar ávante, não quero mais preço, que o contentamento, e que deste se deve tambem contentar, quando a houvesse de mim; porém que lhe peço, que me mostre por qual daquellas se combate, e me diga seu nome pera saber o que ganhei. O escudeiro se foi com este recado ao cavalleiro das donzellas, a que pareceu bem a razão do outro; e quanto a dizer por qual dellas se combatia, disse que lhe dissesse, que a justa fazia em serviço da mais feia, porque essa lhe parecia que bastava; que o nome não o sabia a nenhuma, que se o vencesse, o saberia dellas. Bem sei, disse o outro, que a soberba com que vosso senhor aqui entrou, o ensina a ter tão pouco cumprimento com quem o teve com elle, pois agora quero vêr se lh'a quebrarei deste encontro. Todas estas cousas que passáram de parte a parte, ouviram el-rei e Albayzar, e desejavam vêr se as obras do cavalleiro das donzellas diziam com as palavras. E n'isto baixas as lanças remetteram um a outro. Como o cavalleiro fosse dos melhores daquella côrte e pessoa de muito estado, e servisse Polisia, filha do duque Ladislao, em cuja confiança lhe parecia que poderia desbaratar todo o mundo, deu seu encontro com toda sua força no escudo de seu contrario, e fazendo a lança em pedaços, lh'o falsou, e chegou

ás armas sem fazer outro damno; porém o das donzellas, que sempre punha o risco mais alto, o deitou tão levemente fóra da sella, que quasi parecia que não lhe tocára; e como no outro houvesse grande acôrdo, se levantou mui prestes, e arrancando da espada, quizera ver se por batalha podia vingar a injuria, que recebêra na justa; mas o das donzellas lhe disse: Senhor cavalleiro, eu não mandei pedir licença mais que pera estes primeiros encontros, deixai-me justar co'essoutros senhores, que ahi estão (porque ja ao tempo que isto passava, eram no terreiro cinco cavalleiros) e se de suas mãos ficar pera poder fazer batalha, cumprir-vos-hei a vontade. Ainda que estas razões fossem de receber, o cavalleiro as não quiz levar em conta, dizendo que por força haviam de fazer batalha, se el-rei não o atalhára com mandar-lhe que désse lugar aos outros, pois as condições, com que o das donzellas alli viera, o desobrigavam. O cavalleiro se desviou, descontente de não chegar com sua fortuna ao cabo. Logo saíu outro d'antre os cinco, armado d'armas de roxo; no escudo em campo verde uma floresta com toda a invenção de boninas, que a natureza pode dar. E posto que tambem sua valentia o ensinasse à ser confiado, teve a mesma dita que tivera o primeiro. Desta maneira aconteceu ao terceiro e quarto. Parece-me, disse Albayzar, que o cavalleiro das donzellas não as defende tão mal, que lh'as possam ganhar sem trabalho. E porque nestes encontros quebrára tres lanças que trazia, o quinto se detevé, esperando

lhe viesse outra. Albayzar lh'a mandou dar d'algumas, que tinha pera sua pessoa, porque ás vezes justava; e era negra e o ferro dourado. O das donzellas a não quiz, dizendo a quem lh'a dava: Dizei a Albayzar me perdôe não acceitar essa lança, que o pouco amor que lhe tenho, me fará engeitar tudo delle. E tomando outra que lhe deu um escudeiro d'el-rei, sem mais detença remetteu ao quinto, que o saíu a receber, e o encontrou com tanta força, que fazendo-lhe rebentar as cilhas, deu com elle e com a sella por as ancas do cavallo; e foi de maneira, que algum pouco esteve desacordado: e indo por diante, com a furia do cavallo, foi ter junto das janellas d'el-rei, pegado com Albayzar. Como Albayzar de sua condição fosse altivo e soberbo, e estivesse enojado de lhe engeitar sua cortezia, vendo-o tão perto de si, o tomou por um braço, dizendo: Dom cavalleiro, bem sei que de me não conhecerdes, vos vem tratardes com desprezo minhas cousas, e por isso vos perdôo. Não perdoeis, disse o das donzellas, que eu vos conheço muito bem, e sei que sois Albayzar soldão de Babylonia, que por comprar umas brigas comvosco, darei o que não tenho. Já vos não ficareis sem ellas, disse elle, pois tão bem me sabeis o nome; e se quizerdes aguardar que mande pôr minhas armas, com esta lança que engeitastes, vos castigarei; e quando a fortuna vos favorecer tanto, que fiqueis pera mais, faremos nossa batalha, e n'ella vos ensinarei com que cortezia se se hão de tratar minhas cousas Já vos quizera ver

armado, disse o das donzellas, que tão asinha me atrevo a desfazer-vos as armas no corpo, quam prestes as vós podeis armar. Albayzar mandou logo por ellas, e el-rei por um cavallo pera sua pessoa, em que veio ao terreiro, pesando-lhe daquella discordia; que não queria que a Albayzar acontecesse algum desastre naquelles dias, primeiro de ser entregue ao imperador, em cuja mão estavam os prisioneiros que deram a troco delle; e tinha em sua vontade por nenhuma via consentir batalha antre elles, que temia as fôrças do cavalleiro das donzellas. A rainha estava contente de ver aquelle acontecimento e aventura em sua casa, e as damas tambem, por ser cousa nova naquella côrte; em especial aquellas, que podiam passar o tempo á custa d'algumas, cujos servidores foram desbaratados; e haviam que as donzellas vinham bem acompanhadas; e ser cousa dura podel-as ganhar ninguem, em quanto as o seu guardador quizesse defender. A uma só cousa não sabiam dar razão: como um cavalleiro tão extremado se deixava vencer de mulheres, que na fermosura não faziam nenhum extremo; e umas diziam ás outras, que pois em nome da mais feia mostrára tamanhas obras, que faria quando se combatesse pola mais fermosa? Assim que nisto passavam tempo, umas rindo, outras sentindo o desastre de seus servidores; que assim é tudo, o que dá prazer a um, entristecer a outro.

CAPITULO CXXIV.

DAS GRANDES JUSTAS, QUE ANTRE O CAVALLEIRO DAS DONZELLAS E ALBAYZAR HOUVE.

NÃO tardou muito que dous escudeiros de Albayzar lhe trouxeram as armas, que eram de negro e ouro; o ouro em menos quantidade que o negro, de sorte que quasi se via por uma saudade, com que eram mais louçãas e galantes. Acabando de se armar, tomada a mesma lança, que o outro lhe engeitára, disse contra el-rei. Peço-vos, senhor, por mercê que me não estorveis vingar-me do despreso, com que me este cavalleiro tratou, que eu não creio queirais que em vossa corte me seja feito nenhum. Senhor Albayzar, disse el-rei todo serviço, que podesse, queria que se vos fizesse em minha casa, e não cousa, de que recebessedes escandalo; porem quanto haver batalha com este cavalleiro, não o hei de consentir, que não sei o que succederá, e o imperador teria de que se queixar de mim. Bem creio, disse Albayzar, que esta lança me acabará de fazer contente, e quando assim não fosse, já eu me agravarei de vossa A. me não deixar chegar ao cabo com meu desejo. Pera que são tantas palavras, disse o das Donzellas, justemos se quizerdes; que depois, segundo a fortuna vos favorecer, assim fareis. Rogo-vos, disse Albayzar, que me digais quem sois, ou como vos chamam, que por duas cousas o desejo: a uma, se me vingar, saberei de quem alcan-

cei victoria; a outra, que quando assim não fôr, lembrar-me-ha vosso nome pera vos buscar em toda parte. Nem nisso vos quero fazer a vontade, disse o outro: uma só cousa vos descubro, e esta tomai por derradeira reposta, que sou o maior imigo, que nesta vida tendes, e que de el-rei não nos deixar fazer batalha, fico bem aggravado, que ha muito tempo que o desejo, e agora cuidei de cumprir minha vontade; mas pois el-rei m'o estorva; algum dia virá em que a satisfaça. Se me eu não engano, disse Albayzar, agora vos conheço, e lembra-me que vos vi em casa de Dramorante o cruel, e tambem tenho na memoria as palavras, que ahi passomos, e prometto-vos, que se viver, me lembrem com estas d'agora e sejam causa de muitos purgarem a culpa, que vós só me tendes, e então não haverá padrinhos no meio, que me estorvem a vingança, que agora podéra tomar; porem esquecida esta memonencoria, que ficará pera seu tempo, vos peço que em nome de alguma mulher, que muito estimeis, querais correr uma lança comigo, porque, quem a sua ha de offerecer em nome de Targiana, ha de ser em cousa de mais gosto. A que a vos parecer peior de todas estas, que trago em minha companhia, disse o das Donzellas, essa tomo por valedora, e em seu serviço quero fazer esta justa e mostrar-vos, que pera mim qualquer favor basta. Todavia, disse Albayzar, vos peço, que polo que cumpre ao preço e authoridade de quem me isto faz pedir, queirais mudar a tenção. Far-me-heis fazer, disse o das Donzellas, o que não cuidei. Eu ha pou-

cos dias que tenho um cuidado, a que me não quizera encommendar, senão n'outros casos móres. Agora, que m'o assim pedis, quero em seu nome justar comvosco. E para que de todo fiqueis contente vos affirmo, que é mais fermosa que Targiana; de tamanho merecimento como ella e não muito desigual em estado. Não me pergunteis quem é, que este segredo guardo pera mim só. Já agora, disse Albayzar, não quero mais detença, que não me soffre o animo louvores alheios em quem não pode ter nenhum despreso. Tomando ambos do campo o necessario, remetteram um ao outro com a mais acesa vontade, que por ventura nunca se achou em algum delles; que Albayzar tinha diante de si o amor de Targiana, o odio e aborrecimento de seu contrario; o das Donzellas a lembrança de Lionarda e ser aquella a primeira cousa, que commettia em seu nome. Assim que, encontrando-se no meio dos escudos, fizeram as lanças pedaços e passaram por diante sem mais damno. Tomando outras, que el-rei mandára trazer, correram a segunda vez; e posto que se tornassem a encontrar em cheio, não se trataram peior que da primeira. El-rei estimava muito a valentia do cavalleiro das Donzellas e desejava saber quem era; que de Albayzar não havia que dizer, que já era conhecido e tido em muita conta por suas obras. Desta sorte passaram á terceira carreira, e nesta foram os encontros de mais força, ou o causou, que andavam jamais fracos, que o das Donzellas perdeu um dos estribos e quazi se encostou ao arção trazeiro; e

Albayzar perdeu ambos e se abraçou ao collo do cavallo. Corrido cada um de lhe acontecer àquelle desar, tomaram outras lanças. Albayzar disse ao das Donzellas: Peço-vos, senhor cavalleiro, que haja antre nós algum concerto e seja este. E antes que mais dissesse, respondeu o das Donzellas. Não quero comvosco senão todo desconcerto; por isso não cureis de palavras, que ou vos hei de derribar, ou não confiarei mais em cuidados alheios: viverei sem elles, como sempre fiz. Por certo, disse Albayzar, pouca cousa vol-os fará deixar, ainda que os muito estimeis, segundo em vós vejo; com tudo, peço-vos hajais por bem, se vos derribar desta vez, que vos vais presentar de minha parte ao gigante Almourol e lhe digais que comvosco hei por desempenhada minha pessoa da obrigação, em que me poz Miraguarda; posto que já estava fóra della; porem que o faço, pera que veja quanto póde um encontro dado em nome de Targiana; e vós, se me derribardes, mandai-me onde quizerdes e fal-o-hei, com tanto que não seja impedir minha jornada. Tão enfadado me tendes com vossos partidos, disse o das Donzellas, que, por me não cometterdes outros, digo que aceito esse; e se este encontro não me val pera acabar esta porfia, nunca mais os darei em confiança d'outrem, encommendarei-me a mim mesmo, que em fim este caminho achei sempre mais certo. E tornando-se arredar a um do outro, depois de se encontrarem com toda a furia que os cavallos podiam levar, e as lanças desfeitas em rachas, se toparam dos corpos e escudos com

tanta força, que o cavalleiro das Donzellas perdeu ambos os estribos e ficou quasi sem acordo, e Albayzar, perdido todo juizo, cahiu no chão, e antes que tornásse em si, se passou algum espaço. O das Donzellas, depois de tornar-se a concertar na sella, vendo-o ainda desacordado, disse: Não me parece que de não haver batalha antre nós, sois vós o que perdestes menos. E mandando-lhe tirar o elmo, ficou algum tanto com o sentido mais esperto e conheceu seu damno. El-rei, pelo honrar, se desceu a pé e o ajudou a levantar. Albayzar, disse o das Donzellas, já conhecerei o estado, em que vos vossa fortuna poz; o que quero de vós é, que na corte do imperador, pera onde estais de caminho vos presenteis ante a princeza de Tracia, que ali achareis, que vos parecerá mais fermosa que Targiana, se vos o amor não cegar; e dizei-lhe que um cavalleiro estranho, que ao presente chamam o das Donzellas, vos manda presentar ante ella, como pessoa, que em seu nome se venceu. Porem que me peza, sendo este o primeiro serviço, que lhe faço, ser de menor qualidade, do que eu quizera. Eu farei o que me mandais, disse Albayzar, pois foi postura d'antre nós, e com tudo alguma hora, se eu viver, presentarei essa vossa cabeça á senhora Targiana em vingança da offensa, que hoje recebe por minha fraqueza. Desta vez ficareis assim, disse o das Donzellas, que pera adiante, quando nos virmos nos entenderemos: vossa A., endereçando as palavras al rei, me dê licença, que tenho muito que fazer n'outra parte; e perdoe-me

não lhe dizer quem sou; que por agora não é em mim: baste que estou a seu serviço aqui e em todo lugar. Não sou tão de bom contentar, disse el-rei, que com tão pequeno comprimento me satisfaça; mas pois vossa vontade é não vos conhecer, peço-vos que alguma hora passeis por minha casa menos encuberto, que só polo que vi de vossas obras, se vos fará toda a honra, ainda que de vós mais não saiba. Beijo as mãos de vossa A. disse o das Donzellas, que bem sei que esse é vosso costume, e de tão real condição não se póde esperar al. Então, tomando nas mãos uma lança, das que sobejaram da justa, abaixou a cabeça em signal de cortesia, e fazendo tambem seu acatamento á rainha, se despediu em companhia de suas donzellas, que, vendo sua valentia, cada uma se perdia por elle e elle por todas, que assim era seu costume. El-rei se recolheu com Albayzar, que de descontente não fallava nem queria lhe fallassem; que isto é condição de homens agastados. A rainha quizera que el-rei não deixára ir o cavalleiro das Donzellas: e ás damas pesou muito mais; porque todas são affeiçoadas a cousas novas. Tambem receberam descontentamento do vencimento de Albayzar, que, pola conversação do tempo que alli estivera, lhe desejavam victoria, alem d'o elle merecer por obras. O cavalleiro das Donzellas, tanto que sahiu da cidade, não andou muito que não anoitecesse, e acertou de ser em uma floresta algum tanto afastada de povoado; mas por ser no verão, tempo em que se póde gasalhar em qualquer parte, quiz repousar do trabalho pas-

sado e esperar a claridade do dia debaixo de uns sovereiros altos, onde havia uma fonte d'agua clara e mui singular. Ahi se desceu Arlança e toda a outra companha; e depois de cearem alguma cousa que comsigo traziam, se apartou algum tanto pola floresta, com tenção de as deixar mais a sua vontade, e foi-se lançar desviado dellas ao pé de uma arvore, onde com o elmo posto á cabeceira começou maginar em Lionarda, e aquella nova lembrança lhe tirava o somno, porem tinha tão fraças raizes nelle, que com qualquer cousa o perdia. Aconteceu que neste tempo Arlança, a quem o seu amor mais atormentava, vendo que as outras donzellas, vencidas de somno ou de trabalho, adormeceram, tendo o seu cuidado esperto, já desesperada de o ver esquecido della, não podendo dissimular sua pena, depois de ter comsigo mil differenças namoradas, pondo á parte tudo o que a sua honestidade convinha, determinou ir buscal-o; e chegando a elle, vendo-o acordado, se encostou sobre as ervas e começou dizer. Oh cavalleiro do Salvagem, bem bastara pera vos vingardes de mim o damno que me tendes feito, e não quererdes me fosse forçado padecer esta vergonha, que não são minhas cousas tão encubertas a vós, que nas mostras dellas não conheçais minha vontade, e parece que té nisto me perseguiu a ventura. Peço-vos que agora, que de todo vos descubro meu erro, me valhais; que se assim o não fizerdes, sereis causa de commetter outro mór. Acabadas estas palavras, cahiu com a cabeça sobre seus peitos, quasi sem acor

do. Elle a tomou nos braços e com muitos affagos, fora de sua condição, a começou consolar, dizendo: Senhora Arlança, não vos estimo tão pouco, que queira mostrar-vol-o em obras damnosas a vossa honra. Peço-vos que esta desculpa hajais por verdadeira; e se quereis que vos falle mais claro, digo-vos, que minha vontade foi, em quanto vos não devi muito, fazer o que vos pede agora a vós a vossa; mas depois que vos tive outra obrigação, não sou de tão máo conhecimento, que vol-o queira pagar em cousa, que tem o contentamento breve e o arrependimento pera sempre. Eu comigo vos tenho buscado marido tal, qual me parece que mereceis; e guardo pera isso o estado, que ficou de vosso pai, que vos eu farei dar, e o mais que poder juntar pera vos servir Não queria houvesse em vós tacha pera perder isto, ou cousa que me dê pejo commetter a quem vos possa merecer: peço-vos me tenhais polo mais certo amigo do mundo; apartai de vós esse outro pensamento, que isto é o que vos cumpre. Acabadas estas razões, a tomou pela mão, e tornou com ella onde as outras dormiam. Mas Arlança aquem aquella escusa não pareceu bem, com a dôr que tinha da vergonha que passára, posto que não lhe respondesse, porque a paixão lhe emmudeceu a lingua, esteve determinada de fazer de si algum desmancho. E não achando em si nenhum modo de repouso, acordou uma das donzellas, que era a que lhe deu a elle o annel no castello de Alfernao, que a esta queria maior bem e descubria suas cousas; e dando-lhe conta do que lhe aconte-

cêra, lhe pediu com muitas lagrimas, que naquella affronta lhe desse algum remedio ou conselho. Por certo, senhora, disse a outra, não vejo cousa de que vos devais aggravar, que o cavalleiro do Salvagem, se vos nega o que lhe pedis, ou o que delle desejais, é pera mais vossa honra; nem creio, que em homem tão esforçado e de tão real sangue caiba soltar palavras pera enganar ninguem com ellas, senão antes creio, que fará por vós mais do que promette. Por isso, senhora, descançai e contentai-vos mais do que achastes nelle, que do que desejastes achar; e se me derdes licença, eu lhe pedirei que me diga com quem vos determina casar, e tambem lhe porei diante vossa vontade, pera ver se se move alguma cousa. Arlança lhe lançou os braços no pescoço, dizendo: Bem sei, minha amiga, que sempre em vós tenho certo o caminho de meu descanso; peço-vos que vades pera elle, e se o não poderdes vencer ao menos desculpa-me, porque não fique por tão má. Ora, senhora, deixai-me com isso e vos repousai: não sintam estas donzellas nada; que seria infamar-vos a vós e a mim, e descontentar a elle. Então, indo-se pera onde o cavalleiro se encostára a primeira vez, o achou já desviado, por Arlança não tornar mais a elle. A donzella chegou ao lugar onde jazia, que era ao pé d'um azinheiro grande e sombroso, e achando-o lançado de bruços, lhe poz a mão nas costas, e disse: Quem tão acordadas traz as vontades alheias, com menos repouso havia de ter seu dono. O cavalleiro do Salvagem ergueu os olhos, e vendo não ser Arlança,

se levantou em pé: e como esta donzella antre todas fosse a que melhor lhe parecesse, a recebeu com palavras differentes das outras passadas, que eram cheias de seu respeito, forjadas todas de enganos compostas de seu desejo. Mas antes que despendesse muitas a donzella lhe disse: Senhor cavalleiro, eu venho pelejar comvosco; peço-vos que vos senteis, ouvi-me de vagar e pedir-vos-hei uma conta. Queria que dissesseis, qual é a razão porque vos não lembra que Arlança por vós servir negou sua mãi, fez o que não devia a seus irmãos, perdeu o seu patrimonio, tudo de vossa causa, e sobre isso põe sua pessoa em vossas mãos e se acha desprezada de vós. Senhora, disse o do Salvagem, são as noites tão pequenas e ha tanto que responder, que não bastaria o espaço que della está por passar pera o poder fazer. Mas pergunto-vos que escusa dareis vós a não vos lembrar de mim, sabendo que vol-o mereço? Já sei que as mais das vezes o grande amor se costuma pagar com odio, que assim me aconteceu comvosco. Vós fazei o que quizerdes, tratai-me como vos ensinar vossa condição, que tanto bem vos quero, que com nenhum aggravo deixarei de os querer. E como antre estas palavras ás vezes lhe pozesse as mãos na roupa, e tocasse tambem as suas e a achasse repousada, sem accidentes nem repostas asperas, soltou mais as redeas á pratica e tomou mór despejo no tocar, de maneira que dando-lhe a resposta que desejava, a tornou mandar com ella feita dona, cousa que té então não fôra. E com contentamento da embaixa-

da fez mil castellos a sua senhora de cousas, em que não fallaram. E elle d'ahi por diante dormiu seu somno em cheio, que té então, o não ter passado por aquella aventura, ou o de passar por ella, lho estorvava.

CAPITULO CXXV.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGEM INDO PERA O CASTELLO DE ALMOUROL.

Ao outro dia o cavalleiro do Salvagem se poz em seu caminho com as donzellas; e porque sentiu em Arlança pejo do que lhe acontecêra, e que de corrida não ousava olhar pera elle como sahi, se chegou pera ella, e praticando em cousas, que pareciam de sua honra e proveito, a assocegou e segurou do pensamento que tanto a atormentava. Depois, tornando a praticar com todas em cousas de seu gosto, gastava assim o tempo e sentia menos o enfadamento das jornadas; porem Polifema, que assim se chamava a donzella d'Arlança com que a noite d'antes estivera, como quem cuidava que tinha nelle maior quinhão, pesava-lhe vel-o praticar com outrem; e tocada de ciumes fazia differenças no rosto, que lhe elle mui bem sentiu, que neste caso nenhuma dissimulação, moderação nem soffrimento sabem mostrar; mas como o cavalleiro de que ella queria ter posse, fosse costumado a não lha dar de si a ninguem, ainda que a entendeu, dissimulava, e quanto mais sentia nella aquel-

les agastamentos, tanto com maior despejo usava de sua condição; que com umas praticava; com outras zombava, e a que então menos parte tinha era ella, de maneira que sentindo, que seu querer arrufar se lhe fazia damno, tornou-se d'outro bordo; quanto lhe mais doía algum desengano, mais o dissimulava: assim por não dar má vida a si, como por não dar a entender o que lhe era honesto encubrir.] O cavalleiro poz logo o ponto em outra parte, e polas mais satisfazer todas, sem escandalo de nenhuma, tomava um dia pera conversar cada uma, e parece que ou lhes pareceu tão bem, ou suas palavras eram doces, ou *ellas* tão pouco discretas, que, antes que chegasse ao castello d'Almourol, todas iam arrependidas do que perderam, sem uma poder ser testemunha d'outra: assim sabia furtar as horas a tempo, que pera tudo tinha lugar. Acabado isto, chegou-lhe desejo de as perder a ellas, que esta era sua condição. Pois tornando ao mais que naquelle caminho succedeu, escreve-se, que ao quinto dia, depois que partiu da corte de Hespanha, caminhando uma tarde por um campo raso cuberto de flores alegres e côres diversas, fez descer todas, e fazendo capellas de flores, as pozeram sobre os toucados e seguiram sua via, folgando e motejando uma da outra sobre qual era mais feia e menos airosa, ou tinha menos graça: de sorte que com estes passatempos de seu contentamento se sentia menos o caminho. Mas o fio deste prazer e alvoroço se lhe quebrou com uma aventura, que no mesmo valle

aconteceu: que da banda debaixo de sob uma arvore sahiu um cavalleiro á maneira de gigante, grande e bem proporcionado; em um cavallo rosinho conforme á grandeza de seu senhor; as armas de pardo com estremos de prata, no escudo em campo verde uma Hydra de muitas cabeças, vinham com elle dous escudeiros, um, que o servia de lança, outro lhe trazia uma facha d'armas com o ferro dourado. Chegando perto, disse em voz alta contra o cavalleiro das Donzellas: Eu ha poucos dias, cavalleiro, que me achei no castello d'Almourol, e depois de vencido do vulto de Miraguarda, quiz vencer o guardador delle pera ficar em seu lugar, e por derradeiro sucedeu-me ao contrario; parece-me que o favor della, que o outro teve por si, lhe deu aquella victoria, que suas forças não eram pera tanto: e porque disto venho mal contente, quero-me vingar no que me póde dar menos contentamento, por isso lançai sortes de duas cousas qual vos vem melhor, fazerdes batalha comigo e esperardes a fortuna della e no fim perderdes a vós e vossas donzellas, ou largarm'as por vossa vontade. Nisto vos determinai logo, que eu de muito colerico não posso soffrer detenças. Vós, amigo, respondeu elle, se cuidais que em mim achareis menos defesa, que no outro de que vindes descontente, estais enganado; que ando tão costumado a não temer palavras asperas, nem haver medo a corpos gigantes, que não sei fazer caso disso. Sei vos dizer, que sobre uma capella daquellas, que leva cada uma dessas senhoras, morrerei pola defender, quanto mais sendo polas guar

dar a ellas mesmas. Vós, disse o outro, parece-me que vireis affeiçoado a alguma; e d'ahi vos vem mostrar animo e cuidareis que sois pera alguma cousa. Com tudo; porque eu sou muito de lançar mão de palavras mal ensinadas, quero-vos ainda fazer outro partido, e é este. Essas senhoras são nove, partamol-as polo meio, e o que levar as quatro, leve antre ellas essa senhora maior de corpo, dizendo isto por Arlança; que assim me parece que ficará o partido igual. E pera que vejais quam bom são de contentar, seja meu o menor quinhão. Outras tantas, como eu trago, vos quizera ver a vós, pera vol-as tomar todas, disse o das Donzellas, e não vos dar nenhuma por nenhum partido, ainda que m'o muito pedisseis. Por isso, ou as tomai por força, ou vos hi per vossa vontade, senão ir-me-hei meu caminho. Já me parece, disse o do Valle, que, ainda que me peze, quereis que vos escandelize: ora olhai por vòs. E dizendo isto abaixou a lança, que já tomára o escudeiro, e remetteu ao das Donzellas, que tambem o veio receber. Ambos se encontraram nos escudos sem se fazer nenhum damno, posto que o cavalleiro do Valle perdeu os estribos e esteve pera cahir, senão se apegára ao collo do cavallo. E ao passar um polo outro se encontraram com os corpos dos cavallos; e como o do cavalleiro do Valle fosse mais forte e o do outro fraco e cansado do caminho, não podendo soffrer o encontro cahiu no chão, e podera fazer algum mal a seu senhor, se se primeiro não lançára fóra delle, de que Arlança e todas suas amigas ficaram

pouco contentes, temendo a fortaleza de seu contrario. Porque, posto que polo que tinham visto, tivessem o seu cavalleiro por estremado, a grandeza e ferocidade do outro lhes fazia receiar a batalha. O do Valle tanto que o viu no chão apercebido de se defender; e estivesse escandalizado do encontro, que recebera, começou de receiar mais do que antes receiava; porem como nelle não houvesse mostrar fraqueza, poz-se tambem a pé, e com a espada na mão e o escudo embaraçado lhe disse: Se quizesseis ser tão amigo de vós mesmo, que consentisseis no partido, que vos cometti, ainda agora o consentirei, porque tudo queria por bem e nada por força. Não cureis disso; disse o das Donzellas, que haveis de pagar a perda de meu cavallo com vos fazer ir a pé. E não esperando por reposta, começou de o ferir; mas como no outro houvesse mór resistencia, do que cuidava, foi-lhe necessario usar de toda sua valentia, e ainda receava o fim da batalha, que em seu contrario havia muito esforço. Porem como a contenda durasse muito tempo, e o cavalleiro das Donzellas quizesse mostrar a ellas proprias que servidor tinham, o apertou, sem lhe dar um momento de repouso, de sorte que de puro cansaço, mais que feridas nem perda de sangue, cahiu a seus pés quasi desesperado da vida. Mas como lhe tirasse o elmo, e tornasse em si, mostrando o cavalleiro das Donzellas que o queria matar, lhe pediu mercê da vida. Outhorgavol-ahei, disse elle, com condição que façais o que v--mandar. Não sei cousa que não faça por v'

disse o outro. Pois convém, que primeiro me digais, quem sois, e depois disso, que no palafrem de um de vossos escudeiros vais á corte de el-rei Recindos, que do cavallo me quero eu servir polo que me matástes; e de minha parte vos presentai á rainha, a quem direis, que o cavalleiro das Donzellas, que ante ella justou com Albayzar, lhe manda beijar as mãos e lhe pede de mercê lhe perdoe o não se descubrir a ella, nem al rei; que da vinda, que vier do castello d'Almourol, pera onde vou, o farei; e dizer-lhe-heis como foi nossa batalha e sôbre que. Senhor cavalleiro, disse o do Valle, pois minha mofina me chegou a esta necessidade, farei o que mandais. A mim chamam Trofolante o medroso, se me ouvistes nomear. Muitas vezes o ouvi, disse o das Donzellas, por isso não me digais mais de vós, compri-o al, que vos mando, se quereis desempenhar vossa palavra e ficar fóra de tamanha obrigação. Então cavalgando no cavallo de Trofolante, que a seu parecer era um dos melhores que vira, e em que nunca cavalgára, o deixou no campo com seus escudeiros, e tornou a seu caminho da sorte que antes ía, praticando em amores e cousas desta qualidade, esquecido da batalha, como se a houvera com outro homem de menos conta. E porque deste Trofolante se diz no começo do livro quem era e quam valente cavalleiro, se não faz aqui mais menção. O das Donzellas, que, como digo, ía gastando o espaço, que do dia estava por passar, em amores com ellas, sendo já fóra do valle, chegou a outro valle por onde corria uma ribeira

alegre de pouca água e muitos arvoredos. E caminhando ao longo, viu que da outra banda caminhavam tres cavalleiros d'armas lustrosas e louçãas; que emparelhando com elle, estiveram quedos polo olhar mais de vagar. Um delles se adiantou um pouco, bradando que se detivesse. Elle tomou as redeas ao cavallo e virou o rosto pera o poder melhor ouvir. Senhor cavalleiro, disse o outro, eu tenho muita necessidade de uma dessas senhoras; e porque não sei qual dellas é mais pera contentar um homem, vos peço que vós, que as conheceis, m'o digais, porque da que vos mais satisfizer, serei contente. Todas me parecem a mim tão bem; disse elle, que quem mais tirar da mão ha de ser por seu justo preço. Pois eu, disse um dos outros dous, não quero que a minha fique em vossa escolha; que, depois que olhei todas, aquella senhora maior de corpo me namora; porque posto que seja pouco fermosa, sua desposição me convida a não saber desejar al, e minha vontade me diz, que alli ficarei de todo contente. Eu tambem, disse o terceiro, ahi se me inclinava o desejo, mas pois vós andastes primeiro, quero aquella outra, que está junto della, acenando contra Polifema, que antre ellas me parece mais gentil mulher: por isso vós: senhor cavalleiro ácerca de nossa escolha estais desobrigado. Agora podeis escolher a outra pera nosso parceiro, e ir-vos com as que ficarem; e das que deixardes, não hajais dó dellas, que serão bem agasalhadas. Pois eu ando n'outra volta, disse elle, e quem quizer a sua, passe aquem da água e to-

me-e com seu encargo. Pois vós quereis assim, disse o primeiro, aguardai, que eu vos mostrarei o que ganhais nesta defesa. E passando da outra parte do rio com a lança posta no reste, arremetteu a elle, que já o esperava com outra, que os escudeiros das donzellas vieram providos dellas da corte d'el-rei Recindos: e o encontrou de sorte, que falsando-lhe o escudo e armas, deu com elle no chão por cima das ancas do cavallo, tão maltratado, que por algum espaço não se pôde levantar. Os outros dous vendo a força do encontro, não curaram de o commetter por ordem, mas juntamente passaram a agua e o encontraram no escudo, onde racharam as lanças sem fazer nenhuma mossa. E porque do primeiro lhe ficara a lança sãa, a rompeo a segunda vez tanto a sua vontade em um dos outros, que o fez ter companhia a seu companheiro, levando um braço quebrado da queda, E arrancando da espada, foi ao terceiro, que com a sua na mão o acometteu com animo esforçado; porem a batalha durou pouco, que o cavalleiro das Donzellas o atormentou de maneira, que deu com elle do cavallo abaixo, e logo mandou descer um dos escudeiros, que lhe tirasse o elmo: e depois que esteve em seu acordo, disse a todos tres, que lhe convinha de estarem á obediencia do que delles ordenasse a donzella, que cada um desejára, ou esperava tomar, senão que os mataria. Tamanho era o medo que lhe tinham, que o houveram por pouca pena, consentindo nella com muito boa vontade. Então chegou um a Arlança e disse: Senhora vós sois, a que me a mim mais

pedia o desejo, mandai-me o que quizerdes, pois por minha mofina estou á ordenança de quem cuidei que estivesse á minha. Hei tão pouco mister vossos serviços, disse ella, que não sei que vos mande. Porèm, por que em toda a parte folgaria se publicassem as obras, de quem cada dia salva a mim e estas senhoras de mão de homens de tenções damnadas, ide á corte de el-rei de Hespanha e de minha parte vos presentais ás damas; e depois de lhe contar este acontecimento vosso, lhe direis que lhe peço, que se sua fortuna alguma hora as trouxer polas estradas e florestas, que seja com guardador seguro, pois no mundo ha outros como vós e vossos companheiros, de que se todos devem temer. E vós senhora, disse o outro contra Polifema, que me mandais que faça. Que sigais o mesmo caminho de vosso companheiro, respondeu ella, e tambem de minha parte digais ás damas, que ainda que o conselho da senhora seja bom, melhor é não se fiar de ninguem. Por isso trabalhem por vida repousada e não atrevessem florestas; porque inda que levem guardador que as segure d'outrem, terão mister quem as segure delle. Bem entendeu seu cavalleiro estas palavras, e ella pera isso as disse, mas elle dissimulou, como sempre costumava. Pois senhor, disse o outro que ficava, a mim que mandais, que eu não tive tempo de escolher nenhuma, porque o deixava em vós. Não sou tão sem razão, disse elle, que vos afaste de vossa companhia; ide com elles, pois estas senhoras os enviam ás damas; assim de minha parte vos presentai a

ellas e dizei-lhe, que lhe peço, que quando alguma affronta certa tivera pera passarem, que se encommendem a mim, que as salvarei della, e não temam a que podem correr comigo, nem as engane o conselho de quem lho contrario menda dizer. Porem alem do que vos ellas mandam, queria primeiro saber quem sois, pera alguma hora saber se cumpristes o que vos mandaram. Senhor, disse um delles, nós somos todos dessa cortea que nos mandais, e esta é a maior vergonha e má ventura que o tempo nos podia dar; porem passar-se-ha com serdes vós tão estremado, que o tomaremos por desculpa. A mim chamam Gravanel, este outro é meu irmão e chama-se Barbofante, somos filhos do conde de Lobão; esse outro cavalleiro é nosso primo, homem muito estimado na corte, chama-se Clarisalte. Por certo, senhores, disse o das Donzellas, em pessoas dessa marca havia de haver obras similhantes a elles e não ás que são conformes a outros quaesquer; mas donzellas é a vianda tão comesinha, que fazem todo o mundo ser de seu natural; e por isso mereceis menos culpa, e pera mim, que muitas vezes sou tentado destes accidentes, eu a hei por pequena. Acabando estas palavras, deixando-os com sua magoa, tornou caminhar ao longo da ribeira com suas amigas, contente do que fizera por ellas, e ellas muito mais contentes de suas obras: e assim lhe anoiteceu junto de uma pequena povoação de casas onde aquella noite repousaram, posto que a vontade daquellas senhoras era dormir no campo, a que elle fugia, porque mais vezes era salteado nelle, que no povoado.

CAPITULO CXXVI.

COMO TROFOLANTE E OS OUTROS CHEGARAM A' CORTE DE HESPANHA, E O CAVALLEIRO DAS DONZELLAS AO CASTELLO D'ALMOUROL.

Conta-se nas chronicas inglesas, donde esta historia foi tresladada, que o cavalleiro das donzellas, antes que chegasse ao castello d'Almourol, passou tantas afrontas e teve tantas deferenças por causa dellas, que o fez deter-se mais no caminho; e deixando-o em sua viajem, torna dizer, que estando um dia el-rei Recindos depois da partida d'Albayzar em casa da rainha, acompanhado de alguns principaes de sua corte, praticando em cousas de seu gosto, entrou pela porta um cavalleiro grande de corpo; a catadura do rosto, que trazia desarmado, algum tanto medonha e carregada; as armas, que trazia, quasi desfeitas dos muitos golpes que recebera nellas, alem disso tão cheias de sangue, que escondiam com elle as cores e devisas dellas; o escudo, que lhe trazia um escudeiro, vinha tal que quasi não havia nelle mais que as embraçaduras. E como alli não fosse conhecido de ninguem, e viesse daquella maneira, fez abalo em todos pera o olharem como a cousa nova. Mas como o cavalleiro de sua propria condição fosse soberbo e se prezasse disso, rompeu por antre todos té chegar

junto do estrado da rainha, e fazendo primeiro algum acatamento al rei, se virou contra ella, dizendo: Senhora, eu houve batalha com um cavalleiro, que nesta vossa corte esteve e justou com Albayzar, que leva em sua companhia nove donzellas; pedi-lhe que por sua vontade consentisse que as partissemos por meio, e que cada um levasse a metade: não quiz consentir neste partido, antes respondeu que folgara de me achar outras tantas pera m'as tomar todas e as levar comsigo. Determinei então haver delle por força o que me não quiz entregar de vontade; defendeu-as de maneira, que, além de lhe ficarem, eu fui vencido delle e posto no derradeiro extremo da vida, a qual salvei com offerecer-me a fazer o que me mandasse; e quiz que de sua parte me viesse presentar ante vossa A., e lhe pedisse perdão por elle de se não descobrir em vossa corte, porém que da volta que fizer do castello d'Almourol o fará: pede a vossa A. que o mesmo perdão haja d'el-rei. Não sei como isso será, disse elle: com o pesar que tenho de se me encobrir homem tão sinalado não se póde perdoar tão levemente: agora, que vejo os signaes de suas mãos nas vossas armas, o estimo muito mais. Ora senhor, disse a rainha, cada vez que elle vier, se lhe deve levar tudo em conta, que eu não creio, que quem tanto trabalha de desculpar-se, se encobriu de vossa A., senão por lhe ser forçado. Peço-vos, disse el-rei contra o cavalleiro, me digais quem sois. A

mim chamam Trofolante o medroso, respondeu elle. Muitas vezes vos ouvi nomear, disse el-rei: agora, que sei, que sois vós, tenho em muito mais conta o cavalleiro das donzellas e me fica mais desejo de o conhecer: peço-vos me digais se lhe vistes o rosto, de que idade será, e se o conheceis não mo encubrais, que receberei disso gram pesar. Senhor, disse Trofolante, nem o vi, nem o conheço, porém tenho pera mim que é algum dos filhos de D. Duardos, porque tanta força e esforço não cuido que haja em outrem; e pois já cumpri o que me mandou, peço por mercê a vossa A., e á rainha, me dêem licença pera me ir, que tenho muito que fazer noutra parte. Vós podeis ir-vos embora, disse ella, que não ha pera que vos deter; nem eu, disse el-rei, não quero de vos al, se não pedir-vos que pois essas armas não estão pera vos poderem servir, nem salvar d'algum trabalho, acceiteis outras de mim, e escolhais na minha estriberia o cavallo, que vos mais contentar; porque ainda que sei que vossa tenção foi sempre servir ao imperador Palmeirim, queria que ninguem viesse com necessidade, que quando se fosse a tornasse ainda a levar. Senhor, respondeu Trofolante, eu vos beijo as mãos por essa vontade e mercê, porém da sorte que aqui entrei, dessa espero sair. A licença quero, não mais; e pois já ma outorgastes, fique Deos comvosco, que eu vou meu caminho. E virando as costas se saiu tão mal tratado, como entrára. El-rei ficou dan-

do conta á rainha de quem era, levantando nas estrellas a valentia do cavalleiro das Donzellas polo vencer tão levemente; que este Trofolante antre os mui assignados cavalleiros daquelle tempo era contado. E não queria el-rei que nenhum dos filhos de D. Duardos viesse a sua corte pera se encobrir nella. E estando nesta pratica, pera ter mais que fallar, entraram na propria sala Gravanel e Barbosante filhos do conde de Lobão, e seu primo Clarisalte, que naquella terra eram havidos por pessoas de grande merecimento em armas, trazendo as suas espedaçadas por muitos logares. Depois de fazerem cortezia al rei e rainha, se presentaram ás damas de parte das donzellas e contaram tudo, o que lhe acontecêra, por extenso, como lhe fôra mandado. E posto que o seu desastre désse pena a todas, folgaram muito d'ouvir os recados dellas, affirmando todas que Polifema, a donzella que as avisava, tinha algum escandalo do seu guardador. Já agora, disse el-rei depois que lhe contaram quão levemente os vencêra, não terei contentamento perfeito, té que o conheça; e logo quero mandar traz elle, pera que todavia o tragam, ou me saibam seu nome, que homem, que vencendo em batalha campal Trofolante o medroso, ficou tão inteiro, que o mesmo dia tornou a vencer a vós outros sem risco de sua pessoa, não se póde deixar de saber quem é, pera pôr suas proezas no lugar onde merecem. Pois creia vossa A., disse Gravanel, que de nos vencer a nós

ficou pera poder entrar noutra batalha maior. Esta foi a mais nova cousa do mundo, disse el-rei, que o natural de todos é fugirem d'uma só mulher, se a tratam muitos dias, e pera sua condição parece aquellas são poucas. E dando licença aos seus cavalleiros se foi cada um á sua pousada, contentes das novas que acharam na côrte da valentia do cavalleiro das donzellas; porque quanto suas obras maiores pareciam, tanto menos injuriados ficavam de ser vencidos delle. Pois tornando a fallar de suas cousas, conta-se que, antes de chegar ao castello d'Almourol, passou por algumas afrontas, nascidas da conversação da companhia que levava, que acabou tanto a sua honra, como as passadas; indo contente de lhe acontecerem, porque quanto mais vezes por causa dellas via a vida aventurada, mor contentamento recebia. No cabo d'algumas aventuras chegou a vista do castello d'Almourol. Caminhando polo Tejo abaixo, como fosse em verão e as arvores estivessem cubertas de ramas, e as agoas corressem sem nenhum impeto, acharam tão gracioso o sitio e o lugar por onde caminhavam, que punham em esquecimento o trabalho que as longas jornadas fazem sentir a quem as passa. Parece-me, senhoras, disse elle, que em parte estamos, onde cada uma de vós deve mostrar quanta força tem sua formosura pera favorecer com ella quem por vós se combater; que ao pé daquella fortaleza, que vos d'aqui os olhos mostram, está a mostra de Míra-

guarda, que faz fazer milagres a quem em seu nóme se combate. E crêde que ainda que o guardador seja de seu natural fraco e pera pouco; o preço da imagem, que diante si tem, lhe presta força e esforço pera o não desbaratar ninguem. Quanto mais, que além desta ajuda e favor, que tem de sua parte, os que se aqui sempre acham, são tão extremados de seu proprio natural, que ninguem póde ganhar com elles alguma honra, que lhe primeiro não ponha a vida no derradeiro extremo de a perder.. Por isso, senhoras, lançai sortes, em cujo nome e com cujo favor hei de justar, ou fazer batalha; que agora quero vêr a quem levo comigo, ou quão bem despendi meu tempo em vos servir e acompanhar. Como o natural das mulheres é, que inda que algumas de si conheçam que devem pouco á natureza, são tão vãas, que a mais feia não confessa, que outra alguma em fermosura lhe faz vantagem; esta vaidade natural as fazia tão confiadas, que não havia nenhuma na companhia, que não cresse de si, que em seu nome se podia desbaratar todo o mundo. E Polifema, que antre as outras era a que levava mais confiança, lhe disse: Bem sei, senhor cavalleiro, que se os que se combatem por Miraguarda, levam suas victorias ávante, que lhe nascera do amor e fé, com que a servem, que será de tanta força, que lh'a emprestará a elles no tempo, que della tiverem necessidade. Mas vós que o não tendes com ninguem, nem ninguem é bem que vol-o tenha polo desamor, com que as tratães,

encommendai-vos a vós mesmo, quando em alguma affronta vos virdes; e se vos succeder mal, dai a vós a culpa, e não a guardeis pera quem está fóra della: que visto está, que nenhuma destas senhoras, que aqui vem, é pera tão pouco, que em seu nome não possaes entrar em campo contra quem quizerdes, se o desamor com que as conversaes, vol-o não estorvar. Bem pareceram estas palavras a todas, e cada uma as approvou como melhor pode. Já me parece, senhora, disse elle contra Polifema, que vindes agastada d'alguma cousa, e d'ahi vos nasce tratar-me mal sem causa, e porém eu vos prometto, que por me salvar d'essa suspeita, em que me tendes, eu trabalharei por vos mostrar quanto ao revez do que me julgaes, tenho a vontade. Assim praticando chegaram ao pé da fortaleza a tempo que Miraguarda saía de dentro pera ir folgar em um batel polo rio acima com suas donzellas e Almourol com ellas; que já naquelle tempo polo repouso do reino tinha a licença mais larga. Mas quando o das donzellas a viu de tão perto e de maneira que pode bem segurar os olhos n'ella, não podé sua liberdade isenta ficar tão em si, que se não achasse sobresaltado de todo; senão que tinha um bem, que estas cousas, ainda que o muito atormentassem, não lhe duravam mais que em quanto as via: e virando-se pera suas donzellas, disse: Que vos parece, senhoras, que me aconselhaès que faça? Não hajaes medo, disse Polifema, que nós o não temos de nada que vejamos. Miraguarda chegando ao castello, e vendo aquella com-

panha nova, deteve-se um pouco, com tenção de as olhar mais á sua vontade. Florendos, que naquella hora estava presente armado de suas armas costumadas, traspassado do que via, tanto se esquecia de si mesmo, que lhe não lembrava alguma cousa, se a tinha pera fazer; que isto é natural do amor desfavorecido, que nos favorecidos sempre fica mais acôrdo. Almourol, que viu a presumpção do cavalleiro estranho, a soberba com que alli chegara, e sentia a vontade de Miraguarda, que era ver alguma contenda, lhe disse: Senhor Florendos, olhai quem tendes diante; fazei o que haveis de fazer, que a senhora Miraguarda vos olha, e por isso se detem. Então, virando-se contra as donzellas, viu que o seu cavalleiro estava apercebido de justa, e saltando em um cavallo castanho escuro, que lhe chegou o escudeiro, contente da vista de sua senhora, disse contra o cavalleiro estranho: Senhor cavalleiro, peço-vos me digaes que tenção vos trouxe aqui, ou que penitencia é essa em que andaes; e se é necessario tirar-vos della, póde ser que o faça. Por certo, senhor Florendos, disse o das donzellas, hoje dera eu o que não tenho, porque este passo que vós guardaes, guardara outrem, e fora quem quizera, pera mostrar a estas senhoras se são pera alguma cousa. Quem me a mim sabe o nome, respondeu elle, não sei que lhe diga; porém por quão bem me pareceis a cavallo, folgaria de quebrar comvosco um par de lanças por serviço da senhora Miraguarda; e se das justas algum de nós ficar tão

aggravado ou descontente que queira batalha, então fique em vossa escolha fazermol-a, pois me conheceis, e eu não a vos. O caso é, senhor Florendos, que no mundo não ha cousa que me ponha em obrigação de fazer batalha comvosco. Quanto a justar, fal-o-hei, porque a senhora Miraguarda satisfaça o seu desejo, que só pelo que a vós vos vai, folgarei de lhe fazer a vontade, ainda que seja á minha custa. E se depois de justarmos, o senhor Almourol quizer correr comigo outro par de lanças, e no fim dellas que façamos batalha das espadas, levaria tambem d'isso contentamento, porque estas minhas senhoras confessem o que tem em mim. Bem me parece, disse Florendos, que todas essas palavras vos nascem da confiança de vossas obras; seja tudo como quereis, que quanto a Almourol, eu sei delle, que no que lhe pedis recebe gosto. Então dando fim ás palavras, tomaram o necessario do campo, e com as lanças baixas se vieram um a outro, desejoso cada um da victoria; que em tal parte, e em presença de mulheres, quem se contentára de ficar sem ella?

CAPITULO CXXVII.

DAS GRANDES JUSTAS QUE HOUVE ANTRE O CAVALLEIRO DAS DONZELLAS E O GUARDADOR DO VULTO DE MIRAGUARDA, E DA BATALHA QUE SE FEZ ANTRE ELLE E ALMOUROL.

Como os cavalleiros se aparelharam pera justar, Almourol se poz em meio, pedindo-lhes se detivessem, té que Miraguarda se pozesse a uma janella; porque, vendo a detença, se recolhera. Com isto pozeram os contos no chão e encostados ás lanças esperaram té que uma das janellas do castello se concertou pera Miraguarda; e como a janella fosse pouco alta; Florendos teve lugar de a olhar a sua vontade, gastando nisso mais tempo do que em tal tempo era necessario. E virando-se contra o cavalleiro das Donzellas, pedindo-lhe perdão de sua detença, cheio de contentamento foi pera elle, que tambem o sahiu a receber acompanhado de seu esforço. E encontrando-se nos escudos com toda sua força fizeram as lanças em rachas, passando um por outro sem fazer nenhum desar. Tomando outras, remmetteram segunda vez, e foi com tanta furia, que ambos erraram o encontro; porem como a cada um naquelles tempos não costumasse fallecer acordo, logo tornaram voltar com tenção de os acertar melhor a terceira vez. Florendos ficou algum tanto descontente de vêr a fortaleza de seu

contrario; temendo succeder-lhe algum desastre com que sua senhora tornasse fazer algum extremo com elle. E o das Donzellas tambem mui descontente de ter começado aquella justa, polo que nella podia acontecer, não estimando tanto seu desgosto como o de Florendos, receando a condição de Miraguarda; e quiz vêr-se por alguma via a podia estorvar, dizendo: Parece-me, senhor cavalleiro, que pois té aqui nenhum de nós tem de que se contentar, nem de que se aggravar, que deviamos de satisfazermos com o passado, que eu sou vosso servidor e não ganhareis nada em vencer-me; e vencer-vos eu a vós tambem me faria descontente, polo que sei que nisso a vós vai. Peço-vos me deis licença, que com Almourol, pois está armado, corra outro par de lanças pera satisfazer estas senhoras que comigo vem, e se então quizerdes vêr mais de minhas obras, nelle vol-as mostrarei. Bem vejo, disse o cavalleiao do Castello, que quererdes deixar de ir comigo ao cabo, não vos vem da pouca confiança, que tereis de vós mesmo, pois vossas obras o mostram; e com tudo não sei quam bem contado me seria, antes que de vossa pessoa saiba mais do que agora sei, deixar de me experimentar comvosco, té que um de nós sinta a melhoria do seu contrario. Por isso hade ser uma de dous: ou me haveis de dizer vosso nome pera depois de sabido vêr o que me está bem; ou tornar a nessa justa, e quebrar tantas lanças, té que a victoria ou o desgosto fique com algum de nós. Dizer-vos meu nome tanto d'ante mão, disse o das Donzellas, não

o farei por nenhum preço; tornar a justar é cousa que faço contra minha vontade, mas fal-o-hei por satisfazer a vossa. Tornando a enrestar as lanças correram a terceira carreira com toda a furia que os cavallos poderam levar, e encontrando-se em cheio dos corpos e escudos, foi de tanta força o encontro que os cavallos não se podendo suster, topando tambem um com o outro, vieram ao chão com seus senhores. O do cavalleiro das Donzellas houve uma espadoa quebrada; o do Guardador do vulto de Miraguarda abriu dos peitos, de sorte que não se pode levantar nenhum delles. Mas seus senhores se sahiram delles, ficando a pé acompanhados de seu acordo. O cavalleiro da Torre manencorio deste desastre, arrançou da espada com tenção de haver batalha. Senhor cavalleiro, disse o outro, não queria que tantas vezes experimentasseis um vosso amigo, que vos tanto deseja servir. Já vos disse que não havia de fazer batalha comvosco. Isto não é medo que vos tenha, senão razão, que tenho, de o fazer assim. Se estais descontente de me não derribardes a vosso salvo, tambem eu poderia ter o mesmo descontentamento de o não fazer a vós, se não respeitasse mais que o desejo da victoria. Por isso, mettei a espada na bainha, arrancai-a pera quem com maior odio vos vier buscar. Todas estas palavras ouviu Miraguarda, e bem lhe pareceu que a confiança do cavalleiro era grande, e quanto maior a julgava mais desejava vêr antre elle e seu guardador alguma briga, que esta era sua condição. Esta é forte cousa, disse o cavalleiro da Tor-

re, quererdes que me satisfaça de não ter feito nada, e não medizerdes a razão que tenho pera ficar contente. Eu vol-a direi, disse Artisia, uma de suas donzellas; anda tão costumado a cevar-se em homens, que não teme, e a metter-nos em consciencia, que para elle tudo é pouco, que por não perder este credito comnosco, não quer levar a batalha ao cabo; depois dar-nos por desculpa, que não quiz contra as mostras de Miraguarda pôr sua pessoa em affronta, não tendo de sua parte quem o favorecesse; como se cada uma de nós não fosse pera isso. Por certo, senhora Artisia, disse Polifema, vós dizeis a verdade, e folgo que estais tanto no certo da tenção de nosso cavalleiro, Traz Polifema todalas outras afirmaram por bom o que a primeira dissera; que o natural de cada uma era vêr discordia e perigo em todo genero de pessoa. Ora, senhoras, respondeu elle, já sei que pera comvosco tudo se perde, mas muitas graças a mim, que sou tão senhor de meu cuidado, que posso fazer o quero, e daqui vem achar-me poucas vezes enganado delle. Não foram estas palavras tão baixas, que deixassem de soar nos ouvidos de Miraguarda e do seu cavalleiro; e posto que a ella parecessem de homem sem amor e sem fé, a elle pareceram de pessoa livre, e em quem o amor teria pouca parte pera lhe fazer bem nem mal. E inda que pera viver sem pena lhe parecesse aquella condição proveitosa, a não desejava por sua; nem trocára seu cuidado com sua dôr por nenhum descanso alcançar sem algum trabalho: que isto é proprio dos

to se detivessem muito espaço sem tomar nenhum reposuso, quiz-se arredar Almourol, por poder folgar algum tanto; mas o cavalleiro das Donzellas, que sentiu sua fraqueza, o apertou tanto e com tamanhos golpes, que o fez vir a terra, por caso de uma ferida que trazia na coxa esquerda, de que se não podia menear. A Florendos pesou vêl-o em tal estado. Miraguarda desconte de seu desastre se tirou da janella, mandando que o recolhessem na fortaleza, pera ser logo curado. Florendos o acompanhou té sua pousada, e alli esteve ao curar de suas feridas, que pareciam perigosas, tendo em muito quem lh'as deu pola presteza e desenvoltura; com que o vencera. Pois o cavalleiro das Donzellas, ainda que dellas fosse desamado, ou o ao menos pouco amado, vendo-o ferido e maltatado, o ajudaram a desarmar; e assim no campo ao pé de uma arvore lhe viram as feridas, que eram pequenas e sem nenhum perigo: depois de lh'as apertarem, se armou e poz a cavallo com tenção de se partir. Mas a este tempo chegaram dous cavalleiros, que de longas terras vinham provar-se naquella aventura: um trazia as armas de encarnado com grifos de prata, no escudo em campo verde um cervo branco; o outro se armava d'armas de negro e amarello á maneira de cunhas, no escudo em campo negro o sol sem nenhuma mistura, e emparelhando com elle. O d'armas de encarnado disse ao outro: Parece-me, senhor companheiro, que já aqui nos não toma a sesta em mao lugar, que quando a mofina fôr tanta da nossa parte, que o guardador

de Miraguarda não queira fazer batalha comnosco, este cavalleiro, por desapressar-se de tamanha carga como traz comsigo, partirá della com quem tiver necessidade. Por certo, disse o outro, isso trazia na vontade; e quando elle não quizesse, tomar-lh'as: mas quem quereis que se contente de tão baixa empreza, vendo ante si o vulto daquelle escudo, que faz esquecer todo o mais. Então levantou o outro os olhos, e vendo o escudo do vulto de Miraguarda, que lhe mostrou seu companheiro pendurado na arvore, que antes sohia estar, lhe disse: Agora vejo que dizeis verdade, e não sei quem seja de tão fraco conhecimento, que antes não queira perder-se por aquellas mostras, que contentar-se com nenhuma outra esperança, ainda que a tenha de cousa que se muito deva desejar. Eu vos digo, disse o outro, que tão offerecido estou a me perder por ellas, que não partirei daqui sem levar o escudo comigo; e folgára que fôra por batalha, pera mais meu gosto: porem, pois não acho com quem a faça, leval-o-hei sem ella; ao menos por onde fôr, se a imagem delle me der algum cuidado, pondo os olhos nella ficarei lógo contente. Dizendo isto, se chegou á arvore com tenção de o tirar: mas o cavalleiro das Donzellas, como se disse, estava já a cavallo, e vendo que Florendos estaria occupado na cura do gigante, e não via o que passava, não quiz que em sua presença se lhe fizesse tamanha offensa; e pondo as pernas ao cavallo chegou ao pé da arvore onde o escudo estava; e tomando o cavalleiro por um braço, tirou tanto que

lho, nem a offensa que recebíeis: eu, polo que vos nisso ía, acudí; crêde que ou o favor da senhora Miraguarda, ou a mofina delles, os chegou ao estado em que os achastes. E pezou-me serem tão poucos, que, segundo me achei, eu vos dera boa conta delles, inda que foram mais. Peço-vos, senhor cavalleiro, disse Florendos, que me digais quem sois; que quanto mais vejo vossas obras, maior desejo tenho de vos saber o nome: ao menos saberei a quem devo tamanha mercê. Senhor Florendos, disse elle, não quero que de mim vos fique esse desgosto. Eu sou Floriano do Deserto, vosso primo, e vosso servidor, em cuja presença se vos não fará nenhum desserviço. Agora não hei por muito nenhuma cousa destas, disse elle, que pera vós tudo é pouco. Com tudo, alem dos mais aggravos que me tendes feito em não me dizer isto mais cedo, não me façais outro maior, que será não repousar aqui algum dia, que alem de querer saber mais de vós, será saude pera as feridas d'Almourol saber que as recebeu de vossa mão. Não creio, senhor Florendos, que me queirais fazer essa força; a mim me convém ser em um lugar a certo tempo, e se tardasse perderia algum tanto de minha honra; por isso deixai-me ir: a esse cavalleiro, que por derradeiro venci, que parece que está já mais acordado, vos rogo que tomeis a fé e lhe mandeis que da parte do cavalleiro das Donzellas, se presente na corte d'el-rei Recindos ante a rainha, dizendolhe a razão porque com elles fiz batalha, e se não vão d'ahi, sem sua licença; e sabei delles seu no-

me, e a mim perdoai não-ficar que não posso mais. Posto que Florendos com algumas palavras trabalhou polo deter, não o pôde acabar com elle; antes despedindo-se, se tornou na companhia de suas donzellas, que cada vez o estimavam mais; e aquelle dia repousaram em um lugar dahi perto, onde dormiu com mais repouso do que costumava, porque já do cuidado que lhe fazia perder o somno, tinha menos gram parte.

CAPITULO CXXVIII.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DAS DONZELLAS INDO PERA A CORTE DE HESPANHA.

Partido o cavalleiro das donzellas com sua companha, tornou a seguir seu caminho contra a côrte d'el-rei Recindos com vontade de que chegando lá, vêr se podia despedir-se dellas por algum modo, ficando-lhe só Arlança e suas criadas, que a esta desejava não largar de si, té a casar e honrar conforme a seu estado, e tanto a sua vontade, como mereciam suas obras. De sorte que se enxergasse quão bem se empregavam nelle algumas boas obras, que lhe era encargo. E posto que sua tenção fosse andar aquellas jornadas com muita pressa, teve alguns acontecimentos que lh'o estorvaram. Antre os quaes lhe aconteceu um, com o qual lhe foi forçado acrescentar em sua companhia, desejando despejar-se d'alguma parte da que

levava. Conta-se nas chronicas de seus feitos, que indo um dia caminhando ao longo d'uma ribeira, onde a terra era cheia de arvoredos altos e espessos, contrá a parte que o matto estava mais basto, ouviu gritos de mulher, que parecia que queriam forçar, que de haver muito que bradava, tinha a voz tão fraca e despesa, que quasi se não ouvia: e pondo pernas ao cavallo foi contra aquella parte, ondo os brados soavam, e porque a aspereza e bastidão das arvores não davam lugar a poder passar por antr'ellas, se pôz a pé levando a espada na mão, e o escudo embraçado. Chegando á borda d'agoa viu que da outra parte do rio um cavalleiro grande de corpo, armado d'armas d'azul e ouro e no escudo em campo de prata um leão dourado, tinha a seus pés uma donzella polos cabellos, que de longe pareciam fermosos e taes, que não mereciam tratarem-nos assim: tinha a espada nua na mão, com que a ameaçava, dizendo: Que se não consentisse que lhe cortaria a cabeça. Junto delle estava outro cavalleiro armado d'outras armas e divisas do mesmo toque, deitado sobre as ervas, rebentando com riso, dizendo: Já me não pesa de vos cair primeiro a sorte, por me não ver n'esse trabalho: folgo que me saíu melhor o partido do que cuidava, pois a affronta é só vossa, e o gosto de lograr essa senhora será d'ambos. O cavalleiro das donzellas vendo tamanha ribaldia em homens que pareciam guarnecidos d'outras obras, e que não podia passar o rio pola muita agoa, lhe bradou que não tratasse a donzella assim, pois

quem tão lustrosas armas trazia, mais pera as defender, que pera fazer offensa, se havia de prezar dellas. O que a tinha polos cabellos, levantou os olhos, e vendo-o da outra parte, lhe disse: Parece-me que quererdes reprehender meu erro, vos virá de terdes padrinho no meio, que não me deixará vingar de vós; pois enganaes-vos, que eu sei bem os vaos do rio, e tenho cavallo ligeiro com que vos poderei alcançar: por isso, antes que me o tempo dê lugar, í-vos embora, e sereis bem aconselhado. Deixai-o estar, disse o outro que estava sentado, que segundo me parece, vejo em sua companhia roupas de muitas côres; póde ser que depois de nos enfadar das lagrimas desta, teremos lá melhor escolha. Peço-vos, disse o das donzellas, que, pois sabeis esta terra, me mostreis por onde poderei passar, que antes quero sentir a furia de vossos golpes, que vêr-vol-a experimentar em cousa tão fraca como uma mulher. Se tanto o desejaes, disse um delles: passai a nado, que o vão está longe. E acabando de dizer isto, tornou a pôr as mãos na donzella. Foi tamanha a paixão que tomou de cousa tão mal feita, que esquecendo-se do risco que n'isso corria, pôz o escudo nos peitos, e se lançou n'agoa. E inda que o rio fosse fundo, era tão estreito que logo passou da outra banda. Ainda não punha pés em terra, quando o que estava lançado se veio a elle, dizendo a seu companheiro: fazei o que haveis de fazer, que em quanto a amansaes, eu vos farei est'outro tão brando, como agora parece aspero. Não sei como isso será, disse o das

donzellas, mas sei que já estou em parte onde vos mostrarei quão mal lograreis essa que tendes presente, e quanto peior podereis escolher nas minhas: e usando de sua força e valentia o tratou tão mal, que inda que o outro era pera muito, em pouco espaço deu com elle no chão, levando já o braço esquerdo menos. E deixando-o assim estirado, remetteu pera o outro, que soltando a donzella, acudia a seu companheiro. Porém como deste estivesse mais manencorio, por ver que era o principal naquelle negocio, pôz-lhe as mãos de maneira, que não lhe valendo sua valentia e destreza, usando elle da sua, lhe desfez as armas no corpo, e traz ellas lhe rompeu as carnes e ossos de sorte, que o outro de desconfiado da vida e de todo o remedio, tomou por conselho pedir ajuda a quem antes merecia a morte. E chegando-se á donzella, lhe disse: Senhora, peço-vos que vencendo vossa virtude o merecimento de minhas obras, peçaes a este cavalleiro que me não mate, que pois por vossa causa o fez, tambem póde ser que por amor de vós canse de ir comigo ao cabo. O das donzellas deteve os golpes por vêr o que a outra mandaria, que depois que o cavalleiro se chegou a ella, e teve espaço de a olhar, conheceu que merecia fazerem-lhe a vontade. E porque ainda de torvada não estava em si, nem dizia palavra que trouxesse concerto, deteve-se um pouco primeiro que se soubesse determinar. Por derradeiro, podendo mais a dôr que recebeu de o vêr quasi morto, que a paixão do damno que lhe qui-

zera fazer, disse contra o cavalleiro das donzellas: Peço-vos, senhor, pois já as obras deste máo homem tem comsigo parte da pena que mereciam, que lhe deixeis a vida pera d'aqui ávante a exercitar melhor, ou acabar segundo seu merecimento. Senhora, respondeu elle, quem quereis que vendo-se ante esse parecer deixe de fazer o que lhe mandardes. Este cavalleiro merece muito castigo, minha condição assim o diz; mas por vós toda ordem se hade quebrar. Então mandando aocavalleiro que elle e seu companheiro como melhor podessem se fossem á côrte d'el-rei Recindos, e se presentassem de sua parte ás damas da rainha, e jurassem de não vestir armas sem sua licença dellas, e dando-lha, não as exercitassem em desserviço de nenhuma, e lhe dissessem porque razão fizeram batalha. Elles lh'o prometteram tão cheios de temor, que por se salvar dello fizeram qualquer partido, inda que fôra mais grave. Seus escudeiros lhe fizeram andas, em que levaram o derradeiro, que por estar peior ferido não pôde ir a cavallo: e outro se subiu no seu, e o melhor que poderam se pozeram em caminho. O cavalleiro das donzellas se foi polo rio abaixo, por ver se acharia algum vao pera lhe trazerem o cavallo, e passar da outra banda; levava a donzella pola mão, que inda occupada de medo lhe não lembrava que ficava seu escudeiro atado ao pé d'uma arvore, e com um pao na bôca, que o ataram os cavalleiros, porque não bradasse; e lembrando-se tão tarde, o fez tornar atraz. Junto delle estavam presos ás

ramas d'um carvalho os seus palafrens. Fazendo subir o escudeiro em um delles, lhe disse que fosse polo rio acima tanto, té que achasse algum modo de passagem, e lhe fizesse trazer o seu cavallo. Em quanto o escudeiro tornava, se desarmou por enxugar as armas e vestido, que d'agoa lhe ficára maltratado; perguntando á donzella que desastre a trouxera contra aquella parte, ou porque causa aquelles cavalleiros a queriam forçar. Senhor, disse ella, eu sou natural desta terra, e tenho algum parentesco com a senhora Miraguarda, se já a ouvistes nomear. Sôa tão longe o nome d'essa senhora, disse o das donzellas, que não sei onde possa ser occulto. Pois senhor, disse a donzella, havendo muitos dias que a não vi, com licença de minha mãi, indo lá pera a acompanhar e servir, estes dous máos cavalleiros que vós, senhor, vencestes, encontrando comigo me perguntaram pera onde ía: acabado de lh'o dizer, disse um delles ao outro: Bem será, pois no castello d'Almourol fomos vencidos, e lá nos ficam nossas emprezas, que nos vinguemos nesta senhora, pois, além de ser fermosa, tem algum quinhão n'essa casa. Como o outro fosse conforme a seu companheiro nas obras e parecer, consentiu em sua vontade, e então porfiando qual seria o primeiro, que comigo tivesse parte, lançando sortes, caíu naquelle que me tinha polos cabellos: e porque o meu escudeiro se começou a queixar, o trataram da maneira que o achastes: quiz Deos pera que sua tenção não fosse ávante, que viestes a tal tempo, e

me soccorresseis em tão gram affronta. Por certo, senhora, respondeu elle, se tirar-vos a vós della havia de ser pera me vêr a mim n'outra mór, melhor me fôra ter por fazer este soccorro, inda que d'outra parte o contentamento que tenho, de o ter feito, quero que me fique por satisfação de minha pena. Não é muito querer-vos alguem forçar, pois esses olhos me forçam a mim tambem; por isso peço-vos que o que de vós queriam contra vossa vontade, mo deis a mim com ella. Ella poz os olhos n'elle, e como o visse mancebo, e tão gentil homem, e tivesse presente o beneficio que delle recebêra, que com tamanho risco de sua pessoa a soccorrêra, este conhecimento pode mais que a tenção, com que antes se defendia; pedindo-lhe que pois aquella terra não era segura, e ella não ousaria caminhar só por ella, a levasse té á côrte d'el-rei Recindos. Depois de lh'o elle prometter, consentiu em seu desejo, satisfazendo tambem o que já naquelle caso um e outro era conforme. Acabado isto, não tardou muito que o escudeiro tornou a mui gram pressa, dizendo: Parece-me, senhor, que neste valle ha mais salteadores do que se póde cuidar: acudi a vossa companhia, que um cavalleiro d'umas armas negras léva por força uma das vossas donzellas, que a meu parecer é a maior de todas; e porque ella não quer consentir no que lhe pede vai um seu escudeiro sentado nas ancas do palafrem, que abraçado com ella a leva forçada. Tamanha paixão foi a sua d'ouvir que lhe levavam Arlança, que sem acabar-se de armar, com

algumas peças menos, se lançou outra vez ao rio, pedindo á donzella que fosse passal-o onde lhe seu escudeiro mostrasse, e se juntasse com as donzellas, que elle seria com ellas logo. Tanto que foi da outra parte, ouviu grande pranto dellas todas, e viu que Polifema rôtos seus toucados, que arrancando seus cabellos, o vinha buscar pera soccorro de sua senhora. Porém o cavalleiro que a levava, pera que lh'o não podesse dar, mandou-lhe cortar as pernas ao cavallo, que o achou pascendo no campo, de maneira que sendo-lhe forçado seguil-o assim a pé, quiz sua ventura o alcançou antes de meia legua, que como Arlança fosse forçosa e grande, não podia o escudeiro tanto socegal-a, que não se deitasse muitas vezes do palafrem; e antes que a tornassem subir, fazia alguma detença; e pera mais ajuda o palafrem andava pouco, que estava cansado do caminho, e não podia com ambos. Com isto andavam tão pouco que o cavalleiro das donzellas os alcançou, a tempo que Arlança estava no chão, e o que a levava pegando della pera a pôr no palafrem, e pondo o elmo na cabeça, que o' levava na mão por não affrontar com elle, remetteu ao outro sem dizer palavra. O cavalleiro se quiz pôr em ordem de se defender; mas Arlança que tinha o coração varonil; e a paixão lh'o esforçava muito mais, lhe travou o braço direito, levantando-se em pé, e teve-o tão quedo, que se não pode valer; de sorte que o cavalleiro das donzellas sem senhum pejo o pode levar nos braços, não ousando de o ferir da

espada por não tocar em Arlança. E como por extremo fosse forçoso, e a manencoria lhe emprestasse mais força, o apertou tanto antr'elles que o desatinou de tudo, e deu com elle no chão, desejoso de lhe cortar a cabeça: depois, tornando a mudar o proposito com tenção de o mandar ás damas da rainha de Hespanha, que desejava parecer-lhe bem, o mandou desarmar ao seu escudeiro delle mesmo, que com lagrimas lhe pedia que o não matasse. Tornando em seu acôrdo, lhe perguntou quem era, e elle respondeu: Senhor, a mim me chamam Rocamor; sou amigo daquelles cavalleiros que vencestes da outra banda do rio; e porque vi que lhe não podia soccorrer, quiz catar remedio pera vos fazer algum pesar, e este desejo me fez lançar mão desta donzella pera a levar. Pois agora é necessario, disse o das donzellas, que façaes o que vos mandar, ou percaes a vida juntamente com vossos máos pensamentos. Por não acabar em tal estado, disse o outro, farei tudo o que mandardes. Pois convêm, disse elle, que de minha parte vos presenteis ante as damas da rainha, e lhe digaes o que comigo passastes; e d'ahi vos não vais sem sua licença; não trazaes mais armas se vol-a ellas pera isso não derem. Isto por seguirdes a ordenança dess'outrós vossos amigos, a que tambem mandei o mesmo. Quem direi, disse o outro, que é o que me isto manda? Dizei que o cavalleiro das donzellas, respondeu elle, que agora assim me chamam: e esta jornada fareisno palafrem de vosso escudeiro, que o cavallo quero eu

polo que me matastes. Então cavalgando nelle, e Arlança em um palafrem que lhe trouxeram, tornou pera onde sua companhia ficára, fallando com ella menos agastado do que alli chegára, dizendo: Senhora, grave será a cousa que d'aqui por diante me faça affastar de vós, e deixar-vos á cortezia dos cavalleiros desta terra, que o fazem mal com as donzellas, que cuidando que caminham seguras, sua confiança lhe faz damno. N'isto chegaram onde estavam as outras, e achou já antre ellas Silviana, que assim chamavam a donzella que os cavalleiros forçavam, e com muito alvoroço o vieram receber. Todas abraçavam a Arlança, como a pessoa a que não viram havia muito tempo; e por ser já quasi noite determinaram ficar naquelle valle repousando, onde Silviana não pôde dormir, que o cuidado do que perdêra a não deixou tomar somno: o cavalleiro, cansado do trabalho do dia e desoccupado do desejo que podia ter de noite, dormiu com mais socego que antes, que esta era sua condição.

CAPITULO CXXIX.

DO QUE PASSOU FLORENDOS COM O CAVALLEIRO VENCIDO, E COMO CHEGARAM Á CÔRTE OS CAVALLEIROS QUE VENCEU O DAS DONZELAS, E O QUE MAIS PASSOU.

Escreve-se na chronica de Inglaterra, que partido o cavalleiro das donzellas, Florendos, por fazer o que lhe pedíra, quiz saber do cavalleiro vencido quem era. Senhor, respondeu elle, ambos somos naturaes deste reino: a mim chamam Brandamor, e a meu companheiro Sigeral; e porque ha muitos dias que juntamente seguimos as aventuras, quizemos vir provar-nos nesta do escudo do vulto de Miraguarda, onde antes que vissemos o guardador delle, fizemos batalha com aquelle cavalleiro das donzellas, que se d'aqui partiu, da qual saímos tão maltratados, como nos vêdes. Na verdade, disse Florendos, vossa tenção era dina de maior desastre; e assim é bem que aconteça a quem em taes obras gasta sua vida. Pois agora convêm que, segundo deixou ordenado, promettaes de vos presentar na côrte d'el-rei Recindos, se não passareis por outra pena maior da que vos dão vossas feridas. Como este inda estivesse cheio de temor e medo, concedeu tudo o que Floriano quiz. Apertando sua ferida, como melhor póde, se partiu pera a còrte, não se detendo mais espa-

ço que o que foi necessario pera dar sepultura a seu companheiro; e chegou a ella em poucos dias, que como fosse conhecido d'el-rei e dos de sua cesa, houve por cousa grave vêr-se naquella vergonha: mas temendo seria mór vergonha não cumprir o que promettêra, entrou no paço, e chegou a tempo que el-rei estava em casa da rainha. Como trouxesse as armas galantes e tão novas, que nenhuma peça lhe faltava, e além d'isso as côres e divisa do escudo tão lustrosas, que se não suspeitava ser vencido do das Donzellas, deu azo que o olhassem como cousa nova: pois vendo-se Brandamor naquella parte, onde havia de descobrir seu erro em presença de seus amigos, o teve por mais aspero que a propria morte; comtudo, como quem desejava ter passado aquelle passo, rompeu por diante. E chegando ao estrado da rainha, pôz os giolhos no chão, e com o elmo tirado se presentou da maneira que o cavalleiro das Donzellas mandára; e inda que, como se disse, fosse mui conhecido naquella terra, veio tão desfigurado polo sangue, que da pancada da cabeça perdêra, que não o conheciam. A rainha, depois de lhe perguntar quem era, quiz saber a causa porque fizera batalha com o cavalleiro das Donzellas: elle lh'o contou, e a morte de Sigeral seu companheiro, e como no mesmo dia, primeiro que os vencesse a elles, justára com o guardador do escudo do vulto de Miraguarda, e houvera batalha com o gigante Almourol, na qual o pozera no derradeiro fim da vida. Por certo, disse el-rei, este homem é o mais

extremado do mundo; quanto mais ouço sua valia, mais me dá que cuidar. Vós, cavalleiro, se não tivereis por desculpa que o vulto de Miraguarda faz fazer mil desatinos a homens que o não tem por condição, merecereis outro castigo igual ao de vosso companheiro; e a mim convinha a execução delle, pois não é de consentir que se faça força em meu reino. Brandamor lhe foi beijar a mão pola humanidade que n'elle achava. Chegando-se mais perto el-rei o conheceu; e teve em mais o caso, por ser tido por valente cavalleiro; e logo o mandou curar; havendo dó de o vêr em tal estado, não fallando em al senão maravilhas de quem o pozera n'elle. Tres dias depois que isto foi, chegaram á côrte os dous cavalleiros, que o das Donzellas vencêra, que forçavam Silviana, e entraram no paço desarmados, fracos e maltratados, e vinham encostados por não se poderem ter em pé, que como fossem grandes e bem dispostos davam indicio de grandes obras. Um delles, o menos mal tratado, depois de fazer cortezia al rei e rainha; sem se pôr de giolhos porque com sua fraqueza não podia, disse a el-rei: Muito poderoso principe, nós outros vencidos da mão do cavalleiro das Donzellas, a quem não sabemos outro nome, vimos aqui por seu mandado presentar-nos ás damas da rainha, a que tomamos por valedoras ante vossa alteza, pera que não sejamos julgados segundo o merecimento das obras que nos aqui trazem. Então contando o que lhe acontecêra, e a causa e razão de sua batalha, disse el-rei: Por certo, bem

seria que Deus me castigasse, pois eu não castigo a quem tão bem o merece, sendo seu ministro na terra pera não consentir taes obras; e se me não parecêra; que sendo aqui mandados polo cavalleiro das Donzellas, me obrigava a vos não fazer mais damno do que trazeis comvosco, a villania que fizestes contra uma fraca donzella, que por meu reino caminhava segura, fôra castigada segundo a qualidade do caso merecia: quanto mais ouço do cavalleiro das Donzellas, mais lhe devo, pois o que eu por meu descuido não attento, elle anda corregendo e emendando com suas forças. Não sei porque não quer que o conheça pera lhe satisfazer alguma parte do que merece, que tudo é impossivel. Senhor, disse o cavalleiro, vossa alteza tem razão de o ter n'essa conta, que nunca tanta valentia se viu em homem como nelle ha. Mas já que nosso erro tem perdão, pedimos a vossa alteza que das damas nos haja licença, pera podermos trazer armas, pois sem ella o não podemos fazer, que assim nos foi mandado. N'isso façam ellas o que melhor lhe parecer, disse el-rei e não queiraes nada de mim. O cavalleiro pediu á rainha, pois el-rei os desfavorecia, que ella os amparasse e mandasse ás damas lhe não fizessem tamanho aggravo, que promettiam d'alli por diante gastar o tempo e offerecer suas forças em serviço dellas e de todas as donzellas. Antes que respondesse a rainha, entrou na mesma sala outro cavalleiro não de menos corpo e parecer, e pondo os giolhos ante ella, se presentou tambem ás

damas de parte do cavalleiro das Donzellas, que este era o que levava Arlança polo achar occupado na batalha dest'outros dous, que forçavam Selviana. E contou toda a máneira de seu acontecimento, e como lhe tomára o cavallo polo que lhe matára, e o mandára vir a pé por outro pouco que elle o fizera andar aquelle dia, e disse, que sem licença das damas não podia trazer armas, pedindo a sua alteza n'isso o ajudasse e favorecesse. Pareceme, disse a rainha, que se o cavalleiro das Donzellas andar muito por esta terra, sempre veremos cousas grandes; e já as damas se não podem escusar de lhe dever muito. Isso que me vós pedis, que vos haja dellas, me acabam agora de pedir est'outros cavalleiros, que tambem por elle são enviados; mas eu não sei que nisso faça, senão deixal-as, que a sua vontade o determinem, que d'outra maneira seria fazer-lhe força. O cavalleiro pôz os olhos nos outros, e conheceu que eram os que o das Donzellas vencêra no mesmo dia, e teve em menos o vencimento seu, porque conheceu que um era Ferabroca, o outro Grutafora e ambos de casta dè gigantes, costumados a não ser vencidos. El-rei, que de vêr tamanhos acontecimentos não sabia que dissesse, dentro em si havia por cousa muito fóra de ordem das dos outros homens, e muito mais quando soube o nome dos cavalleileiros, e que o terceiro era Rocamor, que naquella terra tinham em muita conta. As damas sendo-lhe mandado pola rainha que determinassem delles o que lhe bem parecesse, conformando-se

umas com outras, tiveram por bem de os restituir de sua quebra, e lhe dar licença de trazer armas, com tanto que nunca usassem dellas em prejuizo de nenhuma dona ou donzella, nem menos negassem dom ou serviço, que por alguma lhe fosse pedido, justo ou injusto. Esta condição parecia grave a todos, e aspera de cumprir. El-rei quizera que lh'a tiraram; mas como a sua dellas é desviarem todas suas cousas da razão, não as poderam tirar de seu proposito. Como a mulheres se não póde fazer força, foi forçado acceitarem as condições. Acabado isto se despediram; e passaram uns dias, que na côrte não houve cousa de que se faça menção: no fim dos quaes um domingo depois de vespera, estando el-rei com a rainha e suas damas em uma varanda de seu apousentamento, que caia sobre o terreiro do paço, entraram polo mesmo terreiro tres cavalleiros airosos e bem postos, armados d'armas lustrosas e louçãas, que passando por baixo das varandas, fizeram seu acatamento. D'ahi postos a uma parte do terrêiro, com os contos das lanças no chão, e elles encostados a ellas, despediram um escudeiro com recado al rei. Bem pareceu a todos que isto seria alguma aventura nova, e esperaram ver a embaixada que o escudeiro daria: o qual chegando ante a rainha, com os giolhos em terra, disse: Senhora, aquelles tres cavalleiros estranhos dizem que elles serviram tres donzellas todas tres irmãas, filhas do duque Calistrao d'Aragão, fermosas no parecer e nas obras enganosas; porque ao tempo que espe-

ravam galardão de seus merecimentos e casar com ellas, saíram casadas com tres criados de seu pai, bem desiguaes dellas em toda qualidade, e tão satisfeitas desta troca, como muitas costumam ser no começo de seus erros, que o apetite que a isto as traz, lhe cega todo o juizo e razão pera não terem o arrependimento, se não a tempo, que delle se não podem aproveitar; de que ficaram tão injuriados em sua vontade, que determinaram não casar senão com damas que enfastiadas de seus servidores, se queiram contentar delles; e pera que os servidores, que suas damas engeitarem, não possam dizer ou allegar que a troca foi desigual, como elles dizem pelas outras, que lh'o querem combater. E tambem porque as damas façam isto com menos pejo, além do preço que mostrarão nas armas, lhe querem dizer o de suas qualidades. Todos tres são primos herdeiros de estados nobres, um se chama Lustramar, filho maior do marquez Astramor; o outro Arpião, herdeiro do ducado de Archeste; o terceiro Gradiante, senhor do condado de Artasia. Agora, senhora, com licença de vossa alteza, as damas podem mostrar suas vontades. O que pedem é que nenhum impedimento haja pera o poderem fazer, e da maneira que estão, esperaram hoje todo o dia, e farão armas com os servidores daquellas que os quizerem acceitar. E não havendo nesta côrte alguma tão pouco contente de seus amores, que os queira engeitar por outros novos, então se irão como vieram pera outras côrtes, que n'isto querem gastar seu tempo. Nova

maneira d'aventura pareceu esta al rei, e caso que as qualidades della parecesse cousa de rir, alguns galantes houve na côrte que houveram medo por não confiar-se tanto da constancia de quem serviam, que se tivessem por seguros, em especial vendo os cavalleiros ser de tanto estado; e mais quem tem conhecimento dellas não ha de viver tão seguro nas mostras de amor com que o tratam, que cuide que na maior força delle deixem de fazer mudança, que é sua condição natural. Bem se vira esta verdade naquella côrte se a vergonha não lhe pozera algum freio, que algumas damas houve então, que levemente esqueceram os servidores de muitos dios, por casar com algum dos tres companheiros. Os cavalleiros depois de terem recado d'el-rei e rainha, que davam licença ás damas que naquella parte usassem de sua vontade, e aos engeitados ou desfavorecidos que fizessem sobre isso armas, se quizessem, esperaram no terreiro grande espaço sem haver quem d'isso lançasse mão. Já que se punha o sol, veio o cavalleiro das Donzellas armado d'armas rotas e desbaratadas, o escudo destingido todo, em um cavallo crescido e fermoso. Grande foi o abalo e alvoroço que se fez com sua vinda, e logo houve quem lhe disse a razão que alli os trouxera, de que suas donzellas ficaram alvoroçadas e contentes, que já enfastiadas delle, ou de o vêr a elle dellas, esperavam gracejar com os cavalleiros. Ora, senhoras, disse elle, agora tendes tempo de fazer mostra do amor que me tendes, e eu de

vêr o que ganhei no serviço e amor destes dias, que aquelles cavalleiros buscam vontades descontentes, que se queiram contentar delles. Eu, disse Artisia, tão desenganada me tem vossa condição, que me não hei de vencer mais por ella; antes, se os cavalleiros buscam quem queira deixar cuidados velhos por amores novos, aqui estou eu, que farei essa troca: pois nós, disseram suas companheiras, desse bordo estamos, que estas eram as que ganhára aos cavalleiros na floresta; e mandando recado aos cavalleiros que as livrassem de quem as trazia forçadas, pozeram-se em ordem de justa não com tenção de casar com ellas, ainda que vencessem, que outro era o modo de sua demanda. Parece-me, disse el-rei á rainha, que a máo tempo acertaram os cavalleiros pera sua empreza, que o das Donzellas não dará as suas tão de barato que as levem sem seu preço. Artisia com suas companheiras se desviaram da companhia das outras d'Arlança, pera que se enxergasse, que sobre ellas havia de ser a differença. As damas praticavam antre si a razão porque as donzellas quereriam entregar-se antes a outro que ao cavalleiro, sendo tão extremado, e que lhe tanto serviço fizera. Umas diziam, que em seu poder andavam como presas sem liberdade; outras que algum desamor lhe sentiriam, de que nasceria avorrecer-lhe: mas ainda que tudo isto fosse assim, a principal razão era, que sempre querem vêr novidades, e qualquer cousa muito costumada lhe enfastia. Gradiante, um dos companheiros, vendo que se pas-

sava o dia sem fazerem nada, se adiantou um pouco apercebido da justa. O das Donzellas, que tambem não queria detença, pondo as pernas ao cavallo, remetteu a elle, e de tal sorte o encontrou, que o arrancou da sella, e o lançou por as ancas do cavallo; e voltando contra Artisia, disse: Já vós desta vez, minha senhora, estareis á ordenança do que eu quizer. Tomando outra lança, que lhe deu um escudeiro d'algumas que el-rei sempre mandava ter pera taes tempos, derribou da mesma maneira Arpião, que foi o segundo que saíu; ficando tão inteiro na sella como se o não tocaram, de que os tres companheiros ficaram bem descontentes, que não eram costumados a ser derribados tão levemente. Lustramar, que antre elles era o que fazia vantagem, cheio de ira e manencoria daquelle acontecimento, depois de o vêr estar prestes, remetteu a elle. E posto que da força deste cavalleiro o das Donzellas recebeu algum damno, que, além de lhe falsar as armas e fazer uma pequena ferida, perdeu um estribo, nem por isso deixou de vir ao chão. E posto que esta victoria não fosse de pouco preço, na côrte não a houveram por notavel pola gram fama que havia de quem a alcançára. Os tres companheiros quizeram contender das espadas, e Lustramar foi o que n'isto mais porfiava, que se havia por injuriado mais naquelle caso. O das Donzellas se escusava com ser tarde; e porque Lustramar todavia porfiava, Polifema, uma das donzellas, lhe disse: Peço-vos, senhor cavalleiro, que do mal queiraes o menos,

e vos contenteis com o que tendes recebido, que este nosso guardador é tão costumado a o não vencer ninguem, que ninguem recebe quebra de ficar vencido delle. Tem-me tão escandalisado palavras de mulheres, disse Lustramar, que por isso não acceito vosso conselho. Pois eu, disse Artisia, todavia vos aconselharia que não engeitasseis o da senhora Polifema. Mas neste tempo desceu el-rei ao terreiro, que o desejo que tinha de conhecer o cavalleiro das Donzellas, o não deixou repousar; e com sua authoridade e palavras desviou a batalha, levando-os comsigo, que tambem os outros eram merecedores daquella honra. O das Donzellas entrou no paço acompanhado de todas ellas, com Arlança pola mão, que sempre nos lugares publicos e grandes a tratava com mais vantagem. Chegando ante a rainha, pôz os giolhos no chão, e tirou o elmo pera lhe beijar as mãos. Mas como descobriu o rosto, el-rei o conheceu, e o levou nos braços, dizendo: Senhora, não hajaes por nada todalas obras que té agora ouvistes deste cavalleiro, pois a outras móres é costumado, que é Floriano do Deserto, o cavalleiro do Salvage, filho de D. Duardos e da senhora Flerida, vossa amiga. A rainha se levantou e o abraçou, fazendo-lhe toda a honra e cortezia que pôde, queixando-se de se lhe não dar a conhecer quando passára a outra vez por sua casa; e não lhe quiz receber desculpa nenhuma. As damas lhe fizeram muita festa, e vendo-o tão moço e gentil homem, haviam por muito ser dotado de tamanhos feitos, agasalhando antre

si suas donzellas, perguntando-lhe por seus acontecimentos, os dias que com elle andaram, de que muitas tinham inveja, que todo desassocego lhe apraz e o repouso lhe avorrece. Lustramar e seus companheiros ouvindo dizer que aquelle era o cavalleiro do Salvage, de cujas façanhas o mundo estava coalhado, houveram sua quebra por nenhuma, e ao outro dia se despediram, pedindo-lhe que os mettesse no conto de seus amigos, que por ter este nome haviam seu vencimento por desastre bemaventurado. O das Donzellas os satisfez com palavras muito de agradecer, pedindo-lhe todavia que polo que cumpria a elles mesmos, deixassem aquella demanda, e não houvessem por injuria o que suas damas fizeram com elles, que n'ellas nunca o amor é tão firme, que com qualquer cousa não se desbarate. El-rei teve alguns cumprimentos com elles, no fim dos quaes se despediram; e o cavalleiro das Donzellas quizera fazer o mesmo, mas a rainha lhe fez força por alguns dias, que em extremo folgava de o vêr em sua casa, assim por suas obras e amizade que tinha com Beroldo e Onistaldo, seus filhos, como por ser filho de Flerida, com quem se criára. Passados dez dias se despediu della e d'el-rei, deixando Silviana, que na côrte era conhecida com Artisia e suas companheiras, que o não quizeram mais acompanhar; mas ao tempo do apartar, a lembrança do que perderam trouxe alguma saudade, que fez o despedimento com lagrimas. A Arlança fez a rainha algumas mercês, e deu peças de muito preço, quan-

do o cavalleiro do Salvage se despediu, que esta e suas criadas levava comsigo com a tenção que se já disse. O tempo que esteve na côrte foi bem festejado, que o amor que lhe tinham, deu causa a isso. El-rei o acompanhou fóra da cidade grande espaço, d'alli encommendando-lhe seus filhos, e pedindo-lhe que beijasse as mãos ao imperador, e désse encommendas a seus amigos, se tornou pera a cidade, onde lhe pareceu que tudo achava só; que no paço e em casa da rainha, onde os dias passados havia tanto prazer, estava toda pessoa tão desviada de o ter, como se houvera alguma cousa, de que aquelle desgosto nascesse. Isto é natural de todolos apartamentos, em especial, quando são pessoas com que se tem alguma razão e amizade, que antre estes sempre amor faz fazer extremos.

CAPITULO CXXX.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGE NO REINO DE NAVARRA NO CASTELLO DA PRINCEZA ARNALTA.

O CAVALLEIRO do Salvage, antes que se partisse da côrte de Hespanha, mandou fazer armas de novo da sua antiga divisa do Salvage, que esta era a que mais costumava, e a que mais affeição tinha. Posto que passasse algumas aventuras no caminho, não se faz caso dellas, por não serem das que devem metter-se no conto de seus feitos. Com-

tudo, ellas o detiveram alguns dias, no fim dos quaes se diz, que uma tarde chegou ao valle, onde o castello d'Arnalta no reino de Navarra estava assentado, e foi a tempo que a mesma Arnalta com suas damas saíra á caça d'esmerilhões, e estivera presente a uma batalha em que Dragonalte filho do duque Drapos, vencêra um cavalleiro, que não quizera conceder nas condições, com que elle guardava o valle, que eram, que Arnalta era a mais fermosa do mundo e a mais digna de ser servida. Estava armado d'armas de pardo e ouro, partidas as côres em barras, no escudo a propria divisa que lhe Miraguarda no seu castello dera por pena, que trouxesse: já neste tempo Arnalta lhe ía perdendo o odio que lhe cobrára polo vêr vencido no castello d'Almourol, fazendo batalha sobre sua fermosura; que posto que n'ellas o desamor seja de mais dura que o amor, vêl-o perseverar tanto em seu serviço e fazer obras muito pera estimar, e além d'isso ser mancebo e gentil homem, que ante ella tinha muito preço, lhe voltou algum tanto a vontade; e favorecia suas cousas com alguma mais affeição do que sohia. E vendo ao longe vir o cavalleiro do Salvage cercado de donzellas, que trazia a Arlança e as suas comsigo, como se já disse, Arnalta conheceu pola divisa do escudo ser aquelle o que a enganára, e de quem se desejava vingar, havendo dó das outras, que lhe parecia que contra sua vontade o seguiam, misturando com o da inveja, que tambem o pensamento lhe representou, que alguma poderia ser

tão ditosa, que o tivesse a séu mandar. Virandose contra Dragoalte, disse: Vêdes alli o homem que me mór pesar tem feito, e de que me mais desejo vingar: agora quero vêr o que vossas obras valem, que este perigo, se o passaes a vosso salvo, quero que vos fique por remate de todolos outros, e que seja o derradeiro, em que por mim vos aventureis, e será galardão de vossos trabalhos, começo de repouso descançado com inteira satisfação de vosso desejo e contentamento. Tão gram promessa, disse elle, e tão gram mercê deve poder tanto, que a ella se deve attribuir alguma victoria, se a hoje alcançar, e não a meu esforço, que eu nunca deixei de vencer tudo, senão onde me vosso favor desamparou. Pois aqui me sobeja, que escusa darei por mim não acabando o impossivel? Eu por assás vingança teria a quem quizesse grande mal vêl-o tão carregado de mulheres; mas pois esta vos não satisfaz, com a espada na mão, á custa do seu sangue, vos quero fazer a vontade. Em quanto estas palavras passavam, o cavalleiro do Salvage se chegou mais a elles; Dragoalte lhe disse em voz alta: Senhor cavalleiro, porque sintaes o costume deste valle, ou haveis de experimentar minhas forças, e no fim dellas estar á ordenança do que a senhora princeza quizer, ou confessar que é a mais fermosa dama do mundo, e mais pera ser servida; e além d'isso, deixadas as armas, vos haveis de entregar a ella, pera que se satisfaça d'um agggravo ou desserviços que lhe fizestes. E porque em tudo não recebaes força,

tomar-vos-ha essas donzellas pera seu serviço, que a mim parece que largareis de boa vontade, por vos desembaraçar de tão gram carga. Se ella tanto deseja servir-se dellas, respondeu o do Salvage, mal andastes em não buscardes-me mais cedo, que trazia outras tantas, e fora o serviço maior: comtudo nem estas a servirão, nem eu confessarei o que quereis, que seria confessar mentira. Eu tenho uma senhora a que sirvo, que a mim parecer é mais fermosa que ella: isto vos farei confessar e será confessar verdade. Isto causou em Dragonalte muita manencoría, e a Arnalta deu muita pena, porque era vãa e não soffria louvor alheio. Dragonalte, depois de tomar uma lança e concertar-se na sella, postos os olhos em Arnalta pera favorecer o encontro, remetteu ao do Salvage acompanhado de confiança. Ambos acertaram os encontros: o de Dragonalte rompeu o escudo ao do Salvage, e detendo-se na fortaleza das armas, rachou a lança em pedaços, fazendo-o algum tanto encostar sobre o arção trazeiro; mas o seu foi tanto mais forte, que deu com elle no chão; e pondo-se a pé, começaram a batalha tal, qual se alli não vira havia muito tempo; que posto que o de Salvage nas armas fosse estremado, Dragonalte era muito bom cavalleiro, e merecia ser mettido no conto dos notaveis daquelle tempo. E lembrando-lhe a efficacia com que sua senhora lhe pedira vingança de seu contrario, e que no que lhe succedesse daquella empresa alcançava o premio de todos seus trabalhos, e ser rei de Navarra, ou perder todo juntamente

com a vida, fazia milagres; nunca em nenhum tempo se achou em cousa, onde tanto mostrasse seu esforço; mas que prestava, que o cavalleiro do Salvage desbaratava todos estes estremos! Grande espaço aturaram sua porfia, sem se enxergar vantagem em nenhum delles; porém já no fim Dragonalte pelejava mais frouxamente, que estavá mal ferido. O do Salvage, desejoso de o não vêr acabar, porque sabia quem era, se tirou afóra polo deixar cobrar alento, e estando descançando, lhe pediu que deixassem a batalha, e guardasse seu passo, que elle se iria seu caminho. Bem vejo, disse Dragonalte, que esse partido não me vinha mal, se estimasse a vida mais que outra cousa; mas porque ella é a que agora menos me lembra, perca-se muito embora, e tornemos a nossa batalha, que não a quero depois das outras esperanças perdidas. Tornando a sua porfia, durou a peleja algum pouco, no fim da qual Dragonalte, cheio de desconfiança de poder vencer tão duro imigo, faltando-lhe as forças e o espirito, vazio de sangue, caíu aos pés de seu contrario sem nenhum acôrdo. Não pode tanto a crueza d'Arnalta, que vendo-o em tal estado lhe não acudisse, porque viu que o cavalleiro do Salvagem lhe tirava o elmo e mostrava querer-lhe cortar a cabeça. Chegando mais a elle, lhe disse: Peço-vos, senhor cavalleiro, que em pago d'algum damno, se m'o tendes feito, ortorgueis a vida a esse que tendes ante vós; pois a victoria já é vossa, e o mais seria crueza. Não sei como isso será, disse elle, mas sei que

todavia o hei de matar, se se não desdisser do que disse, ou vós me prometterdes um dom qual eu vos pedir. Mal haja, disse Arnalta, vossa fortuna, que não contente de vencer vossos imigos, quereis outras arras polo não matar: ora deixai-o, que eu vos outorgo o dom, com tal que não seja deshonesto a minha pessoa. Assim quero, respondeu o do Salvage, e agora o mandai curar, que depois vos direi que é o que vos pedi. As donzellas de Arnalta desarmaram Dragonalte, que tornando em si, tão avorrecido estava da vida, que engeitava os remedios della, soltando palavras muito pera haver dó delle, que o amor faz mostrar estas fraquezas a homens mui esforçados nos casos, que parece que os desampara, ou lhe mostra desfavor. D'alli levado ao castello o curaram com todo resguardo, inda que o maior mal que sentia, e a ferida que o mais atormentava, era cuidar que de todo o desamparava a esperança de poder cobrar sua senhora. Por esta causa lhe avorrecia a vida. Arnalta mandou agasalhar o cavalleiro das Donzellas fóra do castello em um aposento que costumava dar a pessoas, com quem queria ter pouco comprimento, já desesperada de poder haver delle a vingança que desejava. Passados tres dias, estando Dragonalte melhor disposto das feridas, quiz despedir o do Salvage, que lhe não soffria o coração vêr em sua casa quem lhe tanto mal fizera, e a que tanto odio cobrára. E indo visitar Dragonalte, segundo algumas vezes costumava, o achou lá, e como nas palavras tivesse o soffrimento igual ao

repouso e á condição, lhe disse que se determinasse no que lhe havia de pedir. Senhora, sois tão fermosa, disse elle, que se o não damnasseis com ser algum tanto manencoria, nem os vossos seriam vencidos de ninguem, nem haveria no mundo quem negasse o que pedem. Eu sou em conhecimento desta verdade, que se m'o não mandassem confessar per força, o faria de vontade. Lembra-me que vi a côrte de Ingleterra, onde ha damas fermosas, a de Hespanha isso mesmo: vi Florenda filha d'Arnedos rei de França, de que muitos fazem estremo; e sobretudo a côrte do imperador Palmeirim, onde toda fermosura se encerra. Conheço Gridonia e Flerida, que inda agora tem o seu parecer inteiro. A princeza Polinarda, a rainha de Tracia, Sidela filha de Tarnaes, rei de Lacedemonia, com outras muitas, cuja fama vôa polo mundo. Vi tambem Targiana, filha do gram Turco, por quem Albayzar soldão de Babylonia fez milagres, e soffreu tantos trabalhos; a meu parecer todas todas vos podem confessar vantagem, e assim se diz de vós antre aquelles, que fallam sem affeição; mas tendes a condição tão aspera, tão cruel, e má de concertar, que escurece algum tanto o preço de vossa fermosura. Isto se enxerga mui bem na pouca lembrança, que tendes das obras e serviços do senhor Dragonalte, que aqui está; que sendo tanto pera lembrar, os pondes em esquecimento, e não vos lembra que sendo tal pessoa, tamanho principe, tão singular cavalleiro, e da massa dos mais famosos e melhores deste tempo, engeita sua companhia,

conversação e amizade por vos servir, offerecendo-se a tantos perigos conformes a vossa tenção. E porque fermosura e parecer tão estremado não é bem que ande acompanhado d'outras qualidades, o que de vós quero e o dom que vos pedi, é que em satisfação de suas obras queiraes casar com elle, e acceital-o por marido; pois sabeis que n'isto satisfazeis a ordenança d'el-rei vosso pai, casando conforme a vossa pessoa e estado, e com quem por amor vol-o merece; cousa que antre outras qualidades se deve estimar mais que todas. Este é o dom que me prometteste; agora quero vêr se vossas obras são conformes ás palavras, pera saber o fundamento que se póde fazer de vossas promessas. Peço-vos, senhor, disse Arnalta, que antes que peçaes a resposta, me digaes quem *sois* e como vos chamam, que o desejo saber, antes de me determinar no que pedís. Tudo farei, respondeu elle, porque não tenhaes alguma escusa, de que lanceis mão. A mim chamam Floriano do Deserto, sou filho de D. Duardos, principe de Inglaterra, e da infanta Flerida, neto do imperador Palmeirim. Por certo, disse Dragonalte, se em meu vencimento se não aventura mais que o preço de minha honra, eu o houvera por pequena quebra, que bem sei que sois costumado vencer todo o mundo, mas porque n'isto aventuro a esperança em que vivo, a dissimulo tão mal, e pois o desgosto de ser vencido se desfaz em ser tal o vencedor, não me posso queixar de nada, queixar-me-hei da ventura, se no al me fôr contraria. Arnalta abaixou um pouco

a cabeça, depois de o ouvir nomear, lembrando-lhe o que já passára com elle, e bem contente fôra de o ter por marido com todo seu odio; e como tivesse por mui certo que não o acceitaria, e estivesse cheia de vaidade dos louvores que lhe dera, crendo que fossem certos e verdadeiros, determinou outorgar o que lhe pedia. Então levantando o rosto com mostra alegre, disse: Não creio eu, senhor cavalleiro, que quem tão bem sabe vencer os homens, se contente de enganar mulheres: as obras que tenho vistas de Dragonalte, são taes, que me farão fazer o que pedis, além de vol-o ter promettido; mas ha de ser com condição, que vós e elles me promettaes, que antes de um anno inteiro me leve á côrte do imperador, que desejo vêr as grandezas dellas e ficar na conversação e amizade d'essas senhoras, que me nomeastes. Essa condição, respondeu o do Salvage, eu a houvera de pedir primeiro, pois sou o que n'isso recebo mercê, que sei que o imperador o estimará em muito e haverá sua casa por honrada; e em satisfação da que me n'isso faz, dê-me vossa alteza a mão, e beijar-lha-hei. Ella o abraçou, fazendo-lhe muita cortezia: Dragonalte se quizera lançar aos pés do cavalleiro do Salvage, havendo seu vencimento por desastre vindo do ceo, pois por derradeiro tivera tal desconto. D'alli por diante sentiu menos as feridas, que eram curadas por mão d'Arnalta. Tres dias depois d'isto chamaram os governadores do reino, que sabendo a tenção della, e tendo conhe-nhecimento das obras e virtudes de Dragonalte.

approvaram o casamento por bom e conveniente ao estado e authoridade de sua senhora. Fez-se no mesmo castello, porque o cavalleiro do Salvage, desejoso de seguir seu caminho, não quiz esperar o espaço que os governadores pediam pera ordenar as festas; antes dando pressa ao recebimento, se celebrou com toda a solemnidade, que se podia fazer em tal lugar. O cavalleiro do Salvage se despediu, deixando Dragonalte em todo seu contentamento e a rainha satisfeita com a promessa de a levarem á côrte do imperador. Deixa a historia de fallar nelles, por fallar da partida d'Albayzar, de cujas obras é bem que se faça memoria, pois não eram taes que mereçam esquecimento.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

INDEX DOS CAPITULOS,

DESTE SEGUNDO TOMO.

Manuel Ferreira —
11. 7. 94
3 vols